



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE - PPGREC

LÚCIA FERRAZ VARGES DE SOUZA

IDENTIDADE NEGRA E PROCESSOS SUBJETIVOS NA INFÂNCIA:
FORMAS DE ENFRENTAMENTO DO RACISMO

JEQUIÉ
2016

LÚCIA FERRAZ VARGES DE SOUZA


**IDENTIDADE NEGRA E PROCESSOS SUBJETIVOS NA INFÂNCIA: FORMAS DE
ENFRENTAMENTO DO RACISMO.**

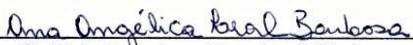
Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação, em Nível de Mestrado Acadêmico, em
Relações Étnicas e Contemporaneidade- PPGREC, da
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB,
Campus de Jequié.

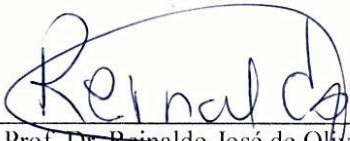
Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e
Educação.**

Aprovada em: 27 de Julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA


p| Prof^ª. Dr^ª. Regina Marques de Souza Oliveira- UFRB
Orientadora


Prof^ª. Dr^ª. Ana Angélica Leal Barbosa-UESB
Examinadora


Prof. Dr. Reinaldo José de Oliveira- UEFS
Examinador

**JEQUIÉ
2016**

Souza, Lúcia Ferraz Vargas de.

S716 Identidade negra e processos subjetivos na infância: formas de enfrentamento do racismo/Lúcia Ferraz Vargas de Souza.- Jequié, UESB, 2016.
237 f: il.; 30cm. (Anexos)

Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016. Orientadora: Profa. Dra. Regina Marques de Souza Oliveira.

1. Racismo – Enfrentamento 2. Negro (criança, escola e família) – Enfrentamento do racismo 3. Identidade negra e processos subjetivos na infância – Relações étnicas-raciais e educação I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II. Título.

CDD – 306

Dedico esta pesquisa a todas as crianças negras excluídas da história e da escola pública brasileira, aqui representadas por seis crianças negras, que numa luta cotidiana de enfrentamento, tentam escrever sua história, com autoria e autoridade de quem tem nome e sobrenome: Zarina, Zaki, Alike, Kintu, Shaira e meu príncipe Heitor Santos Souza.

Agradecimento

- A sabedoria de meus ancestrais, no espírito de minha Bisavó Antônia, que pelo machismo e discriminação perdeu mais que o seu sobrenome.
- A Profa. Dra. Regina Marques de Souza Oliveira, que me ensinou muito além do que eu consigo descrever nessa dissertação. Ensinou-me que pesquisa se faz com responsabilidade, respeito e, sobretudo discernimento e firmeza para enfrentar os dados, independente de quão dolorosos eles sejam.
- As mulheres de minha vida, que direta ou indiretamente contribuíram para o meu processo de transformação - emancipação: Júlia Ferraz, Melânia Ferraz (*In memoriam*), Thainan Vargas, Ana Júlia Vargas, Maria de Lourdes, Vicença Ferreira, Maria Vargas, Joana Vargas, Ana Vargas, Melânia Vargas, Isabel Vargas, Elizabete Vargas, Márcia Vargas, JulianaVargas, Daniela Lopes, Eliza Ferraz, Nilda Ferreira, Janete Almeida, Sebastiana Justiniano, Vanusa Viana, Rita Justiniano, Dionísia Oliveira, Lidiomar Justiniano, Honorina Maria, Jaqueline Maria, Magali Oliveira, Martha Maria Nogueira, Camila Pina, EmilyMoy, Adriana Chachá, Alzivane Ferreira, Dalva Lacerda, Mailza Ferreira, Mayara Lopes, Clarice Ferraz, Ana Alves, Aline Freire, Andressa Mendes, Alaíde, Lidiane Abreu, Marisede Santana e Regina Marques...
- Ao Prof. Dr. Reinaldo José de Oliveira, pela atenção, dedicação e críticas construtivas ao meu texto. Ao me ensinar que para pesquisar a história dos excluídos e silenciados pela história "oficial" é preciso mais que uma ciência neutra.
- A Profa. Dra. Ana Angélica Leal Barbosa pela delicadeza, paciência e exigência de uma atitude ética da pesquisadora na relação com os participantes da pesquisa.
- As minhas professoras, na pessoa da minha irmã Ana Vargas, que mesmo com as marcas da discriminação racial sofrida, na família e na escola, me fez acreditar que o estudo é uma poderosa arma de enfrentamento.
- Aos meus eternos professores, nas pessoas José Walter Júnior e do Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio, por serem precursores da minha metamorfose.
- Ao meu marido Márcio Justiniano, que a cada dia cresce enquanto ser humano, pelo apoio e respeito as minhas escolhas.
- Aos meus colegas de trabalho da EMACM, por compartilhar suas experiências e vivências, para compor os dados dessa pesquisa e me apoiar nos momentos que estive fora da escola.

- A Danilo Bandeira e Hélio Fortunado pelo apoio e incentivo para que eu investisse em minha formação.
- A todas as avós, avôs, mães e pais que compartilharam comigo suas histórias de vida e confiaram suas dolorosas memórias. Vocês me ajudaram a lapidar minha humanidade, por meio de uma escuta atenta.
- A família Odeerense, por todas as experiências, embates, labor e desconstruções oportunizadas nas vivências do Mestrado...

*A voz de minha bisavó
Ecoou criança
Nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
Ecoou obediência
Aos brancos donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
Debaixo das trouxas
Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela.*

*A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue e fome.*

*A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas vozes
Recolhe em si
As vozes mudas caladas
Engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
Recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade*

Conceição Evaristo

RESUMO

A pesquisa intitulada por “Identidade Negra e Processos Subjetivos na Infância: formas de enfrentamento do racismo” objetivou analisar os processos de construção da identidade da criança negra e condição emocional a partir das relações afetivas vivenciadas por essa criança na escola, na família e as formas de enfrentamento do racismo. A base metodológica foi construída a partir dos estudos da psicologia social da "*Escola de São Paulo*" na imbricação com a história, relações étnico-raciais e educação. A metodologia foi composta por oficinas temáticas de desenhos das crianças, entrevista de história de vida com pais e avós e entrevistas semi estruturadas com os profissionais da escola. A pesquisa participante e abordagem etnográfica também se inscreveram como método. No intuito de entender dialeticamente a constituição da identidade da criança negra, em seus movimentos de transformação e enfrentamento foi realizada a leitura dos dados da pesquisa os quais evidenciaram que a criança negra tem consciência da desigualdade racial e racismo no contexto escolar, não é omissa e passiva em relação a isto. Nas formas que lhe são possíveis ela denuncia quando é ouvida. Na percepção das crianças e de suas famílias ficou evidenciado o quanto estão atentas para as relações desiguais impostas na escola. As famílias falam das diferenças e do processo de desenvolvimento de suas crianças no ambiente escolar, são capazes também de tecer críticas, ainda que timidamente, sobre a dimensão do racismo e/ou da diferença no contexto social e escolar. A análise revela em primazia o racismo violento dos profissionais da escola. Os resultados revelam que ao falarem por seus desenhos, as crianças enfrentam seus contextos desiguais e racistas, igualmente os pais e as famílias. Falta a assunção institucional da escola no que tange a sua prática política e docente. A escola se não bastasse ser omissa é também franca e violentamente racista.

Palavras-chave – Identidade. Criança Negra. Escola/Família. Enfrentamento do Racismo. Relações Étnico-raciais.

ABSTRACT

The research entitled for "Black Identity and Subjective Processes in Childhood: ways of confronting racism" aimed to analyze the processes of construction of the identity of the black child and emotional condition from emotional relationships experienced by the child in school, the family and the ways coping racism. The methodological basis was built from the social psychology studies of "School of São Paulo" in imbrication with history, ethnic-racial relations and education. The methodology consisted of thematic workshops of children's drawings, life history interviews with parents and grandparents and semi structured interviews with school personnel. The participatory research and ethnographic approach also signed up as a method. In order to understand dialectically the constitution of the identity of black children, in their movements transformation and coping, reading of the survey data which evidence that the black child is aware of racial inequality and racism in the school context, it is not silent and omissive in this regard. In ways that are possible when it denounces is heard. In the perception of children and their families was evidenced how much they are alert to the unequal relations imposed in school. Families speak of differences and the development process of their children in the school environment, are able also to criticize, albeit timidly, on the extent of racism and/or the difference in the social and educational context. The analysis reveals in primacy the violent racism of school professionals. The results show that to speak for their drawings, children face their unequal and racist contexts, also parents and families. It lacks a institutional assumption from the school regarding their political practice and teaching. Is not enough the school be silent, is also frank and violently racist.

Keywords – Identity.Racism.BlackChild.School/Family.Confrontation.

LISTA DE ENTREVISTAS

1. <i>Entrevista Dona Candiana, avó de Zarina e Zaki, 20/04/2015.....</i>	21
2. <i>Entrevista realizada com um profissional (P03)da escola, 15/12/2015.....</i>	23
3. <i>Entrevista com Rasul, avô de Kintu (20/05/2016).....</i>	27
4. <i>Entrevista D. Benedita, avó de Alike (13/11/2015).....</i>	36
5. <i>Entrevista com Enzi, filho de D. Benedita, pai de Alike, 15/12/2015.....</i>	37
6. <i>Entrevista com Jamilia, mãe de Kintu, 02/03/2015.....</i>	38
7. <i>Entrevista com Betina, mãe de Zaki, 10/05/2015.....</i>	41
8. <i>Entrevista com Ashia, mãe de Zarina, 23/05/2015.....</i>	96
9. <i>Entrevista realizada com um profissional da escola, 15/12/2015.....</i>	109
10. <i>Entrevista com Nakati, mãe de Alike, 15/12/2015.....</i>	113
11. <i>Entrevista com Aganju, pai de Kintu, 11/05/2016.....</i>	120

LISTA DE DESENHOS

1.Desenho 1-Zarina, menina negra, 10 anos, alunado 5º ano do E.Fundamental	96
2.Desenho 2-Zaki, menino negro, 10 anos, aluno do 5º ano do E. Fundamental	105
3.Desenho 3-Alika, menina negra, 9 anos, aluna do 5º ano do E. Fundamental	112
4.Desenho 4- Kintu, menino negro, 9 anos, aluno do 5º ano do E. Fundamental	119
5.Desenho 5 – Shaira, aluna negra, 10 anos no 5º ano do Ensino Fundamental.....	124

LISTA DE TABELAS

1. *Tabela 1- Quadro de gestores da Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães 1997-2016.....23*
2. *Tabela 2 - População do Município de Cândido Sales segundo declaração cor/raça.....29*

LISTA DE FIGURAS

1. FIGURA 1- Mapa de localização da cidade de Cândido Sales.....24
2. FIGURA 2- Mapa de político da cidade de Cândido Sales.....26
3. FIGURA 3- Vista panorâmica do Povoado Lagoa de Lagoa de Timóteo.....28
5. FIGURA5-Interior e exterior da Igrejinha onde estão enterrados os descendentes de João Francisco Vargas.....31

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	16
2-CAPITULO I - Etnicidade, Memória e Educação: por uma visibilidade dos protagonistas da pesquisa.....	20
2.1- De um quase esquecimento à escuta atenta: a memória de pais e avós	36
3 - CAPÍTULO II – Aportes de referências: pontilhados sobre a categoria identidade, relações raciais e enfrentamento do racismo	42
3.1- A questão teórica da “Identidade em Psicologia Social”.....	44
3.2-Como Baobá, “a árvore da vida”.....	48
3.2.1- O processo de formação de identidade de estudantes negros que ingressaram no ensino superior pelo sistema de cotas ProUni: a questão da ação afirmativa.....	49
3.2.2-Identidade de Jovens Negros nas Periferias das Metrôpoles: recortes entre São Paulo e Paris.....	51
3.2.3-De Oyá-Ile a “Ilêyô”: Xangô e o patrimônio civilizatório nagô na identidade de um rapper afrodescendente.....	52
3.2.4-Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões da Psicologia social e da psicanálise.....	54
3.3-No trilhar do caminho: “tornar-se negro”, uma identidade enfrentamento.....	55
4.0- CAPÍTULO III-Campo empírico e bases metodológicas da pesquisa.....	66
4.1- Quadro Metodológico.....	69
4.1.1- Observações etnográficas.....	70
4.1.2- História de Vida.....	75
4.1.3- Coleta de Dados por Oficinas de Desenhos e Brincadeiras.....	77
4.2- A Leitura das crianças: do silêncio à escuta das vozes silenciadas.....	80
4.3- Considerações gerais sobre as análises.....	85
5.0-CAPÍTULO IV- As crianças e seus desenhos: uma linguagem/jardim a ser regada para florir e frutificar.....	89
5.1- Desenhos, psicologia social materialista histórica, psicanálise e relações étnico - raciais: algumas considerações.....	92
5.1.1 - Zarina, da fragilidade ao desejo de transformação.....	94

5.1.2 - Zaki, “o virtuoso”: Da resistência e a persistência de firmar sua negritude...	103
5.1.3 - Alike, da percepção da diferença à busca parcimônia pela equidade.....	110
5.1.4 -Kintu, na simplicidade reverbera sua realidade.....	118
5.1.5 -Shaira, do empoderamento à denúncia das dores causadas pelo racismo..	122
6.0- CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES: ALGUNS APONTAMENTOS.....	126
7.0- REFERÊNCIAS.....	134
8.0- APÊNDICE.....	142

1. INTRODUÇÃO

Se fazer ciência é manter a neutralidade, preciso dizer que corro um sério risco de não ter construído um texto científico. Isso porque, numa pesquisa que envolve seres humanos pertencentes e imbricados na própria história da pesquisadora a neutralidade se tornou descabida e perdeu o seu sentido. Posso afirmar, no entanto, que construí conhecimentos: da minha história, na história das pessoas que vi e ouvi, nos sentimentos que testemunhei, nas dores que também senti, nas lágrimas e risos que compartilhei e nas críticas construtivas que recebi. Trata-se de um conhecimento que não é moldado na inteligência orgulhosa do branco. Mas, na sabedoria da ancestralidade sobrevivente do negro e do índio, pois mesmo o branco que alça um conhecimento de base transformadora, “bebeu” na fonte de um saber primeiro, que bem sabemos, é negro. Tornar-me uma “Mestre” é um desejo ainda maior, com a certeza de que acrescentei mais humanidade em mim.

Entre afirmativas e negativas. É possível sim, que seja um texto científico, mas de uma ciência que redireciona seu olhar para os territórios e histórias silenciadas pelas relações desiguais, cujos sustentáculos são as relações étnicas e raciais mantidas no Brasil, sob o tripé: “contínuo da cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial”, que moldaram a sociedade brasileira e dividiram os nossos povos entre os possuidores de direitos e os que têm somente deveres (SOUZA, 1983, p.22).

O desafio de pensar sobre questões que envolvem a criança negra e seu processo de construção de identidade, e sobre as formas de enfrentamento do racismo, em seus espaços de socialização. Foram questionamentos que se firmaram nas inquietações de uma professora que tem se desafiado pesquisadora, numa busca por conhecimentos, que promova uma transformação de si “para si” e para “outros”. Afinal, “o homem só é humano na medida em que ele quer se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido”. Reconhecimento esse, que é firmado numa relação de respeito a tudo que o outro apresenta de diverso (FANON, 2008, p.180).

Esse anseio por reconhecimento tem permeado as relações étnicas, culturais e sociais na sociedade brasileira. E a escola pública, enquanto espaço secundário de socialização, não tem mantido uma postura que favoreça relações paritárias entre seu público diverso, que nesse caso em específico formado por crianças, em sua maioria negra, pertencentes a um território rural.

Na busca pra entender esses sujeitos criança negra, dentro das perspectivas apresentadas apoiamos nos campos de estudo da identidade, na psicologia social, a partir da leitura e interpretação do Materialismo Histórico e Dialético da Escola de São Paulo/PUC, mais precisamente de um de seus representantes Antônio da Costa CIAMPA, e nas contribuições dos estudos de Regina Marques de Souza Oliveira, sobre identidade e processos subjetivos, para a composição do quadro metodológico, enquanto temática que merece maior atenção por profissionais da educação e da psicologia.

Pensando numa forma didática de apresentação. A dissertação foi dividida em quatro capítulos, as conclusões e apontamentos finais:

No primeiro capítulo com o título *“etnicidade, memória e educação: por uma visibilidade dos protagonistas da pesquisa”* são apresentadas as reflexões sobre as motivações para a pesquisa e os desafios enfrentados pela pesquisadora, para consolidar uma relação pesquisador e pesquisado, cuja memória dos últimos serviu de base para o enriquecimento do labor empírico, numa busca de visibilidade e fortalecimento da identidade desses sujeitos protagonistas de suas histórias, porém silenciados pela história hegemônica. E também, sobre o cenário da pesquisa, enquanto um local de pertencimento e de fortalecimento do sujeito/pesquisadora, bem como o caminho trilhado que possibilitou a construção da dissertação.

Com o título, *“aportes de referências: pontilhados sobre a categoria identidade, relações raciais e enfrentamento do racismo”*. O segundo capítulo traz o aporte teórico sobre identidade em psicologia social. Sendo apresentas por um quadro síntese algumas dessas produções (dissertação e tese) PUC/SP, orientadas pelo Professor Doutor Antônio da Costa Ciampa. Ainda que de forma parcial, o olhar sobre os trabalhos evidenciou que no âmbito da pesquisa social, da reflexão crítica e das propostas de transformação da sociedade, a participação de todos se faz necessária. Abordando também, sobre alguns fatores que constitui a identidade negra, enquanto categoria de auto definição, ou seja, do ponto de vista da comunidade negra, a partir do seu movimento social e político, são eles: a história, a cultura, as línguas e o fator psicológico; e sobre os desafios para o enfrentamento do racismo numa sociedade como a brasileira, que é formada por relações desiguais (MUNANGA, 2012, p.10).

No terceiro capítulo, *“Campo empírico e bases metodológicas da pesquisa* são apresentados o quadro metodológico da pesquisa centrado em três bases: a

entrevista de história de vida em psicologia social, que foi uma ferramenta essencial para lançar mão do olhar das famílias sobre suas crianças e a escola; a observação etnográfica e observação participante no espaço escolar e nas famílias, como forma de investigar como são organizadas o campo das relações étnicas nesses espaços; e os desenhos temáticos, que possibilitaram um olhar ampliado para as crianças sobre si e suas relações estabelecidas na escola.

Detenho-me no quarto capítulo, “*As crianças e seus desenhos: uma linguagem/jardim a ser regada para florir e frutificar*” em apresentar a análise e leitura de cinco desenhos dos sujeitos participantes desse estudo. A qual foi fundamentada nas bases teóricas da psicologia e da educação numa análise conjunta com as informações recolhidas nas entrevistas de história de vida com os familiares das crianças e das observações feitas no ambiente escolar e familiar. Consideramos os contextos, olhares e tempo diversificados da vida dessas crianças, a história de suas famílias, do povoado e, poderíamos dizer sua história transgeracional, pois ouvimos a história das avós, pais e mães das crianças. As quais são filhos e netos destes sujeitos coparticipantes da pesquisa.

Neste capítulo, importante informar que a análise dos desenhos foi realizada a partir do uso do gravador durante as orientações e discussões/interpretações dos desenhos infantis. Assim como, pelo conhecimento específico da intersecção entre a psicanálise e a psicologia social. Esta metodologia interpretativa de pesquisa, ainda pouco conhecida e organizada na academia brasileira é de autoria da psicanalista e professora que orientou este trabalho - Doutora Regina Marques de Souza Oliveira, a qual em sua dissertação de mestrado inicia esta conjunção de aportes teóricos metodológicos distintos e formaliza na tese de doutorado interpretações a partir de desenhos investigando o campo subjetivo dos sujeitos.

Utilizamos esta metodologia e reiteramos que ela foi construída de forma processual a partir do uso do gravador, o qual possibilitou o registro mais adequado das interpretações realizadas e dialogadas durante as orientações com a psicanalista que não coincidentemente orienta esta dissertação.

Como necessário, o trabalho realizado é fruto das discussões dos desenhos e interpretação com a psicanalista experimentado na função há mais de vinte anos, conforme recomendação de Sigmund Freud, sobre o exercício e aprendizagem em psicanálise nos textos “*Artigos sobre técnica*” e “*Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*”.

Igualmente é importante informar que apenas nos foi permitido esta possibilidade – gravar e transcrever as interpretações realizadas – em função de que o trabalho proposto pertence ao campo da educação prioritariamente, embora possua caráter interdisciplinar e dialogue com a psicologia. Mas a base formativa para a análise dos desenhos é reconhecidamente trabalho e perícia de psicanalista e/ou psicólogo. O qual nesta pesquisa esteve apoiando e co-escrevendo – neste capítulo em específico – esta produção em co-autoria.

Para finalizar são apresentadas as conclusões em resposta às hipóteses levantadas sobre como a escola organiza o campo das relações étnicas com as crianças negras e não negras; assim como as estratégias elaboradas pelas famílias e escola para favorecer as vivências afetivas de suas crianças. Assim, algumas considerações sobre a pesquisa se fizeram relevantes na busca por responder os questionamentos que surgiram neste estudo considerando que tais reflexões, em sua maioria, não se firmam em respostas definitivas, pois os sujeitos da pesquisa estão em constante transformação, numa reescrita contínua de suas histórias, enquanto crianças negras em seus movimentos de enfrentamentos.

2.0 - CAPÍTULO I - ETNICIDADE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: POR UMA VISIBILIDADE DOS PROTAGONISTAS DA PESQUISA

Um dos elementos fundantes da etnicidade é a memória coletiva [...] Se a memória coletiva é viva, a etnicidade também o é, pois se encontra em constante movimentação, apontando para o futuro(Terezinha Bernardo, 2003, p.17).

Neste capítulo apresento reflexões sobre as motivações para a pesquisa e os desafios enfrentados para consolidar uma relação pesquisador e pesquisado, cuja memória dos últimos serviu de base para o enriquecimento labor empírico, numa busca de visibilidade e fortalecimento da identidade desses sujeitos protagonistas de suas histórias, porém silenciados pela história hegemônica. Discorro sobre o cenário da pesquisa, enquanto um local de pertencimento e de fortalecimento enquanto pesquisadora, no crescimento humano, bem como o caminho trilhado para chegar até o presente trabalho.

Ao me valer das memórias dos antepassados das crianças protagonistas dessa pesquisa, prezo pelo reconhecimento destas, como uma das possibilidades de enfrentamento do racismo. Pois, compreendo que “para saber quem alguém é, precisamos perguntar a ele, precisamos nos perguntar quem somos. Principalmente, quem queremos ser, tendo em vista quem somos hoje e quem fomos ontem” (CIAMPA, 1998, p. 241).

Falar da instituição Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães, doravante EMACM, enquanto cenário da pesquisa, ultrapassa a simples descrição de um *lócus*. É centrar esforços na memória para descrever um espaço de pertencimento, com relações que foram moldadas em duas décadas, seja como estudante ainda criança, na leitura do ABC até a 4ª série, como adulta no meu retorno aos estudos após dez anos de estagnação para cursar 7ª e 8ª série, ou como profissional a partir de 2002 até o presente momento. Também é falar de um lugar de exercício cotidiano de vida, enquanto espaço de convivência e de reflexões contínuas para minha autoprodução e ponderação do que merece ser vivido e valorizado, do que merece ser evidenciado e criticado. Ao considerar que quem sou hoje se fez e se faz nas relações com “outros”, que foram protagonistas de suas histórias ao contribuírem com a minha história. Essas relações, porém, não se firmam como um rio perene, pois trazem as ventanias e tempestades.

No entanto, é também falar de um lugar de contradições, com representações

diferentes para a aluna, a professora e a pesquisadora. E, mais importante, para os sujeitos da pesquisa. A aluna, ao menos no pouco que recorda, tinha a escola como um espaço de socialização, de diversão, mas também como um espaço de submissão, onde era preciso obedecer às regras continuamente, o que nem sempre era possível, mesmo na década de 1980. Passadas mais de uma década, a segunda fase da aluna teve por marca a responsabilidade de adulta. A escola passou a ser considerada como um espaço de formação, que exigia muito estudo e dedicação.

Em 2002, o retorno à escola se efetivou no papel de profissional da educação. Enquanto local de trabalho, a EMACM assume outra representação. A partir de 2011, além de ser o ambiente de trabalho, a escola passa a ser *lócus* de pesquisas. E os dados apontaram para uma realidade dolorosa. A mesma escola que foi para a pesquisadora um instrumento de transformação, aos poucos se mostra como um espaço de exclusão para muitas crianças que não foram percebidas em suas singularidades, das quais a escola ainda se mantém distante. O desafio a ser lançado reside no fato dessa escola precisar ter seu foco no presente, observar os sujeitos por ela silenciados, de modo que estes tenham direito a um futuro. Nessa metamorfose, a escola será verdadeiramente um espaço de transformação para todas as crianças sem distinção.

Anterior a construção da escola EMACM, o ensino formal era ministrado em espaços emprestados e/ou alugados pelo município. Em determinado momento, a casa do professor era transformada em sala de aula. A história do ensino de Lagoa de Timóteo teve como precursor, o professor Ponciano José de Almeida. Nascido em Lagoa de Timóteo no ano 1896, iniciou sua carreira de professor em 1919, a princípio com o ensino particular e, posteriormente, sob o Decreto nº 143, de 02 de outubro de 1941, como professor substituto de Pedro Paulo Ribeiro, para lecionar em Lagoa de Timóteo, até então, parte do território da cidade de Vitória da Conquista (LETIÈRRE, 2012, P.124).

As memórias de Dona Candiana, evidenciam o trabalho e dedicação desse professor:

[...] os mininos estudava, saía do Boqueirão pra estudar ali onde Lia de Bibi mora. Seu Ponciano morava ali e ensinava. Ai que é duro né?! Vinha de a pé, vinha montado num jegue...estudou nove mês, aprendeu uma leitura, que o povo diz que é a leitura de M. qui estraga ele. Disse quem aprende leitura demais, nunca fica certo. Vinha M, Gessi, Non de dona Sinhá, Louro, Miúdo, Manel. As muié tinha Maria,

Maura, só qui as muié era mais nova que nós. Os minino macho era Non, Miudo e Loro, e os de casa era M, G e Z. Nesse tempo ai, foi preciso parar. Aprendeu leitura demais (Entrevista com D. Candiana, avó de Zarina e Zaki).

Necessário se faz, um pequeno questionamento sobre o nome da – Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães - espaço em que se desenvolve essa pesquisa. Tendo no povoado um professor que reconhecidamente, pelo seu pertencimento e prática, se dedicou ao ensino das primeiras letras as crianças já no final do século XIX, como justificar que o nome da escola faça reverências a um político e não a esse professor? Esse desvalor que ainda se mantém, transparece o quanto a escola se mantém distante da comunidade que a cerca, bem como da história e memória de seu povo.

Importante observar que no Estado da Bahia é uma constante nomes de personalidades políticas como do senador Antônio Carlos Magalhães e seu filho Luís Eduardo Magalhães serem usados para nomear escolas, avenidas, aeroportos, dentre outros espaços públicos. No caso dessa escola, que foi construída na década de 1970, inaugurada em 1975, na gestão do governador Roberto Santos sucessor de Antônio Carlos Magalhães, a justificativa plausível para a escolha desse nome seria preservar a supremacia do “coronelismo” até no interior do estado da Bahia. A exemplo do próprio nome da cidade, Cândido Sales, que não tem significado algum de pertencimento para a população, pois não a representa.

Nesse cenário, a EMACM se constituiu como primeira escola pública do povoado de Lagoa de Timóteo. Atualmente é uma das 53 unidades de ensino da rede municipal de educação do Município de Cândido Sales, no estado da Bahia. Trata-se de uma escola de porte pequeno, que atende crianças da pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental. Sua construção foi na década de 1970, sob a gestão do prefeito Joviano Martins de Oliveira. Do seu quadro atual de funcionários, quase 100% estudou nessa escola.

Desde 1997, ano em que iniciou no povoado o ensino de 5ª a 8ª série que a escola passou a ter um diretor escolar, pois até então seus profissionais e estudantes tinha o apoio de uma secretária, que por vezes fazia visitas regulares, pois moravam na sede do município de Cândido Sales. A escolha dos diretores escolares em todo município ainda é por indicação e acordos políticos do gestor municipal. Assim, nem sempre foi considerado o que seria mais relevante para a comunidade escolar. Porém, nos últimos anos, os gestores municipais têm investido

na formação continuada dos diretores escolares e priorizado os professores do quadro efetivo para assumir a direção da escola. Torna-se importante frisar, que do quadro efetivo de professores e também da gestão atual, todos os profissionais tem formação superior e a maioria, pós-graduação.

Tabela 1- Quadro de Gestores da Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães 1997-2016

GESTORA	VICE	ANO DE EXERCÍCIO	PORTARIA
Clarice Santos Ferraz		1997-1999	03-M/97
Marleide Nunes da Silva		2000	
Clarice Santos Ferraz		2001-2004	03-M/97
Cristália Prado Gusmão		2005-2006	
Eliana Valadares H. de Sousa	Maria N. Oliveira	2007	
Fabiana Bispo dos Santos		2008-2009	876/08
Marizete Nunes Vargas		2010	
Marleide Nunes da Silva		2011-2012	
Lúcia F. Vargas de Souza	Marleide N. da Silva	2013-2014	GP N°108/013
Marleide Nunes da Silva		2015-2016	

Fonte: Tabela organizada pela autora com os dados retirados do Projeto Político Pedagógico da Escola.

Apesar de a escola possuir um quadro de profissionais com formação e qualificação, em se tratando das temáticas étnicas e/ou raciais, como ficou evidenciada em pesquisas anteriores (Ferraz, 2015), a escola pouco tem contribuído, no sentido de desenvolver o potencial de questionar, refletir e agir para emancipar seus sujeitos representantes de 70% da população.

Como justifica um dos profissionais da escola, as ações nesse sentido tem se dado de forma esporádica, por meio do desenvolvimento de projetos pedagógicos em datas especiais:

Eu acho que silenciado, eu acho que não, porque assim, talvez a gente tem muita coisa ainda à fazer, mas silenciar mesmo não, tem feito pouco mas tem feito, volta e meia tá corrigindo, tá chamando a atenção, teve esse projeto agora que foi bem proveitoso né, mas eu acho assim, que silenciado não, tem feito, com certeza, talvez ainda não seja o suficiente,

mas...(Entrevista realizada em 15/12/2015 com profissional (P.03) da escola, mais de 16 nos de trabalho, cor branca e sexo masculino).

Diante de tal realidade, necessário se faz conhecer um pouco do município e do povoado, onde está localizada a EMACM. Com sua representatividade, torna-se importante uma breve apresentação da cidade de Cândido Sales, o “portal de entrada do Nordeste”, e de modo conjugado falar de Lagoa de Timóteo, enquanto lugar de pertencimento e memória da pesquisadora.

Figura 1- Mapa de localização da cidade de Cândido Sales



Fonte <https://www.google.com.br/search?q=localiza> acesso 28/02/2016

A cidade de Cândido Sales está situada a 595 km de Salvador e 85 km de Vitória da Conquista, principal centro comercial da região sudoeste da Bahia. É uma cidade limítrofe com o estado de Minas Gerais. O território de Cândido Sales, que integrava o município de Vitória da Conquista, teve a sua origem na metade do século XIX, com o povoamento por fazendeiros que se estabeleceram na região, formando o povoado Porto de Santa Cruz.

De acordo com Lettière (2012, p,182), o senhor Cândido Sales pouco contribuiu para o desenvolvimento do povoado de Nova Conquista, seja no sentido social, religiosos, econômico ou político. A indicação de seu nome para o município foi por imposição e interesse político, pois, à época da emancipação, seu filho

Gerson Sales era prefeito de Vitória da Conquista e quis homenagear o próprio pai. Devido a origem e história, pode-se afirmar que primeiros moradores do ainda povoado foram João Francisco da Silva (João Dengoso)¹, José Graça Ferraz (Nena Ferraz)². Antonio Gonçalves da Costa³e Arlindo Cardoso⁴. Estes senhores receberam em 1971, da Câmara Municipal da cidade, o título de beneméritos fundadores do município.

A emancipação política de Cândido Sales ocorreu em 5 de julho de 1962, desligando-se do município de Vitória da Conquista. No início do povoado, o local chamava-se "Nova Conquista" e teve o seu desenvolvimento acelerado com a construção da Rodovia Federal Rio - Bahia, BR-116, sobretudo, com a construção da ponte sobre o Rio Pardo, que margeia a cidade.

Importante destacar, que o povoado de Lagoa de Timóteo, lócus dessa pesquisa, antecede o povoado de Nova Conquista, atual cidade de Cândido Sales. Em 1924, o senhor Cândido Sales, enquanto subdelegado de polícia do Porto de Santa Cruz, representava um significativo cabo eleitoral de José Fernandes de Oliveira - o Coronel Gugé - e posteriormente do doutor Régis Pacheco na região de Lagoa de Timóteo, onde uma urna recebia o nome de "a bruaca do Candinho". Nessa urna, só votava os seguidores do senhor Cândido Sales, e superava os trezentos votos, um número expressivo para as eleições da época (LETIÈRE, 2012, p.114).

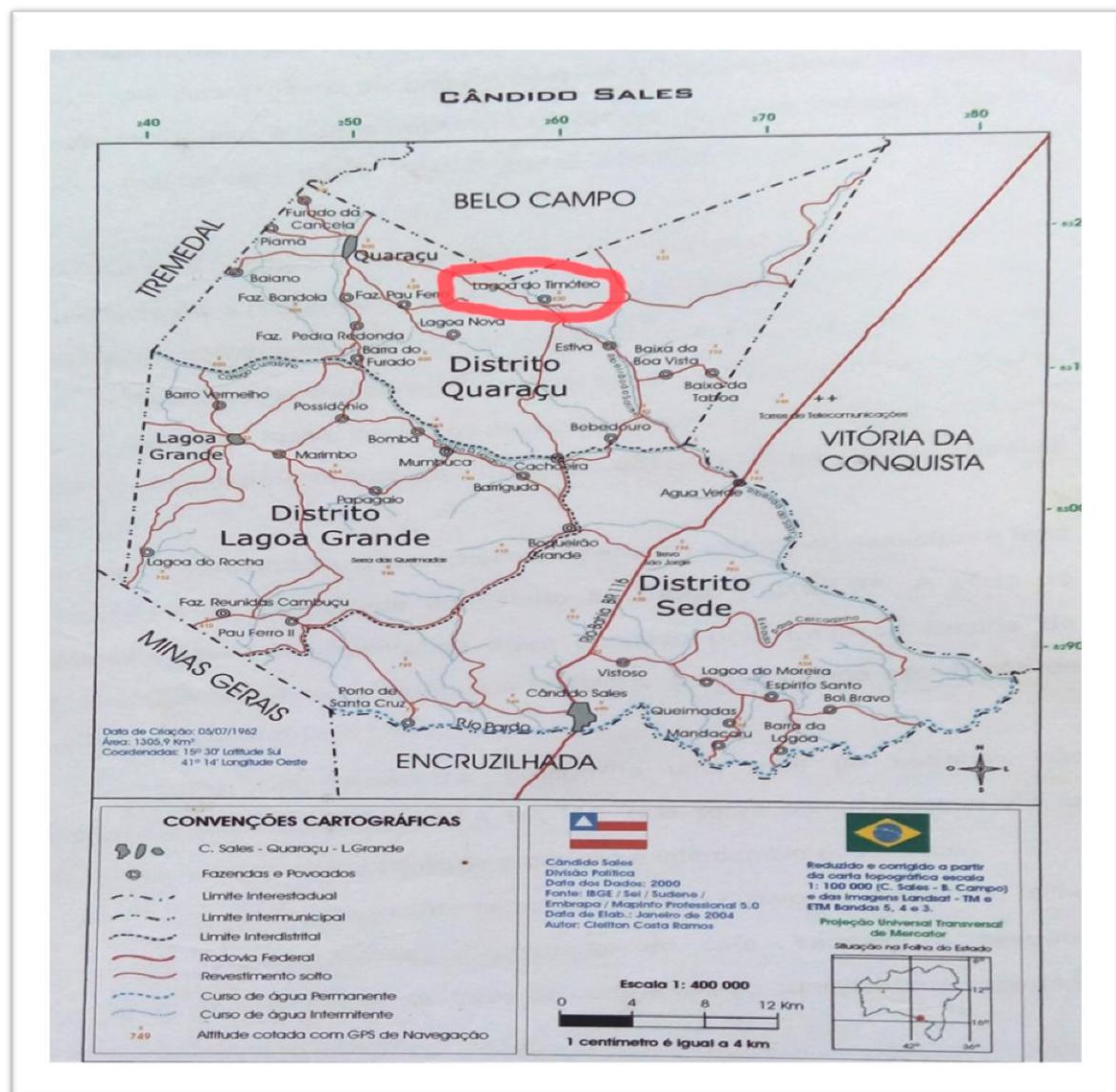
FIGURA 2 - Mapa de político da cidade de Cândido Sales

¹ João Francisco da Silva nasceu em Condeúba-Ba. Seus pais foram Cristiano Francisco da Silva e Benedita Francisca da Silva. Casou-se três vezes, residindo em Anagé, Belo Campo e nos Povoados de Quaraçu, Lagoa de Timóteo e Fazenda Cachoeira- estes três últimos são territórios de Cândido Sales (Lettière 2012, p,245).

²José Graça Ferraz nasceu no distrito de Quaraçu - Cândido Sales, onde casou-se com Felismina Ferraz de Oliveira. Mudou-se para Cândido Sales e comprou lotes de terreno próximo a rodovia BR-116, onde construiu pensão e ponto comercial. Faleceu no ano de 1983 (Lettière 2012, p.245).

³Antônio Gonçalves Costa nasceu na Fazenda Cachoeira- a época pertencente a Vitória da Conquista e hoje a Cândido Sales-Ba. Casou-se com Maria Tereza de Jesus. Por dominar os cuidados com o gado bovino foi trabalhar na fazenda da família Sales, da qual acabou se tornando sócio. Posteriormente inicio sua carreira política. Faleceu em 2005 (Lettière 2012, p,250).

⁴Arlindo Cardoso nasceu no município de Feira de Santana. Casou-se com Maria Sofia Fernandes Silva. Serviu as forças armadas, sendo cabo do exército em Salvador. Posteriormente, mudou-se para Quaraçu e junto com José Graça Ferraz negociava remédios e outros utensílios. Em 1949 adquiriu um caminhão e passou a transportar telhas e tijolos do distrito de Quaraçu para a emergente Cândido Sales. Faleceu em 1991 (Lettière 2012, p,250).



Fonte: Trabalho monográfico de Emanuel Aparecido Martins Ferraz e Jairo Pereira Lacerda-2004

O Povoado de Lagoa de Timóteo, em destaque no círculo vermelho no mapa é citado como um território limítrofe da fazenda Vereda no inventário da Faustina Gonçalves da Costa, a sexta filha legítima de João Gonçalves da Costa⁵, no ano de 1847, sob o nome de “Gamela do Thimotéo” (SOUSA, 2001). Essa denominação se manteve até o final do século XIX, e depois passou a se chamar Lagoa de Timóteo. Seu fundador foi Timóteo José Freire, a partir de uma grande lagoa encontrada em suas terras, onde fez um pequeno rancho. A primeira moradia foi construída por

⁵ João Gonçalves da Costa, de mestre-de-campo à conquistador violento e dizimador de aldeias, após frustradas buscas pelo ouro fixa-se, em fins do século XVIII, na região do Sertão da Ressaca e inicia o processo de fundação do arraial de Conquista, atual Vitória da Conquista (SOUSA, M. A. S., 2001, p.41).

João Francisco Vargas, um português que adquiriu parte das terras de Timóteo, onde cultivou alimentos de subsistência e plantação de pastagem para a criação de gado bovino (LETIÈRRE, 2012).

Ao rememorar sobre sua infância, Rasul, avô de Kintu descreve com riqueza de detalhes a arquitetura e seus antigos moradores do Povoado de Lagoa de Timóteo:

Aqui eu conheci minina, só o verdão, coisa linda, conheci ó, essa casa velha aqui, que era cadaroda, que hoje é a fábrica de farinha de Néu, a casa do véio Zeca Ferreira, lá nesse mundão né do finado Fifi. Eu conheci a casa do véi pai do véio Pedro, o véio Pulu. Eu conheci a casa, ainda fui lá, que o véio Vintura morou lá. Ainda fui dentro dessa casa grande, lá no meio da manga. Conheci óia, a casa do véio Zeca Ferreira, a casa do véio João Ferreira (casado com Domingas Vargas) e lá pra baixo eu ainda conheci um bocado de pau, que era da casa do véio Mamedi Vargas, depois do tanque grande. Conheci a casa do véi Marculino, essa casa do véio Joaquim de Duninha era lá em cima, nessas terras de que era lozin. Conheci a casona que era do finado Candinho Sales, a casona primeira que o finado Olavo morava naquele fundo ali, encostada no fundo da casa de seu Dió. Conheci a casona que era intê do compadi de meu pai que morava ali, no finado Osvaldo alí, mas só que era uma casa véia. Ainda conheci a casa do finado Sinhô Vargas, (Diocleciano Francisco Vargas) levantadinha, fui lá muitas vezes encostado naquela terra que era de Nêm e hoje que é do minino de Zé Branco. Era uma casooona minina!, Que as madeira, eu num sei como que eles colocava em cima da casa, eu ficava olhando assim como que eles colocou aquelas madeira lá em cima. Ô eu ficava olhando assim rapaz, como que eles colocou essas madeira tão pesada e naquela época não tinha serralaria e tirava tudo no machado. Eu acho que era uns dez homem para colocar tudo aquilo ali até chegar naquela altura. Eu parava e ficava olhando aquilo (entrevista com Rasul, avô de Kintu em 20/05/2016).

Continuando sua ação de rememorar, o mesmo ainda se lembra das aventuras para viajar até os povoados vizinhos. O meio de transporte era carro - de - boi, cavalo e a pé, pois a vegetação era densa:

Ai... Tinha uma estrada ali que dava para Belo Campo, naquela fábrica do Estado hoje. E aí daqui até lá, era só escuridão, mato, num tinha outra coisa, velamão dum lado e mato do outro. Ali naquele campo de bola, ainda conheci mata virgem, a gente ia lá tirar coco naiá, a gente ficava alí assim, saía na baxinha do minino de Zé Branco ali assim, a gente fundava até saía do lado de lá da Jindiroba, só mato mesmo, a gente passava meio dia e os grilo tava "cri cri cri cri". Fresquinho! A gente passava, passava pro lado de lá e andava um poquinho nas manga do véio Deli, ainda tinha um outro matão lá antes de chegar no Pripiri, a gente trevesava, depois trevesava a vereda, pelo lado de cá, não ia pelo lado do Sobradim não. Era muito mato ali menina, ficava até com medo de encontrar onça ali. A gente caía pro Quaraçu, entrava ali naquela baixinha perto da casa suas, fundava alí por dentro, ia perto da Lagoa Nova, só mato, mato mesmo, qualquer hora que a gente passava, era aquela escuridão. Perto da Lagoa Nova tornava curvar e saía naquela serrinha de pedra, de lá que a gente ia pro Quaraçu, só mato também. Só ia fazer uma aberturazinha chegando em Quaraçu, tudo isso eu ainda conhecia ainda, conheci essa estrada véia para ir pro Buqueirão não

tinha, essa rodagem não existia não, era uma estradinha. Assim, passava carro de boi, cavalo, ali no meio da terra de seu Litim, tinha uma estradinha que a gente saía lá na divisa da terra de seu Jovino e Daniel, a gente andava e saía lá e só mato, puro mato. Colocava ceveiro, matava zabelê, arranquã era o que tinha e tinha outra estradinha que saía nesse campo de bola e tinha outra estradinha que descia para a terra do véio Marculino, não passava carro num passava nada, só gente de pé e a cavalo, (entrevista com Rasul, avô de Kintu em 20/05/2016).

Na atualidade, o povoado apresenta transformações em alguns aspectos e regressões em outros. Se antes, a principal atividade era a criação de gado bovino, que aos poucos foi reduzido pela escassez da chuva, dentre outros fatores. Hoje, prevalece o cultivo da mandioca, que tem diminuído a cada ano e de alguns produtos de subsistência, como: feijão e milho. A mata há muito deixou de existir, sendo substituída pelo pasto, que nos longos períodos de estiagem, também desaparece. Apesar de morar num Povoado, cujo nome surgiu de uma lagoa, os moradores a cada ano sofrem mais pela falta d'água. O abastecimento tem sido feito por carros pipas e armazenamento de água da chuva nas cisternas de placas.

Figura 3 – vista panorâmica do Povoado Lagoa de Timóteo na atualidade



Fonte: crédito da foto- Charles Lima Almeida- arquivo público facebook

O município de Cândido Sales está localizado no Sudoeste da Bahia e segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) conta com uma área territorial de 1.169,820 Km². O número de habitantes no censo de 2010 foi totalizado em 27.918 habitantes, sendo a estimativa para 2015 de 26.855 habitantes. Com o Índice de Desenvolvimento Humano de 0,601, o município ocupa a 140ª posição do estado. A distribuição dos cândido-salenses segundo cor/raça está representada na tabela abaixo:

Tabela 2- População do Município de Cândido Sales segundo declaração cor/raça.

Nome do Município	Total de habitantes	Cor/raça					
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	Não declarada
Cândido Sales	27.918	8.113	1.985	17.627	169	-	24

Fonte: IBGE - Censo 2010. Tabela produzida pela autora.

Se considerarmos as declarações de cor/raça das pessoas pretas e pardas, podemos afirmar que mais de 70% dos cândido-salenses são negros e/ou afrodescendentes, portanto, trabalhar com a valorização e resgate das histórias e memórias de seus ancestrais, valorizarem os saberes dos povos que formam o povoado é um caminho para dar visibilidade e reconhecimento a seus descendentes.

Frente a essa realidade, a escola tem por desafio se aproximar de todos os grupos que formam esse povoado, para assim resgatar suas trajetórias e valorizar a história dessas famílias, sejam elas nativas ou ádvenas, em prol do fortalecimento da identidade das crianças negras e também das não negras, no sentido de desenvolverem a capacidade de respeito à diversidade. E de fomentar o sentimento de pertença ao Povoado e a escola a que fazem parte.

Nesse sentido, a escola EMACM teve uma representação para mim quando criança, que se diferencia do que tenho observado nas relações que as crianças sujeito da pesquisa têm evidenciado. Certa feita, sempre fui bem acolhida pela escola. Minha irmã mais velha foi professora nessa instituição e, mesmo não tendo estudado com ela, suas ações representaram um meio de fortalecimento da minha identidade. O meu pertencimento ao povoado e, por extensão, à escola, se justifica por saber que meu pai e meu avô tinham suas raízes firmadas nesse povoado.

Meubisavô paterno, mesmo vindo de outra região, escolheu esse território para fundar o povoado de Lagoa de Timóteo. Para completar esse pertencimento, em frente à escola há uma pequena capela, construída pelo meu avô, onde estão sepultados meus antepassados paternos e minha mãe. Ter o conhecimento de suas origens e pertencimento étnico se torna fundamental ao ser humano, para que esse tenha o fortalecimento de sua identidade.

FIGURA 4 – Interior e exterior da Igrejinha onde estão enterrados os descendentes de João Francisco Vargas.



Fonte: Arquivo da própria pesquisa

Esse sentido de pertencimento e conhecimento de suas origens deve ser valorizada pela escola, enquanto premissa para o fortalecimento das identidades. As crianças protagonistas desse trabalho já têm definido o seu pertencimento étnico.

Tal afirmativa se faz possível uma vez que as mesmas já foram sujeitos de uma pesquisa anterior em que fizeram a sua autoclassificação de cor e rendimento escolar. Três deles se auto classificaram como negros e uma como morena, (Ferraz, 2015)

Um dos campos de reflexão foi pautado na classificação e autoclassificação das crianças, segundo a cor/raça e rendimento escolar e resultou num material riquíssimo para análise. A primeira classificação foi feita pela professora, que demonstrou certa dificuldade em relação à criança negra. A opção resultou na valorização e gradação da categoria moreno. Apenas um aluno foi por ela classificado como negro. Contrapondo, o processo de a autoclassificação das crianças ocorreu de forma segura, chegando a surpreender a facilidade das mesmas em se classificar segundo as cinco categorias do IBGE. Mesmo na questão aberta, elas se mostraram bem tranquilas, inclusive para se auto classificarem como negras (FERRAZ, 2015, p.120).

Outro fator a ser considerado foi o cruzamento entre a classificação racial e a classificação de desempenho feito pela professora. Dos onze alunos “bons”, sete foram classificados como brancos ou morenos claros e os quatro restantes como morenos. Houve um reconhecimento de maior desenvolvimento da aprendizagem dos conteúdos formais nos alunos de pele clara, fato também confirmado na pesquisa de Gonçalves (2007). O aluno ideal, em termos de características, foi preferentemente descrito como uma criança de pele, cabelo e olhos claros, enquanto que o mau aluno tendia a ter pele branca, mas cabelos e olhos escuros, podendo até ser negro.

Em síntese, a relação bom aluno/cor da pele, na classificação da professora, “coincidiu” que os bons alunos eram os que tinham a pele mais clara. Na classificação dos alunos, os considerados “maus”, em sua maioria, foram classificados como negros, embora as justificativas fossem sempre relacionadas ao comportamento desses alunos.

No decorrer das entrevistas com as crianças, surgiram alguns comentários sobre a cor da pele, a aparência dos cabelos. Assim, ficou claro que, ainda que velado, a discriminação, o preconceito e o racismo se fazem presentes no discurso e ações das crianças na sala de aula, mesmo quando estas não se dão conta dessas questões (FERRAZ, 2015, p.137).

Diante de tal realidade, torna-se fundamental a realização de mais estudos,

pesquisas, questionamentos, investimento na formação dos profissionais da escola, para que seja possível o desenvolvimento de ações que neutralize práticas racistas e o desrespeito às diferenças. São as inquietações do cotidiano, as dúvidas e as perguntas que promovem o avanço da ciência, as quais se qualificam em diversos contextos. De fato, as ciências já não se prendem apenas na aquisição de informações, mas sim no conhecimento. E quando almeja apreender toda a complexidade que envolve a criança negra e as relações por estas estabelecidas em seus diversos espaços de socialização, é fundamental se valer das “interrogações poderosas” (Santos, 1997), enquanto questionamentos que ligam ciência e virtude com potencialidades para adentrar os saberes constituídos burilando o valor e a ética nos conceitos científicos, (CHIZZOTE, 1995).

Nessa conjuntura, tornou-se significativo para esse trabalho “bebermos” na fonte da psicologia, pois é de primeira necessidade da escola e do desenvolvimento da educação que a psicologia se dedique a pesquisar tais relações, como a psicologia africana, identidade, saúde mental, os processos subjetivos dos infantes afro-brasileiros e as formas de enfrentamento do racismo, enquanto condição para ampliar a capacidade da aprendizagem dos conhecimentos formais e o fortalecimento de identidades. Uma vez que por desconhecimento dos aspectos psicológicos e de toda uma cultura que a criança negra traz inata é que a escola peca no atendimento a essa criança (NASCIMENTO, 1991, p, 73).

Apesar das contribuições da psicologia social e também da psicologia de forma geral, que desde a primeira década do século XXI ampliou suas produções sobre as temáticas das relações étnico-raciais, como indica (Martins; Santos; Colosso, 2013) em sua pesquisa, ainda têm sido insuficientes tais abordagens quando a pretensão é entender os embates que a criança negra ainda enfrenta em seus espaços de socialização no enfrentamento das situações de discriminação e preconceito a que estão submetidas.

Mesmo o campo educacional, tendo avançado nas pesquisas sobre a realidade do negro nos bancos escolares desde a pré-escola até o ensino superior, esses trabalhos não têm representado mudanças significativas nas práticas cotidianas da sala de aula. A escola atual ainda precisa renovar no seu âmago um respeito maior à criança e ao jovem que tem no seu bojo. O atendimento e o entendimento do aluno negro são desrespeitosos e ainda apresentam falhas pedagógicas que precisam ser superadas (NASCIMENTO, 1991, p, 73).

Diante das possibilidades apresentadas pela psicologia para a compreensão do ser humano é que se justifica a necessidade desse campo de conhecimento voltar-se para a criança negra brasileira, que ainda tem negada a sua história, sua memória e seu pertencimento. Pois, esses sim são alguns dos motivos que explicam os frequentes casos de insucesso do aluno negro na escola, e não uma “patologização” desses sujeitos. Assim, para pensarmos a questão do negro poderíamos considerar que o saber, o conhecimento, deve ser instrumento de transformação, de metamorfose (SOUZA, 2003, p. 26).

Nas categorias etnicidade, memória e educação são pautadas alguns possíveis aportes para o fortalecimento de identidades, não só a partir de uma visão do campo educacional e da pedagogia, mas numa compreensão mais ampla da subjetividade, dos processos emocionais e afetivos, psicológicos ou psíquicos e das relações sociais e históricas das famílias negras ou de matriz africana e de suas crianças no contexto da escola. Pois os estudos sobre a identidade, mesmo sob o prisma subjetivo, não pode ser separado da sua dimensão social e simbólica (BARCELAR, 1989).

Consideram-se também as relações com o processo de aquisição formal do conhecimento na imbricação de outros campos do saber que são importantes no contexto escolar, como a psicologia e, de modo específico, a psicologia social, cuja leitura se faz significativa para o processo de transformação da sociedade e, por conseguinte, da escola. Pois:

Falar de identidade hoje é compartilhar do debate emergente que se faz sobre as questões humanas, sobre o papel das ciências, dos campos interdisciplinares do conhecimento e dos intelectuais que podem ajudar na transformação dos problemas e crises, em debates e em relações conflituais, fazendo aparecer os sujeitos, os atores, as relações (OLIVEIRA, 2008, p.23).

Essa possibilidade de comungar com campos diversos de conhecimento e com intelectuais distintos se faz possível e fundamental num mestrado interdisciplinar, como é o caso do Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB/ODEERE⁶, campus de Jequié, a partir de suas duas linhas de pesquisa:

⁶ Órgão de Educação e Relações Étnicas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, situado no Bairro do pau Ferro, em Jequié, Bahia.

Etnicidade, Memória e Educação; Etnia, Gênero e Sexualidade, serviram ainda mais para motivar a pesquisadora.

Como pedagoga de formação, desenvolvi minha pesquisa dentro da linha1: Etnicidade, Memória e Educação, pois as inquietações que me estimulam partem do meu cotidiano de educadora, de pesquisadora em formação, nascida em uma família inter-racial: a mãe branca e pai negro, que a partir de algumas situações vividas chega a desenvolver um sentimento de “não ser”, pois sou uma branca, “não branca” diferente da minha mãe, e uma negra, “não negra” diferente do meu pai.

É certo que dentro desse conflito tenho crescido enquanto ser humano e exercitado a minha capacidade de olhar o outro e também me enxergar nele. Eu sei que sou mãe, mulher, professora/pesquisadora, pertencente ao território rural, baiana e brasileira, sou ambivalente e sou una. Acredito que a identidade faz parte do processo subjetivo e quem não se reconhece e não se valoriza, não tem condições de ajudar o outro a se reconhecer. Assim, dentro desse nosso estudo sobre a construção da identidade da criança negra e os processos subjetivos na infância, nos interessa não só as condições efetivas que a identidade reflete e na qual se constitui, mas também é significativa a valorização dos fatores subjetivos (BARCELAR, 1989, p. 13).

As discussões fomentadas nas disciplinas do Mestrado e o exercício empírico nos campos da pesquisa possibilitaram-me uma nova forma de ver, sentir e viver o meu cotidiano, enquanto mulher, moradora de um território rural, que se faz educadora e primeira mestranda do Povoado de Lagoa de Timóteo. Assim, eu passo a desenvolver um sentido mais amplo e diverso sobre o mundo, a vida e a diversidade que a compõe. Esse olhar modificado para as novas possibilidades, para novas formas de desconstruir e construir relações é um dos aspectos que me encanta e me motiva pessoal e profissionalmente (NOGUEIRA, 2003, p.10).

Para tanto, uma das bases teórica que fundamenta esta pesquisa é o trabalho pioneiro em psicologia social sobre identidade da criança negra pequena de 0 a 6 anos (SOUZA, 2003), uma vez que ele inaugura este campo de discussão na psicologia com crianças pequenas e todo o itinerário empírico se constituiu anterior a aprovação da Lei 10.632/03. Ao instigar questionamentos referentes ao desenvolvimento psíquico, relacionando-os ao desenvolvimento de questões étnicas e culturais, a autora amplia as possibilidades de um melhor entendimento dos processos de construção da identidade da criança negra e seu psiquismo. Para aliar

essas questões de ordem tão diversas, foi necessário à autora buscar na psicologia social, sob o enfoque da construção da identidade em Ciampa, e também na psicanálise, sob o enfoque do desenvolvimento humano de Donald Woods Winnicott as suas bases teóricas.

O resgate que fazemos do método de pesquisa em identidade em psicologia social para o campo educativo, traz como proposição o fomento de reflexões sobre os desafios enfrentados pelas crianças negras e não negras para firmar relações de respeito e valorização da cultura afro-brasileira e africana como uma das bases fundantes da sociedade brasileira e atentar para a complexidade que permeia as práticas de enfrentamento do racismo no ambiente escolar, enquanto possibilidade de desconstruir um imaginário racista e discriminador.

Embora esse trabalho não apresente um caráter interventivo imediato, ele já serviu para mobilizar movimentos de transformação e emancipação, pois, com os sujeitos participantes da pesquisa, mesmo involuntariamente, foi observado que os relatos de vida trazidos só foram possíveis por conta da vinculação da pesquisadora com o território dos pesquisados.

Nesse sentido LANE; CODO (1989) definem ser:

Outro aspecto de vital importância é a relação pesquisador-pesquisado, que neste processo deve ser considerada como uma relação inerente ao fato estudado, sendo que o pesquisador é também objeto de estudo e análise tanto por ele próprio como pelo pesquisado. Nesta perspectiva não é possível dissociá-lo pois ele também é parte material da realidade em estudo, e quando a sua atuação, a sua presença não o é em termos de evitar “vieses ou de se atingir uma objetividade, mas sim de captar a não neutralidade como manifestação de um processo que se está procurando compreender em toda a sua extensão” (LANE, Silvia T. M; CODO, Wanderley, 1989. p.46).

Na relação pesquisador pesquisado, a condição de espelhamento favoreceu nos sujeitos o sentimento de dignidade de serem eles mesmos, sua comunidade, sua própria história, reconhecidos. A relação de respeito entre pesquisador pesquisado se firmou em momentos de trocas de aprendizagens. A diferença está, basicamente, no pesquisado que fala por si. Não é o outro que fala. Ele, enquanto pesquisado, que estou falando, narrando as suas histórias, que se emociona com as memórias e percebe, enfim, o quanto construiu estratégias de sobrevivência.

São as ciências humanas que direcionam os seus olhares para os territórios esquecidos, as vidas sofridas, as histórias silenciadas. Com o poder de contar e interpretar os acontecimentos que se passam pelo mundo dos trabalhadores ou nos meios populares, em geral (BOSI, 2003). Nesse exercício, ficou evidenciado, que a universidade, em particular, as pesquisas e produções realizadas no PPGREC⁷, reverbera outra configuração da relação sujeito e objeto, na abordagem de temáticas como a população negra, indígena, o racismo, o cotidiano escolar e os demais temas referentes a políticas públicas. Esses não são temas que mereçam ser abordados com o recorte teórico-metodológico de uma ciência inteiramente neutra, sem o envolvimento de seus protagonistas, pesquisado e pesquisador.

2.1. De um quase esquecimento à escuta atenta: a memória de mães, pais e avós.

A leitura de forma parcial da trajetória vivida, que tornou possível a metamorfose de uma estudante tardia em pesquisadora, evidenciou que o exercício de memorar trás em si o descortinamento de densas emoções, seja por experiências positivas ou negativas.

Nesse exercício, as entrevistas de história de vida, principalmente, das avós, seguida das mães e dos pais das crianças protagonistas dessa pesquisa se fizeram valorativas, pois esta família extensa está mais atenta às estratégias que possam favorecer as vivências afetivas de suas crianças, seja nas relações familiares ou escolares. E, por meio das experiências de vida, pelas privações materiais e afetivas a que foram submetidas, as famílias desenvolveram táticas de sobrevivência e defesa de suas filhas e filhos, netos e netas.

Dona Benedita expressa tais sentimentos, por meio de sua fala:

Então é aquilo né, na hora de brincar eu tinha que ter um café pra torrar, nem podia; dá 12 anos, 11 anos, torrando café, torradeira de café, e outra coisa. Aí no domingo, tinha vontade de sair com as meninas, eu tinha que pisar canjica, pisar arroz. Não tinha aquela possibilidade assim, da gente se divertir. A adolescência pra divertir, passear, brincar, não tinha. E na semana era aquela correria, trabalhando na roça carregando mandioca pra encher C10, não era balaio não, era umas bacias na cabeça, enchia como daqui na casa de Tia Dezinha, ou eu fazia ou eu apanhava, qual que eu queria? Eu cresci nessa vida assim. Aí, na semana era na roça, no final de semana era lavando roupa lá no tanque grande, levando os balaio, as bacias na

⁷ Programa de Pós- Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade- UESB/ ODEERE- Campus de Jequié, Bahia.

*cabeça, lavava lá, quando chegava em casa tava toda arrebetada, por isso eu tenho essa dor na perna e na coluna, é mais desses pesos que eu peguei sem poder, encher C10 de mandioca, lavar roupa lá no Tanque Grande, é difícil né? Quantas calças jeans não tem? Quantas roupas pesadas não tinha? **E eu relevei tudo porque a Mãe é tudo na vida, mas cê perdeu ela, cê não é nada nesse mundo não. Passa muitas coisas assim na minha cabeça, eu não suportava mais, eu tinha medo de viver, mas ou vivia ou apanhava né?** Então foi desse jeito assim, e quando foi pra mim casar, foi muito difícil, eu namorei 15 dias, (D. Benedita, avó de Alike,) - grifo meu.*

Observa-se na narrativa acima, que Dona Benedita teve, em parte, “uma vida - não -vívda” (CIAMPA, 1998) se considerarmos a sua infância e adolescência de afetos negados. Esses sofrimentos e privações são por ela justificados pela ausência da mãe. Em *Artimanhas da Exclusão*, Sawaia (2001) afirma ser:

No sujeito que se objetivam as várias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu. Mas ele não é uma mônoda responsável por sua situação e capaz, por si mesmo, superá-la. É indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente (2001, p.p, 98-99).

Importante perceber que esse sofrimento representado pela ausência de afeto materno vivenciado por Dona Benedita serviu de energia propulsora para ampliar seus cuidados e amor materno com suas filhas e filhos, netas e netos. Mesmo com sua infância difícil, ela teve a preocupação de não explorar as filhas e filhos ainda criança no trabalho.

Eu comecei a trabalhar com 16 anos, com 14 eu já fazia umas coisinhas, com 16 anos eu já peguei firme mesmo. Comecei trabalhando em fábrica de farinha, medindo mandioca, ajudante né. Depois com 16 anos eu já fui trabalhar nas outras coisas, prensa, forno só saí com quase 30 anos. Tem uns 5 anos que eu trabalho em construção como pedreiro, que eu aprendi trabalhando de ajudante em São Paulo. Observando eu aprendi e aqui na adolescência eu fazia... voltando ao assunto, eu fazia aqueles forninho pequenininho pra queimar o carvão e depois ia transportando nos carrinho que a gente fazia as entrega. Daí pra cá eu fiz aqui pra mãe um forninho já maior, ela fazia biscoito no grande eu botava fogo no pequeno e assava, aí o pessoal viu, gostou aí eu fiz em vários lugar. Depois comecei fazer os grandes com meu pai, de barro com tijolinho, aí depois desses fornos foi o serviço que eu trabalhei com ele foi nós trabalhando em cisterna, eu puxava a terra pra ele, também teve a etapa de abrir poço aí eu aprendi entroncando, aí aprendi um pouco pra ter noção de conhecer as ferramentas (Entrevista com Enzi, filho de D. Benedita, pai de Alike).

Como evidenciado, a relação de trabalho com o pai não era de exploração, mas sim como um meio de aprendizagem, onde aprendeu as primeiras técnicas para o ofício de pedreiro. Sua relação com as famílias também é zelo e admiração. A paternidade lhe faz bem:

Quando eu tô aqui tudo junto aqui, que elas tá tudo deitada no sofá assistindo, vai pro quarto que eu vou lá olhar antes deu deitar. Esse jeito assim de ter elas em casa com saúde, pra brincar é tão bom. O tempo que eu fico aqui, eu brinco elas. Elas pula no meu colo gosta muito de ficar as duas juntas, a outra não que já tá maiorzinha, mais quando era pequena era direto no meu colo. Teve uma vez que a gente tava em São Paulo e eu vim passear só eu e ela. Ela tinha uns 3 anos, eu trouxe, trocava fralda, inclusive quando eu voltei daqui pra lá, ela intétava doente, a passagem tava comprada. Sai daqui pro hospital de Cândido Sales, ela tava com febre cheguei lá passei ela no médico, ele passou o remédio e eu fui dando até São Paulo, lá ela recuperou, mais foi muito bom até hoje eu gosto demais de ficar com as crianças, quando eu fico longe é ruim demais, eu já acostumei com elas (Entrevista de Enzi, pai de Alika).

As narrativas de Dona Candiana reforçam as condições de sofrimento vivenciadas no passado e que, sobre alguns aspectos, continuam no presente.

Hum, a história da vida foi assim, lutar, trabaiaá, sofri muito, fiquei sozinha ai, sem pai, sem mãe, sem meu cumpanheiro, sempre vem lutano bastante. Dai de uns tempo pra cá, eu não sei o que qui acontece, me pegou uns pensamento besta assim, tem hora que eu tenho até vergonha de sair no meio de gente, parece qui pra mim eu num tô sabeno mas o outro de lá sabe uma coisa qui conta um pensamento besta, num trabaiei mais, eu num vou mais em lugar nenhum, já tem uns dez ano que tô nessa vida, presa com essa bestage só pensa coisa errada, um pé quente, parece que tá sabeno, vai ni um, vai ni outro gente fica meio assim acanhada (Dona Candiana, avó de Zarina e Zaki, 72 anos).

Jamilia, mãe de Kintu rememora a forma como fora criada por sua mãe, que exerceu a função de pai e mãe, bem como os desafios de educar os filhos nos dias de hoje:

Eu canso de falá, acho que até os meninos meu mesmo num foi igual eu fui criada, que mãe era assim era braba demais, ensinou nós assim, deu uma educação pra nós exemplar. Assim igual os povo falava assim “é Kadidja (mãe) soube criar os filho dela”... Que foi uma pessoa que não teve marido assim pra ensinar pro fi ter medo, mais ela foi uma mãe e um pai exemplar assim ensinou nós.. nós podia fazer coisa certa, num podia mexer ni nada dos outro, num podia brigar e com isso nós foi aprendendo né. Aí graças a Deus, mais hoje é diferente demais que hoje tem hora que os

meninoapanha, dá conseio, dá conseio...e nada (Entrevista com Jamília, mãe de Kintu, 02/03/2015).

Para ela, o fato de ter sido criada com a severidade da mãe, não lhe dá o direito de agir da mesma forma com os filhos. Sua opção ainda é dar conselhos, enquanto o marido é mais severo:

Meus meninos, meu netinho é bom demais, tem hora que marido fala que eu adulo demais, dou ousadia eles demais rsrsrs. Eu falo num é, eu num gosto de taespancano os bichinho não, se errar eu recramo, eu dou conseio, agora de bater não, e xingar assim eu num gosto muito não, que a gente já foi criado muito sofrido, apanhando, a gente vai querer o que a gente foi criado com os filho da gente né, agora se merecer a gente dá um puxão de orelha rsrsrs fala mais brabo. É sempre assim dando conseio eles, mais menino de hoje é triste, que cê tá falano mais eles...cê dá um conseio, ali na frente né nada do que a gente falou tá na cabeça deles. Saiu já, já tá é bagunçano...os menino de hoje é diferente assim...eu fico reparano num pode nem compará. Eu fico assim reparano de mãe mesmo a gente assim...sabe tratar as pessoas, é seu bem, Seu fulano, Dona fulana, assim o nome, hoje as crianças...o menino de hoje tem hora que não dá nem um bom dia. Já chega assim duro parecendo assim que durmiu junto com a gente...não é igual a criação nossa não(Entrevista com Jamília, mãe de Kintu, 02/03/2015).

Mesmo diante das dificuldades apresentadas por Jamília para educar os filhos. No decorrer das visitas, observações e pela convivência na escola foi possível afirmar que suas crianças partilham de sua educação, pois tem sempre a preocupação de pedir bênção e falar com os mais velhos com respeito.

Para criar condições de sobrevivência era necessário trabalhar e transformar possibilidades em realidade. As avós, Dona Benedita, Dona Candiana, e a mãe, Jamília, transformaram o estigma da exclusão em uma rede familiar firmada no apoio mútuo de relações familiares solidárias. Os filhos de um são de responsabilidade de todos. Isso foi perceptível no decorrer das observações nas famílias e na escola. De fato, as dificuldades ainda existem, mas há movimentos de transformação. Assim elas afirmam:

Muita dificuldade na vida pra poder viver, mas que agora, na era de pão, eu tô rica graças a Deus, só anda com a barriga cheia, não precisa trabalhar esse tanto mais, já trabalhou muito né, então eu desejo pros meus filhos também ficar tudo bem igual eutô aqui porque é bom demais viu. Você precisar de um vidro de remédio e ter condições de comprar, então aquele é um prazer que a gente tem na vida, e antes a gente pensava e não podia, muitas das coisas tá cara, mas graças a Deus né, pra comer não falta. (D. Benedita, avó de Alike).

Lu, graças a Deus, naquele tempo num tinha nem uma bolsa família num tinha um salarinho ficava trabaiano um diazinho de serviço se fizesse uma rocinha pra gente tinha valor, ai agora depois qui eu conseguir meu dinhirinho (aposentadoria) ai num trabalhei mais e ai agora para tudo fiado neuzozinha, encheu a casa, num faz nada, enquanto eu tava mexendo na roça... ai eu num trabalhei mais parô tudo, faz um pouquinho aqui, faz outro ali, mas era com as roça de mandioca, meus trabaim, agora num trabaio mais o salário num dá, é muita gente. Dá pra muita coisa, gente tem qui agradecer muito a Deus por esse dinheirim ai que Deus deu nós, mais é muita gente pra manter todo mundo. Duro faz a feira e vai tirando até acaba no dia de buscar o outro nem a passagem num tem, tem que ir e depois pagar tira tudo dali é uma conta de luz eas conta de luz agora endoidô é um plano de saúde qui paga, tudo pra mim quando faz a feirinha tem qui encolher muito senão não traz chego pago, cabo, mas graças a Deus quando eu aposentei (Dona Candiana, avó de Zarina e Zaki, 72 anos).

Quando eu era piquena desde novinha eu trabalhava... com uns dez anos eu já trabalhava mais pai, quando ele mais mãe separou eu tinha dezessete anos, mais eu já ajudava ele tomém. Que ele falava que o machim dele era eu que as outras filhas era tudo pequena. Era ele pegando roça e eu ia limpar mais ele, era ele todo final de semana trabaiaava pros outros quando era na sexta-feira ia arrancar mandioca, eu carregando meio saco de mandioca na cabeça, era eu...tinha hora que ele arrumava um jeguinho pegava a mandioca naquela carga era eu puxando a corda desse jegue assim siguro. Tinha hora que tomava da mão eu ficava chorando, tinha que vê... A vida minha não foi fácil não, foi desde de pequena eu trabaiaava mais ele assim limpando...eles também toda vida fazia a rocinha deles já eu ajudava foi assim, foi uma vida sofrida assim, mais eu dou graças a Deus que eu fiz tudo, hoje tô forte ainda e não arrependo que eu fiz não, foi pro bem né. Eu tinha que ajudar eles que eles não podia...Aí eu num arrependo de nada não (Jamilia, mãe de Kintu, 02/03/2015).

Nesse exercício de relembrar do passado, também se concretizam novas relações, que reverberam em outra compreensão da realidade vivida: a redescoberta de um passado de muito sofrimento, mas de um presente que aos poucos está sendo transformado e a esperança de um futuro melhor para seus descendentes (BOSI, 2003).

*Não desejo uma coisa dessa pra ninguém, o que eu passei, pra ninguém, porque não é fácil não, é muito difícil, você não ter nem um amigo, não ter ninguém, não foi fácil não, a pessoa que teve sua mãe que criou agradece dia e noite, pode tá morta, mas tem que agradecer dia e noite, **porque uma benção é uma vó e uma mãe, eu peço meus filhos pra dar muito valor pra eu e o pai, porque nós criou,** não foi judiado graças a Deus, quando dava um tapinha aqui, vixe, nós ficava triste, só que eu não dou risada pra não ficar ousado, não dava risada de jeito nenhum, eduquei eles assim, mas graças a Deus eu não passo vergonha com meus filhos não, eles é tudo educado, sabe conversar com todo mundo. Então, Lúcia, esse é um*

prazer que eu tenho na vida, porque nessa época que nós tá, você saber criar os filhos, tá educado, tá muito bom, e peço pra meus netos também serem igual meus filhos, eu peço tanto a Deus por isso aí, porque eu agradeço ele dia e noite, que o jeito que tá hoje né, essa renca... Graças a Deus não deu trabalho e nunca vai dar(D. Benedita, avó de Alike). Grifo meu.

Teve um dia mesmo que eu não esqueço assim eu vim pra cá, mãe já tava fraquinha já e ela...Oh! Jamília pega na minha mão e me leva na despensa pra mim pegar umas coisinhas pro cê (choro) eu segurando na mão dela e ela segurando assim na parede bem fraquinha eu num esqueço disso nunca. Assim quando eu lembro eu choro...eu levei ela na despensa pegou café, açúcar me deu arroz aí eu fiquei...num esqueço disso nunca...tem hora que eu tô assim só eu lembro... Os três anos e meio que ela ficou doente, que ela ficou na cama mesmo foi uns dois anos e tanto...não podia levantar pra pegar, pra trazer pra tomar banho era dois segurando nela...que a perna endureceu assim...ela num podia molecer assim a junta não...aí foi endurecendo perna, braço, as mãos, não mexia mais os dedos...foi bem difícil...não foi fácil não... Quando mãe morreu tinha 66 anos era novona ainda...luiu tanto pra criar nós, cabar veio esse derrame véio, quando ela tinha o salário dela que era pra descansar veio a doença véia e levou...não foi fácil não (Jamília, mãe de Kintu, 02/03/2015).

Mãe não forçou nóstrabaiá, mais ela sempre falava não pegar ne nada de ninguém se não eu pego cês e dou uma surra. Eu tô dessa idade, 34 anos, mãe me deu uma surra sozinha, mais que os meninos fez eu pegar uma goma dela e bagunçar, ela foi pra roça.Eu nem tenho que me queixar da minha infância, da minha mãe, não tem nada que reclamar de sofrimento (Betina, mãe de Zaki).

A relação de valor dedicado aos mais velhos, o sentimento de gratidão para com avó e mãe vai de encontro à cosmovisão africana, expressas nas palavras de Bâ (2013): “A mãe é a oficina divina onde o criador, trabalha sem intermediários, para formar e levar à maturidade uma nova vida. É por isso que, na África, a mãe é respeitada quase como uma divindade”. Nas famílias observadas, a figura materna representada pelas avós e mães se tornou valorativa para pensar as relações familiares enquanto elos com a formação de um indivíduo saudável, capaz de ampliar as vivências das crianças negras em diferentes espaços de socialização.

3.0 - CAPÍTULO II - APORTES DE REFERÊNCIAS: PONTILHADOS SOBREA CATEGORIA IDENTIDADE, RELAÇÕES RACIAIS E ENFRENTAMENTO DO RACISMO

“Necessitamos nos colocar no lugar do outro para compreender, por exemplo, a vontade de viver de um povo que emigra involuntariamente para o Brasil, sob a marca da maior crueldade da História da humanidade: a escravidão. Um povo que atravessa o Atlântico e produz milagres de fé, de vida, de civilização em terras brasileiras. E, nessa perspectiva, devemos olhar nossa brasilidade e nossa africanidade com encantamento. Sim, ser capazes de nos olhar no espelho e ter orgulho da nossa ascendência negro-africana, de olhar nossos estudantes brancos e negros e refletir sobre que memórias africanas seus corpos carregam. O mesmo pode ocorrer para nós, que precisamos convocar nossas histórias de vida e deixar emergir delas nossa dimensão africana de uma maneira positiva, com toda a sua riqueza cultural, existencial” (BRANDÃO, 2006).

As pesquisas voltadas para as questões étnicas e raciais no âmbito escolar têm se perfilado em diferentes temas, que, em sua maioria, alcançam resultados que se assemelham tanto no silenciamento quanto na vitimização da criança negra e não negra ao lhes serem negadas as possibilidade de estabelecerem relações baseadas na diversidade sócio histórica, cultural e étnica presente na sociedade brasileira e no respeito às diferenças.

Como um importante espaço de socialização, a escola, no plano das discriminações e desigualdades, tem servido à sua reprodução e, com isso, minimizado possibilidades de mobilidade educacional e social de crianças e jovens negros e indígenas. “A escola não necessariamente está atenta à relevância do clima escolar e das relações sociais para o desempenho escolar, que pode ser afetado por sutis formas de racismo que muitas vezes não são assumidas ou conscientemente engendradas”(ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p. 22).

A partir de trabalhos como os de: (Souza, 2003, Cavalleiro, 2003); (Fazzi, 2006; Abramovay e Castro, 2006), (Ferraz, 2011), (Gebera, 2014) e (Ferraz, 2015) foram evidenciadas atitudes de silenciamento no que tange aos conflitos raciais no âmbito escolar, ao mesmo tempo, que são afirmadas as atitudes e comportamentos preconceituosos nesse espaço de socialização. Mesmo ciente desse fato, um número significativo dessas pesquisas ficam na base da constatação e pouco tem

sido feito, na prática, para mudar essa realidade. “A ausência de um debate aberto e de uma orientação intencional e planejada por parte dos agentes socializadores” [escola e família], no sentido da superação de atitudes preconceituosas e discriminatórias têm favorecido a manutenção do preconceito e da discriminação racial (FAZZI, 2006, p.216).

Possivelmente, essa ausência de enfrentamento seja uma questão bem mais complexa do que se aparenta. Munanga (1999, pp.120-122) observa que o brasileiro foge de sua realidade étnica, de sua identidade e procura aproximar-se dos símbolos criados pelo dominador. Essa fuga, no entanto, não acontece de forma involuntária. É preciso compreender que por ela perpassa toda uma ideologia do sistema racial brasileiro, que “numa nação marcada pelas diversidades étnicas e raciais, não se observem fenômenos de afirmação de identidades”.

Na perspectiva da comparação entre a cosmovisão desses sujeitos e a realidade de diferenças quanto a desempenho entre alunos negros e brancos; e reverberando sobre os desafios de uma educação escolar que de fato assuma a sua responsabilidade nas trajetórias educacionais de seus alunos negros pautadas em desempenhos de sucesso e em formas de enfrentamento dessas questões raciais é que se firma nossa análise sobre a constituição de identidade da criança negra em seus espaços de socialização.

Nos estudos coordenados por Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro sobre relações raciais na escola: reproduções de desigualdades em nome da igualdade foram evidenciadas que os atores pesquisados tendem a negar que há práticas racistas nas escolas, e os xingamentos e apelidos de cunho racista são justificados, inclusive por professores, como “brincadeiras”. Todos tendem a se declarar contra racismos, o que, de alguma forma, colabora para que não se discutam e não se proponham formas de identificar sutis manifestações de discriminações e tratamento diferenciado a alunos brancos e negros, principalmente por professores, ou a reconhecer que os apelidos de teor racista, mesmo que aceitos pelos vitimizados, doem e causam abalos em seu psiquismo e barreiras identitárias. O comum é de novo a referência de que na escola todos são tratados como iguais (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006, p.29).

Frente ao exposto, é preciso considerar que as reflexões sobre o processo de socialização da criança negra presente na instituição escolar precisa ser levado a sério, perpassar o nível teórico e a constatação, para refletir em mudanças

concretas, pautadas em práticas educativas clivadas de delicadezas, que favoreçam as atitudes de respeito diante da diversidade sócio - étnicos e culturais presentes nesse espaço de socialização secundário, a saber, a escola.

Tais mudanças estão muito bem amparadas nos aportes legais da Lei. 10.630/03, cujo parecer oferece uma resposta aos anseios da população afrodescendente no sentido de reparar, reconhecer e valorizar sua história, cultura e identidade. Enquanto política curricular, tem suas bases firmadas nas dimensões históricas, sociais e antropológicas procedentes da realidade brasileira, e almeja combater o racismo e as discriminações que vitimiza de modo particular os negros. Para tanto, define como proposta:

À divulgação e produção de conhecimento, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial, para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos e sua identidade valorizada (BRASIL, 2013, p. 498).

Assim sendo, para responder os questionamentos que fizemos em busca dos caminhos possíveis para entender as dimensões de enfrentamento do racismo por crianças pequenas nas escolas, tivemos como bases metodológicas da pesquisa, a história de vida em psicologia social, a observação etnográfica e observação participante na escola, assim como o desenho infantil, que se revelou um caminho metodológico viável para as investigações de relações que envolvam indivíduo, sociedade e cultura, produções subjetivas e aspectos da coletividade.

3.1-A questão teórica da “Identidade em Psicologia Social”

Para falar de identidade, torna-se importante uma breve contextualização dessa categoria científica, que ocupa o lócus privilegiado na Psicologia Social brasileira contemporânea. As discussões que ora se configuram têm a pretensão ousadia de refletir especificamente essa importante categoria - identidade - que mesmo não sendo nova no âmbito acadêmico, pode, a partir da releitura de seus elementos conceituais, teóricos e metodológicos, produzir novos conhecimentos. Desse modo, favorecer a desconstrução de uma visão dicotômica e fragmentada que se tem do ser humano, para compreendê-lo em sua totalidade e complexidade. Trata-se de um exercício de refletir sobre, e não se prender às categorias, o que se

torna essencial na arte de apreender.

Essa contextualização trás como destaque e relevância os desafios que caracterizaram a psicologia social da década de 1980, no Brasil, a partir do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC/SP, pioneiro nos estudos psicossociais, cujas reflexões teóricas e metodológicas se firmaram em questionamentos sobre a possibilidade de alcance de uma práxis dos conhecimentos produzidos pela psicologia, que tivesse como resultado uma transformação significativa para as populações desfavorecidas no Brasil e na América Latina. “A questão da indissociabilidade entre teoria e prática representava o desafio da Psicologia Social” (LANE, 1995, p.71), atenta no desenvolvimento de uma prática que resultasse numa sistematização teórica.

Para contemplar tais reflexões sobre a psicologia social brasileira, representada pelo Programa de Estudos Pós- Graduaados da PUC/SP, Souza (2003) ressalva, que esta exibirá a partir da década de 1980, uma produção pequena se comparada ao cenário acadêmico brasileiro da produção psicológica, mas bastante razoável e significativa se considerar a condição desta universidade em manter um diálogo vivo da academia com as questões sociais, a partir da produção de dissertações e teses sobre Identidade, Movimento Negro, Adolescência e mestiçagem.

Sob essa condição de avanços teóricos e práticos na área da psicologia social, e na busca para superar as contradições fincadas no positivismo, que a identidade tem seus estudos firmados - em particular, na dissertação do então Mestre em Psicologia Social, Antônio da Costa Ciampa, (1977) intitulada “A identidade social e suas relações com a ideologia” e sua Tese de doutoramento (1986), “Da estória de Severino a história de Severina: um ensaio em Psicologia Social” – por meio de uma metodologia de pesquisa em bases materialistas históricas.

A partir de seus próprios questionamentos, o autor interroga e repensa não só a metodologia científica, como visa superar a prática de uma simples descrição identitária, ao negar a generalização e optar por um único estudo de caso/história de vida, como a própria psicologia social crítica. No viés de um trabalho interdisciplinar, precisa a questão da Identidade, como categoria fundamental para a Psicologia Social, e, quando cindida em Identidade-Metamorfose desvela a ideologia da não transformação do ser humano como condição para não transformação da sociedade

(CIAMPA, 1998).

Nessa assertiva, o real movimento da identidade pode ser traduzido pela expressão morte-e-vida. Uma dialética que torna possível desvelar o seu caráter de metamorfose e de cristalização, vida e morte, criação e destruição. Nesse movimento do materialismo histórico e da lógica dialética que se baseiam os pressupostos epistemológicos para a reconstrução de um conhecimento que se prenda ao cotidiano de cada indivíduo e promova uma efetiva transformação na rede de relações sociais que o define (LANE, 1995, p. 77).

Ao trabalhar teoricamente com um objeto abstrato - a identidade - Ciampa (1998, p.14), o define a princípio com uma negação “não é um personagem nem ficcional nem real” e, posteriormente compreende a identidade como um tema apaixonante, desafiante e pertinente tanto para a psicologia social, quanto para quase todas as ciências humanas e a filosofia. Pois, “Onde houver gente, haverá questão de identidade”.

No direcionar dessas relações sociais, em que cada pessoa desenvolve um sentimento a respeito de si, a partir de seus atributos pessoais, sua história de vida, de suas memórias, ancestralidade que lhes são conferidos pelos outros e por si, é que se firma uma das questões centrais no estudo da identidade: compreender a interação indivíduo em suas relações sociais. Sendo esse sujeito a criança negra, o estudo da identidade se configura como uma ferramenta necessária para intermediar as relações de conflitos entre igualdade e diferença, pois enquanto pertencente a grupo social se torna igual, ao mesmo tempo em que se diferencia na sua singularidade de sujeito.

Nesse sentido, ao se valer do conceito de identidade, enquanto questão teórica em Psicologia Social, Ciampa (1998, p.127) reitera que “cada indivíduo encarna as relações sociais configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma “vida-que-nem-sempre-é-vivida” no emaranhado das relações sociais”. Sendo assim, as sociedades são formadas pelas identidades, ao mesmo tempo em que as formam. A identidade assume assim, o seu caráter científico, acadêmico e, sobretudo, social e político.

Sob outra perspectiva, Hall (2014) diferencia três concepções de identidade: 1) as do sujeito do iluminismo, como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cuja base se firmava desde o nascimento e com ele se desenvolvia contínua ou idêntica a ele, no

decorrer de sua existência humana. Assim, se formava uma concepção individualista do sujeito e da identidade dele; 2) o sujeito sociológico refletia a complexidade do mundo moderno com consciência de que não lhe bastava ser autônomo e autossuficiente, pois era formado na relação com outras pessoas importante para ele, ao mediar os sentidos e os símbolos da cultura dos mundos que ele ou ela habitava. Assim, a identidade era formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade;3) o sujeito pós-moderno tem seu processo de identificação projetado em identidades culturais, com um caráter provisório, variável e problemático. Esse processo produz um sujeito pós-moderno conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretado nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2014, p. 12-13).

Assim, ao pensar a identidade torna-se importante considerá-la como uma categoria que se firma dentro de uma área entre fronteiras científicas, pois a mesma não está presa à psicologia, como afirma o próprio Ciampa (1998, p.14). Outra questão fundamental para quem pesquisa identidade se esbarra em desvelar, a cada momento, em cada ação, em cada relação com o mundo social, que a consciência desenvolvida pelo indivíduo sobre “quem sou eu?” depende de sua percepção individual, mas também das suas relações construídas socialmente, do olhar do outro. Os acontecimentos cotidianos de cada pessoa geram sobre a mesma a formação de uma imagem de si, que se constrói de uma forma gradativa, ao longo de experiências de trocas com o “outro”.

Nesse sentido, o estudo sobre o processo de constituição da identidade da criança negra e as formas de enfrentamento do racismo se revelou desafiador e promissor para entender as questões que permeiam a constituição e a organização das formas de subjetividade dessa criança, a partir das considerações sobre a sua família, condições afetivas, emocionais e intelectuais; sua percepção de si neste contexto e sua inserção e circulação no âmbito escolar a partir do convívio com figuras extensas como professores, funcionários da escola e seus pares.

Necessário se faz entender como a família relaciona-se com sua(s) criança(s) e os possíveis elos com a formação de um indivíduo saudável na perspectiva interdisciplinar entre psicologia e educação. E ainda, como a escola organiza o campo das relações étnicas com as crianças (negras e não negras) considerando os

elementos socioculturais de ancestralidade étnica, família, discriminação e preconceito; bem como as possíveis estratégias que são elaboradas pelas famílias e pela escola das crianças investigadas, que podem ou não favorecer suas vivências afetivas nessas duas instâncias socializadoras.

Esses são os indicativos norteadores desse trabalho que buscou uma aliança interdisciplinar entre campos distintos- o campo educacional, da psicologia social, da antropologia e da psicanálise- que se complementaram numa parceria de estudo sobre a temática da criança negra, sua identidade, subjetividade, relações escolares e familiares, na busca por ampliar a percepção desta criança como um sujeito social e histórico produto e produtor de cultura.

Segundo Souza (2003, p.32), os estudos realizados por estes campos disciplinares, (história, educação, ciências sociais), dentre outros no Brasil, vêm se tornando cada vez mais numerosos e consistentes e em muito vêm colaborando e ampliando as condições de pesquisadores de diferentes especialidades para apreender seu objeto de estudo quando este está relacionado à temática negra.

Apresentamos assim, algumas pesquisas do campo da psicologia social que trazem como cerne a temática negra. E serviram para ampliar o olhar sobre a complexidade que envolve esse estudo no campo interdisciplinar

3.2. Como *Baobá*⁸, “a árvore da vida”...

O Núcleo de Estudos e Pesquisa Identidade e Metamorfose- NEPIM, para estudos de Identidade Social em Psicologia Social da PUC/SP, rendeu frutos vindouros, e, ao estender suas raízes, conseguiu dar os primeiros passos no campo de discussão da psicologia social com temas que passaram a investigar e refletir sobre a relação do indivíduo e sociedade, dentre estes: Identidade Social, Movimento Negro, Adolescência, Mestiçagem, Racismo.

É preciso um ato de amor para tomar uma categoria ou um conceito para si, trabalhar o mesmo como um burilador e devolvê-lo com a riqueza de alternativas, para alçar novos voos em outros trabalhos e contribuir de modo que a ciência e suas

⁸Para os africanos, trata-se de uma árvore símbolo de onde se colhem histórias. Mesmo com nomes diferentes: Baobá, Embondeiro e cientificamente *adansônia*, esta árvore é reconhecida por todos, porque ela vive muito. Mais de cem, de mil, até seis mil anos. “A sabedoria é como o tronco do embondeiro. Uma pessoa sozinha não consegue abraçá-lo” (LIMA, Heloíse Pires. A semente que veio da África. 2. Ed.- São Paulo. Salamandra, 2005).

teorias cumpram sua verdadeira função, transformar a realidade do indivíduo e, em extensão, a sociedade. Assim o fez Antônio da Costa Ciampa, como precursor dos estudos sobre identidade, uma categoria base da Psicologia Social, numa persistente busca da identidade, da atividade e da consciência.

Quando não se curvou diante do poder do positivismo, em sua pesquisa de mestrado, “A identidade social e sua relação com a ideologia”, ele planta as primeiras sementes que, ao germinar, floriu em questionamentos profundos e o levou a repensar tanto a metodologia quanto a própria psicologia social. Em sua pesquisa sobre identidade-processo-metamorfose, ele amplia o sentido de identidade que passa a ser também uma questão política, uma vez que nela está imbricada tanto a atividade produtiva de cada indivíduo, quanto as condições sociais e institucionais onde esta atividade ocorre (LANE, 1998, pp. 9-11).

A fim de considerar algumas discussões fomentadas pelos estudos de Identidade em psicologia social apresentadas a seguir, um quadro síntese de algumas dessas produções (dissertação e tese), orientadas pelo Professor Doutor Antônio da Costa Ciampa. Isso para mostrar a importância da psicologia redirecionar seu olhar para temáticas e povos silenciados e esquecidos por essa ciência. De fato, mesmo esse olhar parcial sobre os trabalhos evidenciou que no âmbito da pesquisa social, da reflexão crítica e das propostas de transformação da sociedade, a participação de todos os campos de conhecimento se faz necessário.

Segundo Munanga (2000), pensar o objeto de estudo, a máxima é que o considere em todas as suas dimensões, inclusive na tessitura da esperança e da solidariedade, da emoção e da razão, que devem ser vistas hoje como parceiras incondicionais em qualquer processo de produção de conhecimento e não como rivais. Assim, o pesquisador "de fora" e o "de dentro" se completam mutuamente num exercício de colaboração entre ambos, e enriquece o desenvolvimento da pesquisa sobre a realidade do negro.

3.2.1. “O processo de formação de identidade de estudantes negros que ingressaram no ensino superior pelo sistema de cotas ProUni: a questão da ação afirmativa”.

O primeiro trabalho a ser apresentado, cujo tema está supracitado, diz respeito a uma dissertação de mestrado, de autoria de Rozangela da Piedade Leite, defendida

em 2009. A pesquisadora parte de uma reflexão para entender o impacto de uma política de cotas raciais no processo identitário de um estudante negro, para perceber como este sujeito se reconhece e é reconhecido no cerne dessa política.

O *lócus* da pesquisa foi a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas) - campus Coração Eucarístico e São Gabriel, na cidade de Belo Horizonte. Os dados foram coletados em 2008 e a seleção dos estudantes/participantes teve por base os seguintes critérios: ter se autodeclarado como negra ou negro, ter bolsa integral e ingressado na universidade por meio das reservas de vagas para cotistas. Foram selecionados nove estudantes, cinco homens e quatro mulheres, ingressos nos cursos de Letras, Fisioterapia, Administração, Ciências Sociais, Psicologia e Farmácia. Após entrevistas e considerando o tema da pesquisa, foi selecionado o estudante de Psicologia, por ter sido o único que deixou explícito os motivos que o levaram a se autodeclarar como negro. Em sua fala, foram evidenciadas particularidades sobre o funcionamento do programa, o que favoreceu o crescimento da pesquisa (LEITE, 2009, p.114).

Fez-se também necessário a investigação do contexto em que se firma uma política de Ações Afirmativas com cotas raciais, cujo cerne é a inserção da população negra e/ou afro-brasileira em espaços diversos que, historicamente, não lhes foi permitido o acesso, a exemplo, das universidades. Tal análise evidenciou o predomínio das cotas sociais em detrimento das raciais. A forma de organização desse processo, tem resultado em um meio de manipular a identidade de estudantes negros, pois não há uma preocupação em oferecer informações satisfatórias para uma avaliação significativa da política de Ação Afirmativa. No entanto, diferentes iniciativas têm sido desenvolvidas pelas universidades, seja no sentido de garantir a permanência do estudante no campo universitário, como para lhe proporcionar um espaço afirmativo de sua identidade. Ainda que tímidas essas ações resultam em uma sensibilização da comunidade acadêmica no fomento de debates sobre as questões étnicas e raciais (LEITE, 2009).

Continuando, a autora confirma que as experiências positivas dos estudantes cotistas, se comparadas aos não cotistas, é uma resposta satisfatória que contraria as profecias dos opositores a essa política. Mesmo diante das dificuldades socioeconômicas, um ensino médio insatisfatório, o enfrentamento e superação de situações de discriminação racial desde os primeiros anos escolares, esses sujeitos

não se curvaram ao re-significar suas trajetórias e suas identidades na busca pela emancipação de sua própria história.

O protagonismo revelado pela história de vida de Eduardo- participante da pesquisa- deixa em evidência a sua resistência que pode ser referendada na sua ancestralidade. Ao não se curvar frente às adversidades, dúvidas, incertezas e sofrimentos psíquicos, ele consegue reconstruir seu movimento de metamorfose em busca de emancipação. E o mais significativo, lhe foi permitido conhecer outras histórias do povo negro, sendo-lhe revelado que também ele é fruto de uma geração que teve acesso a uma única história, que ocultou a luta política do negro e o significado de sua rica cultura para o processo de formação da identidade desse povo e de toda a sociedade brasileira.

3.2.2.

“Identidade de Jovens Negros nas Periferias das Metrôpoles: recortes entre São Paulo e Paris.”

Esse trabalho supracitado é a tese de doutoramento da Doutora Regina Marques de Souza Oliveira, defendida em 2008. Ele se insere no estudo da psicologia social em que se abordam os processos de construção de identidade do jovem negro e mestiço nas periferias das metrôpoles São Paulo e Paris, sem fins de comparação, mas numa visão transnacional.

A autora parte de quatro bases conceituais para firmar suas análises: ciências sociais, psicologia social materialista histórica, psicanálise e geografia humana, na busca por compreender identidade e processos subjetivos de jovens negros e não brancos no trânsito das metrôpoles globalizadas.

Pensar a identidade é também considerar a noção de projetos, como direciona a psicologia social na perspectiva identidade, metamorfose, emancipação, uma vez que as jovens participantes desse estudo foram capazes de atualizar experiências vividas por outras pessoas no contexto histórico e tomar para si atitudes capazes de alterar seu contexto futuro.

Outro ponto de grande relevância evidenciado no contexto do trabalho foi o não silenciamento dos sujeitos frente às atitudes discriminatórias sofridas. Ao serem capazes de defender seus direitos de humanidade e igualdade, mesmo que seja na simples ação de reclamar junto à família as situações de discriminação, essas

jovens demonstram um grau de crescimento psicossocial⁹, ou seja, uma mudança dos sentidos subjetivos e identitários que provoca a mobilidade no discurso e também nas ações cotidianas.

A partir das conclusões da autora foi possível entender que a identidade do jovem negro na periferia da metrópole possui o registro - memória - consciente e inconsciente de seu passado histórico interpretando o presente na dialética de uma nova linguagem - gramática - que se projeta para o futuro - vir a ser.

Ao trilhar pelos caminhos dos teóricos que ousaram pronunciar outras vozes no âmbito da psicologia e da psicanálise, a doutora Regina Marques de Souza Oliveira direciona uma crítica para si e para os seus colaboradores na construção dos sentidos sobre identidade e psiquismo negro. O seu anseio é por uma superação da hegemonia branca na pesquisa, que se configura numa estética de dizer no universo branco.

De fato, as construções teóricas dos pesquisadores negros sobre si, seja no campo da psicologia ou em tantas outras áreas de conhecimento, assumem um caráter de positividade, uma vez que, só o negro pode dizer com profundidade o que é ser negro ou “tornar-se negro” (Souza, 1983), numa sociedade de relações complexas como a brasileira.

No entanto, considerando o campo da pesquisa social, cuja pretensão seja o fomento de uma reflexão crítica para uma proposta de transformação da sociedade, torna-se imprescindível a participação de todos, sem discriminação de sexo, cor e de credo. Com isso, não se pretende minimizar a capacidade do negro de assumir o poder do discurso sobre seu próprio destino, cuja razão e emoção se abraçam como parceiras inseparáveis na qualificação de sua produção de conhecimento. Como exemplo, tem-se os próprios trabalhos de Souza (2003); Oliveira (2008), que em sua dissertação e tese, assim como em outras produções, evidencia seu olhar diferenciado ao falar do negro, desmistificando o seu papel de vítima, para evidenciar a luta política de quem não se curvou frente ao feitor e não se curvará diante das injustiças que ainda são expostas.

3.2.3. “De Oyá-Ile a “Ilêyo”: Xangô e o patrimônio civilizatório nagô na identidade de um rapper afrodescendente.”

⁹Essas reflexões resultam das discussões apresentadas às páginas 108-109 da tese de doutorado de Regina Marques de Souza Oliveira.

As reflexões a seguir tiveram por base o trabalho de mestrado da pesquisadora Liliane Pereira Braga, cujo título está acima em destaque. A sua premissa foi compreender como o patrimônio civilizatório dos iorubas - conhecidos como nagô no Brasil- possibilita que as identidades afrodescendentes se firmem num sentido emancipatório ao respeitarem a liberdade das diferenças com a valorização da igualdade social.

A partir da história de vida de Ilícito, um rapper que empunha o microfone para fazer “seu canto falado”, ao falar de negritude, antirracismo e valorização das raízes negras, brancas e indígenas brasileiras, foi possível conhecer um percurso cheio de embates, que o possibilitou reconhecer sua afrodescendência na construção de sua identidade de branco, por meio de um conjunto de significados herdados do patrimônio civilizatório nagô na sociedade brasileira e em sua própria história (BRAGA, 2007, p.114).

Seu processo de construção identitário se configura num todo complexo. Ele se aceita como branco, mas não “esse branco”. Ao reconhecer sua branquitude¹⁰, ele entende que todo brasileiro é afrodescendente. Assumir-se branco é um processo, ao mesmo tempo em que carrega um sentimento de pertença à identidade afrodescendente. Assim se constitui o complexo processo de construção da identidade humana, de metamorfose, de vida morte-e-vida de Ilícito. A presença/consciência da mistura lhe permite concretizar essa afrodescendência (BRAGA, 2007, p.115).

Foram evidenciados no decorrer dessa pesquisa um conjunto de significados com pretensões democráticas de uma cultura particular, que podem ser partilhados com representantes de outras culturas. Por exemplo, o conjunto de significados presente na cultura nagô que se mostra adequado para pensar o conceito de emancipação aqui presente, a se considerar como condição de um diálogo entre culturas diferentes.

A compreensão da identidade afrodescendente de Ilícito exige que se compreendam os anseios de uma sociedade que preze a diversidade humana, em

10 Na Psicologia Social, “branquitude” é o conceito relacionado aos traços da identidade racial do branco como representação do padrão universal da humanidade, que impõe o branqueamento sobre todos os não brancos. O cerne da branquitude é a não percepção da discriminação e a resistência dos brancos em abordar assuntos de cunho racial. E um de seus sintomas é o não reconhecimento das desigualdades raciais e sua relação com a discriminação (Bento, 2014).

que todos possam ser tratados como iguais em suas diferenças. “É, portanto, compreender um projeto ético de luta pela emancipação humana” (IDEM, p.153).

3.2.4. “Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões da psicologia social e da psicanálise.”

Como último trabalho a ser apresentado neste quadro-síntese, essa Dissertação de Mestrado da Doutora Regina Marques de Souza Oliveira tem um significado singular, pois se configurou como uma importante base teórica e metodológica da nossa pesquisa - *Identidade negra e processos subjetivos na infância: formas de enfrentamento do racismo*.

Tal base se firma quando a mesma afirma que:

A ênfase do estudo se encontra na análise dos aspectos constituintes do psiquismo infantil da criança cuja etnia e cor descenda do negro africano. Nesta direção é que este estudo busca a reflexão sobre a constituição da subjetividade da criança negra, a gênese de suas condições de estruturação identitária, suas intermediações com a cultura e ambiente social objetivo, (família, escola, sociedade) considerando que esta criança faz parte desta grande maioria de excluídos das condições básicas de assistência ao desenvolvimento, não só material, mas também afetivo, emocional. Violentados no plano psíquico, dadas as formas e condições de considerações sobre o negro no Brasil e no mundo. Este estudo focaliza suas condições psíquicas, sendo este – **o psíquico** - o ponto de apoio básico para prosseguimento destas reflexões (SOUZA, 2003, p.26).

Para fundamentar suas discussões, a autora parte da análise sobre a formação psíquica e construção da identidade na criança de ascendência negra a partir de abordagem teórica do estudo da psicologia social e da psicanálise, através dos autores Antonio da Costa Ciampa e Donald Woods Winnicott.

Prenuncia de modo conclusivo sobre a esperança como a base fundamental na transformação da consciência dos sujeitos para a (re) construção de uma nova ordem social humana e universal, sempre a considerar o ponto de vista e a contextualização social de cada um.

Seu trabalho ganha significado ímpar quando a mesma partilha de algumas das suas vivências/experiências, como um quadro ilustrativo, para se pensar as noções de família negra, diáspora negra e colonização enquanto fatos históricos e subjetivos importantes na formação psíquica e processo de construção de identidade na criança, fornecendo as bases para seu desenvolvimento. Conteúdos

pessoais, subjetivos e objetivos, são trazidos a fim de refletir sobre a singularidade humana e os sentidos de existência de cada pessoa. Ao informar sobre a especificidade da vida de um sujeito (a memória da autora), tem-se a intenção de assegurar a comunhão universal com todos os outros homens – povos e culturas. A história de vida como aproximação da consciência para a interpretação e articulação do sujeito à história social (SOUZA, 2003, p.08).

Esse valorizar da história de vida dos próprios sujeitos, suas experiências presentes e seus rastros da ancestralidade acabam por se revelar uma forma de garimpar o que de mais precioso está escondido, na construção do seu “eu” em sua relação com os “outros”.

A cultura negra ao ser pensada, vista e valorizada como patrimônio humano de todos, favorece a formação da identidade negra e afrodescendente não só da criança, mas de todos os indivíduos que assim se veem e são vistos nessa categoria e cujos anseios sejam a construção de uma sociedade que preze a diversidade humana, em que todos possam ser tratados com igualdade em direitos, nas suas diferenças.

3.3. No trilhar do caminho: “tornar-se negro”, uma identidade enfrentamento.

Ao perceber o sujeito/criança enquanto ser histórico-social e cultural, cuja identidade se encontra em construção, amplia-se as possibilidades de entender a identidade como um processo contínuo de transformação, entendido como metamorfose, que envolve os aspectos biológicos, psicológicos e sociais de cada ser humano. Essas transformações dinâmicas se dão ao longo do tempo de vida e a partir das relações sociais que permitem a cada um observar e assumir papéis, com o respaldo da memória.

Compreendida a partir desse olhar, a discussão da identidade poderá contribuir para uma mudança individual ou coletiva de postura, frente à criança e sua infância, o que se consolidaria em relações de igualdade e de respeito, como base para o desenvolvimento Humano.

Sob essa assertiva, se configura o lugar de onde parte essa discussão. De um caráter político, que se processa em uma dinâmica de construção e desconstrução de verdades individuais e também coletivas, constituídas no âmbito de um processo histórico. É nesse processo histórico, que se deve entender a

identidade e a identidade negra no Brasil, sendo esta última de mais difícil compreensão “num país onde quase não houve um discurso ideológico articulado sobre a identidade ‘amarela’ e a identidade ‘branca’, isso porque esses não passaram por uma história semelhante a dos brasileiros coletivamente portadores da pigmentação escura” (MUNANGA, 2012).

De fato, na sociedade brasileira, ser possuidor de uma pele branca se apresenta como passaporte para uma vida de probabilidades maiores de sucesso se comparado com quem possui a pele não branca. O branco ainda é pensado no imaginário social como um padrão universal, neutro e destituído de racialidade, o representante perfeito da espécie humana, assim, carrega consigo os privilégios não visíveis de sua “luminosa transcendência” (CARONE; BENTO, 2014).

Parte dessa análise trás em seu bojo a necessária compreensão da categoria identidade, fundamental na Psicologia Social para ampliar o entendimento de que todas as identidades silenciadas podem ser analisadas quando inserida numa perspectiva de um sujeito que é individual e também coletivo.

Para tanto, o sujeito/objeto desta pesquisa - a criança negra e seu processo de construção da identidade - exige ser analisado no campo histórico, social e cultural de um ser que busca a si mesmo na relação com o outro. Trata-se de uma criança negra que não está predestinada à insignificância. Não lhe deve ser negada a sua história enquanto sua origem de pertencimento e demarcadora de identidade. A sua representação deve ser firmada e afirmada no seu jeito de pensar, ser e agir.

A partir dessa lógica, deve-se ampliar o campo de análise e abordar a problemática da identidade. Aqui compreendida como “metamorfose”, uma vez que nunca se completa sendo constante o vir a ser; o movimento. Torna-se importante esmiuçar como se estabelece as reflexões teóricas sobre identidade, de como estas são extremamente fecundas e apontam diversos caminhos.

Assim, por sua adequação ao objeto e clareza de interpretação, assumimos uma vertente de interpretação tomando como uma das referências a discussões apresentadas por Antônio da Costa Ciampa, a partir da entrevista de história de vida em Psicologia Social, cuja memória assim como a história, tem uma representação ímpar para entender o processo de constituição da identidade. O material extraído da memória, seja de documentos, seja de material oral narrativo, revela-se assim, a partir do registro da memória, um recurso metodológico por excelência. Para os antropólogos, a memória é o grande reservatório humano, com ela torna-se possível

compreender não só a dimensão subjetiva do vivido, mas também como são construídas as teias de significação da vida dos sujeitos (SOUZA, 2003, p.61).

Ao entender a memória como um fenômeno que é construído nas relações sociais e também na individualidade, torna-se possível dizer que há “uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. Identidade esta, que é construída no sentido da auto representação, que reflete nos/e para os outros. Isso porque precisa de critérios de referência, como “aceitabilidade”, “admissibilidade” e “credibilidade”, que dependem de negociação e acordo entre os pares (POLLAK, 1992, p.05).

Torna-se importante mensurar, que nas entrevistas de história de vida são recolhidas as memórias individuais, ou no caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o grande desafio a ser vencido é saber como efetuar uma interpretação desse material, de modo que resulte em melhores condições de entender os processos de constituição de identidade do sujeito, a partir das narrativas, que são configuradas através das suas memórias reservada em um contexto de interpretação individual do social.

Na configuração dessa pesquisa, as histórias de vida a serem recolhidas são dos pais e avós das crianças, pois consideramos tratar-se de memórias que podem refletir o olhar desse grupo sobre as mesmas e ampliar o campo de análise sobre a identidade desses sujeitos.

A memória é a interpretação realizada pelo sujeito sobre sua vida, em suas relações com a história social da qual participa. Sob essa ótica, ao falar de identidade, Ciampa prioriza o método da história de vida para entender a complexidade das relações sociais que formam a identidade do sujeito. E a partir da leitura da psicologia social busca entender a relação subjetiva do sujeito com o contexto histórico e social. Essa identidade enquanto totalidade pode ser imaginada a partir de diversas combinações. Mas trata-se de “uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, ao mesmo tempo una”. Mesmo nessa contradição, por mais variada que seja, “sei que sou eu que sou assim, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança” (CIAMPA, 2012, p. 61).

Ao considerar que a identidade é um fenômeno social e não natural, que se concretiza no “reconhecimento recíproco dos sujeitos identificado através de um determinado grupo social, que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas e seus interesses” é possível entender que a identidade

negra, na sociedade brasileira, se configura de forma fragmentada, uma vez que há uma negação do pensar, do agir, do sentir do negro (MUNANGA, 2012, p.10).

O mesmo autor apresenta quatro fatores como constitutivos da identidade negra, enquanto categoria de auto definição, ou seja, do ponto de vista da comunidade negra, a partir do seu movimento social e político, são eles: a história, a cultura, as línguas e o fator psicológico.

Ao que se refere à história dos negros, a versão conhecida foi apresentada sob o ponto de vista do “outro”, nesse caso, o colonizador europeu, quando não, pela elite letrada sob as influências externas clivadas pelo sentimento de superioridade. Essa é a história oficial, representadas nos documentos oficiais, cujas narrativas são dos vencedores e não dos vencidos. O negro teve sua história silenciada e/ou contada de forma depreciativa.

Analisar a história do negro na sociedade brasileira é ferir a alma e o pensamento. Primeiro, por ter revelada, memórias antes veladas e desprezadas; segundo, por reconhecer que nem sempre o domínio desse conhecimento resulta em transformação positiva dessa realidade.

No entanto, o próprio Kabengele Munanga indica algumas possibilidades de enfrentamento quando afirma que o ideal é encontrar o fio condutor da verdadeira história do negro que o liga à África sem distorções e falsificações. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo. É a razão pela qual cada povo faz um esforço para conhecer e viver sua verdadeira história e transmiti-la para as futuras gerações, (MUNANGA, 2009, p.10).

A cultura enquanto fator de constituição de identidade apresentado pelo autor, tem se revelado uma barreira para o negro, tendo em vista que no imaginário de grande parte dos brasileiros está imbricada a ideia de inferioridade do negro escravizado, como não representante de valores culturais. Contraponto tais afirmativas, Munanga (2012) defende que “os aportes culturais dos africanos fazem parte do cotidiano de todos os brasileiros: culinária, artes musicais, visuais, religiões [...] de fato, a cultura brasileira no plural foi modelada pelos aportes da população negra”. O resgate e a valorização destas contribuições culturais pode representar um esforço significativo para desconstruir tais afirmativas preconceituosas e discriminatórias sobre o negro.

Também enquanto fatos constitutivos de identidade, “as línguas” dos afrodescendentes foram as mais prejudicadas nas relações escravistas, uma vez que as estratégias utilizadas pelos escravizadores eram de separação dos negros escravizados de seus pares étnicos, dificultando a comunicação.

Um dos espaços de resistência da linguagem africana enriquecida pela língua portuguesa são os terreiros “religiosos” do candomblé, com a “língua de santo”¹¹ que serve de comunicação entre os humanos e os deuses. São constitutivas de identidades no plano da religiosidade negra (MUNANGA, 2009, p.14).

Compreender a importância dos falares africanos nesse processo de evolução linguístico da língua portuguesa é também considerar o negro como sujeito de sua história com potencialidades ímpares, pois, mesmo ao ser escravizado, estes promoveram uma “socialização linguística” através de elementos do seu universo cultural e emocional, que representa na atualidade um potencial significativo da diversidade cultural brasileira.

Por último e não menos significativo, o fator psicológico é considerado por Munanga (2009) como constitutivo de identidade. No entanto, este deve ser analisado a partir das relações históricas, sociopolíticas e culturais e não com bases em diferenças biológicas. O psiquismo, assim como o inconsciente, não tem cor. Somos todos iguais do ponto de vista biológico. Se perceber negro é na verdade uma construção social, política e cultural, que pode ser favorecida pelo fator psicológico.

Descartando o valor cromático para o psiquismo, torna-se necessário um parêntese para situar uma das mais calorosas construções da psicanálise sobre os malefícios do racismo no psiquismo do negro. Trate-se da tese de doutorado de Neusa Santos Souza, cujo resultado foi o livro “Tornar-se negro”.

¹¹ A língua-de-santo é a fonte atual dos aportes lexicais africanos no português do Brasil, e a música popular brasileira é, hoje, o seu principal meio de divulgação, em razão de muitos dos seus compositores serem membros de comunidades afro-religiosas, como foi Vinicius de Moraes e, atualmente, Caetano Veloso, Gilberto Gil e tantos outros de igual grandeza, entre os quais os compositores de blocos afros e afoxés da Bahia. Exemplo relevante é a palavra axé (de étimo fon/iorubá), os fundamentos sagrados de cada terreiro, sua força mágica, usada como termo votivo equivalente a “assim seja”, da liturgia cristã ou então “boa-sorte”, que terminou incorporada ao português do Brasil para denominar um estilo de música de sucesso internacional, tipo “world-music”, produzida na Bahia e conhecida por todos como “axé-music”, (Yeda Pessoa de Castro. A influenciadas línguas africanas no português brasileiro.

O livro se apresenta como uma denúncia feita de depoimentos que falam por si. Trata-se de um empréstimo de talentos oferecidos pela autora, em prol dos silenciados, por meio da sua generosidade e firmeza intelectual [...] a sua leitura e análise não pode ser caracterizada pela frieza do rigor científico. O que não minimiza a sua validade de um saber produzido nos ditames dos teórico-metodológicos exigidos pela academia. Seu diferencial é o discurso de denúncia pautado na dor que cria a noção; a indignação; o conceito; a dignidade (COSTA, 1983, p. 01).

Essas marcas de sofrimento têm sido imprimidas no imaginário do negro e do não negro durante todo o período da escravidão, cerca de três séculos e meio em que os negros escravizados foram tidos como mercadoria, cujo objetivo era manter o lucro dos senhores. E se consolidou na pós-abolição, quando a realidade destes continuou marcada pela inferioridade e desprezo. O negro foi colocado como alguém incapacitado para a cidadania.

O próprio movimento negro abolicionista prezava pela alienação do negro de sua própria história, com sua visão assimilacionista, disseminando a sua passividade e desinteresse. Essa distorção do mundo aos negros objetivava sobrepô-los à conduta dos homens brancos e manter a integração social. Os negros e mestiços eram considerados incapazes de interiorizar sentimentos “civilizados” sem que antes as virtudes étnicas dos brancos os impregnassem, quer por seu exemplo moralizador, quer pelos cruzamentos inter-raciais (AZEVEDO, 1987, p. 62).

Como o que se buscava era a reafirmação da diferença, não houve por parte desses intelectuais uma preocupação com a realidade social da maioria negra, agora entregue a própria sorte. Somando-se um mito após o outro, inferioridade, vagabundagem, incompetência foi-se esboçando o perfil do homem negro como não cidadão e marginal. Essa visão racista que buscava afastar negros e brancos para que não houvesse misturas, nem um maior enegrecimento do país operava em várias esferas: provar a todos de maneira sutil a inferioridade dos negros e superioridade dos brancos; atestar que no Brasil nunca houve barreiras raciais, todos eram tratados igualmente - estratégias contra possíveis revoltas - gerar um sentimento de repulsa do branco pelo negro e de resignação do negro diante de sua própria inferioridade (SANTOS, 2005, p. 119).

Tais ideias foram tão bem buriladas no imaginário dos negros e não negros, que o desafio maior que ora se enfrenta para a constituição de relações menos desiguais, se esbarra num fenômeno de grande complexidade, o preconceito e a discriminação racial.

No prefácio do livro Psicologia social do racismo, Munanga (2014, p.09)

compara metaforicamente o preconceito racial a um iceberg, tendo este em sua parte aparente, a representação das manifestações de preconceito e práticas discriminatórias, que são visíveis nos comportamentos sociais e individuais, enquanto que a parte submersa do iceberg corresponderia aos preconceitos não manifestos, que se mantêm ocultos no imaginário dos indivíduos, bem como as consequências dos efeitos da discriminação na estrutura psíquica das pessoas, inclusive as crianças, já em seus primeiros anos de vida

Segundo as ideias de Neusa Santos Souza (1983), o racismo pode ser representado sob três traços de violência: o primeiro, violência intrapsíquica em que o racista exerce a impiedosa tendência de destruir a identidade do sujeito negro; segundo, é o de estabelecer por meio da cor, uma relação de perseguição entre o sujeito negro e seu corpo, tendo em vista que a identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o próprio corpo; terceiro, a partir da estigmatização da cor, ao podar a dimensão de prazer do corpo negro, também perverte o pensamento do sujeito privando-o da possibilidade de pensar o prazer, e do prazer de funcionar em liberdade. Assim, ela afirma que:

O pensamento do negro é um pensamento sitiado, acuado e acossado pela dor de pressão racista [...]. Com as marcas da discriminação sofrida, o sujeito negro guarda para si a condição de inferioridade e se percebe incapaz de reivindicar sua condição de igualdade, pois seu corpo não é aceitável, nem desejável. Seu corpo se torna uma armadilha e aprisiona a sua mente que busca por autonomia e alteridade (SOUZA, 1983, p.06).

Para Souza (2003), a cultura da negação ultrapassa o campo individual e atinge todas as relações. Nega-se a diferença e amplia-se a incapacidade de enxergar o outro, independente de sua origem, crença, classe e cor. O outro não participa do contexto de relações sociais e afetivas. Só há omissões e certo fingimento de que somos todos iguais. Situação que se reproduz tão eficazmente que é capaz de tornar estas nebulosas mentiras em aparentes verdades. O desprezo e a frieza do olhar do outro inibe a condição de desenvolvimento de qualquer sujeito. Ao não encontrar no outro, na sociedade o seu espelho, a sua igualdade, uma situação de loucura, de queda total e desamparo pode se instalar no sujeito. É no olhar da mãe que a criança encontra a direção de seu próprio mundo. É no olhar da sociedade que o sujeito pode projetar-se criativamente, participante do processo de construção de seus sentidos de vida e existência. Sem o outro não

existe sujeito (SOUZA, 2003, p.39-40).

Sob tal assertiva, observam-se dois aspectos apresentados por Isildinha Baptista Nogueira (1998), em sua análise sobre os resquícios destrutivos da escravidão para a constituição da identidade social do negro.

O primeiro se resume na dificuldade enfrentada pelo sujeito negro, de construir sua identidade enquanto negro, enquanto indivíduo pertencente ao grupo dos negros; o segundo esbarra no mesmo tipo de dificuldade em se constituir como indivíduo no interior do corpo social como um todo, pelas identificações com seus semelhantes sociais. Tais dificuldades são o subproduto, de um lado, do “não lugar” social do escravo, cuja identidade não correspondia a um lugar de sujeito, no corpo social, mas um lugar de “peça”, objeto; de outro, ao fato de que, tendo adquirido pós-escravidão, o estatuto jurídico de cidadão, portanto, o reconhecimento de seu lugar como indivíduo social, não pode, por outro lado, identificar-se com esse lugar no plano socioeconômico (NOGUEIRA, 1998, p. 37).

Nesse sentido, o preconceito racial e social torna-se indissociável. Sendo assim, não assumir o Brasil como racista e também classicista não minimiza a dor e o sofrimento de uma grande porcentagem da população brasileira que, em pleno século XXI, luta para terem respeitados seus direitos de cidadãos brasileiros, inclusive na educação institucional, já que estão providos, sobretudo, de um capital cultural¹² que é sumariamente desvalorizado pela escola.

Em meandros da segunda década do século XXI, faz-se necessário o fomento de pesquisas e produções teóricas que referencia as práticas de subversão dos sujeitos negros. Não desconsiderando todos os embates físicos e psíquicos por estes enfrentados, porém retirando do foco a vitimização e a patologização. Reforçando sim os avanços das discussões antirracistas produzidos pela intelectualidade negra brasileira, que desconstruiu a “democracia racial” como mito fundador das relações sociais, e trouxe como cerne das discussões as

¹²Para Bourdieu (1998:74) o capital cultural pode ser definido: “como um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*. Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. [...] Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição.” (Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio Org. **Pierre Bourdieu – escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998c, p. 71-79).

desigualdades raciais em nosso país. Esses avanços teóricos podem ser o subsídio para uma mudança das práticas diversas e possibilitar o enfrentamento da ordem vigente, onde o predomínio das diferenças tem resultado em desigualdade e não na valorização da diversidade.

Nas palavras de Souza (2003) fica firmado que:

Negros, brancos e outros transitando na diferença sobre um mesmo olhar de igualdade. Situação e condição que, se construídas, serão viáveis para toda a humanidade, mais plena e desenvolvida em seus diferentes caminhos de existência. Não só a identidade do sujeito negro sai fortalecida, como a alteração cultural do olhar do sujeito branco ao inclui a existência do negro no contexto geral de pertencimento à raça humana fortalece sua unidade, seu laço com a humanidade. É um ir e vir. Uma mandala, ou uma roda de candomblé, ou para ser menos pretenciosa, uma ciranda, um ciclo vital. Não é apenas a identidade do negro que necessita ser fortalecida, sua autoestima, mas é a identidade humana que precisa expandir-se em sua concepção genuinamente diversa, eloquente por alteridade. Vida que só se constitui e torna-se existente frente ao diverso. Nós, humanidade, precisamos nos descolar das direções cartesianas, positivistas, antagônicas e opositivas que tradicionalmente mínguem a possibilidade de plenitude de nosso ser (SOUZA, 2003, p. 41).

De fato, nesse processo de construção e desconstrução identitário, o então africano, que anterior à escravização possuía suas identidades, suas culturas, suas línguas, suas crenças e suas hierarquias muito bem firmadas, ao ser inventado pelo colonizador europeu como negro, teve a sua identidade desrespeitada, mutilada, e quase que inteiramente destruída. Quase, uma vez que a sua capacidade de resiliência tornou possível a este subverter a toda forma de humilhação e não só sobreviver, mas viver intensamente, resgatar a sua voz e contar sua própria história.

Se considerarmos que todos os povos têm direito a sua cultura, suas memórias, suas histórias e suas identidades torna-se compreensível, que a história do negro não deve e não pode ser silenciada ou continuar a ser contada tendo o fracasso como cerne. Isso seria uma negação de suas memórias, suas “verdadeiras histórias” de enfrentamento, das conquistas que estes têm alcançado há muito tempo e toda a sua contribuição na formação da sociedade brasileira.

Ao dedicar sua atenção a grande obra de Abdias do Nascimento, numa campanha deste para o prêmio Nobel, Munanga (2004) sintetiza o desafio da desconstrução da imagem negativa do negro, cravada no imaginário da sociedade brasileira, a partir da luta pela emancipação de seus povos oprimidos e ao apelo de

uma revisão das relações entre os povos, para que se chegasse a uma civilização não universal como a extensão de uma regional imposta pela força - mas uma civilização do universal, encontro de todas as outras, concretas e particulares. Ao se valer das palavras do poeta da negritude Aimé Césaire, o professor Kabengele Munanga resume esta civilização universal em três palavras-chaves: identidade, fidelidade, solidariedade.

"A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição do negro, em dizer, de cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. A fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los e a preservar nossa identidade comum" (MUNANGA, 2004, s.p.).

Em se tratando de compreender a construção da identidade da criança negra em seus espaços de socialização, considerar a dimensão emocional e psíquica para os estudos e fazeres em relações étnicorraciais tem se revelado uma ação positiva, pois ao relatar os preconceitos e discriminações reprimidos e silenciados, expressar-se, dizer sua palavra, tem-se um efeito libertador, permitindo que a experiência do "outro" se aproxime da nossa. E, num coletivo, pode-se pensar nas possíveis propostas de enfrentamento de cada situação que fora apresentada, de modo a concretizar práticas que favoreçam novas vivências nos diferentes espaços de socialização, com a valorização da nossa diversidade cultural e étnica, onde as diferenças deixem de ser sinônimo de desigualdades. Seria na verdade uma possibilidade de vivências que passasse pela "integração racial", não no sentido de assimilar, mas no sentido de viver harmoniosamente juntos, iguais e diferentes (MUNANGA, 2000, p.05).

Nessa perspectiva, respondemos aos objetivos basilares do nosso trabalho de analisar os processos de construção de identidade na criança negra e seu psiquismo (condição emocional), a partir das relações afetivas vivenciadas na escola e na família. Numa observação e escuta de como essas famílias relacionam-se com sua (as) criança (s) e quais as possíveis ligações com a formação de um indivíduo saudável na perspectiva interdisciplinar entre psicologia social e educação. E, como a escola organiza o campo das relações étnicas com as crianças (negras e não negras) catalogando quais estratégias são elaboradas pelas famílias e pela

escoladas crianças investigadas, que podem ou não favorecer suas vivências afetivas nessas duas instâncias afetivas e socializadoras.

4.0 - CAP III - CAMPO EMPÍRICO E BASES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular (MINAYO, 1994,p.25).

A primeira iniciativa para pensar a formação da identidade da criança negra, a partir da sua subjetividade e das relações afetivas por ela firmada na escola e na família, foi ampliar o campo de análise da relação família e escola, estabelecendo uma interlocução com diferentes campos epistemológicos capazes de considerar a interdisciplinaridade com as questões étnico-raciais. Há algumas questões que precisam ser debatidas de forma detalhada, quando se pretende realizar pesquisas com crianças e, em especial, com a criança negra. São elas: a questão ética, que obrigatoriamente exige o anonimato; uma observação direta das crianças em seus espaços de ação, que neste trabalho se deu nas duas socializadoras, família e escola e uma maior sensibilidade no olhar do pesquisador para atravessar as barreiras impostas pelo estigma da negação as quais são expostas estas crianças.

Frente aos pressupostos acima apresentados, já se evidencia que a essa pesquisa se configura num aporte metodológico de cunho qualitativo, tendo em vista que as estratégias e a maneira natural de aproximação da investigação qualitativa favorecem o desenho de uma investigação não estruturada, aberta, que permite fazer trocas e reformular continuamente as suposições ou hipóteses.

Os instrumentos de coleta de informação podem ser totalmente abertos, como o diário de campo, ou relativamente elaborados, como uma entrevista semiestruturada. No caso de uma aproximação natural ao objeto de estudo, não se pode elaborar muito a estratégia da investigação, pois esta perderia a flexibilidade e a abertura que são a sua força. Deve-se atentar que essa flexibilidade e liberdade na pesquisa qualitativa pode se revelar uma armadilha para o pesquisador, pois os períodos de financiamento são limitados e as informações devem ser apresentadas em espaços de tempo que não necessariamente coincidem com a flexibilidade e a paciência que se exige de um estudo qualitativo (BRICEÑO-LÉON, 2003 p.162-163).

A investigação qualitativa tende a ser mais usada nos estudos exploratórios. Devido ao fato de ser uma investigação com uma aproximação 'natural' à

realidade estudada e de ter um caráter não estruturado, a investigação qualitativa permite com mais facilidade, e sem grandes filtros, captar uma massa muito ampla de dados e informações que servirão de base ao tema que está sendo explorando. Esta multiplicidade de informação dá oportunidade a diferentes prenoções que tenham de competir, de encontrar asilo e sustento, ou serem desprezadas por serem infundadas (BRICEÑO-LÉON, 2003 p.161).

A priori, faz-se necessário apresentar um dos espaços da pesquisa. A Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães (EMACM), situada no povoado de Lagoa de Timóteo, zona rural de Cândido Sales, atende a uma média de 100 alunos, divididos em sete turmas que vão da pré-escola ao quinto ano do Ensino Fundamental. Tem um total de dezessete funcionários, sendo 8 professores, 1 orientador, 1 diretor, 1 auxiliar de disciplina, 1 secretária e 5 auxiliares de serviço geral. Desde 2012, vem desenvolvendo no turno oposto oficinas pedagógicas, artesanato, música\dança e esporte. Tem um espaço físico dividido em 5 salas de aula, 1 sala de professores que foi dividida e serve de sala de aula para reforço, 2 banheiros masculino e 2 feminino, 1 diretoria/secretaria, 1 sala de leitura, 1 cantina e um pequeno pátio.

Do público atendido pela escola, apenas doze alunos moram em outro povoado. Os demais residem nas proximidades da escola. As famílias desses alunos desenvolvem diversas atividades laborais como pedreiros, funcionários públicos, raspadeiras de mandioca, diaristas, lavradores etc. São famílias que, em sua maioria, sobrevivem da força do seu trabalho braçal, em algumas situações são poucos os pais que conseguem acompanhar de modo expressivo a vida escolar de seus filhos e cobrar junto à escola maior acuidade na formação dos mesmos.

Diante de tal realidade, as dificuldades para realizar estudos sobre a criança, a família e a escola são inúmeras e se complexificam na medida em que temos que produzir meios de compreender e de escutar o que as crianças dizem, assim como, apreender as informações por elas passadas no decorrer de suas vivências nessas duas instâncias afetivas e socializadoras. Por vezes, a gama de sentidos de que dispomos é insuficiente para compreender estas falas e outras formas de expressão. A criança é portadora da diferença, da diversidade e da alteridade. E em relação a criança negra a perspectiva “eu’/”outro”, no que tange as relações étnico raciais, é ainda mais sensível.

Ao analisar essa questão, Abramowicz e Oliveira (2010) afirmam que a maior dificuldade em realizar estudos com criança reside no seguinte fato.

A criança não é só o presente que ela inscreve em si, um presente no qual os adultos jamais poderiam ter tido, ela traz, também, um passado (a história que carrega ao nascer), e anuncia também e são portadoras de um futuro, do devir, mas também são a fissura, o corte e a descontinuidade, [...]Pensar a criança é pensar a contemporaneidade, [...] Ou seja, o que a criança fala, diz e age, a maneira pela qual ela subjetiva o mundo, nos diz de um presente que conhecemos e podemos decifrar, mas também, nos é obscuro (ABRAMOWICZ E OLIVEIRA, 2010, p.6).

A pesquisa com crianças é desafiadora, ainda mais quando voltada para o enfrentamento do racismo, pois há o escudo do silenciamento, que tende a camuflar essas relações tornando-as naturalizadas. Autores como Valença (2010), através de um estudo bibliográfico que lhe possibilitou uma panorâmica das perspectivas de investigação empírica sobre as crianças, elencam dentre as possibilidades o estudo do discurso das crianças, seus jogos, suas brincadeiras, acrescenta-se seus desenhos, suas relações nos grupos pares e/ou com os adultos, suas interações com a mídia, sua mobilidade, sua participação em redes e suas opiniões sobre variados temas, a partir de uma releitura das produções (VALENÇA, 2010, p.68).

Ainda afirma a autora, que devido às complexidades, os comportamentos das crianças não podem ser explicados apenas pelas influências dos meios sociais, muito menos só pelas relações interpessoais. Uma possibilidade seria compreendê-las a partir da “reprodução interpretativa”, que consiste em aceitar que a absorção de informações e aprendizagem ocorre com a participação da criança como protagonista do seu desenvolvimento pessoal, histórico e social (VALENÇA, 2010, p.72). Partindo desse princípio, a criança como “ator social e sujeito subjetivo”, torna-se evidente que muito precisa ser feito para compreendermos a criança na contemporaneidade como sujeito do seu discurso, com possibilidade de expressar sobre suas relações nos diferentes espaços por ela ocupados.

Nesse sentido, pensar na construção de identidade e processos subjetivos na criança negra é um desafio ainda maior se considerarmos que há uma negação da identidade brasileira. Pesquisar essas relações étnicas e raciais desde os primeiros anos escolares tende a ser importante, pois além do arcabouço empírico, é possível uma argumentação teórica, para desconstruir o “discurso da igualdade”, que mascara o preconceito racial, social e diminui as chances de superá-lo, seja por questões políticas formalmente organizadas, seja por questões psíquicas (subjetivas) capazes de se estabelecerem frente à clareza das circunstâncias da promoção e operacionalização do racismo em nossa cultura e sociedade.

Frente ao desafio exposto, torna-se necessário ir ao encontro de algumas categorias de análise do campo antropológico, a saber, a etnicidade (POUTIGNAT; STTREIFF-FENART, 2011), assim como as relações étnicas, tidas neste trabalho a partir de uma concepção flexível e dinâmica em que as ações e reações entre um grupo étnico e outro produzem uma organização social que não cessa de evoluir, ou seja, é um processo de identificação de si, para si e para os outros [...] este tipo de visão étnica para o sujeito negro, se mostra positiva, uma vez que este possuirá um apoio, um chão, capaz de possibilitar novos posicionamentos humanos frente aos contextos sociais (SOUZA, 2003, p.13).

Abordar a temática da criança negra em seu processo de construção da identidade, a partir da sua condição étnica pode ser um norteador importante se considerarmos o caráter velado do preconceito e da discriminação racial vivenciados por estas crianças nos seus diferentes espaços de socialização. E neste sentido, no Brasil, principalmente, é preciso distinguir preconceito e discriminação racial. Sendo a discriminação racial um tratamento diferenciado de pessoas tendo por base a ideia de raça, e que tende a promover a segregação e desigualdades raciais, enquanto que preconceito é uma prévia nas qualidades morais, intelectuais, físicas, dentre outras, sobre alguém tendo por base seu pertencimento racial (GUIMARÃES, 2004, p.18).

4.1 - Quadro Metodológico

A pesquisa surge das questões da realidade, como as que estão acima apresentadas. Quando esta pesquisa envolve crianças em seus diversos espaços de socialização, como a escola e a família, o pesquisador deve se atentar ainda mais às teorias e metodologias investigativas das ciências sociais e humanas, refletindo inclusive, sobre suas dificuldades epistemológicas e metodológicas.

Por entender que as vivências das crianças trazem as marcas de suas complexas relações estabelecidas nos seus diversos espaços de socialização, assim como, todas às referências numa ancestralidade que se configura nas histórias de vida de suas/seus avós, mães e pais, embasamo-nos num arcabouço teórico e metodológico diversificado, tais como: a entrevista de história de vida em psicologia social, a observação etnográfica e participante nos espaços de

socialização primária e secundária das crianças e a oficina de desenho desenvolvida com as crianças na escola.

Assim, numa perspectiva interdisciplinar de dados e teorias, tentamos entender nossos sujeitos crianças negras, em suas vivências enquanto moradores de uma comunidade rural - Lagoa de Timóteo – no município de Cândido Sales, com uma população que não ultrapassa os 28.000 habitantes, cuja história de seus ancestrais tem sido levada pelo vento e apagada da memória, talvez por uma possibilidade de deixar no esquecimento as experiências de sofrimento, se libertar dos estigmas ao longo da vida, mas que, ao mesmo tempo, acaba reforçando o silenciamento das conquistas alcançadas.

Sob tal circunstância, pensar em relações étnicas no contexto da educação de crianças negras é aspecto importante para a contemporaneidade, pois revelará as vivências emocionais e a identidade infantil destas, frente a assunto tão desprezado por nossa sociedade, a existência do racismo nas relações sociais, institucionais e afetivas das crianças, e o quanto este pode lhes marcar o psiquismo e diminuir a chances de enfrentamento do racismo e discriminações.

É importante que a escola, a família e a sociedade em geral façam uma leitura mais aprofundada da vida dessas crianças, enquanto sujeitos históricos que necessitam de um efetivo resgate da sua ancestralidade de modo que tenham suas estruturas psíquicas fortalecidas, numa metamorfose em que vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído (MINAYO, 1994, p. 13).

Segundo BORBA e VALDEMARIN (2010, p.24), outras dificuldades estão relacionadas também à questão do “*objeto a ser conhecido*”. As ciências que buscam entender o humano não como ser natural, mas como criações culturais e subjetivas encontram uma situação própria caracterizada pela identidade do sujeito que conhece e objeto a ser conhecido. Essa identidade é total, no sentido de que pesquisador e pesquisados a ser conhecido são seres humanos, portanto sujeitos de ideias, sentimentos e ações; e história, já que situam o sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, de alguma forma, na historicidade da realidade social.

Assim, na busca para elaborar critérios metodológicos mais precisos, apresentaremos a seguir as nossas bases metodológicas de investigação:

4.1.1- Observações etnográficas

As observações etnográficas no espaço escolar e familiar (prioritariamente em eventos sociais) se firmaram como um recurso importante para melhor entender o processo de construção de identidade das crianças negras considerando as observações, a partir de uma perspectiva étnica e racial.

Nessa perspectiva, a observação etnográfica se faz importante para nossa pesquisa, pois tornou possível ao observador desenvolver em si a tentativa de tornar estranho o que lhe é familiar e direcionar seu olhar sobre o observável para descrever e questionar. Clifford (2011, p.32) reflete sobre a autoridade etnográfica na concretude da autoridade do teórico-pesquisador de campo acadêmico, que foi estabelecida até metade do século XX e emergiu como método: a observação participante, ainda que entendida de forma variada continua representando o principal traço distintivo da antropologia profissional [...], como uma dialética entre a experiência e a interpretação [...] a experiência do pesquisador pode servir como uma fonte unificadora da autoridade no campo.

Deste modo, sob um ponto de vista etnográfico, é preciso compreender a cultura do grupo pesquisado antes de avançar com as explicações válidas para o comportamento dos seus membros. Daí a razão de ter como cerne a observação participante e as entrevistas não estruturadas no método etnográfico, que foram usadas no decorrer da pesquisa, inclusive com alguns profissionais da escola, para tornar perceptível a compreensão dos mesmos em relação as alunas, aos alunos e suas famílias, bem como as relações estabelecidas por estes no cotidiano da sala de aula e dos outros espaços de socialização dentro da escola.

A pesquisa etnográfica, em sua fase inicial, não se diferencia de outros tipos de pesquisa, pois requer também uma significativa revisão da literatura relacionada ao tema, bem como o conhecimento inicial do contexto a ser pesquisado. O essencial nessa fase é a possibilidade de se formular o problema e construir a base teórica que orientará o trabalho de campo. Desse arcabouço inicial surgirão as primeiras categorias de análise e as questões norteadoras para guiar a coleta de dados.

Na primeira fase exploratória, foram selecionadas quatro famílias de crianças negras (autodeclaradas) matriculadas no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, na Escola EMACM, que já participaram de uma pesquisa anterior, sobre para autotaxonomia e heterotaxonomia de cor e desempenho escolar realizada por

esta pesquisadora (FERRAZ, 2015). Consideramos que esta condição é favorável para a coleta dos dados, pois há nos sujeitos uma disponibilidade a princípio em colaborar. Em se tratando de pesquisa com crianças, o assentimento das mesmas, conta como um fator decisivo e favorável para o desenvolvimento empírico do trabalho.

Na segunda fase, essas crianças foram acompanhadas pela observação etnográfica em espaços de sua vida cotidiana, tais como: finais de semanas, festas familiares e escolares, no recreio, na sala de aula e em suas diversas atividades etc. O trabalho de campo em si envolve a observação direta e intensa dos atores sociais participantes da pesquisa de modo a captar as opiniões e representações dos mesmos. Torna-se necessário ao pesquisador desarmar das hipóteses seguras e ficar atento às possíveis pistas que o levem a novas perspectivas de análise. “Aqui é essencial a experiência pessoal do pesquisador, sua sensibilidade, abertura e flexibilidade para a descoberta de novas categorias, novas formas de interpretação do pesquisado” (ANDRÉ, 1997, p, 06).

Nessa relação de ser e estar sendo a todo instante, numa metamorfose é que se buscou desenvolver estas observações. O que antes poderia representar uma dificuldade de consolidar uma relação entre pesquisadora e os sujeitos da pesquisa com a impossibilidade do “estranhamento”, - já que o *lócus* da pesquisa, a escola, as famílias, assim como as crianças, os protagonistas, me são próximos – passou a representar uma riqueza para o trabalho e para a pesquisadora, enquanto ser humano em processo de construção. Pois, no decorrer das entrevistas, das observações e desenvolvimento da oficina de desenho, exceto por uma participante, todos firmaram uma relação de parceria. Em determinados momentos, em que ouvia a história de vida das avós e mães, e ao observar as relações cotidianas das crianças em seu cotidiano familiar, a emoção ganhou dimensões imensuráveis.

A situação de espelhamento se mostrou primeiro, quando no exercício de ouvir as histórias das mães, eu me senti representada em algumas delas, enquanto mulher, moradora do mesmo território, tendo estudado a princípio, na mesma escola, trabalhado como diarista, em casa de família, fábrica de farinha... O diferencial da situação é que o processo de emancipação conquistado pela continuidade nos estudos e pela academia possibilitou-me ouvi-las, transcrever suas histórias, fazer a leitura o mais fidedigna possível, fundamentá-las teoricamente e torná-las públicas.

A condição de professora/pesquisadora serviu também de espelhamento para as alunas e alunos protagonistas desse trabalho. Pois, em sua maioria, estes se sentiram motivados e à vontade para participar e até cobrar quando eu demorava um pouco para aparecer na escola ou em suas casas. A necessidade de ser ouvida é também imperativa para as crianças. Mais importante que falar-lhes é saber ouvi-las de forma afetiva. Essa afetividade não invalida ou diminui o poder de análise do pesquisador. Pois, uma vez olhada positivamente, a afetividade nega a neutralidade da reflexão científica sobre desigualdade social, permitindo que, sem que se perca o rigor teórico-metodológico, mantenha-se viva a capacidade de se indignar diante da privação provocada pela pobreza (SAWAIA, 2001, p.97).

Nesse processo de conhecimento e reconhecimento, foi perceptível que a escuta das crianças resvalasse em ouvir seus eixos de ligação com seu passado. A criança não é um “solitário”, ela vem de outro ser. Nessa perspectiva, intentamos muito mais ouvi-las que falar-lhes, por entender que cada um sabe o valor de suas experiências e que, portanto, não cabe ao pesquisador indicar caminhos de autonomia do pesquisado, a emancipação da criança negra, um adulto em potencial. Mas, saber ouvi-la na relação com seus ancestrais é favorecer os seus enfrentamentos, as suas bases de resistência. Pois, somente ela tem a verdadeira dimensão de suas dores e as bases para superá-las.

Justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento [...], essa não é uma questão de métodos [...]. Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa e o quanto favorece o conhecimento do pesquisador (GEERTZ, 2014 p.04).

Para Geertz (2014, p.13), uma boa interpretação de qualquer coisa — um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade — leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar. Quando isso não ocorre e nos conduz, ao contrário, a outra coisa — a uma admiração da sua própria elegância e da inteligência do seu autor —, isso pode ter encantos intrínsecos, mas é algo muito diferente do que a tarefa que temos.

Na perspectiva das relações étnicas e situações de racismo em que se ampara essa pesquisa, considerando os fatores emocionais - psiquismo- que envolvem as relações sociais das crianças negras em seus espaços de socialização primária e secundária, a observação etnográfica se apresenta como uma possibilidade de fomentar uma relação em que o pesquisador adentra o universo dos pesquisados e compartilha suas vivências e experiências, numa verdadeira relação de troca.

Para tanto, amplia-se a possibilidade de apreender o comportamento das pessoas no seu cotidiano a partir de acontecimentos reais, sendo que a análise dessas observações envolve uma interpretação de significados. Na realização deste trabalho, ela se revelou uma técnica importante para compreender as relações estabelecidas pelas crianças investigadas tanto na família, quanto em outros espaços de socialização, a exemplo, a escola, sempre considerando o olhar do sujeito investigado.

Ao que se refere à pesquisa etnográfica no cotidiano escolar, André (1997) apresenta algumas falhas que tem resultado em críticas severas nesse campo de pesquisa

Além do desconhecimento dos princípios básicos da etnografia, da falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa, há ainda outra dificuldade que vem comprometendo a qualidade dos estudos etnográficos em educação: o tratamento da difícil e complexa questão objetividade-participação. Na maior parte das vezes, o pesquisador investiga uma situação que lhe é muito familiar e, não raramente, colhe dados na própria escola em que atua como profissional. Um grande risco em ambos os casos, mas certamente muito mais frequente no segundo, é que a análise e a interpretação dos dados estejam marcadas por pré-conceitos, pré-suposições e por observações do senso comum. A pergunta então é a seguinte: Como manter o distanciamento necessário para uma análise objetiva, como requer o trabalho científico? Uma das formas de abordar tal questão tem sido o "estranhamento" - um esforço sistemático de análise de uma situação familiar como se fosse estranha (ANDRÉ, 1997, p.06).

O grande desafio se encontra na superação de uma visão teórica e metodológica limitada e numa proximidade com o objeto investigado, vencer as opiniões pré-concebidas, levando-se em conta as experiências vividas dos participantes da pesquisa. Para superar os obstáculos de uma pesquisa que se configura em parte num espaço de convivência da pesquisadora, faz-se necessário

saber lidar com as opiniões pré-concebidas e reconstruí-las em bases apoiadas num firme referencial teórico e procedimentos metodológicos específicos.

Nessa assertiva, deve-se procurar uma diversidade de sujeitos (diferentes arranjos familiares, alunos, professores, técnicos e, dentro de cada um desses grupos, posições diferenciadas), uma variedade de fontes de dados (observações, entrevistas de história de vida, depoimentos escritos e orais, por se tratar de pesquisa com crianças, os desenhos) e diferentes perspectivas de interpretação dos dados, como da psicologia, da educação e das ciências sociais. Tais cuidados, além de favorecer um distanciamento parcial, ajudaram na superação dos problemas apontados (ANDRÉ, 1997, p. 07).

Maria Cecília Minayo e Odécio Sanches ¹³ (1993) se valem de um debate acadêmico baseado entre intelectuais de áreas antagônicas e concluem sobre as possíveis colaborações e a complementaridade entre metodologias de pesquisas diversas, sejam elas qualitativas ou quantitativas.

Quatro pontos são apresentados por eles para sustentar tais afirmativas: primeiro, não há um método que sobressaia a outro qualitativamente. O bom método será sempre aquele capaz de conduzir o investigador de modo a desenvolver seu objeto, explicá-lo ou compreendê-lo, dependendo de sua resposta. O segundo, os números na pesquisa quantitativa são uma linguagem, assim como as categorias empíricas na abordagem qualitativa, trata-se de diferentes formas de comunicação, que podem convergir para alcançar a meta proposta na pesquisa. Terceiro, o que define a cientificidade de cada abordagem é a qualidade da pesquisa realizada, sua pertinência, relevância e o uso adequado de todos os instrumentos necessários e não a sobreposição entre abordagens, independente de quais sejam. Por último, quarto ponto, torna-se imprescindível realizar investigações que contemplem questões, cujas explicações são mais amplas e que, ao mesmo tempo, possam ser aprofundadas, sobretudo sob o prisma das pessoas nelas envolvidas (MINAYO; MINAYO-GÓMEZ, 2003, p. 118-119).

4.1.2- História de Vida

¹³Em 1993, Sanchez & Minayo publicaram o artigo Quantitativo versusQualitativo: oposição ou complementaridade? Nos Cadernos de Saúde Pública. A semelhança entre esses dois pesquisadores era pífia, exceto necessidade de ampliar e aplicar conhecimentos no campo da saúde pública.

No mesmo sentido, o método da história de vida em psicologia social visa a aproximação do pesquisador do objeto de pesquisa a partir da construção do sentido dado pelo próprio sujeito, com o mínimo de interferência objetiva do pesquisador. Este método possibilita considerar que a identidade se posiciona de acordo com uma historicidade específica, que inclina o sujeito conforme seu lugar no mundo objetivo e material, ou seja: o psiquismo humano se constitui na materialidade histórica de cada sociedade, de cada cultura (SOUZA, 2003, p.73).

O aporte teórico para a pesquisa em identidade é a interpretação da história de vida dos sujeitos a partir de entrevistas de história de vida. Deste modo, assim como a antropologia e a sociologia, a psicologia social, através de Ciampa, formula as bases de consideração sobre a pesquisa em identidade, priorizando a abordagem subjetiva, através da narrativa do sujeito, alocando-a em um contexto macro de interpretação social. O sujeito é uma ponte que leva, necessariamente, ao encontro com a interpretação da cultura, da história e do contexto.

Certa feita, ao entrevistar os pais, as mães e as avós das crianças participantes da pesquisa, foi possível alargar o campo de conhecimento das suas próprias histórias, enquanto sujeito que assumiram uma voz em sua história. Uma vez que “entre as travessias forçadas e os percursos imprevistos, existe a preciosa noção do caminho familiar, com marcos onde a significação da vida se concentra” (BOSI, 2003, p.114).

Ao visualizar o sujeito, Ciampa traz para o cerne da discussão a sociedade em detrimento de intenções pessoais e individuais. Ele considera o cotidiano do sujeito fortemente determinado pelas condições sociais e materiais, porém apresentando um traço forte de possibilidades de transformações sociais que partem a priori do próprio sujeito, ao fazer a interpretação do social em sua vivência na cultura e na sociedade.

Ao abordar a sociedade, o estudo de identidade, na perspectiva de Ciampa, nos leva a considerar que para saber da sociedade é preciso redirecionar o olhar para o sujeito, e avança ainda mais quando considera que o sujeito, em sua imbricada rede de manifestações de vida – material, emocional, afetiva, espiritual, entre outras – acaba por ser o agente de transformação não só de sua própria realidade, mas da realidade do social a qual participa (SOUZA, 2003, p. 61).

As entrevistas de histórias de vida, ao serem realizadas com os pais, mães e avós das quatro crianças pesquisadas, não tiveram a quantidade definida a priori,

nem um roteiro de questões pré-definidas, uma vez que os colaboradores devem ficar livres para recordar suas vivências e efetivar suas narrativas. As entrevistas podem ser realizadas por diversas vezes se necessário, até o momento em que os fatos narrados comecem a repetir-se com maior frequência. As entrevistas de histórias de vida foram gravadas, uma vez que foi acordado entre pesquisador e os entrevistados tal prática.

A entrevista de história de vida com os familiares, assim como a entrevista semiestruturada com alguns profissionais da escola, como procedimento metodológico em sua profundidade, firmou-se como elemento primordial para a compreensão do olhar do outro sobre as crianças em estudo, pois esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise do vivido.

A memória ou história de vida enquanto recurso metodológico utilizado oferece a condição da formação da coletividade “que retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. Este recurso metodológico tem se revelado de imprescindível importância para estudar grupos de excluídos, marginalizados e minorias, que possuem memórias subterrâneas, caracterizadas por conflitos, disputas e rupturas, as quais afloram nos momentos que encontram uma escuta (SOUZA, 2003, p.66).

4.1.3. Coleta de Dados por Oficinas de Desenhos

Como um passo metodológico importante no entendimento do processo de construção identitária das crianças investigadas, foi realizada uma oficina temática - “*Construindo a Identidade na Diversidade: valorizando as diferenças na sala de aula*” - a fim de coletar aspectos do psiquismo (condição emocional) e da identidade da criança a partir da fala e expressões específicas através dos desenhos. A oficina foi organizada após a coleta dos dados, a partir das entrevistas de histórias de vida e ter início a observação etnográfica na escola.

Sobre o uso dos desenhos enquanto aporte metodológico da pesquisa considera-se que tais recursos representam uma técnica de expressão gráfica de afetos, sentidos e discernimentos sobre relações étnicas, preconceito, racismo, discriminação, percepção do mundo, relações sociais. As produções culturais (brincadeiras e desenhos) serão nesta pesquisa os elementos adicionais para compreensão dos significados que as crianças atribuem à sua vivência na escola e

na família sobre suas relações estabelecidas com seus pares, a partir do desvendamento da identidade infantil da criança negra.

A palavra desenho mantém uma relação de parceria com a palavra designo. Quando se restabelece a ligação entre ambas, o resultado é uma amplitude na capacidade do ser humano de ampliar o próprio viver. O desenho, nesse sentido aproxima da noção de projeto numa espécie de lançar-se para frente. Enquanto desenha, a criança afirma a sua capacidade de designar, de alçar voos na direção que sua imaginação levar (ALBANO, 1999, p. 16).

Nesse lançar-se para frente que é o desenhar, existe a possibilidade de ver-se e rever-se: antes “o desenho” estava super-triste. Existe nesse projetar-se um movimento de dentro para fora e de fora para dentro. A criança, mesmo sem ter uma compreensão intelectual do processo, está modificando e sendo modificada pelo desenhar (ALBANO, 1999, p. 20).

Para formular uma análise significativa dos desenhos das crianças, torna-se necessário num primeiro momento descortinar-se de uma visão pragmática do que deve ser um bom desenho, pois só vencendo esse preconceito é possível ser “capturado pela poesia” que pode fluir dos desenhos das crianças. É preciso também prolongar o tempo de observação e buscar os suportes teóricos necessários para dialogar com o que for descoberto no decorrer da análise. Trata-se da “experiência estética”, que pode ser provocada pelas vozes dos desenhos. Através desse exercício, é possível enxergar os verdadeiros significados do que é desenhado e pintado. O que de início pode parecer borrões estranhos pode aos poucos se revelar os sentimentos individuais, com motivos diferenciados (ALBANO, 2010, p.32).

O material coletado na oficina de desenho foi interpretado a partir de uma leitura conjugada com os demais materiais da pesquisa, ou seja: Observação etnográfica do contexto escolar e familiar das crianças; entrevistas de Histórias de Vida com os pais e avós das crianças, entrevistas semi estruturadas com os profissionais da escola, bem como por meio de literaturas específicas sobre desenhos e crianças do campo da educação e psicologia.

Consideramos a partir de Albano (1999), que essa interpretação dos desenhos infantis depende de um referencial significativo - nesse trabalho se dará pelo aporte teórico da psicologia, da educação e os indicativos resultantes da observação etnográfica das crianças na escola e família, bem como a história de

vida de seus pais e avós- porém, não se resume nestes procedimentos. “Podemos sem dúvida consultar os livros e ouvir conferências que nos tragam seu retrato objetivo, mas para melhor conhecer a criança é preciso saber ouvi-la e saber falar-lhe” (ALBANO, 1999, p. 18).

Como já considerado na introdução desta pesquisa, a análise dos desenhos contou com os aportes de psicanalista experimentado na prática clínica infantil. Foram fundamentais as gravações das horas de análise e interpretação dos desenhos com este profissional para alcançar as relações dialógicas com o tema da pesquisa.

Este fato é importante sublinhar, pois apenas anos de experiência clínica viva são capazes de proporcionar a condição da articulação dos desenhos com a realidade histórica.

Sob tal circunstância, a imbricação metodológica entre aportes da psicologia e da psicanálise no que se refere a interpretação de desenhos e historicidade em antropologia e etnicidade é um aporte complexo, de difícil domínio, por exigir do pesquisador conhecimentos aprofundados em psicologia social materialista histórica, antropologia e identidade, bem como em psicanálise infantil, no nível conceitual teórico, mas principalmente no nível da prática clínica.

Esta metodologia de pesquisa é dificilmente utilizada com toda a sua plenitude, pois em geral psicólogos e psicanalistas costumam realizar interpretações de desenhos e histórias de vida (psicologia social e psicanálise). No entanto, incomum, pela dificuldade do método, são os pesquisadores capazes de realizar a conjugação psicanálise, psicologia social materialista histórica e etnicidade, relações raciais a partir do campo sócio antropológico; histórico e cultural.

Este pioneirismo metodológico tanto em psicanálise, quanto em relações étnicas está expresso nas obras: *Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões da psicologia social e da psicanálise* (Souza, 2003), *A identidade de jovens negros nas metrópoles: retratos entre São Paulo e Paris* (Oliveira, 2008) e *Psicanálise infantil e identidade: relações étnicas e raciais* (Oliveira, 2016, no prelo).

Esta metodologia foi construída com a utilização do gravador nas sessões de supervisão¹⁴ dialogadas com a psicanalista que apoiou os desenvolvimentos das interpretações em todos os desenhos apresentados nesta pesquisa.

¹⁴O termo supervisão refere-se especificamente a condição do exercício da prática clínica psicológica na formação do psicólogo e do psicanalista. Esta exigência da psicanálise e da psicologia foi nos

4.2. A leitura das crianças: do silêncio à escuta das vozes silenciadas

Traçar o histórico da infância e da criança brasileira tem se revelado um labor doloroso, pois as dificuldades para encontrar fontes documentais são muitas, e, se voltada para a criança negra desde o Brasil colônia, a complexidade se amplia ainda mais, uma vez que as mesmas eram consideradas como não possuidoras de humanidade. A existência de um sentimento de infância se esbarrava na invisibilidade da criança e da infância negra (SILVA, 2015, p.163).

Em pesquisa sobre imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX, as autoras Abramowicz; Silveira; Jovino e Simião (2011) mostram que, a infância das crianças escravizadas era marcada por uma educação para submissão ao pensamento europeu e ao senhor branco, o que se tem refletido ainda hoje no modo como pessoas negras são vistas e representadas no imaginário de grande parte da sociedade brasileira. As representações de negros feitas por não negros, por meio de fotografias, desenhos e de outras formas de registros, deixam em evidência a submissão e a negação da sua própria existência (SILVA, 2015, p. 163).

Desde o Brasil colônia, não se observou por parte da sociedade em estágio de formação - segundo os aportes das elites estrangeiras- uma preocupação com a criança e sua infância. Entretanto, essas mesmas situações acima destacadas, foram bases de resistências e devem ser evidenciadas pelas pesquisas e por parte de professoras e professores no convívio na sala de aula com alunos negros e não negros em todas as atividades desenvolvidas, de modo que se efetive uma educação escolar também num caráter de resistência.

Pesquisa como a de Veiga e Gouvêa (2000), cujo cerne foi pensar sobre a infância e a criança na Primeira República, deixa transparecer que a criança, nesse período da história, continuava a não ser considerado um sujeito de direito, mas sim, como objeto que poderia ser moldado em prol de um projeto de nação que se distanciasse o máximo possível da cultura africana e nativa.

Apesar de se reconhecer o período de 1920 como a década em que diferentes autores se preocuparam em pensar a nação, a temática da formação da sociedade brasileira, enquanto problema, já se fazia sentir desde meados do século

XIX. Entre o século XIX e início do século XX, diversos estudos se estabeleceram para produzir a identidade do brasileiro, oriundos dos campos antropológicos, médico, jurídico, pedagógico e psicológico. Neste esforço de compreender a nação, destacou-se a importância da infância como componente do ideal de nação “civilizada”, ao mesmo tempo em que, sob os diferentes campos científicos, buscou-se constituir também uma identidade para a criança brasileira (VEIGA, GOUVÊA, 2000, p.137).

Nesse processo de formação da identidade da criança brasileira, a escola se constitui como instrumento dessa política, visando à contenção da população pobre e o embranquecimento da população negra, a partir de um currículo de negação e silenciamento de todas as histórias em detrimento de uma única, a história hegemônica europeia, onde o branco era o único detentor do saber e produtor de cultura.

Pensar sobre os meios pelos quais foram construídas as concepções e representações das crianças negras e pobres na busca pela “civildade”, e que repercutem ainda hoje nos discursos, nas ações políticas e nas representações sociais nas quais somos todos moldados, torna-se primordial quando se busca formas de enfrentamento dessas práticas de silenciamento, que ainda vitimiza crianças negras, indígenas e outras tantas.

Nestas regras de civildade, a criança é apresentada como portadora de uma personalidade que pode ser construída e moldada pelos pais, segundo as condutas que a família tomará como modelo para conduzir sua criação, baseada nas várias linhas que atravessam a família como a “médico-higienista”, o “educativo-pedagógico”, a “jurídica”, entre outras. Tais orientações trazem como pressuposto à conformação do comportamento infantil de acordo com o gênero, com a intenção de configurar o caráter dos meninos para desde cedo moldar e formar o *bom cidadão* e para as meninas *a boa mãe e dona de casa* (ABRAMOWICZ. *Et. al.*, 2011, p.281).

São as ações resultantes de uma política de proteção social, fundamentadas nos pressupostos do higienismo e da eugenia¹⁵ e caracterizada pelo desejo

¹⁵O movimento eugenista que se articula no Brasil a partir da década de 20, com a criação, em 1919, da “Sociedade Eugênica”, possuía duas dimensões, no dizer de seus defensores. De um lado, a ciência eugênica, fundada numa biologia incipiente, indiretamente inspirada em Darwin. As raças humanas estariam submetidas ao processo de seleção natural e as mais fortes revelariam seu grau de desenvolvimento através do nível de evolução tecnológica e cultural. A segunda estabelecia que a condição para o progresso da nação era o aprimoramento racial de sua população através do eugenismo. Este é tomado como formulação de uma política que irá buscar instituir práticas de purificação racial, redentoras da nação (Veiga; Gouveia, 2000, p.151).

deembranquecimento da nação, que impactaram fortemente na construção de um modelo de nação brasileira no início do século XX, e, por consequência, o ideário de infância e de criança. O que se almejava era o máximo de controle da população por meio da racionalização dos problemas apresentados pelo conjunto de seres vivos, tais como, problemas de saúde, epidêmicas, problemas de higiene, de natalidade e questões raciais. As crianças pobres e negras tornaram-se o foco central dessas práticas à medida que ascenderam como problema social ao serem colocadas no discurso da vulnerabilidade, identificadas como sujeitas às condições precárias de vida e de sobrevivência (MORUZZI, 2015, p. 463-464).

Para Cynthia Greive Veiga e Maria Cristina Soares Gouvêa, em suas reflexões sobre a infância e suas comemorações nas primeiras décadas da primeira República:

Na perspectiva da invenção de um novo tempo, a regeneração da população foi indicada como urgente e, entre o passado e o presente, velhos e novos hábitos, esteve um vazio aflitivo: o novo cidadão precisaria ser penosamente trabalhado. No caso da criança, geração nascente, não haveria nada a conservar, tratava-se mesmo de um renascimento físico e mental para compor uma nova raça. Mais que sua formação, colocou-se como imperativo a sua criação, sua invenção. Entretanto, as elites destacaram que isso não era suficiente, era preciso também inventar a família, a mãe, a professora, enfim, as mulheres (Veiga; Gouveia, 2000, p.138).

O que se observa no tocante desse belo discurso protecionista é que estava em jogo a retirada das crianças das ruas e o domínio sobre elas, a partir de uma intensa ação educativa. Isto porque, “mais do que estarem em perigo, elas traziam em si mesmas a própria ideia de perigo, pois ameaçavam um projeto político de constituição da nação brasileira”, que buscava uma raça pura, nos parâmetros das “culturas europeias”, longe das influências africanas e dos nativos (Moruzzi 2015, p. 463). Assim, o corpo infante deixa de pertencer à criança e passa a ser patrimônio da espécie.

Nessa assertiva, era preciso desfazer-se do passado para inventar, através de ações destinadas ao cultivo da infância no presente, o cidadão do futuro, educado física, intelectual, moral e religiosamente sem vícios e nem

superstições passadas. Para isso, a criança foi inserida em múltiplos processos de formação, que envolveu a desconstrução de si enquanto sujeito que já possuía uma história, para ser o modelo padrão de crianças perpetuado pela nação brasileira. A confirmar tal ideia, basta o exemplo da oficialização do dia da criança em 12 de outubro de 1924, pelo Decreto Federal- n. 4.867 de (05/11/1924)¹⁶, cuja relação se torna explícita com a “descoberta” da América, (12/10/1492). O pensar sobre a criança e a infância trazia outras nuances nem sempre evidenciadas. O bem maior não era a crianças em si, mas sim a constituição do modelo desejado da nação brasileira (VEIGA; GOUVEIA, 2000, p.140).

De fato, a institucionalização do Dia da Criança no Brasil pode ser tomada como reconhecimento da especificidade do lugar social da infância e de sua importância na construção de um projeto de nação. Tal reconhecimento não significou, necessariamente, valorização da criança enquanto sujeito de direito, de sua alteridade e distinção em relação ao adulto.

Ao contrário, a análise das comemorações em torno da criança no período estudado - primeiras décadas da Primeira República - indicou que se buscava garantir e celebrar sua adesão ao projeto do adulto. Assim, a progressiva valorização da distinção entre a infância e idade adulta e a institucionalização de espaços e práticas dirigidas aos cuidados e promoção da infância não constituem um movimento retilíneo, contínuo e ascendente ao longo do século XX no Brasil. A infância, como lugar de produção de uma identidade da criança brasileira, (Moruzzi, 2015) será cada vez mais “comemorada”, embora esta seja ressignificada num contexto ideológico que se organiza em novas bases, levando à produção de práticas discursivas e estratégias de intervenção social que irão se diferenciando ao longo da formação da sociedade brasileira. Assistência, proteção e cuidado da infância passam a ser os termos chaves para designar o “tratamento” dado ao infante, do qual dependia o futuro das raças e da nação brasileira (VEIGA; GOUVEIA, 2000, p.151).

Nessa defesa por um ideal de “criança civilizada”, dentro dos padrões eurocêntricos, muitas crianças foram vitimizadas, em geral as pobres e negras, pois com o não pertencimento aos hábitos e valores tidos como referências, estas tinham

Para mais informações sobre essa temática ver: KUHLMANN JR., Moysés. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

acrescidas em seu imaginário a sensação de fracasso, do não ser/pertencer, que se faz presente ainda na atualidade.

De acordo com Moruzzi (2015), a criança pobre e negra sempre fora invisibilizada, sendo sua representação quase nula na imprensa em geral, nos acervos iconográficos como o exposto anteriormente, exceto quando a visibilidade tivesse por cerne evidenciar os gestos de caridade da classe média e alta, ou quando associadas a eventos religiosos nos quais se procuravam induzir as condutas morais dessas crianças. A imagem em destaque era sempre das crianças “robustas”, que, em sua maioria, era representada pelas crianças brancas de classe média e alta (MORUZZI, 2015, p. 469).

Na conclusão do trabalho sobre “Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX”, as autoras destacam sua preferência pelas imagens de famílias e crianças negras e de crianças ainda no final da escravidão, retratadas da maneira vista, para desviar de uma determinada iconografia dominante neste período, marcada pelo pitoresco e exótico da escravidão e pela invisibilidade das crianças na vida social. Assim, chegam à conclusão que se trata de um período marcado por uma ambiguidade: a existência de um sentimento de infância e a invisibilidade da criança e da infância, em especial, da criança negra (ABRAMOWICZ; *et.al.*, 2011, p. 287).

Nesse sentido, torna-se importante salientar que as compreensões de criança e de infância são construídas e modificadas ao longo do tempo e se encontram em permanente reelaboração, a depender de cada cultura e/ou grupo social. A infância tem em si a ideia de tempo, da experiência, da linguagem (JOVINO, 2015, p.193).

Em relação à criança negra, conforme Souza, 2003, é preciso:

(...) considerar o quanto é negado às crianças negras a realidade do mundo pela presença dos outros. Este outro, a comunidade, para a criança negra mostra-se omissa e ausente. A sua diferença e pertencimento cultural é desconsiderada e há um estigma que as afastam de serem consideradas como iguais, no sentido humano, figurando como apartadas da condição humana. Na observação de crianças no espaço escolar, esta desconsideração e ruptura de pertencimento à condição humana, torna-se razoavelmente visível. Verifiquei que há entre as crianças negras certa inquietude. Uma necessidade visível de valorização. Geralmente apresentam-se extrovertidas e irreverentes. Porém toda esta forma de apresentação acaba por diluir-se em comportamentos de hiperatividade, rebeldia e agressividade. Em casos extremos tornam-se apáticas e mudas, não se relacionando com o ambiente (SOUZA, 2003, p.42).

Buscando um melhor entendimento dos conflitos vivenciados pelas crianças negras participantes dessa pesquisa, utilizamos como ferramenta o desenho temático. Tal estratégia foi importante, pois tornou possível em nossas leituras inteirarmos de alguns aspectos subjetivos dessas crianças, de suas representações sobre esse espaço de socialização e dos desafios cotidianos enfrentados ou silenciados.

4.3 - Considerações gerais sobre as análises

Para análise e interpretação do material obtido consideramos nos dizeres de Minayo (1994) que há três obstáculos a serem vencidos por quem deseja realizar uma análise eficiente. O primeiro refere-se à ilusão do pesquisador em ver as conclusões à primeira vista, o que pode acarretar em uma simplificação dos dados e a resultados equivocados; o segundo trata-se do envolvimento excessivo do pesquisador com os métodos e as técnicas a ponto de desmerecer os dados e seus significados; terceiro e último, a dificuldade em articular as conclusões dos dados concretos com o conhecimento mais amplo, “resultando dessa maneira, num distanciamento entre a fundamentação teórica e a pesquisa prática” (MINAYO, 1994, p.68-69).

Os dados resultantes de uma investigação qualitativa, como configurada nesse trabalho, pode-se dizer que são ‘ricos’; a sua grande riqueza deriva da diversidade de perguntas direcionadas a poucas pessoas, sem condições de aleatoriedade, mas representativas dos sujeitos em estudo, tanto na sua normalidade como na excepcionalidade. Em sua maioria, corresponderem a uma determinada realidade histórica e, portanto, sem pretenderem estabelecer generalizações, mas, sim, esclarecer um aspecto sobre um problema ou sobre uma determinada comunidade humana (BRICEÑO-LÉON, 2003 p.166).

No decorrer da coleta dos dados, necessário se fez questionar a própria produção teórica, principalmente para as discussões das categorias que se mostram “objeto teórico do ponto de partida” da pesquisa, como: família, identidade, formação psíquica da criança negra. Entendendo que o conhecimento não ocorre num movimento linear. Como salienta (BORBA; VALDEMARIN, 2010, p. 34):

O processo de conhecimento é um processo que tem seu início e seu fim no campo teórico. Tal forma de entender o movimento do processo de conhecimento se distancia da prática de situar o produto teórico no final do processo de conhecimento, fazendo da elaboração teórica, ao mesmo tempo, seu começo e seu fim (BORBA; VALDEMARIN, 2010, p. 34).

Consideramos o conhecimento a partir de Luckesi, (1998, p.48) como o produto do enfrentamento do mundo realizado pelo ser humano que só faz plenamente sentido na medida em que o produzimos e o retemos como um modo de entender a realidade, que facilite e melhore nosso modo de viver, e não pura e simplesmente como uma forma enfadonha e desinteressante de memorizar fórmulas abstratas e inúteis para nossa vivência e convivência no e com o mundo.

Nesse sentido, algumas considerações sobre as categorias fundamentais nessa pesquisa foram necessárias. Ao que se referem às famílias na atualidade, estas são constituídas sob diferentes arranjos (famílias monoparentais, homoparentais, mulheres provedoras, intergeracionais, multirraciais, etc.), que também foram consideradas na escolha dos sujeitos da pesquisa.

As mudanças na família, no século XXI, são evidenciadas por intensas alterações nas características de sua composição e organização. Diversas são as formas de organização: mães solteiras com seus filhos, pais com filhos adotivos, casais que já tiveram outros casamentos com filhos e decidiram ter outros filhos dessa união, um casal e um “animal de estimação”, casais homossexuais com filhos (seja por adoção ou técnicas de reprodução como inseminação artificial, doador de esperma, barriga de aluguel, etc.), e ainda se questiona a possibilidade de considerar família o(a) solteiro(a) adulto(a) que vive sozinho(a) (Gebara, 2014, p.54).

Quanto à escola, se anteriormente tinha um espaço claro e definido enquanto detentora e transmissora de conhecimento, hoje, a ela tem acrescido a função de favorecer o aprendizado social das crianças, que em diversas situações é o único espaço de socialização. A escola, que se apresenta como um ambiente onde são incorporados os indivíduos oriundos dos mais diversos espaços, tem se mostrado incapaz de lidar com a diversidade, não dá conta da proposta de universalização da educação e tem acarretado até hoje distorções, tratamentos diferenciados, que não atende ao público diversificado que a compõe.

Em perspectiva de estudo sobre a formação da identidade e psiquismo¹⁷ da

¹⁷O psíquico neste estudo está entendido (Oliveira, 2003,p.27) como formação emocional e afetiva, bem como as construções e formação de identidade infantil, sob o enfoque da psicologia social. São

criança negra, Souza (2003, p.19) nos indica que os processos mentais são de natureza muito complexa e a marca do fenômeno do preconceito são fatos dos quais a sociedade está distante de eliminar, em razão das dificuldades em compreender toda a trama de relações e jogo social do indivíduo com a cultura; sendo necessário o fortalecimento psíquico dos sujeitos para combate do racismo.

A autora diz ainda que: para a condição da identidade se construir, se afirmar (ser reconhecida) e sair da mera conjugação de personagens ganhando vida própria e distintiva, para além dos personagens vividos ao longo da história biográfica do sujeito, é preciso garantir um processo de construção democrática, de diálogo conjunto, pois a constituição de si, a percepção da identidade pessoal, passa pela relação com o outro, com o social, com o coletivo (SOUZA, 2003, p.78).

A investigação desse fenômeno deve ser concretizada a partir de uma perspectiva interdisciplinar que envolva campos epistemológicos distintos, porém complementares, como a psicologia, a educação, as ciências sociais.

A ciência representada pelos seus diversos campos (antropológicos, psicológicos, sociológicos, educacionais, etc.) se constitui como importante aliada para ajudar a pensar o “Eu” na sua relação com os “Outros” e todos os conflitos daí resultantes, de forma que dessa relação se construa valores positivos a partir da diversidade. Expandir as noções do conhecimento sobre as maneiras que se dão as interações humanas, e os resultados obtidos nessas observações deve ser útil para ampliarmos nossas noções sobre desenvolvimento humano não só direcionado à questão da criança negra, mas levando em consideração a historicidade do sujeito e suas relações sociais.

Esse estudo buscou ampliar o conhecimento sobre relações étnicas e a criança negra, sua forma de construção psíquica (condição emocional) e processos de construção de identidade, observando tais circunstâncias a partir dos contextos de atuação e vivência infantil (escola, família). E a partir desta compreensão formular propostas de enfrentamento do racismo presente nas relações de convívio do infante, tentando observar, pelos desenhos o campo subjetivo e de certo modo inconsciente, emocional. Pois conforme Oliveira, 2016:

discutidas, neste estudo, questões que permeiam a constituição e a organização das formas de subjetividade da criança negra a partir das considerações sobre a família de origem, condições afetivas, emocionais e intelectuais; sua percepção de si frente a este contexto e sua inserção e circulação no contexto escolar a partir do convívio com figuras de extensão como professores, funcionários da escola e colegas.

O conhecimento e reconhecimento da existência da vida psíquica atrelada à condição cultural e social é ainda nas sociedades ocidentais pouco reconhecida no mundo do cotidiano. O reconhecimento da existência de um psiquismo, tal qual como o consideramos hoje, é extremamente novo, há pouco mais de um século, se considerarmos como marco os estudos freudianos sobre histeria (...)

(...) a questão é complexa porque o advento da razão é milenar na história da humanidade e a noção de inconsciente, apesar de aceita em diferentes meios sociais, é ainda mal compreendida enquanto processo presente na história da cultura humana, sujeito às condições ambientais, sociais e históricas que favorecem o desenvolvimento psíquico ou recrudescimento da barbárie presente em uma coletividade (OLIVEIRA, 2016, p.33).

Reafirma-se nesse sentido, o caráter profícuo da ciência em cumprir seu verdadeiro papel, dado pela sua capacidade de transformar os grandes problemas sociais que o povo vive, em questões públicas a favor de mudanças sociais, tornando os cidadãos capazes de saírem de seus limites individuais para se sentirem parte de uma história à qual sua biografia está estreitamente vinculada (MINAYO; MINAYO-GÓMES, 2003, p.126).

Compreender melhor as relações étnicas explícitas no contexto de convivência infantil, a partir do estudo da identidade e emocionalidade (psiquismo) de crianças negras em suas famílias e espaços escolares, poderá ser uma via para favorecer a compreensão do racismo e preconceito presente na sociedade brasileira e, por conseguinte, suas formas de resistência e possibilidades de enfrentamento.

5.0 - CAPÍTULO IV - AS CRIANÇAS E SEUS DESENHOS: UMA LINGUAGEM/JARDIM A SER REGADA PARA FLORIR E FRUTIFICAR

(...) e eu penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as suas lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. É necessário fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos (Le Goff, 2000).

Para a realização desse estudo sobre a identidade negra e processo subjetivos na infância: formas de enfrentamento do racismo recorremos ao desenho das crianças, como uma linguagem em que transparece as suas expressões sobre como se percebem e são percebidas no espaço de socialização escolar e familiar.

Entendemos, assim como Silva (2015), que as crianças negras se constituem pessoas e cidadãos em vivências conflituosas de reconhecimento e de desqualificação étnica e racial, a depender dos espaços em que estabelecem suas relações. Quando em família e/ou comunidade negra de origem, essas relações tendem a ser de acolhimento e aconselhamento. Já em outros espaços de convivência, como a escola, a rua, estas crianças sofrem cotidianamente com a rejeição e desrespeito aos seus valores culturais e comportamentos. Assim, sentimo-nos encorajadas com a possibilidade das crianças se expressarem nos seus desenhos, como uma possibilidade de mudança em nossa postura de acolhimento em contraposição às situações de rejeição e silenciamento que estas enfrentam (SILVA, 2015, p. 182).

Como proposta de trabalho para a realização dos desenhos foi desenvolvida uma oficina, *“Construindo a Identidade na Diversidade: valorizando as diferenças na sala de aula”*, com carga horária de oito horas, nos turnos matutino e vespertino, e a participação de todos os alunos da turma do 4º e 5º ano, da EMACM. O objetivo principal foi ampliar a percepção dos alunos de que para viver na diversidade só é possível quando se respeita as individualidades de cada um.

Para início de conversa, como prática constante enquanto professora dos anos iniciais, foi contada para as crianças o conto: “Eu conheci um saci certa vez” Santos (2007). A princípio parecia uma história que pouco tinha a ver com a percepção das diferenças, mas nesse reconto da história do saci são evidenciados os traços da diversidade étnica da sociedade brasileira. Aparecem sacis com traços

negros, indígenas, brancos, asiáticos dentre outros. Ao final, as crianças foram questionadas sobre as semelhanças e diferenças desta com as outras histórias do saci, se perceberam a relação com a diversidade em nossa sociedade. Se já tinham pintado ou desenhado um saci, qual cor tinha usado; se era possível pintá-lo de outras cores. Em meio às questões, algumas crianças ficaram em silêncio, as que responderam, disseram que só pintavam o saci de preto, porque ele era preto.

Para ampliar o olhar das crianças sobre a diversidade presente no povoado de Lagoa do Timóteo, perguntei se as famílias eram constituídas de forma igual em relação a cor e arranjos. Todos responderam que eram diferentes. Quais diferenças? Insistimos. Eles responderam: **“umas são pretas, outras brancas e outras, mais ou menos clara**. Continuamos, e em relação à formação das famílias, elas são iguais? Responderam: **“não, pois uns moram com a avó, outros com a mãe e avó, enquanto alguns moram com pai, mãe e os irmãos”**.¹⁸

Direcionamos a atenção das crianças para a escola. Na sala de aula todos são iguais, diferentes? Em quais aspectos? As crianças no geral, disseram que eram todas diferentes: meninos e meninas, uns gordinhos, outros magrinhos; preto, branco e moreno.

No segundo momento, expus um painel com o título “*Quem sou eu?*” pedi que cada aluna e aluno observassem as imagens no painel e dissesse com qual das fotos se identificava. Nem todas conseguiram se identificar, às vezes identificava algum colega de outra turma. A imagem que mais chamou a atenção dos meninos, no painel, foi a que aparecia algumas crianças negras jogando bola e brincando. Temas voltados para os jogos e brincadeiras tendem a ser mais atrativos para as crianças.

Para o último momento da oficina, foi solicitado às crianças que, a partir das atividades desenvolvidas na sala sobre as diferentes representações na escola e nas famílias, que eles representassem a partir de um desenho a forma como eles se sentiam em relação a escola, como eram tratados pelos seus pares e demais profissionais da instituição.

Todos os alunos fizeram o desenho, num total de 27, alguns priorizaram as relações de amizade ao se desenhar e a seus colegas. Quando desenharam seus

¹⁸ De fato, esses arranjos familiares diversificados fazem parte da realidade do povoado. O que levou a escola a mudar as comemorações do dia das mães e dos pais para o projeto Semana da Família na escola. Esse projeto se encontra na 6ª edição, sendo realizado nas 1ª semanas de maio e agosto.

pares, houve uma divisão de gênero, os meninos desenharam os colegas e as meninas as colegas.

Os desenhos, em sua maioria, apresentam uma riqueza de detalhes do olhar das crianças sobre a escola e suas relações estabelecidas nesse espaço de socialização. Possibilita assim, por meio da nossa sensibilidade e olhar atento, apreender o funcionamento do psiquismo de cada sujeito/criança que é singular. E, posteriormente tecer um comentário, explicar significados e buscar um sentido para o que não está expresso à primeira vista (COGNET, 2011).

A seguir serão apresentados cinco desenhos dos respectivos sujeitos desse estudo. A leitura dos mesmos terá como fundamento as bases teóricas da psicologia social materialista histórica e psicanálise e da educação numa análise conjunta com as informações recolhidas nas entrevistas de história de vida com os familiares das crianças e das observações feitas no ambiente escolar. Trata-se de uma leitura interdisciplinar, que ao considerar os diversos campos de conhecimento e informações buscou melhor entender a criança negra e os desafios que permeiam suas vivências e enfrentamentos em seus espaços de socialização.

Na leitura de um desenho, um aspecto importante a ser considerado é a sua origem; ou seja, se estamos diante de um desenho espontâneo, de um desenho solicitado num exame psicológico, ou de uma coleta de dados para pesquisa. Essas situações constituem grupos distintos e em cada uma dessas fontes de onde provém, estão situações psicológicas diferenciadas e as ideias de interpretação devem se adequar a cada caso. Nesse estudo, nossa análise considerou o desenho temático sem modelo. Isso é, a realização gráfica de um tema proposto. Nesse caso, a expressão do sentimento da criança sobre como esta se percebe na escola e nas relações estabelecidas com seus pares e demais profissionais (VAN KOLCK, 1984, p.03).

Nesse sentido, consideramos que não existe desenho fora da cultura, fora da interação com o outro. Como a linguagem, o desenho precisa olhares, incentivos e interpretações para nascer e prosperar. Esses desenhos, em especial, exigiram em sua leitura, um olhar humanizado capaz de ultrapassar as primeiras impressões e alcançar o que de essencial as crianças tem para revelar, ou mesmo revela sem perceber (COGNET, 2011, p.13).

Na leitura que realizamos foram considerados os contextos, olhares e tempo diversificados da vida dessas crianças, a história de suas famílias, do povoado e,

poderíamos dizer, sua história transgeracional, pois ouvimos a história das avós e avôs, pais e mães das crianças. As quais são filhos e netos destes sujeitos coparticipantes da pesquisa.

Neste mesmo sentido a transgeracionalidade é presente, pois:

Os traumas vividos por uma coletividade estarão por muito tempo incidindo sobre a individualidade e singularidade de toda uma população de diferentes modos e aspectos (...) e estarão a afetar as bases da saúde mental dos seres humanos e a persegui-los durante anos e séculos, principalmente se não forem mitigados pelo reconhecimento do sofrimento, da dor, da injúria, da calúnia, do maltrato, enfim, se não forem reconhecidas formalmente as atrocidades cometidas contra uma coletividade (...) (OLIVEIRA, 2016, p. 34)

5.1 - Desenhos, psicologia social materialista histórica, psicanálise e relações étnico-raciais: algumas considerações.

No capítulo subsequente, especificamente nas interpretações dos desenhos trazidos individualmente, utilizamos a interpretação psicológica do campo da psicologia social materialista histórica e da psicanálise a partir dos escritos, conferências, colóquios, grupos de estudos e supervisões psicanalíticas, pautadas por orientações de escrita da orientação de Regina Marques de Souza Oliveira.

Sob tal perspectiva, consideramos importante expressar tal circunstância em função do fato de que o estudo conjunto das relações étnicas, da psicologia social materialista histórica e da psicanálise é raro e incomum para os pesquisadores destes campos específicos. O mesmo ocorre com os pesquisadores das relações étnicas, os quais raramente consideram o estudo da psicanálise ou da psicologia social materialista histórica em suas pesquisas no campo das relações étnicas.

A imbricação e intersecção de epistemologias distintas (psicanálise, psicologia social materialista histórica, relações étnicas raciais e educação) se constituem construção possível, a partir do tempo de experiência profissional, formação em psicologia clínica e psicoterapêutica de abordagem psicanalítica aliada a conhecimentos teóricos de campos diversos das ciências humanas como a história, a antropologia e sociologia, assim como um todo genérico e específico da psicologia.

Este saber não se adquire de hoje para amanhã ou de ontem para hoje. Mesmo pesquisadores experientes em seus campos específicos terão dificuldades

em realizar em primeira mão e solitariamente esta forma de inscrição metodológica a qual é também uma epistemologia.

Sendo assim, como prescreve a psicanálise e a própria ciência médica e formação clínica psicológica, o saber clínico e interpretativo não se apropria por uma mão única. Ele é um caminho de mão dupla realizado, primeiramente sempre a quatro mãos.

O sacerdócio, ao qual pertence à psicologia clínica, a medicina e a docência, são disciplinas que exigem um aprendizado que se faz unicamente a partir da transmissão oral e prática daqueles que já foram iniciados nestes fazeres/saberes sagrados.

A partir da escuta atenta e da observação dos modos de realizar: assim como o ponto exato da ebulição do chá, a combinação perfeita das ervas com os variados tipos de carnes, o reconhecimento da qualidade do vinho a partir da degustação, a qual permite perceber o modo de cultivo e região de plantação da uva, bem como, entre tantas terapêuticas, escolher e prescrever a melhor e mais adequada para um determinado sujeito, conforme sua história elementar.

Assim sendo, é que neste trabalho nos foi permitido gravar, como na introdução deste trabalho de pesquisa informamos, as supervisões/orientações frente às análises e interpretações dos desenhos.

O trabalho de escrita da dissertação é difícil e desgastante e se faz de modo solitário e individual.

No entanto, a interpretação subjetiva dos desenhos e das histórias de vida infantis neles expressos é trabalho inicial que não se pode fazer sozinho, sem o auxílio dos já experimentados na “arte interpretativa”.

Não se trata apenas de reunir dados e ler livros e diferentes bibliografias. É preciso tempo de vivência emocional individual e experiência de escuta já realizada, a partir de estudos de outros sujeitos.

Em nosso caso, o tema da pesquisa, no campo da educação e interdisciplinaridade, o prevalente era trazer para o campo pedagógico e da educação a capacidade de refletir premissas emocionais, subjetivas ou intersubjetivas que possam aprofundar a compreensão do sofrimento da criança negra, ao mesmo tempo em que tal compreensão possibilita observar e construir formas de enfrentamento do racismo.

Por tal razão, a ausência de formação no campo psicológico e psicanalítico, bem como a pouca experiência formativa para perícia investigativa de desenhos é que foi permitido o uso de gravador no processo de análise e discussão dos desenhos.

O produto que se tem apresentado nos próximos subcapítulos, são resultados deste fazer por quatro mãos.

Este aspecto não desconsidera e não anula a validade do trabalho individualmente até o momento construído, pois em não sendo um trabalho da psicologia ou psicanálise, este empréstimo e aliança constitui-se também um recurso técnico metodológico. Porém, o uso deste recurso – a gravação das interpretações realizadas por psicanalista experiente no campo dialógico e discursivo das expressões gráficas dos desenhos - não nos exime de cumprir com o protocolo da “*práxis*” quando esta diz respeito aqueles que estão a realizar o percurso formativo em psicologia, medicina e psicanálise: o aprendizado em psicanálise e interpretação só se faz a partir do convívio e transmissão com aqueles que já são há muito tempo iniciados no campo deste fazer específico (FREUD, 2006).

Cabe observar: não estamos interessados em realizar formação em psicanálise e/ou psicologia. O que efetivamente realizamos foi promover a escuta das crianças, buscando metodologias que eram lacunares em nosso trabalho pedagógico.

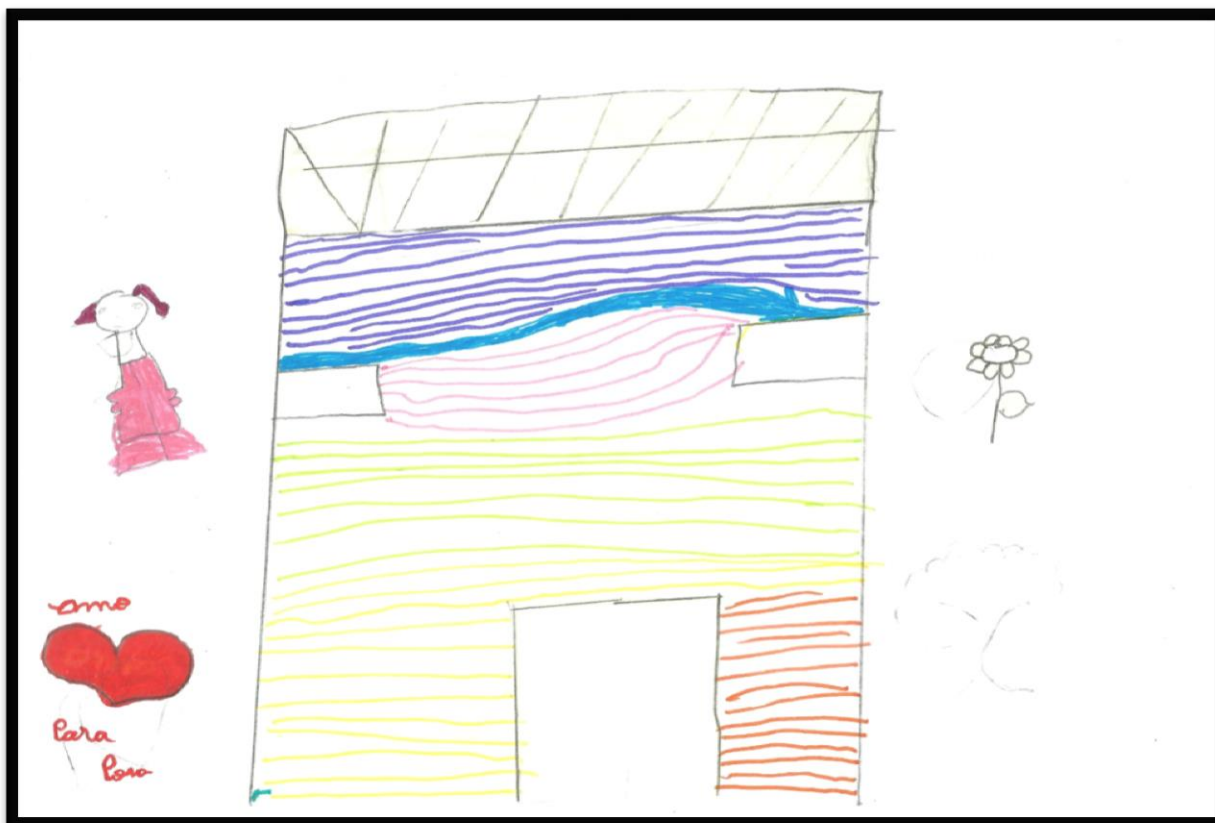
Acreditamos que promovemos para o campo pedagógico uma visão ampliada das necessidades de nossa postura frente às crianças negras e não negras.

5.1.1 - Zarina, da fragilidade ao desejo de transformação.

Apresentamos o desenho de Zarina¹⁹, uma menina negra, de 10 anos, que cursa o 5º ano do Ensino Fundamental. Ela vive com a mãe, a avó e dois irmãos.

Desenho 1- Zarina, menina negra, 10 anos, 5º ano do Ensino Fundamental

¹⁹ Zarina é um nome fictício da aluna, porém a sua escolha foi pensada considerando o seu significado para o africano, “dourada”, aquela que brilha.



Após todas as orientações realizadas na oficina, a proposta do desenho foi aceita por Zarina e por seus pares sem resistência. Ela se utilizou de uma diversidade de cores para colorir seu desenho. Exceto a sua flor que aparece meio solitária e monocromática. Nas análises de Oliveira (2008), “a expressão da flor pode representar o emblema da condição de existir, a qual é vivida como uma grande esperança, que é também, em certo sentido frágil, pela noção de sensibilidade que as flores e plantas representam” (OLIVEIRA, 2008 p.196).

Nesse sentido, compreendermos que a flor que Zarina desenha representa a sua provável necessidade de atenção, cuidado e zelo. Ela, uma criança que busca na escola ações que favoreçam suas vivências afetivas se uma flor sem colorido pode simbolizar um ser humano frágil e triste.

Ao olhar para o desenho de Zarina, não como se o objetivo fosse decifrá-lo, mas observando um sentido a partir do contexto que conhecemos da criança, transparece uma grande valorização da escola. A diversidade de cores alegres e vibrantes exprime que sua escola apresenta todas as cores. É complexa em sua diversidade e um mundo colorido, atraente, grande e supervalorizado.

Cabe, antes de continuar, chamar a atenção para o fato de que Zarina sempre estudou nessa escola, assim como seus dois irmãos. Ela teve um processo

de alfabetização inicial difícil, do 1º ao 3º ano estudou com uma única professora, numa turma tinha 28 alunos. Após muita luta dos pais e gestores, a secretaria aceitou dividir a turma em duas. Atualmente, participa no turno oposto das oficinas do Mais Educação²⁰, (artesanato, violão, futsal e acompanhamento pedagógico) quatro dias por semana. Sobre esse programa, Ashia, a mãe de Zarina faz críticas: **“Já o Mais Educação, também cabou, mas também é só pra fazer os mínimo esquecer o que aprendeu. Zarina gostava da aula de Geilda e Zaki diz que gostava das aulas de Léo- futsal”**.

Quanto à percepção de si, a partir do seu desenho são evidenciadas algumas incertezas, pois Zarina se localiza no quadrante superior esquerdo e não no centro do desenho. Considerando as linhas básicas da interpretação em psicologia, “em todo trabalho interpretativo de desenho, o princípio básico é o de que o desenho representa o indivíduo e a folha de papel o ambiente” (VAN KOLCK, 1984, p.06).

Quando a localização do sujeito é no canto superior esquerdo, isto pode ser um indício de passividade, atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva, nostalgia, desejo de retornar ao passado e/ou permanecer absorto em fantasia (VAN KOLCK, 1984, p,07).

Assim, ao não se desenhar dentro da escola, que se encontra no centro do seu desenho, Zarina evidencia a sua condição de fragilidade, acomodação e até certo desequilíbrio psíquico em suas relações nesse espaço educativo.

Mas, em contra partida, ela, ao receber a folha de papel para desenhar, tem

²⁰O Programa Mais Educação se caracteriza por apresentar uma estratégia educacional inovadora que, entre outros aspectos, articula projetos e programas do Governo Federal e de outras instituições educacionais e sociais, voltados para promoção do aumento da permanência dos alunos nas escolas. Os projetos e planos de ação concebidos pelas escolas se baseiam nas propostas de ampliação dos espaços educacionais utilizados, na expansão das oportunidades educativas, no compartilhamento da tarefa de educar entre professores, família, comunidade e outros atores, na complementação do horário escolar com outras atividades educativas que ampliam as áreas de conhecimento previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB, numa perspectiva de educação integral.

As escolas de ensino fundamental que fazem a adesão ao Programa Mais Educação, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades presentes em onze macrocampos: cultura, artes e educação patrimonial; esporte e lazer; acompanhamento pedagógico; educação ambiental; educação em direitos humanos; promoção da saúde; iniciação científica; educação ambiental, desenvolvimento sustentável e economia solidária e criativa/educação econômica; comunicação e uso de mídias, e cultura digital e tecnológica; memória e história das comunidades tradicionais; e agroecologia.

(www.inep.gov.br/educacao_basica/educacenso/matricula_inicial/2015/documentos/orientacoes_programa_mais_educacao.pdf)- acesso em 24/10/2015.

uma atitude radical de oposição. Da posição vertical, a folha é posta na horizontal. Essa ação pode significar liberdade em relação à ordem dada e, portanto, indivíduo de espírito curioso e cheio de iniciativa e possível oposição (VAN KOLCK, 1984, p.08).

A sua ação de colorir não é feita de modo aleatório, há uma gradação das cores. Essa gradação colorida evidencia que Zarina vê a escola como um ambiente rico, se comparada a sua realidade, com uma diversidade de coisas e informações para serem vistas, descobertas e conhecidas.

A entrada da escola é registrada a partir de uma porta larga. Uma porta sempre aberta. Pela amplitude parece que é uma porta muito grande pra ela. De fato, essa valorização vai ao encontro das observações²¹ feitas na família, nos momentos das entrevistas com a mãe e avó: o cuidado com as fardas dos filhos e a cobrança com o banho e o almoço no horário, para não perder o ônibus, são traços de alguém que se preocupa com educação escolar dos filhos. Essas evidências do cuidado materno revelam uma verdade: A família valoriza a escola. Valoriza e gosta. Mesmo quando Ashia, a mãe de Zarina diz não gostar de escola, nem de ler e escrever, que sua oportunidade de estudar já passou:

Trabaei até 13 anos com a véia (mãe). Com 13 anos eu fui imhora. Fui pros Campinhos (Zona Rural de Vitória da Conquista) trabaiá mais Dona O., quando eu voltei eu já tava com uns 18 anos já. Eu fiquei um ano e meio nos Campinhos e de lá eu fui pra Conquista. Lá em Conquista era bem boa a mulher. Ela mi ponhou na escola. Dona O. nada. Lá em Conquista eu estudava, depois eu vim imhora larguei o estudo e agora não quis mais estudá, só estudei a 1ª série. Eu não gosto de estudar, nem de escrever. Eu nem sinto falta, que na época que era deu estudá, eu não estudei então agora também não quero. Depois de véia ir pra escola não dá. Quando é criança ainda vai. Depois que tavéia não aprendi mais não. (silêncio). Eu só estudei uns quatro meses com Nilda ali na onde é a casa de Dona Naia. A escola véia, eu estudava lá. Mais eu estudei pouco, uma basa de uns quatro mês. O povo de tia D. faltava matánóis na paulada, eles batia ninóis na estrada, quando nós vinha imhora juntava M., mais J. e S (primos) batia ninóis, foi indo até nós infezou e saiu da escola. Aí também num estudei mais não, fui imhora pros Campinhos (Entrevista com Ashia, mãe de Zarina, 23/05/2015).

As marcas evidenciadas em sua fala são de alguém a quem foi podada qualquer possibilidade de experiências positivas com a escola quando criança. E

²¹Essas observações sobre o zelo com a farda dos filhos pela mãe de Zarina só foram possíveis a partir da observação participante nessa família, favorecidas pela observação etnográfica, que foram realizadas diversas vezes, tanto para as entrevistas de história de vida, quanto em momentos mais informais nas visitas realizadas pela pesquisadora.

mesmo assim, vê essa escola como uma possibilidade de transformação da realidade de seus filhos.

Assim, em seus traços ao desenhar, Zarina demonstra ter consciência da importância que a escola tem. Isto está representado em seu desenho. Ela sabe que a escola é importante, que tem milhares de coisas pra ela aprender, que é um caminho viável. Mas ela tem dificuldade para se manter nesse lugar. Ela se percebe pequena para estar dentro dessa escola imensa, maravilhosa, colorida. A sua identificação com a escola é pequena, pois podemos observar no traçado do desenho que ela utiliza a mesma cor para pintar o centro da escola e a criança, que possivelmente, podemos entender que seja ela.

Em nossas leituras, na percepção psicológica de análise do desenho, o centro representa sempre a pessoa. Pela quantidade de traço e a cor que Zarina utiliza transparece o seu sentimento de não pertencimento à escola. Não há uma adequação do seu ser com a escola. Porém, não se conceber plenamente nesse ambiente escolar não é resultado de uma desvalorização. Ela consegue perceber e valorizar essa escola como um lugar necessário, mas que não consegue estar inserida. Está na escola, no desenho, mas a margem, fora da escola (do lado de fora).

No mesmo sentido as listras coloridas que figuram no desenho da escola podem ser consideradas como um alinhamento da escola. Alinhamento do qual ela não consegue participar.

Sob tal perspectiva, a escola como sabemos historicamente, sempre foi um espaço de segregação e exclusão. Também as listras coloridas podem ser vistas como segmentação, divisão, escalas cromáticas e, portanto, há um misto de valorização do espaço escolar em suas subdivisões cromáticas, mas que são complexas de pertencimento e inserção. Um questionamento que pode perpassar o sentimento desta criança é: Onde eu poderia me encaixar nestas subdivisões existentes no interior da escola?

As reflexões de Silva (2015) sobre os desafios enfrentados por meninas negras e meninos negros no espaço educativo vêm ao encontro desse embate enfrentado por Zarina para transpor as barreiras que historicamente foi construída e não lhe permite recuperar sua identidade fragmentada por uma história de exclusão:

Meninas negras, meninos negros constroem suas subjetividades, enquanto pessoas negras, e origem africana, em diferentes meios e circunstâncias,

entre tensões geradas por rejeição à cor da sua pele, ideias preconcebidas a respeito de possíveis comportamentos inadequados ou agressivos que venham a ter, expectativas de que não detenham informações julgadas importantes, tenham dificuldades para aprender na escola, seus pais sejam muito pobres e pouco estudados, que necessariamente saibam dançar e tocar instrumentos muito bem, que talvez sejam vagabundos ou até mesmo vivam à margem da lei. Têm, pois, que provar cotidianamente que são pessoas em que se pode confiar e que são capazes de realizar estudos com sucesso, que são capazes de conduzir com propriedade suas vidas (SILVA, 2015, p.180-181).

Mesmo diante de tantos desafios, Zarina consegue fazer uma leitura positiva da escola. Ela interpreta o seu contexto. É uma menina perspicaz e muito inteligente. A grande questão talvez seja o não domínio das habilidades formais que a escola exige, para expressar a sua inteligência. Ela ainda não tem a habilidade da escrita formal, não tem o domínio instrumental que a escola quer e preconiza: pegar o lápis, fazer o desenho, fazer a conta, interpretar e produzir o texto. Mas Zarina tem a leitura de mundo. Do seu mundo. Ela sabe. E ao mesmo tempo por saber tanto, ou pelo menos perceber que existem muitas coisas para serem aprendidas, ela se sente muito pequena em relação a sua grande escola.

O medo de não alcançar o sucesso, de não vencer as barreiras do racismo, da discriminação, da desigualdade mantém Zarina acorrentada. Isso porque a sua identidade vem fragmentada por um histórico de vida de exclusão. Não só sua, mas de sua mãe, que foi afastada da escola pela falta de oportunidade, da sua avó analfabeta, que chora ao lembrar seu sofrimento de mulher abandonada, que criou seus filhos sozinha com a força do seu trabalho braçal, de sol a sol apesar de ser-lhe tirado o direito a aprender a ler e a assinar o seu nome, escrever sua grafia no mundo. E de toda a sua família extensa; irmãos, tios, tias, primos, primas. “O povo do morro”²².

Então, Zarina fica assim, meio que de lado na observação, como pode ser apresentado no desenho, Zarina desenha uma menina ao lado da escola; a criança “fica meio de lado na escola”. “Ela não entra na escola”. É um mundo desejado. Valorizado. Assim como demonstra a inscrição da oralidade da história de seus antepassados (sua avó).

²² O povo do morro e os meninos do morro são as duas expressões usadas para se referir as famílias que moram numa das partes alta, afastadas da parte central do povoado. Algumas vezes, ao expressar “os meninos do morro”, alguns utilizam de forma pejorativa e/ou professando que boa coisa de lá não virá.

No desenho da criança, podemos entender que ela não consegue colocar-se dentro da escola (dentro do prédio que está representado como a escola). Mas ela tem a consciência, de seu grande valor, assim como Dona Candiana, sua avó. Ela parece desejar (em nossa leitura do desenho) ser o centro da escola; assim como a escola está no centro da sua vida. Embora ela se angustie por não conseguir adentrar este espaço que é central - crucial - para sua vida e das mensagens (transmissões transgeracionais) de seus antepassados. Esse seu jeito de dizer tem a ver com uma leitura de que a escola pode ajudar no seu fortalecimento na questão da sua identidade. Identidade esta “que deve ser vista não apenas como uma questão científica, nem meramente acadêmica: é, sobretudo, uma questão social, uma questão política” (CIAMPA, 1998, p. 127).

Mas também resulta de sua história transgeracional, pois Zarina reproduz no seu não curvamento frente às tempestades, a força da sua avó-mãe-mulher-matriarca, que mesmo sem o domínio das letras, com sua leitura de mundo ensinou aos filhos o valor do trabalho, da família e da escola. Se seguiram ou vão seguir seus ensinamentos, é outra história. Seu papel foi e está sendo cumprido. Veja um pouco da expressão de sua fala:

Mãe queria que nós aprendesse, pai não. Não vou deixar essas meninas aprender a leitura pra elas não fazer carta mal feita pros rapaz. Aí Lu, a leitura ajuda muito né, eu tenho um sentimento deu num ter aprendido minha leiturazinha. Essa semana mesmo eu tava conversando aqui mais M., meu irmão, sobre os dias que ele estudou... aprendeu uma leitura minha filha de Deus, estourada. Tivesse entrado mais ele eu mesma tinha um rependimento... aprendido a mesma coisa, tinha vontade aprender, assinar meu nome, ajuda a gente muito. A pessoa que não tem a leitura parece que não tem nada nesse mundo, tudo que vai fazer faz errado. Por isso tenho muito prazer de meus netim tá prendendo a leitura, eu fico muito satisfeita, num posso dá nada, mas fico muito satisfeita deles aprender, ter paciência com eles, dar conselho pra eles respeitar os professores e não fazer nada de errado. Num posso ajudar, mais Deus ajuda eles e os professor deles (Entrevista com Dona Candiana, avó de Zarina, 20/04/2015).

As respostas às aspirações de Zarina, expressas também pela avó, precisam ser consideradas pela escola e por este estudo, dentro da dimensão étnica e racial, de modo que se percebam todas as suas possibilidades. Não está plenamente dentro da escola, embora ela também se veja na possibilidade de ser o centro da escola, de encontrar seu cerne no interior da escola.

Com sua personalidade forte, Zarina não se curva, não se dobra perante a “águia da exclusão”, representada pela exploração e a violência sociais. Seu potencial é grande, mas as intempéries da vida, por conta do ambiente restrito, das privações materiais e afetivas em que vive, a impede de alçar voos mais longos. Zarina e toda a sua família são representantes típicos, não só como nordestinos, mas como brasileiros que são violentados, como seres humanos que são explorados em nossa sociedade capitalista, e, principalmente, impedidos de concretizar a sua humanidade (CIAMPA, 1998, p.127).

Segundo Oliveira (2013), a experiência da escassez produz a reverberação do ser, que pode refletir sobre sua condição de encapsulado na ordem da cultura imediata, transcendendo-se a si mesmo. Transcendência essa que se compreende a própria condição da vida humana. Inscrevem assim, suas próprias formas de ser e de agir. Sua autonomia no mundo. Esta forma de autonomia reflete o trabalho de interpretação da história cultural e social de seu pertencimento étnico e racial, bem como do entendimento de como a vida opera diferenças que são condições importantes para a realização da igualdade, que se firma no respeito às diferenças (OLIVEIRA, 2013, p. 181).

De fato, Zarina trás em si o estigma da diferença como sinônimo de desigualdade provocada pela violência do racismo e pelas privações materiais e emocionais, a começar pelo não reconhecimento do seu pai. Ela não trás o sobrenome do pai, não é registrada por ele. Na fala de sua mãe fica evidenciada a sua insatisfação diante desse fato:

Zarina ainda não tem o nome do pai dela no registro, eu tô dando um tempo pra ele, mais ele vai ter que registrar ela. Ela não é filha de mãe solteira. Ela tem pai e mãe. Teve uma vez que eu mandei falar pra ele registrar a menina, ele falou que não ia registrar ninguém não, que ele nem tinha certeza que era filha dele mesmo. Que ia fazer o DNA. Eu falei que era só ele querer que eu tava pronta. Quando ela era pequena eu fui demorando pra ver se ele registrava ela, e nada. Quando eu fiz o registro dela, ela já tava com 5 anos, eu registrei como mãe soltera. Ainda bem que ela nem fala nada. Se ele for dá um real pra ela aí no campo tem que esconder muito pra (L. esposa do pai de Zarina) não vê, se não vira uma onça (Entrevista com Ashia, mãe de Zarina, 23/05/2015).

“Eles (os irmãos) acordam de manhã vai na casa da outra vó deles toma café, quando chega aqui o café já coado eles toma de novo, “Zarina” fica nervosa, aí eu falo pra ela, por que ela não vai na casa da vó N.(avó paterna) dela pra tomar café também. Daí ela corre pra casa de Z. (primo e

vizinho) pra lavar a louça e tomar café”, só volta quase na hora de ir pra escola (Entrevista com Ashia, mãe de Zarina, 23/05/2015).

Essa criança/filha é a mesma criança/aluna que ao adentrar o espaço escolar, na maioria das vezes, tem essas suas vivências ignoradas e/ou desvalorizada pela escola. Assim, Silva (2015) apresenta alguns questionamentos que são primordiais a toda professora e professor que tem como objetivo maior construir práticas educativas que deem conta da diversidade presente na sala de aula. Que valorize o ser - humano e não o ser-objeto e possibilite às alunas e aos alunos concretizar a sua humanidade. Vejamos:

Como professores, posicionamo-nos diante desse quadro? Quais propostas já temos? Que outras precisamos construir? Somos capazes de abandonar, desconstruir pedagogias que visam assimilar todas as crianças a uma visão de mundo eurocêntrica? Temos condições de avaliar o quanto nossos gestos e olhares ensinam? Sentimo-nos encorajados a criar materiais de ensino que promovam o fortalecimento étnico racial das crianças negras? Como as mais variadas atividades escolares podem valorizar sua negritude? Como podemos construir condutas de acolhimento em contraposição a de rejeições? Que responsabilidade temos para construção de aprendizagens e da felicidade de nossos alunos? (SILVA, 2015, p.182).

Enganam-se os que imaginam que a construção de uma educação antirracista seja um processo simples. Que vontade e sensibilidade sejam suficientes para minar o sofrimento de crianças negras, para interferirem situações de racismo e de discriminações presente no cotidiano da escola. Mesmo quando professoras e professores têm essa disposição e iniciativas, precisam derrotar o “monstro branco”, o mito da democracia racial, construídos desde a pós-abolição, com o intuito de embranquecer corpos, pensamentos, projetos e que prevalece burilado no imaginário do povo brasileiro (SILVA, 2015, p.177-178).

Esse monstro branco, metaforicamente, pode ser comparado ao processo de embranquecimento, no qual o branco é tido como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos étnicos não brancos. De fato, quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo criado e mantido pela elite branca brasileira, para manter sua supremacia econômica, cultural e histórica e o pior, que o aponta como um problema do negro brasileiro.

Inventando seu grupo como modelo de referência de toda uma espécie, a elite branca fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa

apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. Em contra partida, tem-se o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade étnica e racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justificam as desigualdades étnicas e raciais unicamente, como problemas sociais (BENTO, 2014, p.25).

Diante de tal realidade, Zarina parece ter a sua identidade dividida. Ela busca meios de permanecer na escola, mas esse espaço de socialização não lhe fornece laços de fortalecimento de identidade. Ela sabe que deve dar um sentido para a sua vida, sua história e que a escola é uma ferramenta necessária para lhe auxiliar nessa empreitada, mas lhe falta o domínio dessa ferramenta.

O mais importante é que essa busca por afirmação e reconhecimento já é em si um gesto de transformação, metamorfose. Zarina pode e acreditamos, vai chegar lá, e, vencerá esse distanciamento da escola, que teima em não reconhecer a sua realidade de criança negra que tem uma história, passado, presente e terá um futuro. Mas para isto a escola precisa mudar. Transformar-se e reconhecer suas defasagens atuais. As quais são muitas.

5.1.2 – Zaki, “o virtuoso”: Da resistência e a persistência de firmar sua negritude.

O segundo desenho a ser realizada a leitura foi de autoria de Zaki, “o menino virtuoso”, com 10 anos, ele mora com a mãe e três irmãos. Ele e Zarina são primos e, além de dividirem o mesmo quintal, são parceiros nas aventuras, brincadeiras e passeios. Até o 4º ano do Ensino Fundamental, os dois estudaram juntos. Atualmente ele cursa o 6º ano do Ensino Fundamental em outra escola e Zarina continua no 5º ano.

Ao receber a folha para desenhar, Zaki a manteve na posição vertical, não havendo mudança na posição apresentada. Sendo a folha a representação do espaço ambiente do sujeito, nos aportes da psicologia podemos entender, em nossa leitura interpretativa, que Zaki apresenta uma possível dificuldade para se opor a realidade que vivencia.

Enquanto desenhava, Zaki foi um dentre os sujeitos a pedir uma régua para realizar a atividade. Ao terminar o desenho, ele ficou pouco à vontade para mostrá-lo. Quando finalmente entregou o desenho, foi perceptível que ele havia usado uma

cor clara para se pintar. Por ser o aluno de tez mais escura da escola e também entre seus irmãos, ter se representado com uma cor mais clara pode significar certa resistência em relação a sua tez negra. Certa feita, sua ação é perfeitamente compreensível, se considerarmos que no Brasil as relações de convivência entre a cultura e o padrão estético negro e africano e a cultura e o padrão estético branco e europeu ocorrem de modo conflituoso, com o predomínio e valorização da branquura (BRASIL, 2013).

Desenho 2 - Zaki, menino negro, 10 anos, aluno do 5º ano do Ensino Fundamental



Zaki é um aluno com ótima frequência na escola, participa das atividades. Em uma das observações na escola durante uma pequena gincana fora observado que Zaki era chamado quando as provas exigiam agilidade e esforço físico, quando as provas exigiam conhecimentos gerais, outras alunas e alunos participavam. Em parte, a equipe ficava insegura quanto à resposta de Zaki, como se o mesmo fosse incapaz de acertar a respostas. O mesmo não acontecia quando se exigia habilidades físicas. Quando ganhava a prova, a comemoração de Zaki era certa.

De fato, ele é uma criança que espalha alegria e energia. Segundo sua mãe Betina, Zaki é o primeiro a levantar:

De manhã cedo a hora que os carro passa pra Cândido Sales, esse minino Zaki já pula da cama e vai me acordar pra acender o fogo e botar água pra esquentar pra tomar banho e ir pra escola. Ele bagunça essas tampa de fogão aqui, enquanto eu não levanto ele num sossega. A primeira coisa que faz é mãe abrir a porta e ele ir lá da benção. Todo dia, todo dia. Se mãe ir em Cândido Sales ele fala; oh vizinha trás uma coisa boa pra mim. Pra nós ninguém dá nada, agora pros neto dá (riso). Ele vai ficar sentido a hora que ele chegar da escola e eu falar que tia Lúcia veio aqui (Betina, mãe de Zaki).

Dentro das possibilidades, a família de Zaki revelou algumas estratégias que favorecem suas vivências afetivas. Pelas observações durante as entrevistas foi possível perceber que ele tem na avó uma representação significativa de alguém que lhe dá carinho e segurança. Por não ter oportunidade de estudar, ela valoriza a escola e tudo que a representa.

Nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, ele estudou com uma mesma professora. Ela sempre o elogiou, devido à facilidade para aprender os conteúdos trabalhados. Porém, as inquietudes e conflitos se fizeram presentes na sua relação com a turma, inclusive com a prima Zarina, com quem brigava muito.

Nesse último ano (2015) em que cursou o 5º ano do Ensino Fundamental, segundo a sua professora, Zaki desde o início do ano teve uma relação conflituosa com a turma. Houve inclusive situações de agressões com um colega que o chamou de africano e azulinho. **“parece que ele mesmo já se discriminava... tenho outros alunos negros, mas parece que o preconceito é maior com Zaki”**(P1, cor branca, sexo feminino, com mais de mais de 15 anos de atuação na escola).

De acordo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, um dos equívocos a serem superados pela escola e sociedade é que:

O racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento só atingem os negros. Enquanto processos estruturantes e constituintes da formação histórica e social brasileira, estes estão arraigados no imaginário social e atingem negros, brancos e outros grupos étnico-raciais. As formas, os níveis e os resultados desses processos incidem de maneira diferente sobre os diversos sujeitos e interpõem diferentes dificuldades nas suas trajetórias de vida escolar e social (BRASIL, 2013, p.502).

No cotidiano da sala de aula, diante de tais conflitos a professora de Zaki, preocupava em como fazer uma aproximação sem que o mesmo se percebesse tratado como diferente, “**às vezes abraçava ele, mas com certo cuidado**” (P1, cor branca, sexo feminino, com mais de mais de 15 anos de atuação na escola).

De fato, para lidar com os embates em torno de uma educação para o respeito à diversidade, e enfrentamento do racismo é preciso que o profissional da educação/educador (a) tenha, além de uma formação que contemple diferentes áreas de conhecimento, sensibilidade e postura para promover de forma positiva as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos, no sentido de corrigir as palavras, ações preconceituosas e agressões (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013, p,502).

Frente a essa realidade, a professora e o professor têm um grande desafio no cotidiano da sala de aula para entender tais relações e o modo pelo qual essas diferenças são percebidas por essas crianças e de que maneira as crianças possuidoras de um corpo marcado por estereótipo como: tipo de cabelo, cor da pele e origem social vivem em seu cotidiano os significados que estas diferenças representam. Compreender a importância das questões relacionadas à diversidade, lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam reeducá-las torna-se valorativo, pois orienta a todos envolvidos em tais relações, a não permitir que tais diferenças representem desigualdades (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2013, p, 500).

A escola como espaço de socialização, não está imune a estes conflitos. Essa realidade justifica Zaki ter uma definição negativa da sua cor negra. As falas abaixo, retiradas de uma pesquisa anterior (FERRAZ, 2015) com estudantes dessa mesma turma evidenciam a visão negativa em relação à cor preta e ao negro. “**O aluno preto (M-20) não é bonito. O aluno mais feio é (M-20), porque é preto, (F-23,boa aluna). Alunos pretos: (M-20 e F-14) preto não, pois ta falando racismo, tem que falar moreno. Hoje nós tamos estudando o saci, mais ele fica só derramando as coisas, sujando... eu também sou moreno, eu era branco, mais tomei sol,(M-12, aluno pardo/bom)**”. Também a professora (branca) teve dificuldade durante a hetero-classificação das alunas e alunos, seguida de uma tendência ao clareamento das crianças, quando comparada com a autoclassificação

destas. O único aluno classificado por ela como negro foi Zaki-“(M-20)²³ **é negro eu falo pra ele que é meu negão, negro é a raça dele**”(FERRAZ, 2015. p.p.132-144).

Em casa ele tem liberdade para brincar, passear na casa dos amigos e participar das conversas com os adultos. Ao menos nos momentos em que foi observado.

Zakinho toda vida foi bom (silêncio) engraçou com Lulu (conhecido do Povoado da Estiva- 8km de distância do Povoado de Lagoa de Timóteo) diz que vai passar as férias na casa de Lulu (riso). Lulu dá roupa, dá dinheiro é aquela lambança com Lulu. Ele pergunta cê deixa mãe? Por mim. Ele vira e meche vai pra lá. Marção (motorista de uma Van que faz transporte para a sede Cândido Sales e passa pela povoado da Estiva) mesmo leva ele pra lá. Às vezes Lulu manda o menino dele vim trazer, às vezes Marção traz. Eu nem preocupo, tá olhado, tá mais olhado que eu (Betina, mãe de Zaki).

O pisar no telhado, seja da escola ou da própria casa, tem um significado complexo de resistência às regras. Evidencia também, que a criança não se sente protegida na escola, ou na própria família. Em nossa leitura, essa ação é um pouco grave, porque ele está pisando em uma figura de autoridade, (no dia que estava sendo realizada a oficina, Zaki saltou o portão para pegar uma bola e recebeu uma advertência verbal da diretora). Ele quebrou uma regra na escola e a diretora chamou a atenção dele. Ao mesmo tempo em que ele está pisando no telhado, também se desenha fora da escola, ou fora da casa. Esse sentido de não pertencimento, também está presente no desenho de Zarina.

De fato, a realidade de Zaki e de Zarina apresenta grande similitude, pois ele também não tem o sobrenome do pai, enquanto seus irmãos contam com pequeno apoio financeiro da avó e avô paternos, têm o sobrenome do pai, mas não convivem juntos. Em momento algum das entrevistas e observações, o assunto paternidade de Zaki surgiu. O silenciamento se manteve, assim como a ausência da figura paterna. Outra leitura a ser considerada sobre o pisar no telhado seria a ausência da proteção/segurança paterna, que, mesmo pequena, seus irmãos têm e ele não. Então por isso ele pisa.

Nessa relação ambivalente, também tem o fato dele ser protegido pela mãe.

²³ O código M-20, utilizado na pesquisa anterior para manter o anonimato da criança/participante, assim como o nome Zaki referem-se à mesma criança.

A mãe gosta muito dele, tem uma relação de mais proximidade com ele, e isso lhe dá um poderio.

Na escola, ele tem as pessoas que lhe trazem segurança. E como ele é querido de alguns, consegue dar conta do que a escola exige. Tem a mãe que quer aprender a escrever. Em alguns momentos, ele se sente bem na escola. Em outros, ele se sente enquadrado dentro da escola, e não só enquadrado, como ele nem quer estar dentro da escola. Mesmo numa relação de ambivalência com a escola e também com a família ele vai muito bem, dentro de suas possibilidades.

As memórias de sua mãe são marcadas por uma infância também contraditória e assemelha, em parte, com a infância de Zaki. Ela conviveu pouco com o pai, que abandonou a família indo para São Paulo. Assim, tinha que trabalhar para ajudar a mãe, mas isso não lhe impossibilitou uma infância de brincadeiras e travessuras:

Aí meu Deus! Minha infância era boa, era divertido. Só não estudei. Hoje eu me arrependo de não ter estudado, porque estudo é uma coisa muito boa. Arrependo tanto de não ter estudado, mas a gente não tinha quem incentivava a gente, foi criado sem pai, vivia na roça mais mãe até a hora que eu aguentava, quando não, vinha embora. Aí era pra essas lagoas brincando por aí... Daí a pouco começou crescer arrumar o que não era da conta e o que é. Aí minha infância foi boa foi muito boa. Tem hora que eu fico lembrando assim... Ah! Se a gente pudesse voltar no tempo (riso). Mais agora volta! Não dá mais pra voltar. Tudo que eu vivi pra mim foi tudo maravilhoso! (Betina, a mãe de Zaki).

Na escola, as relações estabelecidas entre brancos e a criança negra, seja com os profissionais e entre as alunas e alunos são visíveis marcas da branquitude, quando os profissionais da educação insistem em não reconhecer que as desigualdades raciais têm ligação direta com a discriminação e prezam pelo silenciamento do racismo. Culpabilizando a própria criança negra pela discriminação que sofre e, por fim, justificam as desigualdades raciais unicamente, como problemas de ordem social. Desconsidera assim, os privilégios concedidos aos brancos em todas as relações, nos diferentes espaços de socialização (BENTO, 2014).

Assim, observa-se que a escola para Zarina e Zaki se mostra muito distante. Pois tem sido um espaço, em que o componente étnico racial ao invés de ser evidenciado tem sido violentado e agredido de forma implícita e silenciosa. Ou seja, até que ponto esta escola, enquanto instituição formadora, com mais de quatro

décadas de existência, tem defato acolhido a aluna e o aluno negro no sentido histórico, social e de pertencimento da sua população de Lagoa de Timóteo?

A escola é boa, em termos da função da escola, e tem sua representação enquanto possibilidade de transformação na vida de parte de seu público. No entanto, para aqueles que trazem o estigma da exclusão pela sua cor e origem social, ela tem deixado muito a desejar. Ela ainda não consegue se comunicar com a realidade dessas pessoas, e trazê-las para um conhecimento clássico de modo que elas se apropriem verdadeiramente desse conhecimento e não como um livro fechado, em cima da mesa, que algum dia, só os bons vão conseguir ler. Na fala de um profissional da EMACM transparece uma visão da neutralidade das diferenças da omissão e negação:

Os casos que a gente vê aqui mesmo na escola, no caso de Zarina mesmo eu acho que é preguiça dela. Zaki é super inteligente, eu acho que tem branco mais lerdo aí na mente do que preto, (rsrsrs), eu acho que tem. Eu acho que em questão de aprendizagem aqui não tem diferença não (Entrevista realizada com um profissional da escola, 15/12/2015).

Ao afirmar que acredita ter “*brancos mais lerdos da mente*” que negros, o profissional apresenta justificativa semelhante a utilizada pelo branco europeu para escravizar os negros e indígenas tidos como exímios trabalhadores braçais, onde sobressaia a força física e nenhuma aptidão para atividades que exigiam o pensamento. Durante mais de três séculos (XVI-XIX) no Brasil, os indígenas e os negros foram considerados menos inteligentes, seres desalmados, meros objetos de trocas.

Em pleno século XXI, ainda está burilado no imaginário de uma significativa parte da população brasileira, e em específico na fala e nas práticas dos profissionais da escola esse desvalor, que foram evidenciados por meio das falas colhidas, das observações na escola e nos desenhos das crianças, um misto de sofrimento, angústia e privações afetivas e também financeiras em algumas famílias, resultado das relações desiguais mantidas na sociedade brasileira, cujos sustentáculos são as relações raciais desiguais no Brasil, sob o tripé: “contínuo da cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial” (SOUZA, 1983, p.22).

Se não há diferença na forma de acolher, de sentir, de tocar e de ensinar a criança negra, se a todas as crianças são tratadas igualmente. Qual a justificativa para Zarina ter repetido de ano e continuar no 5º ano em 2016, enquanto os seus colegas desde a pré-escola foram todos aprovados para o 6º ano? Também

dois irmãos de Zaki ter uma alfabetização tardia e ainda repetir de ano em outra escola que estudam. É do conhecimento de todos da escola e também das famílias, o trabalho diferenciado que alguns profissionais da escola, mais preocupados, dedicaram a Zarina e também aos irmãos de Zaki. No entanto, ela e também eles, não deram conta dos conteúdos exigidos pelo ensino formal. Algo faltou mais uma vez, o discurso da escola é de culpabilizar as crianças por sua preguiça. Quando na verdade, o que ainda transparece no discurso e nas práticas cotidianas da escola é a ideologia da supremacia branca europeia, que por mais de cinco séculos, mantém o sistema perverso e violento do racismo; que agride a criança negra e sua família acusando os de ‘lerdos’, ‘preguiçosos’, falta de esforço, falha da família.

A representação de Zaki por meio do desenho e as observações feitas em outros espaços de convivência evidenciam uma infância com marcas de conflitos, que exige do mesmo, posturas diferentes a depender do espaço ocupado. Na escola, ele se percebe enquadrado, artificial, como um robô. Sua postura é inadequada às exigências da escola. Ele não é ele mesmo ou não se vê representado na escola, apesar de achar a escola importante para aprender a ler e escrever. De ser um bom aluno, pois se qualifica como estudioso. **“Sou bom aluno, porque estudo, pra ser bom aluno tem que estudar”**, (M-20, aluno mediano/Zaki) (FERRAZ, 2011, p.141).

A banalização dos conflitos raciais na escola, assim como em toda sociedade brasileira precisa ser considerada em toda a sua complexidade, pois o discurso de que a violência do racismo não tem efeito nenhum, que não passa de pequenas diferenças entre negros e não negros, assim como o discurso da igualdade, que todos são tratados sem discriminação é o que mantém a perversidade do racismo e todas as atrocidades que o acompanha como algo natural até hoje no Brasil.

5.1.3 – Alike, da percepção da diferença à busca pela equidade

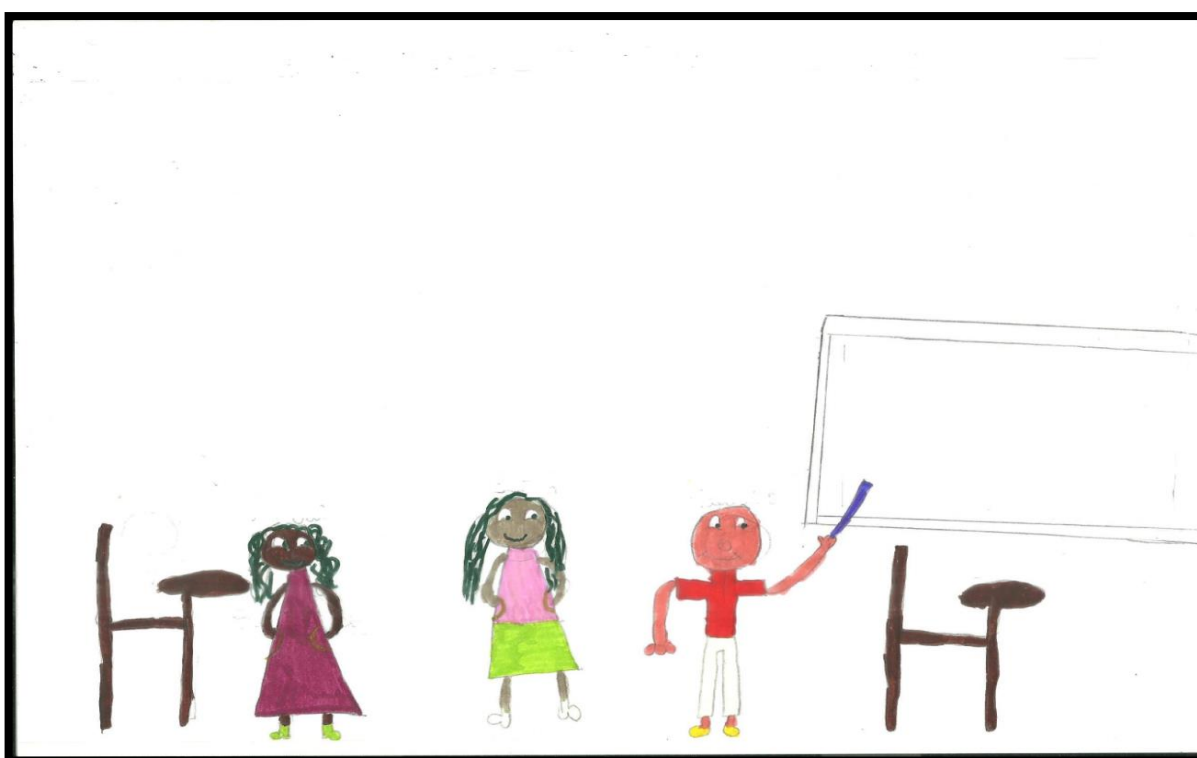
O terceiro desenho a ser realizada a leitura foi criado por Alike, “a observadora”. Menina negra, filha de um casamento inter-racial: mãe negra, pai branco. Com 9 anos, é aluna do 5º anos do Ensino Fundamental e vive com seus pais e duas irmãs mais novas.

Das 27 crianças que participaram da oficina de desenho, Alike foi a que de mais tempo necessitou para desenhar. A princípio, se sentiu insegura e reforçava que não sabia o que e como fazer. Essa resistência moderada para desenhar pode

representar um sentimento de inferioridade e inadequação em relação a si própria ou à escola (VAN KOLCK, 1984, p.10).

Por vezes, ela iniciou e apagou o desenho. Em nossas leituras podemos entender, que essa insegurança pode significar uma dualidade de seus sentimentos em relação à escola. Talvez ela tenha um sentimento que possa ser traduzido como uma dificuldade de se colocar como a estudante esforçada que é.

Desenho 3 – Alika, menina negra, 9 anos, aluna do 5º ano do Ensino Fundamental.



A localização do seu desenho em relação ao espaço/folha tem importante significado, pois pode revelar muito da sua percepção geral no ambiente e consigo mesma. Alika não se coloca no centro, pelo contrário, seu desenho está localizado no quadrante inferior esquerdo, o que numa interpretação psicológica, pode representar conflitos internos (VAN KOLCK, 1984, p.10).

No entanto, ela se desenha na sala de aula com uma colega, mas mantém meio distante do professor. Sua ação é de observadora atenta para não errar. Pelas marcas no papel, Alika queria se desenhar sentada, estudando. Como não consegue, ela então assume o papel de espectadora. São observadoras. O professor ensina, mas ela é a que mais observa. Então, podemos dizer em nossa

interpretação, como se ela tivesse que ser a politicamente correta.

Também como Zarina, Alika, ao receber a folha de papel para desenhar, tem uma atitude de mudança de posição. Da posição vertical, a folha é posta na horizontal, o que pode representar maior liberdade, curiosidade e possibilidade de formular uma opinião contrária à realidade que lhe é imposta. Liberdade esta que se mantém reforçada pelo apoio e segurança oferecido pela família. A presença constante da família na escola, nas visitas do pai e da mãe e na presença de sua tia paterna, que é a merendeira (VAN KOLCK, 1984, p.08).

A relação de Alika com a escola, aparentemente, mostra-se tranquila. Ela é uma criança que tem uma relação com a escola de observação, ou seja, enquanto seus dois colegas Zarina e Zaki observam a escola do lado de fora, pois localizam seus desenhos do lado externo, Alika assume uma posição de observadora interna, na sala de aula, dentro da escola. A escola aparece nos desenhos como um espaço de grande observação da criança, a criança está muito atenta ao que a escola traz pra ela. Ela não é dispersa da escola, está observando e registrando. Seus olhos são grandes e destacados no desenho (OLIVEIRA, 2008).

Nesse sentido, o desafio da escola se mostra ainda maior, pois esta precisa se atentar para o racismo, a discriminação e as ideias preconceituosas que dirige às crianças que não são referência dos padrões estéticos valorizados pela sociedade. A escola tem silenciado e fechado os olhos para o racismo existente em seu espaço, como a fala das crianças por meio dos desenhos nos mostram.

A escola precisa ser melhor em seu ambiente escolar e potencializar suas práticas, dentro de uma perspectiva racial de valorização e de respeito ao público diversificado que atende para se firmar como uma escola que seja ética e cumpra com o seu papel com todos os sujeitos indistintamente, favorecendo o pleno desenvolvimento das crianças como um todo, sejam elas negras ou não.

O discurso de um profissional da EMACM evidencia que esta instituição ainda é omissa e comunga com a permanência do racismo explícito nas formas de sociabilidade entre as crianças, que é produto das relações sociais de nosso país, quando as questões são de caráter racial:

“Sempre tem aquelas piadinhas, que um fica fazendo bullying com o outro, eles brigam, brincam, voltam às boas. Acho que não é nada sério não, mas sempre tem de um ficar fazendo piadinha com o outro, que um é preto, um é branco, outro é macaco, ou não sei o que, não deixa de não ter, mas acho que eles se relacionam bem (Entrevista realizada com um profissional da escola, 15/12/2015).

Ao rememorar suas vivências de infância, a mãe de Alika deixa em evidência o quanto a escola se mantém aquém das questões raciais, levandoas próprias vítimas a minimizar os traumas sofridos ou direcionar para a família a responsabilidade de diminuir os traumas causados pelas relações desiguais:

Na sala mesmo eu nunca tive preconceito assim...Não radicalizando, mais alguns que sempre tem preconceito que não demonstra fica ali camuflado...sem dar na vista..mais foi isso passou...preconceito a gente que até hoje existe e vai sempre existir, né, que desde que o mundo é mundo que tem o preconceito. Eu passo pra ela assim pra ela saber lidar, que mesmo que não seja só a cor, que tem todo tipo de preconceito a classe social e tal é isso...(silêncio) Eu mostro também pra elas um pouco do que foi a minha relação com a minha família, que foi muito boa, lutando muito mas todo mundo unido. Muito boa! (Entrevista com Nakati, mãe de Alika, 15/12/2015).

Esse olhar que direcionamos para o desenho de Alika se qualifica como uma dentre diversas possibilidades de leitura. Não existe uma visão única, e a visão do adulto não pode representar um padrão. Formulamos nossas opiniões conjugando com outras fontes de coleta de dados e informações: as entrevistas de História de Vida em Psicologia Social, com seus familiares, mãe, pai e avó, as observações participantes feitas na escola e na família e as entrevistas com profissionais da escola.

Como já informamos, esta metodologia de pesquisa nos permitiu a aproximação do objeto pesquisado, pois a criança está tão próxima das circunstâncias quanto o adulto e, portanto, influencia e é influenciada pelo meio. “O meio em que a criança se desenvolve é o universo do adulto, e esse age sobre ela da mesma maneira que todo o contexto social, condicionando-a ou alienando-a” (MÉRIDIÉU, 2006, p. 03).

Outra consideração que se faz relevante, diz respeito ao fato de Alika se colocar com a tez bem negra, enquanto usa a gradação de cor para pintar a imagem da colega e o professor. Podemos atribuir essa atitude a dois fatores. O primeiro e mais interessante, se deve tanto ao fato dela saber e assumir a sua diferença, quanto de saber que a escola lida com as diferenças no sentido de que há diferenças entre as pessoas. O que difere de outros desenhos, em que as crianças usam apenas uma cor para representar seus pares. Mas há diferenças, e talvez ela sinta esse lugar de diferença no próprio contexto familiar já que o pai é branco e a mãe negra. Assim, no sentido de que ela sabe que ela é negra, ao se comparar com o pai. Ela percebe a sua cor, justamente porque o pai é branco.

Nas palavras de Munanga (2015), essa percepção da diferença, além de ter por base alguns comportamentos inatos aos seres humanos, também são aprendidos nos espaços de socialização:

A tomada de consciência da diferença constitui o ponto de partida de todos os discursos identitários. A matéria prima da diferença está na nossa natureza humana, ou seja, na geografia de nossos corpos, na cultura da sociedade onde nascemos e onde fomos socializados, na história dessa sociedade e em nossos comportamentos individuais e coletivos. Alguns de nossos comportamentos são inatos e outros são culturalmente adquiridos pela educação ou socialização (MUNANGA, 2015, p. 03).

Essa percepção da diferença, em parte, pode não significar um sentimento de inferioridade, apesar de Alike ser bem mais alta que a sua colega e se desenhar menor. Ela teve maior dificuldade em se representar. O seu desenho foi o que ela mais apagou. A percepção racial está bem marcada nela. É o desafio de se perceber diferente quando se confronta com o outro que também é diferente. A cor da pele de Alike aparece como um marcador de diferença e reverbera no seu comportamento. Ela não tem um comportamento que rompe com as regras estabelecidas pela escola, pois fica presa à necessidade de se comportar para antecipar o que vai acontecer e não romper com o padrão estabelecido. Ela se vê diferente da colega que é mais clara e também do professor.

Alike tinha liberdade e opções durante a atividade de escolher a cor de sua preferência para colorir o desenho. No entanto, ela escolheu a mesma cor que pinta a cadeira para se pintar. Ela faz uma régua lilás, sendo que podia pôr de outra cor, podia pôr uma cadeira azul, uma cadeira vermelha. É um desenho, mas ela coloca o objeto da mesma cor que utiliza para se representar. É um desenho, mas ela coloca um objeto, da mesma cor que utiliza para se representar. Usa cores mais vibrantes para a colega e o professor e seu desenho foi marcado por uma tonalidade mais escura.

Então, se considerarmos todas as marcas das questões raciais, seja no silenciamento ou no valor insignificante que é dado para essas questões, podemos entender que tem aí uma relação de menor representação de si. Ela se representa menor que a colega e o professor. Seu desejo poderia ser o de simplesmente estudar e aprender, mas ela não consegue. Tem que estar esperta, observando como é que se comporta, porque sente a necessidade de se dedicar mais. Tem que estar atenta, tensa, vigiando, observando como se comporta. Isto porque sente a

necessidade talvez de cumprir com os códigos sociais que se espera que ela cumpra; ou talvez porque sendo negra e possuindo um pai branco, sabe como deve comportar-se para que sua origem negra não seja colocada como uma marca negativa diante de seu pertencimento também branco.

Obviamente estas incursões são possibilidades de escutas. Não necessariamente a verdade. O desenho infantil é um grafismo que perpassa palavras e sentidos. São imagens fotográficas. Como no cinema, a cena nunca pode ser totalmente capturada, congelada. Assim como a expansividade da mente humana, o psiquismo nos escapa. Inevitável. Mas estes fragmentos dos desenhos desta criança nos permitem pensar para o além do nunca dito, no compromisso de não fazê-las, mais uma vez, calar, silenciar. Ao contrário disto, podemos escutar. Direcionar-lhes o olhar. Observar que estão ali. Vê-las. Colocá-las em primeiro plano, a nossa frente, como pessoas humanas, marcadas pelo racismo que um dia imprimiu em seus ancestrais o signo da animalidade que elas hoje tentam não se igualar apesar da ausência de apoio da comunidade humana no sentido universal, pois até hoje a escravização do africano não é considerada crime contra a humanidade. Este apagamento e banalização da história que foi o massacre e genocídio do africano e do processo de colonização desta população, denominada negra, tem sua consequência, e é o que podemos ver – escutar - em nossa análise, no desenho de Alika, capturando um movimento da cena, de seu psiquismo e emocionalidade (OLIVEIRA, 2016).

Enquanto expressão do pensamento, o desenho é uma linguagem que precisa conquistar um vocabulário mais amplo sem, contudo, perder a intensidade e a certeza do seu traço (ALBANO, 1999, p.44).

Pelas observações feitas das relações firmadas por Alika no contexto escolar e familiar, é possível dizer que ela vem de uma realidade um pouco diferenciada das vivências de Zarina e Zaki. A sua mãe negra é de um distrito vizinho, funcionária pública e estudante de graduação em Pedagogia. Seu pai é branco, do Povoado de Lagoa de Timóteo, pedreiro com o ensino fundamental incompleto. Alika, no entanto, nasceu e viveu por um período em São Paulo, vindo aqui residir com cinco anos, idade em que inicia seus estudos na EMACM.

Ao recordar da sua infância, Nakati, mãe de Alika, rememora os desafios enfrentados para ajudar nas despesas da família e manter os estudos. Batalha que

ainda hoje mantém para trabalhar fora, fazer os trabalhos domésticos e estudar, pois ela está cursando Pedagogia.

A minha luta é desde novinha, na roça plantando, limpando, tudo isso. E lutando ainda pra não deixar de lado a escola. E essa luta até hoje. Então assim, de tudo que eu vivi, eu tento passar pra ela, sei que não vai ser da mesma forma, pois os tempos são outros, tudo mudou mais assim o conceito convívio de família de..sei lá de convívio na escola, na rua eu tento passar pra ela, pra ela lidar bem com isso. Agora assim, preconceito se ela já sofreu algum ela nunca comentou comigo, mas eu já sofri preconceito na escola (Entrevista com Nakati, mãe de Alika, 13/07/2015).

Nas observações em sala de aula e mesmo no pátio, durante o recreio, Alika se mostrou muito responsável. Por ser a irmã mais velha, ela dedica muita atenção às suas irmãs mais novas, sobrando-lhe pouco tempo para brincar. Ela sempre foi dedicada aos estudos e recebe apoio e orientação do pai e da mãe na realização das tarefas de casa. Na fala de seu pai, Enzi, fica evidenciado orgulho em relação às filhas:

As meninas na escola têm uma vida muito boa. Elas gavam²⁴ as professoras, fala que gostou da escola, mostra as tarefas pra mim que fez. Eu ajudo elas fazer as tarefas né. Agora mesmo eu tava ajudando Alika fazer as tarefas dela. O que elas num sabe né, aí elas pede pra mim ajudar. As pequena também, elas é muito inteligente, algumas coisas que elas pergunta (fala de uma das meninas, nós sabe fazer nome e sobrenome e o alfabeto também) pela idade delas já tá muito bem na escola. Sempre acompanhando, às vezes eu vou nas reuniões. Quando eu não posso, a mãe vai. Mais sempre eu vou, agora fora assim que às vezes eu num passo lá, nos horário de aula né e tem como a gente passar lá nesse horário tem que tirar uma hora pra ir. Não tenho o que falar é muito boa na escola as três (Entrevista com Enzi, pai de Alika, 13/07/2015).

A mãe de Alika rememora o momento em que repetiu a 4ª série. Ela refere a este acontecimento como traumatizante tendo-a marcada até a vida adulta:

Tem o trauma na escola que eu já te falei né. Eu perdi de ano na 4ª série, que eu carrego até hoje o trauma, que a professora não era legal, a culpa era dá professora (rsrsrsrsrsrs). As minhas professoras alfabetizadoras até 4ª era aquelas professoras bem rígidas, ou você aprendia, ou não passava de ano, não tinha aquele negócio de empurrar aluno não, você tinha que passar na raça. Na 4ª série foi um ano bem sofrido, não que os outros também não fosse, mais esse foi mais difícil porque além de estudar a tarde. Era bem longe o colégio eu ia a pé, o sol rachando e aí eu fui estudando fazendo a recuperação aqueles provão né, restou matemática, passei em todas sobrou matemática. Eu não lembro se na época tinha conselho, mas eu fiz a recuperação, o provão né. Fizemos a festa primeiro, fizemos vaquinha pra fazer um bolo pra professora, tudo lindo maravilhoso e

²⁴ O termo “gavam” tem um sentido de elogiar: as meninas elogiam as professoras.

eu acreditando que tinha passado de ano, quando foi me entregar o resultado eu tinha perdido por um ponto. Não é me gabando não, mais eu nunca fui ruim aluna, eu acho que ela não contou comportamento nada, eu perdi por um ponto, aí foi meu trauma, detesto matemática até hoje. Daí eu cursei de novo a 4ª série aí passei e até o 3º ano não perdi mais, mesmo rígida no modo de avaliar, eu acho que minha melhor professora foi D. Lucy, ela era amiga da família, conhecia minha mãe, ela era legal. Apesar de tudo ela foi uma boa professora, (Entrevista de Nakati, mãe de Alika, 13/07/2015).

O incentivo ao bom comportamento aparece nas falas de outros entrevistados, e também nas práticas dos familiares de Alika. Eles acreditam que o respeito à autoridade da professora e do professor e as regras impostas pela instituição escolar amplia a possibilidade das suas crianças alcançarem o sucesso nos estudos. O seu pai rememora um pouco das suas experiências na escola.

“Assim na escola, eu lembro de muitas coisas também, eu era quietinho, mais muitos colega era terrível, eu tinha medo da professora né, ficava assim tímido, encostado no canto não bagunçava de jeito nenhum e era tímido pra fazer essas coisas assim (Enzi, pai de Alika, 13/07/2015).

As dificuldades que foram evidenciadas nas recordações de infância da mãe, do pai de Alika e por uma de suas avós são marcas que reverberam em atitudes de resistência frente a uma sociedade que maltrata os seres humanos lhes negando, na maioria das vezes, os bens básicos para a sobrevivência. Ao questionar essa realidade de sofrimento numa reflexão sobre sua vida de exclusão, a família amplia a possibilidade das suas gerações futuras alçarem voos mais altos e transformar sua realidade (SAWAIA, 2001. p.99).

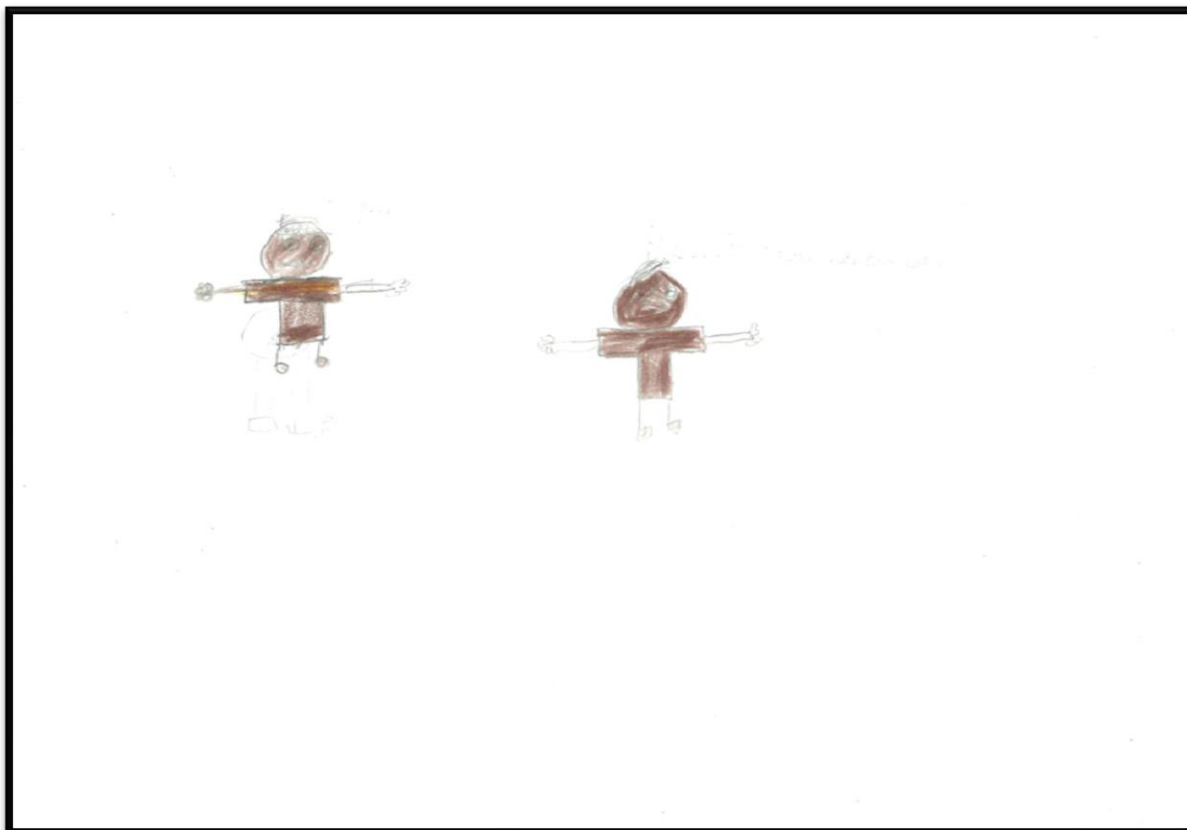
As estratégias elaboradas pela família extensa, seja na forma como suas avós e avôs incentivaram sua mãe e seu pai, ou nas atitudes destes últimos para com Alika, têm resultado num esforço pessoal e favorecido o seu desenvolvimento na escola. Ela é vista por todos os profissionais como uma criança/aluna exemplar, inclusive nesse momento em que cursa o 6º ano do Ensino Fundamental, em outra instituição escolar.

Assim, qual a representação da escola e da família na consolidação do sucesso de Alika? Quem a influenciou de modo mais significativo? A escola que silencia, desconsidera e banaliza toda a perversidade das relações desiguais provocadas pelo preconceito e pela discriminação racial, fruto do racismo; ou a família que se vale de diversas estratégias, seja nas relações de carinho e atenção ou no jeito mais claro de abordar as questões de ordem racial

com a filha? Acreditamos que o mais significativo para o sucesso de Alike está impresso na potencialidade da mãe negra, que mesmo sofrendo racismo na escola, tendo suas dificuldades minimizadas e desconsideradas pela professora que a repetiu de ano, não se curvou diante do “monstro branco” e serve de espelhamento para suas filhas. Um dos caminhos viáveis para vencer o racismo e todas as suas ramificações é encará-lo com a seriedade que ele exige, enquanto um construto que teve por finalidade manter as relações de desigualdade, onde a exploração de uma maioria de negros e indígenas serviu para manutenção da supremacia de uma minoria branca.

5.1.4 - Kintu, na simplicidade reverbera sua realidade.

Desenho 4- Kintu, menino negro, 9 anos, aluno do 5º ano do Ensino Fundamental.



O quarto desenho analisado foi realizado por Kintu, menino negro de nove anos, no 5º ano do Ensino Fundamental, que no seu jeito simples de ser, deixa transparecer sua vida de privações materiais, porém carregada de significações e afeto.

Durante a realização da atividade, Kintu não apresentou maiores dificuldades, pelo contrário, de forma simples e rápida fez seu desenho e do seu colega de turma, vizinho e primo. Ele e seu companheiro de brincadeiras são muito próximos. Algumas vezes, em visita a sua casa para observação, ele sempre estava brincando com o primo. Mas com o cuidado de não sair para longe, pois seu pai é rigoroso nesse sentido. Ele pode brincar, mas na proximidade da casa.

O desenho de Kintu tem como marca a simplicidade. Talvez seja o mais simples dentre todos os outros. Nessa aparente simplicidade pode está inscrito o seu jeito natural de encarar a realidade. É a sua representação da realidade “nua e crua”, de alguém que não se engana. Um cuidado maior se faz necessário na leitura do seu desenho, para não cairmos na armadilha dos mitos modernos sobre a criatividade, e julgar essa estruturação de forma empobrecida (ALBANO, 1999, p.49).

A sua representação é de uma criança/aluno que se sente desarmado na escola. Ele se desenha completo, mas está estático, sem movimento, como se estivesse preso em sua realidade, que mesmo com todo esforço da família ainda é marcada por privações. Assim, consideramos que, por se tratar de um desenho temático, de criança, que traz seus traços particulares e relações diferenciadas, nos encontramos diante de situações psicologicamente diversas, as ideias gerais de leitura devem se ajustar a esse caso particular (VAN KOLCK, 1984, p.03).

Como sua mãe ainda não realizou o seu grande sonho de morar na casa própria - essa se encontra em fase de acabamento- toda a família mora na casa que era da avó (falecida) de Kintu. É a casa de todos os filhos. Nela residem além da família de Kintu (mãe, pai e duas irmãs), também uma tia com o esposo e o esposo de sua irmã com o filhinho de um ano e meio. Trata-se de uma casa com uma dinâmica diferente, onde as atividades domésticas e o cuidado com as crianças passam a ser responsabilidade de todos os adultos.

Na fala de Jamília, mãe de Kintu, transparece a sua firme esperança de mudar para sua casa. Esta fez questão de contar um pouco da sua história na sua casa em construção:

Aqui é minha casinha...falta um bucado de serviço e dinheiro pouco...pega um dinheirinho emprega numa coisinha. Essa semana os meninos rebocou um pouco aí pra nós, faltou pouco pra acabar...ainda ficou um saco decimento,maiscabou a areia tomém... Aqui é o quartinho de Kintu, esse aqui minha outra filha fala que é dela, enquanto ela morá mais nós, ela vai dormir aqui. O de lá é o meu. Aqui é o banherim, aqui é a varanda, é bem

divido. Graças a Deus realizou meu sonho...que era meu sonho ter minha casinha rsrsrs... Que vê mais alegre ainda é quando eu já tive aqui, mais invista do que teve já tá bem mais perto né Lúcia. Com a fé em Deus logo eu mudo, não tem coisa pior que morar na casa dos outros e os povo assim falando, a casa é de mãe mais todo mundo acha que é dono não tem jeito, bom mesmo é a da gente.Com a fé em Deus quando tiver um dinheirinho eu já compro o cimento faço um pisinho...cerâmica se eu puder eu vou comprando devagar. Aos pouco né Lúcia, agente não pode fazer de uma vez (Entrevista com Jamília, mãe de Kintu. 02/03/2015).

O sobrinho pequeno de Kintu Ihe é muito próximo. Quando está na escola ou em outra atividade, ele o tempo todo chama por seu tio Kintu e sua pequena tia de sete anos, que também estuda o 2º ano do ensino fundamental na EMACM.

A sua família é muito rigorosa quanto ao tratamento de respeito que ele deve ter com as professoras e com os mais velhos. É uma exigência da mãe e do pai que os filhos peçam benção sempre que encontre alguém com tais características.

Diante das dificuldades enfrentadas por Kintu, ele ainda aparenta o mais tranquilo. A realidade Ihe está mais evidente, ele percebe as dificuldades, privações, mas é um sobrevivente. Seu desenho não apresenta muitos artifícios. O que dentro da psicologia, a partir da leitura de alguns psicólogos, poderia ser considerado um desenho pobre. Em nossa leitura, entendemos que em sua simplicidade,ele deixa transparecer a sua provável liberdade.

Ele sabe que devido às suas condições financeira tem pouco para sobreviver, porém entende que a família dará o seu jeito. Também na escola aparenta ser mais tranquilo. Sob certos aspectos, ele ainda evidencia a relação de não ter empoderamento, porém, em suas experiências escolares, ele demonstra tranquilidade e consegue, em parte, dar conta do que a escola exige e ainda manter uma relação de aparente tranquilidade com seus pares, professores e demais profissionais.

Por ser o único menino, Kintu recebe mais atenção da família. Sua mãe é muito zelosa e mais calma. Seu pai é rígido, o mantém no controle e exige ser obedecido. No entanto, as atitudes do pai com ele são contrárias às suas próprias vivências de infância. Em sua fala são evidenciados muito sofrimento e privações:

Eu tinha 10 anos, quando sofri esse acidente, caí no forno de torrar farinha. Fiz o aniversário ainda no hospital com unsmininos que tava lá, perdi dois dedos, quebrei essa mão aqui, queimei um bucado nas costas. Mais essa mão é igual a outra, se essa sã não cansá, a outra também não... Eu só vivi pro mundo mais pai, num prendi nada. Entrava na escola, pai tirava. Ele pegava uma roça pra limpá ia roçá mais Pé de Sêbo e ponhava eu mais

meu irmão pra limpá... passava tempo, tornava colocar nós na escola e tornava tirá...agora que eu tava aprendendo um pouquinho estudando a noite, cabou também (Entrevista com Aganju, pai de Kintu, 11/05/2016).

Também a sua mãe, traz as marcas de grande sofrimento enquanto criança, pois com a separação dos pais, ela, por ser a irmã mais velha, assumiu junto com a mãe o sustento da família, trabalhando na roça e nas casas de rodas (fábrica de farinha) para ajudar a criar as irmãs mais novas.

Pois é falar assim de quando eu era pequena...foi uma vida sofrida, que mãe mais pai foi separado, eu sofrendo mais mãe pra dar comida os irmãos mais novo e era uma luta, era trabaiondo na roça, era vindo com feche de lenha e trabaiondo na casa da roda (fábrica de farinha de mandioca), era uma luta assim nossa, vinha aqui comer, não tinha água perto igual é agora, era pegando água longe, não descansava nada, aí voltava pro serviço de novo, era uma vida dura assim, ajudando mãe dá comida os fi mais novo qui pai não ajudava nesse tempo, ele num dava e...foi uma vida sofrida nossa. Nesse tempo agente não podia fazer as coisa assim..., que num tinha água perto agente ia era longe pra pegar...lá na cisterna do finado Fifi, trevessá aquela lagoa com a lata d'água, pegou lá na cisterna do finado Joaquim pai de Nair... nois já pegou água lá era sofrida demais moça a vida da gente. Sofreu pouco não... eude pequena mesmo não tinha sossêgo não. Eu estudei só um pouquim tive que sair pra ajudar tomém mãe na luita assim...Que logo que ela ficou separada os outro meninos era tudo pequeno né...e eu nós num guentava vê os menino querer as coisa e num ter nada pra comer...aí eu estudei pouquinho mesmo...eu acho que num sei não... Acho que eu num fiz nem a 4ª série que a 1ª e a 2ª eu já saí (Entrevista com Jamília, mãe de Kintu, 02/03/2015).

Mesmo lhe sendo negada a possibilidade de estudar, a mãe de Kintu rememora com saudades o pouco tempo de escola e sente orgulho quando observa que o filho e a filha mais nova estão desenvolvendo na escola:

[...] mais eu gostava da escola, os aluno lá era tudo bom teve uma vez mesmo...eu acho que eu estudei com o pai de Dalvinha, de Clarice, seu Justino...eu sempre gostei dele, ele era bem bom...teve outro tempo que lembro, não sei acho que foi logo quando eu comecei estudá, foi com Tia J.a irmã de mãe que disse que tá com depressão em São Paulo. Eu lembro também que eu estudei com ela, aí eu gostava...mais pena que não é igual agora, que eu tive que sair pra trabalhar, não é igual agora que disse se o governo subé, que sesonhá que pai tá tirando filho na idade de escola pra tirar pra roça não pode não, mais naquele tempo era o jeito, não tinha outra saída né rrsrsrs, tinha que trabaia (Entrevista com Jamília, mãe de Kintu, 02/03/2015).

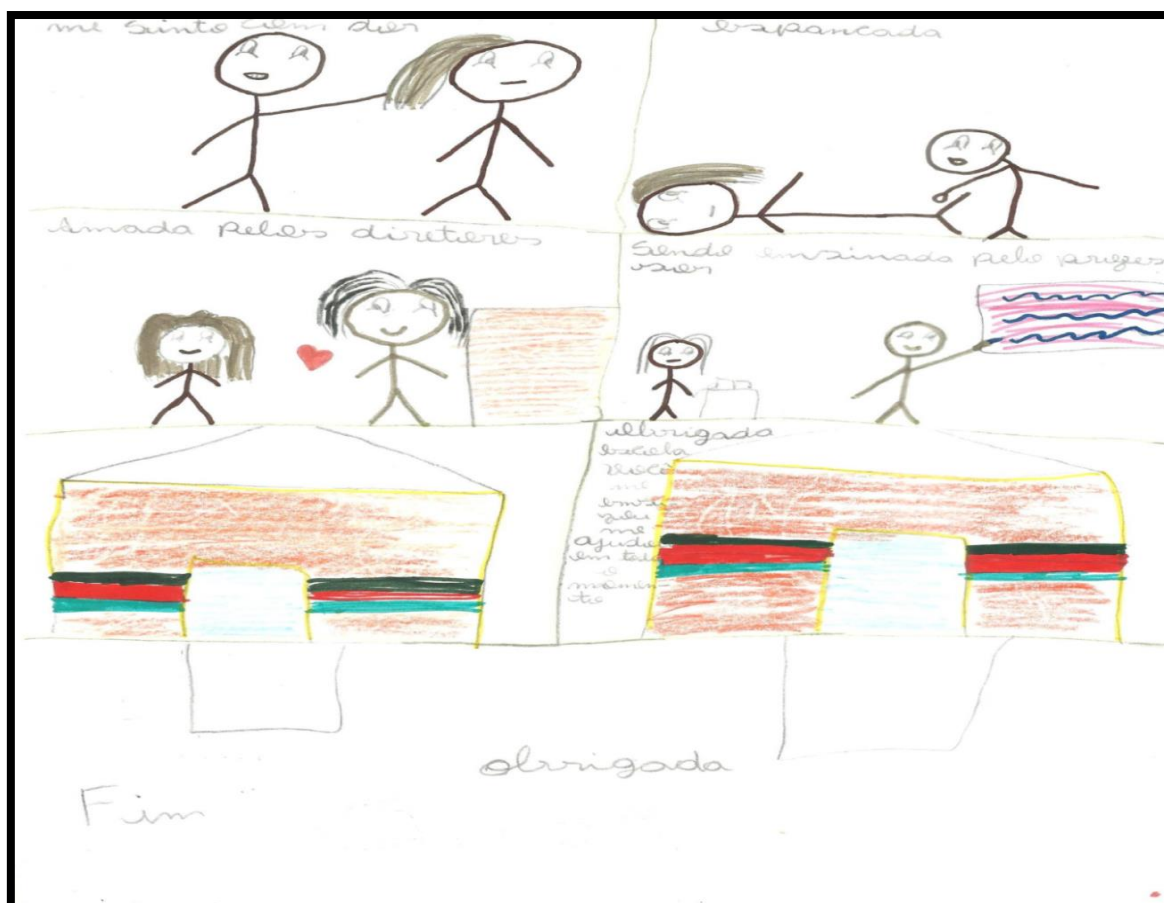
Apesar de ter melhorado em alguns aspectos, o Povoado de Lagoa de Timóteo ainda é uma comunidade que tem um número expressivo de famílias pobres, em sua maioria, negras e/ou com formação inter-racial, cujas privações econômicas e sociais têm uma relação direta com os marcadores raciais. São famílias que por gerações tiveram poucas ou nenhuma oportunidade de transformação. Devido à vida de escassez, estas famílias entendem que suas crianças precisam ser resguardadas e veem a escola como uma possibilidade de mudança. Infelizmente, este espaço de aprendizagem e transformação não se mantém isento das relações desiguais e não compreende que é preciso ter uma inversão de papéis. Não é a criança negra que precisa se adequar e se aproximar da escola. É a escola que deve se aproximar de suas crianças negras por meio do reconhecimento de seu valor e pertencimento. Nesse sentido, a professora e o professor têm papel fundamental na percepção da criança negra a partir da sua herança negra e não por meio da herança branca imposta social e culturalmente as negras e negros (SOUZA, 2012, p.134).

Dentro dessa lógica de enfrentamento, Kintu tem o desafio de buscar uma vida melhor que a de sua mãe e de seu pai. Ao menos no tocante as experiências escolares, ele já apresenta aspectos positivos de transformação. Está cursando o 6º ano em outro colégio do Povoado, sem defasagem idade/ano escolar, e mesmo com as dificuldades imposta por currículo e práticas que ainda silencia questões importantes, como as étnicorraciais e sociais, pelos limites econômicos e financeiros, que o obrigam a viver com o mínimo.

5.1.5 – Shaira, do empoderamento à denúncia das dores causadas pelo racismo

Este quinto e último desenho, pela intensidade da sua representação exigiu uma leitura atenta, pois a criança, filha de um casamento inter-racial, pai negro e mãe parda, ter construído seu empoderamento, a partir da atenção e relações afetivas da família e também de algumas relações de proximidade com os profissionais da escola. Shaira conseguiu em seu desenho falar por todas as crianças negras, que são silenciadas e marcadas pelas relações desiguais dentro do cotidiano da escola.

Desenho 5 – Shaira, aluna negra, 10 anos no 5º ano do Ensino Fundamental.



Shaira não subiu no telhado como Zaki, não se desenhou fora da escola como Zarina, não se fez simples como Kintu e muito menos observadora como Alika. Ela, em alto e bom tom, com todos os seus traços cores e escrita mostra que as crianças sofrem a violência do racismo, e que não existem relações igualitárias na escola. Pelo seu desenho temos a responsabilidade de dizer que o racismo não pode ser silenciado ou minimizado como tem sido pela maioria dos profissionais dessa instituição.

Na composição do seu desenho, Shaira entende a diferença da cor da pele como um marcador importante, tanto que se utiliza de cores diferentes para traçar as figuras, do professor e da diretora que são representadas com uma cor mais clara e ela própria e o colega agressor com traços mais escuros.

Talvez seja seu desejo se representar mais próxima das crianças. Shaira está mais resguardada, a sua condição social está melhor, tanto do ponto de vista financeiro, quanto do ponto de vista social e afetivo de representação nas suas relações.

Mesmo sendo considerada a criança de tez mais escura no lado materno da família. Dentro dessa perspectiva de análise da dimensão racial na escola, sua cor não tem uma representatividade para Shaira, pois ela tem um número significativo de colegas com a tez mais escura, com cabelos lanosos e uma estética típica da população negra.

Seu desenho, porém, reverbera uma situação de conflito, pois é marcado por cenas fortes de uma menina que sofre violência é espancada e derrubada ao chão. O símbolo por ela utilizado para evidenciar essa violência é o cabelo. Para a criança negra, o cabelo projeta uma carga emocional, pois assumir seu cabelo com cuidado e atenção é assumir-se negra.

Quando mostra os momentos de agressão sua figura é maior e na sua relação com a diretora e com o professor que ensina, ela diminui drasticamente seu tamanho. Então, não são as brigas que ela tem com o coleguinha que a diminui. O mesmo não acontece nas outras relações que estabelece na escola. O que acreditamos ser uma representação do sentimento de hostilidade da escola em relação a ela e a todas as crianças negras que ela representa. Pelo racismo implícito nesse espaço de socialização, a criança é “violentada sem pausa nem repouso”(Souza, 1983;Costa,1983;Souza, 2003).Ao apresentar a situação de violência no primeiro e segundo quadrinho do desenho, ela possivelmente, transfere para essas ações uma representação do silêncio de uma violência que ela percebe no contexto da escola em relação a ela e as demais crianças.

Ao afirmar em sua escrita:"*eu sou maltratada*", nossa leitura é que trata-se de um dado inconsciente. Porque ela tem origem negra, e compartilha com os demais negros, o que é ser negro nesta escola. Então ela também traz conflitos e silêncios, embora a sua condição seja privilegiada em termos gerais: cognição, capacidade de superação do contexto, liberdade para posicionar-se e expressar-se neste contexto, (OLIVEIRA, 2016).

O sofrimento provocado pelo racismo não é uma questão simples, muito menos natural. O racismo impresso no inconsciente coletivo não depende de uma herança cerebral, porque ele é um construto social, consequência de uma herança cultural que se mantém de forma irrefletida (FANON, 2008, p.162).

Shaira também evidencia, seu empoderamento por meio da simbologia que o cabelo representa para a criança negra. O cabelo tem uma representação de poder para o negro e para o branco. Ela destaca seu cabelo e

o cabelo da diretora, como uma representação positiva de poder. O poder está associado visivelmente a relação boa com os "poderosos" da escola - a diretora - que tem cabelo como ela e é forte como ela. Shairase sente querida e gosta disto. Afirmativa reforçada pelo desenho do coração. Ela mantém uma calorosa relação com algumas pessoas na escola e sente-se bem neste contexto relacional.

Para finalizar o desenho, ela deixa o dinamismo do movimento das relações evidenciadas nos quadrinhos anteriores e apresenta nos dois desenhos uma escola estática, com dois prédios grandes onde é impossível movimentos de transformação e, acrescenta uma faixa preta, que não existe na pintura da escola, pois esta faixa é branca.

Por que dentre as três faixas ela troca justamente a branca pela preta? Qual a sua pretensão com esta troca? Dentre as diversas leituras, duas podem ser consideradas. Primeiro, a faixa preta poderia representar um luto. Ela transparece o sentimento de uma criança negra no contexto de uma escola que silencia sobre o racismo. A grande violência que ela sofre – que as crianças negras sofrem, uma vez que a escola lhe impede a metamorfose. Segundo, seria a sua capacidade de resiliência, ao substituir a cor branca pela cor negra, ato muito importante e valoroso, ela quer representar o seu poder de enfrentamento do racismo. A escola pode até tentar minimizar sua força, mas como o bambuzal ela é flexível e não se quebra ante o silenciamento.

No seu desenho/denúncia, Shaira diz o que verdadeiramente se passa com toda força e violência, nas relações efetivadas na escola. Esta afirmativa está implícita nas suas palavras. A escola não enfrenta o racismo, porque não se assume racista. Enquanto as crianças negras, cada uma a sua maneira desenvolve suas estratégias de enfrentamento. As crianças enfrentam! É a escola que precisa agora passar a enfrentar ao invés de silenciar, (OLIVEIRA, 2008; FERRAZ, 2015).

6.0- CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÕES: ALGUNS APONTAMENTOS

Não sofri discriminação por ser negra apesar da minha brasilidade africana. Não fui deixada de lado por ser menina, sempre me foi dada a atenção devida... O que então me inquieta? Por que me incomoda a espera da criança negra? A ausência que se faz sempre presente? O olhar que teima em desviar, como se para algo ocultar. O abraço indeciso, que insiste em se libertar... E o riso, sem igual a comparar? É como se a atenção farta, me alertasse a cada instante, que não posso amordaçar os quase mudos, pela história dos vencedores. Pois tenho a obrigação de lançar aos quatro ventos: as dores, mas também a história dos meus ancestrais que construíram a minha história... Não faço promessas, apenas me vigio. Preciso ficar atenta (Lúcia Ferraz, 2011).

As palavras buriladas acima, expressam as inquietações e angústias ante a realidade evidenciada pelos dados da pesquisa. Por meio da leitura realizada nos desenhos das crianças negras, da observação participante na escola e nas famílias e das entrevistas de história de vida com as avós, avô, mães e pais foram evidenciadas, de forma conclusiva, que as relações firmadas na escola são caracterizadas pelo preconceito racial, que este nem sempre transparece em ações discriminatórias perceptíveis aos mais atentos. Quiçá, aos que teimam em manter os olhos vedados frente à questão.

Na percepção das crianças, e em parte, de suas famílias ficou evidenciado o quanto estão atentos para as relações desiguais impostas às suas crianças por conta do racismo. Nem todas as famílias se percebem com potencialidade de enfrentamento, mesmo assim expressam por meio das suas histórias e memórias que por gerações têm sido discriminadas e silenciadas. No empoderamento da mãe se Alike, que contesta as desigualdades; assim como na sabedoria das avós, enquanto protetora de suas crianças foram evidenciadas seu poder de enfrentamento e de não silenciamento diante do racismo.

Para efetivação dessas leituras foi considerado o lugar de pertencimento das crianças negras colaboradoras desta pesquisa. Entendemos que a criança negra, enquanto sujeito histórico e social tem uma complexidade de relações, que exige um maior esforço por parte de pesquisador para entendê-las.

Essa amplitude do olhar, favorecido pelos diversos instrumentos de coleta de dados tivemos a pretensão de tocar na ponta do iceberg do silenciamento e traçar algumas reminiscências desse sujeito criança, que em pleno século XXI, ainda trás marcas do esquecimento a que foram relegados seus ancestrais.

De fato, ao mesmo tempo em que alguns profissionais da escolasilenciam, ou dizem não perceber tratamento diferenciado, estes admitem ter dificuldades para demonstrar ações de carinho com a criança negra. E o mais grave! - atribuem à própria criança negra o caráter de ser preconceituosa e racista! Confirmando assim, que o “mito da democracia racial”, cujo objetivo sempre foi camuflar as relações desiguais nos diferentes espaços de socialização na sociedade brasileira, se mantém inabalado nas ações e relações estabelecidas no cotidiano escolar. Assim:

“imbuídos do mito da democracia racial, sem nenhuma crítica a ele fazer, aceitam que as pessoas crianças negras teriam menos qualidades, inclusive intelectuais, do que as brancas. A desconstrução desses preconceitos intencionalmente elaborados ao longo de cinco séculos, com a intenção de garantir desigualdades, é lenta e não pode abrir mão de estudos, de honestidade de intenções (SILVA, 2009 *apud* SILVA 2015, p.174).

Mesmo diante de estudos como os realizados nos anos de 1951 e 1952, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que patrocinou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, com o objetivo de estimular a produção de conhecimento científico a respeito do racismo, abordando as motivações, os efeitos e as possíveis formas de superação do fenômeno (Maio, 1999). Como da Lei 10.639/2003, que altera a Lei 9.394/96 e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira; a Lei 12.288/2010, que em seu artigo 1º institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica, dentre outras. A escola ainda se mantém estática no que tange ao enfrentamento do racismo e discriminações em suas práticas cotidianas.

Considerando a fala de um dos profissionais da escola se mantém confirmada a não percepção das desigualdades e a sua contradição, do quanto a criança negra é invisível para a escola:

Em relação aos profissionais da escola, Eu acho que sim, eu não vejo discriminação por cor não, eu acho que eles têm até uma dedicação a mais,

*na questão dos meninos lá (Zarina e Zaki) por eles, pra incentivar mais, são tratados diferentes dos outros que não são negros, mas eu não vejo diferença não, eu acho que a gente trata tudo com igualdade... há dificuldade de falar que o aluno é negro e isso, mas acho que isso é até por falta de...sei lá...acho que pra não constranger. Será? Porque na sociedade ninguém quer ser chamado de negro, pra não se constranger você não fala. Eu falo assim, por eu mesmo no pátio, **sempre tem aquele que a gente tem mais afinidade, que a gente tá pertinho, a gente quer abraçar, a gente quer beijar, e geralmente não são os neguinhos fia** (Entrevista com profissional da escola em 15/12/2015)- grifo meu.*

Que sentimento exprimir, quando um profissional da escola admite que a criança negra é geralmente a não tocada, a não abraçada, a não beijada pela escola? Dor! Indignação! Mas também uma pequena possibilidade de transformação. Essa percepção da desigualdade evidenciada pelas crianças negras, nessa pesquisa precisa ser firmada e afirmada no mastro da bandeira da injustiça e não ser silenciada.

Essa é uma das ramificações daninhas do racismo, podar da criança negra o prazer do abraço aconchegante dos seus pares; de sentir que o seu coração pode se aproximar do coração do outro no poder do toque; de entender que seu corpo tem um movimento particular de se expressar, que o seu sorriso é sem igual, que em sua singularidade reverbera seu valor maior e sua capacidade de se expressar sem igual.

Considerando o sofrimento psicológico resultado do racismo, Sousa (1983) defende que uma leitura reflexiva sobre a identidade negra resulta de forma contínua, em sofrimento para o sujeito, pois o corpo ferido transforma-se num pensamento também ferido. Um pensamento forçado a não poder representar a identidade real do sujeito negro é um pensamento mutilado em sua essência. A violência racista retira do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir (SOUZA, 1983, p.10).

Necessário se faz dar visibilidade às situações de discriminação, preconceito e racismo que mantém as desigualdades, principalmente, dentro da instituição escolar e que ainda vitimiza a criança negra e pobre. Assim, a:

[...] resistência a esse mito da democracia racial, cujo propósito principal foi mascarar o conjunto das desigualdades prementes na sociedade brasileira, fruto dessa escravidão moderna, desse regime de produção que alimentou o sistema capitalista, sistema que se fundamenta na transferência de riquezas para uns poucos, e de pobreza material e intelectual para muitos.

É por isso que no processo da formação histórica brasileira a pobreza está diretamente associada às relações raciais, porque foi na formação da sociedade, desde o período colonial, que esses elementos estruturantes foram criados, combinando desigualdades sociais, culturais, educacionais e econômicas, associadas à condição racial. Não é possível desimbricar essas relações, elas são extremamente coesas, articuladas no seu processo de formação (SANTOS; SOUZA, 2016, p.21).

Em respostas consideramos que em uma sociedade firmada e mantida em desigualdades raciais como a brasileira, o próprio sistema de desigualdades raciais se encarrega de reproduzir a inferioridade social de fato, bastando para tanto, que o sujeito nasça em uma família típica de sua situação racial, que historicamente usufrua de uma posição de inferioridade e menos oportunidade de vida. O racismo enquanto “sistema de desigualdades de oportunidades”, se mantém por meio do “sistema de desigualdades raciais”, seja na educação, na renda, na moradia, na saúde pública, no emprego etc. (GUIMARÃES, 2004, p.18).

Diante de desigualdades tão gritantes, a escola precisa assumir-se mantenedora de relações coloniais, em que o branco ainda representa um modelo de comparação. A criança negra é ou não é em relação ao branco. E ainda, os dados evidenciam que esta instituição tem uma relação de hostilidade e invisibilidade com as crianças negras. Mesmo elas estando dentro da escola, não se reconhece nem são reconhecidas em seu interior. A diferença já se consolidou como natural. A criança tem que ir pra escola, pois sua aprendizagem da leitura, escrita e dos demais conhecimentos produzidos historicamente lhe é exigida, para firmá-la em sua leitura de mundo e nas práticas sociais de enfrentamento, e ainda é exposta a situações que ferem sua humanidade. A escola quer ensinar competências formais para que a aluna e o aluno se desenvolvam nos moldes da colonização do passado - que seja um sujeito a - sujeito e subalternizado - No caso, as crianças negras.

O discurso de que a família não valoriza e não apoia a escola também pode ser contestado. Tais afirmativas foram negadas, pois em todas as entrevistas de histórias de vida e observações realizadas nas famílias foram evidenciados o valor e o significado que estas dão a escola e perpassa gerações. A família entende a escola como uma ferramenta para a transformação da realidade de seus filhos.

“Mãe queria que nós prendesse, pai não. Ai Lu, a leitura ajuda muito né, eu tenho um sentimento de um ter aprendido minha leiturazinha... Por isso tenho muito prazer de meus netim tá aprendendo a leitura eu fico muito satisfeita num posso dá nada, mas fico muito satisfeita deles aprender... eles respeitar os professor e não fazer nada de errado”(Dona Candiana, avó de Zarina e Zaki).

“...Eu não estudei quase não, só sei mais mesmo é assinar meu nome e assinatura ... mais eu gostava da escola, os aluno lá era tudo bom teve uma vez mesmo...eu acho que eu estudei com o pai de Dalvinha, de Clarice, seu Justino...eu sempre gostei dele, ele era bem bom... Na escola eu tô achando que os menino tá até bom, tem hora que eles num briga, quando pensa que não , acho que os menino briga com eles... minhaminina mais nova qui era mais lerdinha já ta prendendo (Jamília, mãe de Kintu)”.

“...Não estudei, hoje eu me arrependo de não ter estudado, porque o estudo é uma coisa muito boa. Arrependo tanto de não ter estudado, mais a gente não tinha quem incentivava a gente... Eu aprendi fazer meu nome em São Paulo, pai que me ensinou, ele comprou um caderninho e um lápis escrevia meu nome e eu copiava, meu nome não saiu de minha cabeça mais nunca, agora a assinatura que é difícil, mais o nome eu sei fazer. Eu quero trocar minha identidade, mais eu quero fazer o nome todo, eu não quero ponhá dedo não. Eu falo pros miminocês pode comer, dormir, brincar, bagunçar, mas pra escola cês não pode deixar de ir...”, (Betina, mãe de Zaki).

“...Na escola só tive elogio mesmo, até hoje as professora que deu aula pra mim fala.Disia mesmo que era de Quaraçu, Mairma, Aninha que foi minha professora e o ano passado foi professora de Alike. As meninas na escola tem uma vida muito boa.Em casa, eu ajudo elas fazer as tarefas né. Agora mesmo eu tava ajudando Alike fazer as tarefas dela”, (Enzi, pai de Alike).

Nesse olhar que valoriza a escola reverbera o desafio das famílias tentarem para esta instituição de forma crítica, numa relação horizontal e a perceber como ela mantém relações desiguais com suas crianças negras. E mesmo quando percebem, existe uma preocupação de minimizar o conflito, para proteger suas crianças. As estratégias elaboradas pelas famílias para favorecer as vivências afetivas de suas crianças na escola, e que ainda representa uma possibilidade destas enfrentarem as situações desiguais, que são as marcas do racismo, podem ser sinalizadas: na orientação para que suas crianças respeitem as regras impostas pela escola, no respeito e valorização das professoras e professores; no acompanhamento das atividades de casas; nos elogios e incentivo pela aprendizagem alcançada; no doloso significado da tinta no dedo, ao invés da caneta na mão, que marca sua ancestralidade.

No entanto, a instituição escolar EMACM, enquanto espaço de socialização, não tem enfrentado o racismo presente nas relações estabelecidas de forma efetiva, seja nas práticas, nos discursos e nas “aparentes brincadeiras”, pois não enxerga a criança negra dentro de toda a complexidade que a envolve devido as situações de racismo e desigualdades que ainda vivemos. Ao invés da criança negra ser vista

como uma estimuladora dos processos de formação das professoras e professores e transformadoras das práticas excludentes; elas ainda são notadas, em sua maioria, como crianças/problemas, que não aprende por desinteresse e indisciplina comodismo(SOUZA, 2003, p.108).

O papel da escola deve ser também o de atentar para como o componente étnico e racial se afirma ou é negado em seu meio. É a questionar, sede fato ela acolhe no sentido histórico, social, sua população negra, que é representativa no povoado de Lagoa de Timóteo.

Se a escola nas ações dos seus sujeitos, não se percebe enquanto local de poder de transformação é porque esse tem sido um lugar de relações verticais de superioridade da escola e inferioridade das crianças. Assim sendo, o enfrentamento do racismo pelas crianças negras tende a ser cada vez mais difícil. A escola promove o enquadramento da criança, que se sente impotente diante de práticas que não a representa. No entanto, todos os sujeitos da pesquisa: as crianças negras, pais e mães negros e avós negros deixaram transparecer em suas falas/denúncias, que mesmo em situações desiguais eles enfrentam o racismo com as armas que possuem.

O lugar de pertencimento, o sentido de valor e reconhecimento se fazem imprescindíveis para a metamorfose de todo ser humano, adulto ou criança, independente de qual seja seu território de pertença. Se morador de um povoado rural, como Lagoa de Timóteo, faz-se necessário conhecer a história de formação desse lugar, a sua ligação com a história de sua ancestralidade, a origem e formação do povo desse lugar. E a escola, enquanto espaço de socialização secundária e de promoção do conhecimento formal precisa atentar-se para essas questões, e priorizar relações horizontais: escola- estudante/criança-família. De modo que as crianças negras e não negras possam ter sua identidade firmada no reconhecimento e valor da diversidade e no enfrentamento das relações desiguais fomentadas pelo racismo.

Nesse sentido, a escola para ser “boa” precisa considerar “o texto e o contexto” de vida dos seus estudantes em sua plenitude e estar atenta a exclusão, a invisibilidade, ao não pertencimento e as questões raciais que estão presentes no seu cotidiano. Ao silenciar as questões raciais, a escola se afasta da realidade que marca as pessoas do povoado. Então as crianças se representam incomodadas, artificiais, enquadradas e incapazes, apesar de valorizar a escola. Ao vencer a

barreira do silenciamento, tais atitudes podem potencializar as crianças negras e não negras no enfrentamento do racismo e na afirmação de sua identidade. A qual é sem dúvida a identidade secreta e existente de todo povo brasileiro, que se considere negro ou não.

A escola precisa se comunicar melhor com o seu público diverso. E dentro da dimensão racial acabar com as suas falhas, pois está inserida em um Povoado de maioria negra. E as crianças pertencentes a esse grupo, também devem ter a oportunidade de estarem mais plenamente dentro da escola.

A escola tem o dever de promover a igualdade em seu espaço. Ela é o local do desenvolvimento do conhecimento, do exercício e direito de cidadania para todas as pessoas. Como ficou evidenciada nos dados da pesquisa, a questão problema não é a identidade da criança negra, ela já tem uma consciência racial e sabe inclusive que devido ao seu pertencimento racial, suas vivências nesse espaço tem sido de negação, na extensão em que não se reconhece o valor de seus ancestrais, o povo negro, nem sua história de luta para transformação e reconhecimento. A escola esconde e nega a participação do negro africano no desenvolvimento dopaís, suas lutas e enfrentamentos. As crianças e suas famílias sabem disto, mas a escola continua colonizada em sua perspectiva eurocêntrica – “brancocêntrica”. A grande questão é: temos uma escola racista, que não se assume como tal e que mantém firme o seu discurso de que todos são tratados igualmente, (OLIVEIRA, 2016).

Educar e “educar-se” para o enfrentamento do racismo deve, prioritariamente ser um exercício de vida e da escola na pessoa de todos os seus profissionais, uma vez que eles demonstraram na pesquisa uma incapacidade de perceber a criança negra em todas as suas potencialidades. Exige também que a escola e cada ser humano em suas atribuições cotidianas, transformem pensamentos e ações se libertando de todo preconceito e discriminação que tem estigmatizado a população negra em nosso país por conta do racismo.

Uma educação para o enfrentamento do racismo exige ainda que seja desconstruída pela escola a ideia da história do Brasil contada e recontada no singular a partir de uma visão eurocêntrica. E certamente nesse esforço coletivo, cada brasileiro deve folhear as páginas do livro da sua história vivida e com “*marcadores humanizados*” destacar às páginas que representam as negras e os negros, as índias e os índios, como gente que são! Construtores de história,

guardadores de memórias e portadores de saberes milenares; e acima de tudo entendam que as crianças negras precisam de mais atenção e cuidados, pois estão secularmente despojadas de direitos e respeitabilidade humana. A escola, como instituição ideológica pautada em valores humanos, tem o dever e a obrigação de agir conforme a necessidade de seu público majoritário. No caso do Brasil: a população negra.

Todos os movimentos que marcaram a construção desse trabalho trazem buriladas densas dores, que simbolicamente representam os sofrimentos vividos pelos sujeitos negros dessa pesquisa e perpassam suas histórias transgeracionais quase sempre silenciadas.

Também explicitam em cada palavra desse texto e marcam um contexto de possibilidades de transformação, pois no movimento de assumir-se e dizer a sua palavra cada sujeito se refaz a cada instante. Todas as crianças negras deixaram transparecer em seus desenhos/denúnciaa percepção do racismo, a notar pelas cores que utilizam na composição dos desenhos; no mesmo sentido o papel de opressão e violência racista por parte da escola está representado no discurso dos profissionais e também na análise dos desenhos das crianças a partir do enquadre psicossocial.

Acreditamos que ao falarem pelos seus desenhos, as crianças demonstram que enfrentam seus contextos desiguais com as condições que possuem, formulando identidades de enfrentamento. Os pais também. Já a escola se mantém omissa, opressora, violenta e reproduz o crime do racismo, conforme demonstrado, nas observações, nos desenhos e na fala dos profissionais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (Orgs). **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

ABRAMOWICZ, Anete; SILVEIRA, Débora de Barros; JOVINO, Ione da Silva; SIMIÃO, Lucélio Ferreira. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX. In: **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 29, n. 1, 263-293, jan./jun. 2011 - <http://www.perspectiva.ufsc.br>- acesso em 01/10/2015.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Tendências atuais da pesquisa na escola. In: **Cad. CEDES**, vol. 18 n.43, Campinas Dec. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>- acesso em 10/08/2015.

ALBANO, Ana Angélica. Arte e pedagogia: além dos territórios demarcados. In: **Cad. CEDES**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 26-39, jan.-abr. 2010 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em 20/09/2014.

_____. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco; o negro no imaginário das elites** — século XIX — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da História, v. 6).

BÂ, Amadou Hampâté, 1900-1091. **Amkoullel, o menino fula**; tradução Xina Smith de Vasconcellos. 3ª edição. São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013. p. 46.

BARCELAR, Jeferson. **Etnicidade: Ser negro em Salvador**. Salvador: Ianamá, 1989.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2014.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985.

BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BORBA, Siomara; VALDEMARIN, Vera Teresa. **A Construção Teórica do Real: uma questão para a produção do conhecimento em educação**. In: Currículo sem Fronteiras, v.10, n.2, pp.23-37, Jul/Dez 2010.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOUDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOUDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRAGA, Liliâne Pereira. **De Oyá-Ile a “Ilêyô”:** Xangô e o patrimônio civilizatório nagô na identidade de um rapper afrodescendente. USP- São Paulo, 2007 (Mestrado em Psicologia Social).

BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres**, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006 - (A cor da cultura).

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Brasília- MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro Modelos de Integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, Paulete (Org.) **O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CARONE Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2014.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. In:<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. acesso 17/05/2015,p.05.

CHIZZOTE, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995

CIAMPA, Antônio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina – um ensaio de Psicologia Social**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1998.

_____.Identidade: as categorias fundamentais na Psicologia Social.
In:<https://psico48.files.wordpress.com/2012/04/ciampa-a-identidade.pdf>-acesso - 12/05/2015

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 4. Ed. Editora UFRJ- Rio de Janeiro. 2011.

COGNET, Georges. **Compreender e interpretar desenhos infantis**; tradução StephaniaMatousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio- Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: **SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983 (Coleção Tendência, v.4)

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial da criança brasileira: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

FERRAZ, Lúcia Vargas; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. Trajetórias de sucesso escolar de alunos negros no Ensino Fundamental. In: EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. **Processos de escolarização nos meios populares: itinerários de pesquisa**. São Paulo: Scortecci, 2011.

FERRAZ, Lúcia Vargas. Relações Raciais na Infância: Estudo em uma escola rural do Interior da Bahia. In: **Diferenças, Sexualidades e Relações Etnicorraciais em Educação**. EUGÊNIO, Benedito Gonçalves; SANTOS, José Jackson Reis dos, BEZERRA, Tania Serra Azul Machado (Orgs). Campina Grande – PB: Realize, 2015.

GEBARA, Tânia Aretuza Ambrizi. **Gênero, família e relações étnico-raciais: um estudo sobre mulheres pardas e provedoras, e as relações que estabelecem com a educação de seus filhos e filhas**. UFMG. Belo Horizonte 2014 (Tese de doutorado).

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas** - l.ed., 13. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2014. 213p.

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação Antirracista: Caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03**. Brasília, 2005, p. 39-62.

GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. **Tia, qual é meu desempenho? Percepções de professores sobre o desempenho escolas de alunos negros**. (Coleção Educação e Relações Raciais, 7), Cuiabá: EdUFMT, 2007.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito e Discriminação**. São Paulo. Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Editora 34, 2004.

EUGÊNIO, Benedito Gonçalves; SANTOS, José Jackson Reis dos; BEZERRA, Tania Serra Azul Machado Bezerra (Organizadora). **Diferenças, Sexualidades e Relações Etnicorraciais em Educação**. Campina Grande – PB: Realize, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

JOVINO, Ione da Silva. Crianças negras na história: Fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro. In: **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 189-225, 2015.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Caderno de pesquisa**, n.116, p.41-59, jul/2002.

LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia Social: o homem em desenvolvimento**. São Paulo. 8 ed. Editora Brasiliense, 1989.

LANE, Sílvia T. Maurer. Avanços da Psicologia Social na América Latina. In: SAWAIA, Bader Burihan. LANE, Sílvia T. M. **Novas Veredas da psicologia social**, São Paulo, Brasiliense, 1995.

LETIÈRE, Roberto. **Cândido Sales: a terra e a gente**. 1 ed. São Paulo. Ed. do autor, 2012.

LEITE, Rozangela da Piedade. **O processo de formação de identidade de estudantes negros que ingressaram no ensino superior pelo sistema de cotas ProUni: a questão da ação afirmativa**. USP. São Paulo, 2009 (Dissertação de Mestrado).

LUCKESI, Cipriano. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MAIO, Marcos Chor. O PROJETO UNESCO EA AGENDA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL DOS ANOS 40 E 50. In: **RBCS** Vol. 14 n.41 outubro/99. <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n41/1756.pdf>- Acesso em 22/06/2016.

MARTINS, Edna; SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. In: **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 15(3), 118-133. São Paulo, SP, set.-dez. 2013.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**; tradução Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. 11. ed.- São Paulo: Cultrix, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O . GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GÓMEZ. **Difíceis e Possíveis Relações entre Métodos Quantitativos e Qualitativos nos Estudos de Problemas de Saúde.** In: GOLDENBERG, Paulete (Org.) **O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. In: **Revista de Educação.** Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23.

MORUZZI, Andrea Braga. Práticas de governo das crianças pobres no início do século XX. In: **REVEDUC**, v.9, nº2, p.461-483, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

_____. Entrevista com Kabengele Munanga: "Qual é a explicação dessa ausência e desse silêncio..." In: **Revista Psicologia & Sociedade**; 12 (1/2): 5-17; jan./dez.2000.

_____. Lançamento Campanha Abdias Prêmio Nobel (SEPPIR). **Algumas considerações sobre a obra do Prof. Abdias do Nascimento.** São Paulo, 03 de julho de 2004. http://www.abdias.com.br/o_que_falam/kabengele.htm acesso 22/05/2015

_____. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009 (Coleção Cultura Negra e Identidade).

_____. **Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?** In: Revista da ABPN • v. 4, n. 8 • jul.–out. 2012 • p. 06-14.

_____. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania . **Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica –SP.** Ação Educativa 10 anos. Agosto de 2012. In: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra.pdf>- acesso 30/05/2014

_____. Prefácio do livro Psicologia Social do Racismo. In: CARONE Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** 6 ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2014.

_____. **Riso negro e identidade.** In: Revista da ABPN • v. 7, n. 16 • mar – jun. 2015, p.03-11.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A África na Escola Brasileira: relatório do 1º Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas na Escola Pública.** Brasília: Senado Federal, Gabinete do Senador Abdias do Nascimento, 1991, (Apêndice E, p.73).

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação: in. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1994.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. USP. São Paulo, 1998 (Tese de Doutorado).

NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio Org. **Pierre Bourdieu – escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 71-79.

NOGUEIRA, Simone Gibran. **Psicologia crítica africana e descolonização da vida na prática da capoeira Angola**. PUC. São Paulo, 2013 (tese de doutorado).

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. **Identidade de Jovens Negros nas Periferias das Metrôpoles: recortes entre São Paulo e Paris**. PUC. São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado em Psicologia Social).

_____. Identidade de Jovens Negros e Metrôpole: enunciados da diáspora em São Paulo e Paris. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de, (org.). **A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território**. São Paulo. Alameda, 2013.

_____. Cenário da Saúde da População Negra no Brasil: Diálogos e Pesquisa. Editora EDUFRRB, Cruz das Almas e Fino Traço, Belo Horizonte, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 03, 1989, p. 200-212.

_____. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. 2.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

RONCAGLIO, Sônia Maria. A Relação Professor-Aluno na Educação Superior: A Influência da Gestão Educacional. In: **Psicologia Ciência e Profissão**, 2004, 24 (2), 100-111

SANTOS, Katia Regina da Costa; SOUZA, Edileuza Penha de. (orgs). **SEPPIR – Promovendo a Igualdade Racial. Para Um Brasil Sem Racismo**. Brasília, 2016. (Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial).

SANTOS, Sandra. **Brincando e ouvindo histórias**. NEINB/USP. São Paulo. V. 9. 2007. p. 42-43 (Coleção Percepções de diferença: negros e brancos na escola).

SANTOS, Boaventura Sousa. A queda de *AngelusNovus*: para além da equação moderna entre raízes e opções. **Revista Novos Estudos**, N.º47, Março 1997In:<http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/81/20080626->
[acesso em 19/02/2016](http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/81/20080626-).

SANTOS, Gislene A. Inventando o Negro Brasileiro. In:_____ **A invenção do Ser Negro**. Educ, 2005.

SAWAIA, Bader (org.). **As Artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes; 2.ed. 2001. (p.98-99).

SHWARCZ, L. M. Uma história de “diferenças e desigualdades”. In:_____ **O Espetáculo das Raças**- 12.reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Petronilha B. G. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. In: **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

_____. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lúcia M. de A. (Org.). **De preto a afrodescendente; trajetos da pesquisa sobre relações raciais no Brasil**. São Carlos,EDUFSCar, 2010. p.181- 197.

_____. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, nº3(63), p.489-506, set./dez.2007.

SOUZA, Ellen de Lima. **Percepções de infância de crianças negras por professores de educação infantil**. São Carlos: UFSCar, 2012. (dissertação de Mestrado).

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983 (Coleção Tendência, v.4).

SOUZA, R. M. **Sobre crianças no espaço híbrido da esperança: reflexões da psicologia social e da psicanálise**. Dissertação de Mestrado – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, 2003.

SOUSA, M. A. S. de. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RONCAGLIO, Sônia Maria. A Relação Professor-Aluno na Educação Superior: A Influência da Gestão Educacional. In: **Psicologia Ciência e Profissão**, 2004, 24 (2), 100-111.

VALENÇA, Vera Lúcia Chacon. **A sociologia da infância e a educação das crianças**. Inter-Ação, Goiânia v. 35, n.1, p.63-80, jan/jun. 2010.

VEIGA, Cynthia Greive; GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 1, jan./jun. 2000, p. 135-160.

VAN KOLCK, Odete Lourenção. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico**. São Paulo; EPU, 1984. (Temas básicos de psicologia, v.5).

WEBER, Regina; PEREIRA, Elenita Malta. Halbwachs e a Memória; contribuições à história cultural. In: **Revista Territórios e Fronteiras**. V.3, N.1-Jan/Jun 2010.

APÊNDICE

ENTREVISTA DE DONA CANDIANA (AVÓ DE ZARINA E ZAKI PARTICIPANTES DA PESQUISA, 72 ANOS, APOSENTADA) – 20/04/2015

Dona Candiana, o dia que eu estava conversando com as meninas da senhora sobre a minha pesquisa, sobre a importância da construção da identidade da criança negra, de como elas se relacionam na família e na escola, de que é importante eu conhecer a história de vida de vocês. Pra que eu possa entender essa criança e pensar formas que auxilie o professor e a família pra enfrentar as situações de racismo. A história da vida da senhora é muito importante, pra me ajudar a entender a história dos netos da senhora

Mãe queria que nós aprendesse, pai não. Não vou deixar essas menina aprender a leitura pra elas não fazer carta mal feita pro rapaz. Aí Lu a leitura ajuda muito né, eu tenho um sentimento de um ter aprendido minha leiturazinha. Essa semana mesmo eu tava conversando aqui mais M. (irmão) sobre os dias que ele estudou qui M. aprendeu uma leitura minha filha de Deus estourada tivesse entrado mais ele eu mesmo tinha um rependimento aprendido a mesma coisa tinha vontade aprender, assinar meu nome ajuda a gente muito a pessoa que não tem a leitura parece que não tem nada nesse mundo, tudo que vai fazer faz errado. Por isso tenho muito prazer de meus netim tá aprendendo a leitura eu fico muito satisfeita num posso dá nada, mas fico muito satisfeita deles aprender, ter paciência com eles dar conselho pra eles respeitar os professor e não fazer nada de errado. Tem que gente num nem vê eles como qui tá comportano lá na escola, mas espero que um dia a gente vai e então é isso Lú (entrevistadora) tem um grande prazer de vê meus neto aprendendo a leitura, num posso dá nada, num posso ajudar mais Deus ajuda eles e os professor deles. Hoje mesmo Ashia (filha) tava conversando ali consminino dela, desde donte tá correno atrás dom balde de água pra lavar as ropinha deles. Indagora eu tava ali, ela brigano, num vesti não, não tem água pra lavar não, mãe amanhã na hora que eu chegar na escola eu falo pra professora, se a professora não quiser deixar eu entrar porque to sujo, eu falo professora deixa eu entrar ai porque não tem água pra mamãe lavar minhas roupas (neto) eu falei deixa ele do jeito que ta mesmo, ai saiu foi embora. Os de Betina (filha) essa semana passada chegou ai, sem querer respeitar os professore, eu falei bota P. (ex, genro) também na frente pra ajudar

porque talvez respeita ele, ela já tá cansada de lutar com a menina ela foi uniada, eu falei eu num vo, tô cansada (filha Betina).

Eu preciso que a senhora me conte a sua história de vida, se a senhora não quiser eu não coloco nem o nome da senhora não aí eu coloco outro nome, eu vou saber que é a história da vida da senhora mas quem vai saber é só eu, agora se a senhora falar pode colocar o nome, eu coloco, mas se a senhora falar assim, não é pra colocar aí, eu vou colocar outro nome, seu nome eu não coloco.

Coloca não meu nome. Hum, a história da vida foi assim, lutar, trabaia, sofri muito, fiquei sozinha aí, sem pai, sem mãe, sem meu companheiro, sempre vem lutano bastante. Daí de uns tempo pra cá eu não sei o que qui acontece, me pegó uns pensamento besta assim, tem hora que eu tenho até vergonha de sair no meio de gente, parece qui pra mim eu num tô sabeno mas o outro de lá sabe uma coisa, qui conta um pensamento besta, num trabaiei mais, eu num vou mais em lugar nenhum, já tem uns dez ano que tô nessa vida, presa com essa bestage só pensa coisa errada, um pé quente, parece que tá sabeno, vai ni um, vai ni outro gente fica meio assim acanhado. Minha valença é minha tevezinha aí ligado, toda hora qui chegar aqui ela tá aí ligada, um esmuricimento, tem hora que eu penso assim, vou ali na casa de D. (irmã), ah num vou não, fiquei o inté agora pensando de ir, mas num vô, amanhã é a mesma coisa só socada aqui dentro de casa, só Deus pra ajudar, tem hora que a gente tá forte pode trabaia, pode fazer uma visita ao um doente a um inferno, depois por causa do pensamento mau você num vai num sei de onde isso aí veio, só sei que não é dado por Deus. Esses dias me apareceu uma dor nas costas que eu tô quase sem poder fazer nada, nesta hora tava procurando uma menina pra dá uma massagem nas costas e a menina (Zarina) fica assim só na rua, na rua, aí torno pegar um espim de quiabento aqui no mocotó, ontem eu fiz mais de mil planos de ir na igreja, quando eu arrumei e fui casar o casaco, eu falei pra Maisa que as unha é rancada de enxada é pritina, pritina as unha qui as enxada rancou quando eu trabaia na roça, aí eu fico com vergonha de sair com essas unhas pretas no meio de gente, aí num vô não. Eu peguei o sapato pra poder calçar quando eu infiei o pé foi na ponta do espim de quiabento foi preciso eu ficar deitada, agora mesmo eu passei uma banha de galinha pra vê, esses dias eu coloquei um impaxe no outro dia amanheceu tudo aflamado ficou aquele caroção aí eu pelegei, cacei um dos menino mas eu mesma esvaziei ele mas o espim num saiu não. Esses dias bateu na porta aí, a irmã Joeliza (irmã da mesma religião), de vez em quando ela

chega aqui, bate na porta, chama, chama, chama, eu abro a porta, é ela, fica dando risada, também só ela qui vem aqui, mas ai sumiu Joeliza, não veio mais, e eu também num vou ni canto nenhum, também. Ai, ai ai, cê vai lá pra Jiquié quando?

Vou segunda de manhã, e volto sábado pela manhã. Meu Deus... só fico aqui sábado a noite e no domingo, quando é na segunda de manhã volto de novo.

Sei intão cê tá quase é morano lá.

To igual beija flor, só venho dá um beijinho e volto.

Só tem essa TV piqueninha, só pega coisa da ingreja, eles num qué. Fazer um suco procê.

Precisa não dona Candiana.

Ashia, levanta ai faz um suquinho aqui pra nós, ela num dorme não, na semana assim ela gosta de dormir um pouquim, mas hoje não dorme não hoje tem jogo no campo, assim ela num dorme não é um barui os minino fica um entra e sai, um entra e sai, ela hoje num dorme não deixa pra durmir de noite. Suas meninas ta em Conquista?

E- Uma está trabalha e estuda a outra está aqui trabalha lá na buodega, ajuda Marção um bocado.

É as menina dá notícia dela, é assim mesmo tem umas que ajuda mesmo, e outras fica pra cima e pra baixo sem fazer nada, aqui eu lutei, lutei até parei, (falando de Zarina) anda lerda (pedindo o suco para Ashia).

E- Pode deixar dona Candiana, acabei de tomar café, to com a cabeça doendo um pouquinho.

Mas a gente anda no sol assim, Lú, o sol esquenta muito, não é forrada, as forrada inté qui segura as puera, dá uma falta de ar, deixa acabar tudo, caba acaba o poço, agora fica ai esperando caí tudo do céu.

E- A senhora fez a caixa do governo?

D. Candiana- Fiz, tem uma aqui, a casinha piquininha quase num paro água e outra lá na casa qui Betina mora, e agora nessa falta d'água, faltou do poço, faltou daqui....eu só num pego pra lavar roupa, a caixa já está pro baixo do meio, já e por que eu num guento também, aqui em casa tem mais dum mês já, a chuva foi pouca e cun esse negócio de ter qui lavar a puera, o carvão, deixa a água cai fora, minha caixa também esse ano nun encheu não, ficou vazia. O pipa é muito difícil punhar água aqui pra nós a caixinha veia ta até ali, lavei por causa da pueira e encostei ali

na beira da casa Agente vive aqui bem longim da estrada, o povo de D. e comadre J., meu Deus do céu mais sofre é só a puera.

Não é fácil não. A gente vai panhá, ai a chuva para, a gente num panho quase água aqui e a gente fica trabaiano.

Eu já Lu, graças a Deus, naquele tempo num tinha nem uma bolsa família num tinha um salarinho ficava trabaiano um diazinho de serviço se fizesse uma rocinha pra gente tinha való, ai agora depois qui eu conseguir meu dinhirinho (aposentadoria) ai num trabalhei mais e ai agora para tudo fiado neu sozinha encheu a casa, num faz nada, enquanto eu tava mexendo na roça ai eu num trabalhei mais parou tudo, faz um pouquinho aqui, faz outro ali, mas era com as roça de mandioca, meus trabaim, agora num trabaiou mais o salário num dá é muita gente, dá pra muita coisa gente tem qui agradecer muito a Deus por esse dinheirim ai que Deus deu nós mais é muita gente pra manter todo mundo duro faz a feira e vai tirando até acaba no dia de buscar o outro a passagem num tem, tem que ir e depois pagar tira tudo dali é uma conta de luz e as conta de luz agora endoidó é um plano de saúde qui paga, tudo pra mim quando faz a feirinha tem qui encolher muito senão não traz chego pago, cabo, mas graças a Deus quando eu aposentei fazia minha rocinha mas essa porqueira de depressão gente vai parando, parando, tem medo até da estrada, elas num trabaia eu também num trabaiei mais, quem me ajudava sumiu pra lá num vem mais pelo menos ele tinha disposição mexia com uma parede veia coisa aqui, outra ali, ai parou tudo é Lu num é fácil não num posso ajudar, fico com vergonha, dá uma roupinha, dá um calçadim, mas num sobra, os de Ashia ainda tem a vó que dá uma roupinha, um calçadinho, demora, demora mas dá, os de D. (avó paterna dos filhos de Betina) ali só dá mesmo os trocadim pra comprar umas coisinhas, num dá uma roupinha, num dá um calçadim, num dá um caderno, A. (avó paterna de dois dos filhos de Ashia) o caderno dos menino ai foi ela que deu tem que tudo dar ficá fiada neu sozinha num dá, já trabaie tanto, naquele tempo trabaia num era como hoje não, trabaia até botar a língua de fora, essas perna minha quando eu olho assim precisava ver, a jurema comia minhas pernas tudo. Ai, ai, meu santo é outro couro, e ocê, cadê Márcio (esposo de Lúcia).

E- Tá lá com Jú (filha caçula).

D. Candiana - Todo dia cedinho panhava o caminho pra Jindiroba (povoado vizinho) sozinha, não tinha ninguém não quando o pai delas me deixou Ashia tinha dois anos ele ta lá só que deu derrame, tem uns quinze anos que taenriba da cama ficou

paralítico, andando de moletinha, agora taenriba da cama, lá tem M. mais ele e tem I. e J. que é o caçula dos homens, mais velho que Betina mora aonde? Com é Ashia o nome do lugar é na frente de são Roque eu não me alembro o nominho vei, depois que passa um tempo eu me alembro, lá onde que ele mora tem A., mas Zé levou A. pra lá num demoro nada, uns dois ano e pouco Zé morreu. Ai Arminda ficou viúva e ficou lá ainda bem qui tem uma casinha. Tem M., M. trabaiava no Belo Campo (cidade próxima) com B., arrumou um doido aqui, arrumou um hominho veio no Belo Campo, ai ele quis levá ela pra intá pai, ela foi, ai tudo se apanhou lá cum pai, ela separou do homem, e ficou dentro da casa mais ele, ta lá cuidando dele, ta lá encima da cama esses dia aqui chegou uma foto dele qui Z. de comadre J. trouxe. Uma foto dele na cama, pelejou pra sentar ele, mas ainda ficou assim, olha. Ele também num ta muito bom não, ele lá ficou um tempão, disse que arrumou uma mulher, ele tem fi mais a mulé tem dois fi. Ai o povo dele mentiu pra nós que ele tinha murrido, tinha achado ele morto numa grama. Só pra gente num correr atrás pra ele vim visitar as filha, ai escondeu, escondeu, escondeu, depois achou Ma.,Ma. tá vivo, ai nós quis intá ele, M. quis me lavá antes de pai ir embora, ai M. levou Z. ela tinha um homem ai ela largou o homem e fundou dentro da casa mais pai. Depois que ela ficou mais pai ela arrumou um muleque, arrumou um homem lá, ela levou duas meninas quando foi daqui. Chutou o homem fundou dentro da casa mais pai cum três fi. Meu outro menino, meu caçula quando o irmão atirou nele, que foi cuidar das vista lá em São Paulo, ai lá mesmo ficou, só veio aqui uma vez, firmou lá ficou lá mais o pai. É bom que tá cuidado.

Só os minino procurando ele se não fosse, ai foi só os minino ficar lá, a muié veia largou dele. Meu pai saia viajando, nós era doze irmãos minha mãe ficava, o serviço de minha mãe era fiá gatú pra vender, levava naquelas matas pra vender, quando ganhava um pouco, comprava uma carguinha de farinha, outra de rapadura e voltava pra traz, pra ir acudir nois, Minha ficava cum nós tudo piquinin veio naquela catingona veia. Quando chegava já marcava o dia pra acudir nois e o povo que ia atrás da ferinha e de rapadura ai um comprava farinha outro comprava rapadura ai cum quinze dia acabava tudo e ele fincava o pé no mundo travez. Ai foi descubriendo veio com um tempo na Jindiroba, ia lá nas catinga travez, voltava pra lá dinovo, quando arruinava lá tornava vim, nois moramo ali entre a casa de Milora e liinha, tinha uma casa de enchimento, com quatro combim, era de Jovino, aí Jovino arrumou essa casa pra ele, ni Jovino ficou um tempão cum uns quatro fi criado, fumo

morá cum Daniel lá no Boqueirão lá nós cabou de criar, foi lá qui os mininos estudava, saia do Boqueirão, pra estudar ali onde Lia de Bibi mora, seu Ponciano morava ali. Ai que é duro, né, vinha de a pé, vinha muntado num jegue. Estudou nove mês, aprendeu uma leitura que o povo diz que é a leitura de Macaro, qui estraga ele. Disse que aprende leitura demais, nunca fica certo. Vinha M., Lú, Gessi, Non de Dona Sinhá, Loro, Miúdo, Manel, as muié tinha Maria, Maura, só qui as muié era mais nova que nós. Os menino macho era Non, Miudo e Loro, e os de casa era M., G. e Z. nesse tempo ai, foi preciso parar aprendeu leitura demais, M. foi. Acabou de criar ali, prá cá da casa de miúdo, naquela casa veia que era de Daniel. Dali casou eu e D., os minino homem esparramou tudo, pra São Paulo, ai pai comprou ali onde era de seu Pedro, fez aquela casinha onde Z. mora. Ai foi esparramando, esparramando, esparrama pra qui, outro morre pra li acabou, só ficou Z. e eu mais D., lá em São Paulo morreu M., M. machucou lá e veio morre aqui, D. ta sumida lá ninguém sabe, mas ta viva, M. tava sumido e agora ta aqui tava lá encostado achou um homem lá que alugou uma casa pra ele, e outro, ai o outro morreu, deu um trabalho doido por que não tinha família, num trabalha vivia da prefeitura depois qui o outro morreu o homem falou o M. cê num tem família não, tem uns parente ai mas eu não nem onde estão nunca mais fui procurar eles. Foi intá a sobrinha de mãe qui se... ele gastou doze dias pra encontra ela. Quando ele achou a prima, disse agora eu vou embora ta na hora de você procurar sua família, tem dois anos que ele morava mais no hospital que em casa. Quando ele chegou lá onde ele morava, ai o homem mandou ele vir embora procurar sua família. Ta muito bom não, vai pros buteco vê o cheiro da bebida ou bebe uma dose, já cai, os mininos leva pra casa, ta na casa de D., que tem L... vou intá minha L., nunca dormiu uma noite aqui. De vez enquanto ele almoça mais nós, aí vai embora. Ali se ele levantar nun vai na casa de um parente nem de outro, vai direto pro buteco. Do jeito que tá agora, se beber uma dose de pinga é oito dias deitado é pinga, eu não sei o que ele bebe não, assim que ele chegou aqui pensei se ele procurasse D., mas só se ele largasse a bebida, assim num vai não. Ele pelejo lá, pusentó ele, e veio imborá. Ta doendo de agora pra gente, eu passei uma bainha de galinha, o muleque o Zaki plantou dois carocinho de jaca já tava com os olhinho abriu o buraco eu falei joga um adubo de vaca de galinha, depois você planta, molha e planta ai ele fez, plantou o carocinha de jaca lá e nasceu ai ele foi pra escola e falou oh vó, molha meu pé de jaca, depois eu dou um real a senhora eu saia com a bacia aqui pra moía, mas quando o trem

tem que atentar mesmo, não sei não, tinha um pedacinho de pau assim, ele plantou na sombra ai eu molhei o buraco lá ai vinha um caminhão assim do lado do Boqueirão, ai eu falei assim vou encostar aqui pro povo num vê eu, encostei assim, por detrás do pé de pau em vez deu voltar pra traz depois que o carro passou, não eu marquei a passada ai o galho de quiabento tava alto o espinho, thuum! Oh coisa ruim, na mesma hora o pé da gente endurece tudo. Ai mesmo eu passei pro lado da cerca e vim embora. Ficou uns dois dias assim doendo, não coloquei nada, e não aflamou nem nada. Ai naquele dia que eu ia pra ingreja e não deu, eu fiz o empaxe e fez um caroção, e agora eu furei mas o espinho nun sai não parece que incarnou, indagora meio dia esse espinho foi doendo, foi doendo, assim de um jeito queimando ai eu fui lá e pus a banha de galinha, parece que emoleceu mais ta dando umas ferruadas, é que afundou foi pra dentro mesmo. Catava feijão trabaiava, panhava água até de noite, no outro dia cedo pegava a enxada punha no ombro, essas hora assim tava lá no meio da roça, saia da roça só de noite, eh, mas sei não viu vez enquanto a gente saia lá naquele matão de Dona Sinhá mais Dozinho, vinha os carro, o povo dava aquelas carona a gente, mas era bom demais, trazia feixe de lenha, dessas roças um dia foi um homem num me lembro num sei se era Sivaldo, eu ensinei ai ele falou vem ai pra ensinar melhor eu dou uma carona a senhora, vinha um homem e uma mulher eu dou uma carona pra senhora pra quando chegar mais perto, a senhora ensina pra nós, peguei meu feixe de lenha, vez em quanto gente ganhava uma carona. Se fosse hoje todo hora que gente saia na estrada o carro ta jogando poeira, aqui em casa era pequininho ainda J. a gente ia pegar água, na latra eu tinha um caldeirão bem grande de alumínio J. passava a mão no caldeirão e a gente ia bem longe lá ni seu litinho na cadaroda veia descer pegar dois, três caminho de água. Outra hora levantava de madrugada pra ir panhar água pra depois ir pra roça, aquilo que é trabalhar, agora hoje? Tinha M. igual aquela de D., tomava conta de tudo, oiá fazer comida pra dá, tinha hora que eu tinha menino, ficava só trinta dias em casa, fazia os trinta dias, tomava banho, pagava o menino e falava pra M. toma conta e ia pra cadaroda mexer farinha ia pra roça trabaiava o dia intirizim chegava em casa parecia que nem tinha minino dentro de casa. M. dava banho, fazia um mingauzinho dava prele, M. tinha a foto do netinho dela, outro dia que você vim aqui vou te mostrar. E a menina foi lá hoje, Lu, Zarina?

Foi, eu vinha aqui de manhã depois levantei adiantei fiz uma rabada, quando tava terminando de cozinhar a rabada desliguei a panela de pressão e deixei amolecer

um pouquinho ai bateu no portão, chegou Zaki e perguntou pra mim assim o tia Lúcia eu posso brincar um pouquinho na banca, ai eu disse, pode depois passou um pouquinho bateu no portão era Zarina, ela chega e já falou: tia posso lavar essa loucinha pra senhora? Ai ela lavou a louça do café da manhã colocou na bacia, ai eu perguntei pra ela será que eu conseguia falar com a senhora só, hoje tia é difícil que vozinha pra ficar só ai eu falei assim, então tá bom, depois eu vou lá, depois quando Ana Júlia chegou era quase meio dia, eu já tinha feito pirão, Zarina foi raspando os maxixe pra mim eu fui cortando, fiz maxixe ai ela falou, o tia por que a senhora não deixa nós aqui com Ana Júlia, tomando conta de nós e vai falar com vó, precisa ver tava com uma preocupação, depois converso com vozinha não tem pressa não, aí fiz pirão com maxixe, mandei eles lavar as mãos, coloquei comida comeram se fosse só comigo eles ficavam o tempo todo, mas Márcio chegou ai Nana chegou também que foi almoçar comigo, eles conversaram um pouquinho com Nana, e vinha pro campo que ia ter jogo, ai eu pensei a então eu vou conseguir conversar com Dona Candiana é lá na hora do jogo.

Eu tava com Ashia aqui e os meninos dela, ela falou o vozinha tia Lúcia disse que vem aqui conversar um pouco com a senhora que ela quer pegar só cês duas só, aí aquela menina não fica aqui dentro de casa pra nada, é menina banduleira pra mim ela não liga não, não sei o que que Ashia mandou ela fazer, respondeu eu vou ali tomar um cafezinho com requeijão, e saiu pra casa do vizinho de tardinha vai assistir novela fica mais é pra lá mais eles, de tarde tá na escola vai chegando da escola vai pra lá assistir novela, de noite disse que vai tomar café com requeijão, ela tomou mesmo, ela chegou em casa eu fui da café com pão ela não quis comer nada, é capaz qui Foi ela falou eu vou ali tomar um cafezinho com requeijão, ela lava os pratos lava os copos pra ele, ai, ai.

E- A senhora tinha mais ou menos quantos anos quando seu marido separou da senhora?

Eu tinha...

A senhora ta com quantos anos?

Setenta e dois, as meninas eram pequenas e a igreja...

Eu tava indo, mas tô abandonando, os mininos foi saindo, saindo dois de D., dois de V., dois daqui foi saindo, Zarina num quer ir mais eu no dia que ela num quer num tem quem faz ela ir, o culto aqui perto num tem mais, de noite eu num vou, só mesmo no sábado, e agora nem no sábado eu num fui mais nunca.

E- Quando a senhora era pequena a senhora tinha tempo pra brincar dona Candiana?

D. Candiana- Brincava meio dia quando chegava da roça, brincava de casinha de panelinha, os minino fazia casinha de barro, puleiro de barro, os pé de mamãozinho nós varria e brincava de casinha só meio dia quando vinha da roça fazia boneca de pau, eu fazia uma boneca de pau que parecia uma pessoa. Tinha um pau bem molim chamava beu, pegava o pau bem molim botava pra secar e fazia aquelas bonequinha, não tinha diferença das bonecas de plástico mesmo chamava bebeu de primeiro, fazia vestido, os minino brincava cum bule...

Nossa conversa ta boa, eu volto.

Pode voltar.

E- Espero que a senhora não fica incomoda em conversar comigo.

D. Candiana- Não, é bom que a gente envolve ai.

ENTREVISTA TIA BENEDITA VÓ DE ALIKA

E: Tia Benedita, eu preciso que a senhora me conte a sua história de vida, me conta a sua história.

BENEDITA: Não tá gravando não né Lúcia?

E: Senhora não quer que grave agora não?

BENEDITA: Aí, cê não conversa não que ela vai gravar minhas palavras aqui

E: Tô trabalhando

BENEDITA: Mas Lúcia, no caso foi assim, na adolescência eu quase não brincava, no caso eu fui muito castigada, que eu fiquei sem mãe eu tinha 8 anos, e com isso assim eu ficava dentro de casa pra fazer muito serviço aqui e não tinha muito tempo de brincar não, porque você sabe que quando a gente fica sem mãe a gente sofre muito né?

E: Com certeza

BENEDITA: **Então aquilo né, na hora de eu brincar eu tinha que ter um café pra torrar, nem podia, dá 12 anos, 11 anos, torrando café, (00:50) torradeira de café, e outra coisa, aí no domingo tinha vontade de sair com as meninas, eu tinha que pisar canjica, pisar arroz, não tinha aquela possibilidade assim da gente se divertir, a adolescência pra divertir, passear, brincar, não tinha, e na semana era aquela correria trabalhando na roça carregando mandioca pra encher C10, não era balaios não, era umas bacias na cabeça, enchia como daqui na casa de Tia D., ou eu fazia ou eu apanhava, qual que eu queria?, eu cresci nessa vida assim. Aí na semana era na roça, no final de semana era lavando roupa lá no tanque grande, levando o balaios, as bacias na cabeça, lavava lá, quando chegava em casa tava toda arrebetada, por isso eu tenho essa dor na perna e na coluna, é mais desses pesos que eu peguei sem poder, encher C10 de mandioca, lavar roupa lá no Tanque Grande, é difícil né? Quantas calças jeans não tem? Quantas roupas pesadas não tinha? E eu relevei tudo porque a Mãe é tudo na vida, mas cê perdeu ela, cê não é nada nesse mundo não, passa muitas coisas assim na minha cabeça, eu não suportava mais, eu tinha medo de viver, mas ou vivia ou apanhava né? Então foi desse jeito assim, e quando foi pra mim casar, foi muito difícil, eu namorei 15 dias**

E: Quinze dias?

BENEDITA: Quinze dias e não tinha beijo, não tinha abraço, só aquela amizadinha assim, de ficar preparando um café na cozinha, trazia, uma água, um suco, qualquer

coisa, e tinha que ir pra cozinha de novo, ouvia só as voz, mas não podia sentar junto, o primeiro namorado meu, casei, que foi Z..

E: Z. foi o primeiro namorado?

BENEDITA: Primeiro namorado, que eu namorei com João Mineiro, mas assim, Z. foi o segundo, só que namorando assim né Lúcia, de oito em oito dias encontrava, e chegava lá e eu só ouvia as voz, então

E: Não podia sair?

BENEDITA: Não podia sair não, aí o segundo namorado, que eu casei, foi 15 dias só, aí nós casou, sosseguei mais um pouco, fui conhecer terra que eu não conhecia né, fui pra São Paulo, ai chegou lá não deu certo, eu vim grávida de F., fiquei um ano lá, com três meses engravidei, aí nos dias de ganhar criança vim pra cá e desses dias pra cá eu ficava indo em São Paulo, ia e voltava, ia e voltava, não tava lá e nem cá, sempre aquela corrida assim, as roças, cuidando dos filhos, muita dificuldade na vida, mas se não fosse assim não tinha nada né? Não tinha coisa pra comer, tinha que trabalhar nas roças. Quando foi pra aposentar foi facinho Lúcia, quando eu falei pronto, falou a senhora tá aposentada, de primeira, precisou falar nada mais não. Foi muito difícil, fui queimada no seio, fui... rasgaram meu olho, sangue quando olhava assim a mão cheia de sangue, ia fazer o que?

E: Por que?

BENEDITA: Agressiva, gente agressiva né, rasgando meus olhos, o que que eu posso fazer, eu não falo nem a nem b né, que falar pra que né, então de uma pessoa passou pra outra e de outra pessoa passou pra três, que foi Z., ai eu sosseguei mais, trabalhava nas minhas coisas, não tinha quem me mandasse fazer nada, fazia na hora que eu quisesse, era corrido mas era eu que mandava na minha casa e nos meus filhos, melhorou 100%, mas do jeito que tava indo acho que eu tinha até morrido.

E: A Senhora casou com quantos anos

BENEDITA: **Eu casei, deixa eu falar pra você, com 15 anos, mas eu não tinha os 15 anos não, chegou lá em São Paulo, minha tia ficou brava, "quem fez esse casamento seu assim, casar criança", foi quem me criou, eu vou fazer o que. Então a brincadeira foi muito pouca, eu nem estudei, só na roça trabalhando, tinha vontade de aprender a leitura, mas só que eu só estudei três meses, não deu pra nada, ainda era mobral naquela época, a noite**

E: Com quem a Senhora estudou?

BENEDITA: De dia você vai estar cansada, você trabalha de dia, e de noite você não aguenta mais estudar não porque meu serviço era muito pesado Lúcia, muito mesmo. É essa vida aí, e pra brincar foi muito pouco mesmo, aí eu roubava aquelas horinhas assim com amigas pra brincar de boneca, não comprava, era boneca

E: E quem fazia as bonecas?

BENEDITA: Quem fazia? Era eu mesma que fazia, eu pegava um pano, cortava, eu lembro como hoje, eu enchia a boneca bem direitinho e ia fazer os peitinhos dela, pregava, aí pegava um pano escuro e tirando as lanzinhas, e tirando, tirando, juntava uma na outra, colocava na cabeça e dizia que era o cabelo da boneca, então tinha uma influência assim imensa, tinha um influência mesmo brincava, mas que eu esforçava, aquelas horinhas, que tinha pouco tempo, tinha vontade de comprar um bebe e não tinha como comprar, a adolescência foi só com boneca de pano. Hoje meus filho tem, meus netos, e não dá valor, tudo tem boneca boa, bola, e não dá valor, tá ruim, e a gente tinha vontade e não podia comprar né, então a coisa foi tudo difícil Lúcia, não foi nada fácil, se eu for contar mesmo as coisas tudo um dia não dá

E: Pode contar

BENEDITA: Muita dificuldade na vida pra poder viver, mas que agora era de pão eu tô rica, graças a Deus, só anda com a barriga cheia, não precisa trabalhar esse tanto mais, já trabalhou muito né, então eu desejo pros meus filhos também ficar tudo bem igual eu tô aqui porque é bom demais viu, você precisar de um vidro de remédio e ter condições de comprar, então aquele é um prazer que a gente tem na vida, e antes a gente pensava e não podia, muitas das coisas tá cara mas graças a Deus né Lúcia pra comer não falta. Quer dizer que isso aí tá tudo gravado?

E: Depois eu mostro pra senhora a história da senhora

BENEDITA: Não desejo uma coisa dessa pra ninguém, o que eu passei, pra ninguém, porque não é fácil não, é muito difícil, você não ter nem um amigo, não ter ninguém, não foi fácil não, a pessoa que teve sua mãe que criou agradece dia e noite, pode tá morta, mas tem que agradecer dia e noite, porque uma benção é uma vó e uma mãe, eu peço meus filhos pra dar muito valor pra eu e o pai, porque nós criou, não foi judiado graças a Deus, quando dava um tapinha aqui, vixe, nós ficava triste, só que eu não dou risada pra não ficar

ousado, não dava risada de jeito nenhum, eduquei eles assim, mas graças a Deus eu não passo vergonha com meus filhos não, eles é tudo educado sabe conversar com todo mundo. Então Lúcia, esse é um prazer que eu tenho na vida, porque nessa época que nós tá você saber criar os filhos, tá educado, tá muito bom, e peço pra meus netos também serem igual meus filhos, eu peço tanto a Deus por isso aí, porque eu agradeço ele dia e noite, que o jeito que tá hoje né, essa renca graças a Deus não deu trabalho e nunca vai dar

E: Tudo encaminhado

BENEDITA: É, e peço, pra meus netos, meus amigos, tudo filho de Deus, porque não é fácil aí a fora como cê tá vendo na televisão não, tem hora que eu desligo a televisão e venho pra cozinha fazer alguma coisa, ligo o sim, porque fiacar assistindo coisa do mundo no jornal não dá gosto não, aí quando tem uma missa eu vou assistir a missa, porque a missa é importante, é a palavra de Deus né, pode ser um crente, pode ser um católico, tendo a palavra de Deus é bom demais

E: Com certeza

BENEDITA: Z. gosta de assistir essas coisas do mundo, eu não gosto, já falei pra ele, mas uma coisa assim Lúcia que tá acontecendo lá fora cê não tem cabeça, cê fica assim passado, não passa agora na gente na dos outros não passa, então aquilo pra mim eu já sinto mal, eu já vou saindo, com medo até da pressão subir que eu fico preocupada, passa as mulher chorando, as tia né, os pai, e antes a gente enterrava os pais hoje os pais que enterram a gente, né, então, isso foi na cabeça, a gente já tá pensando aquilo e ainda tá vendo passar, é melhor mesmo cê nem ver, não é fácil não. Muita dificuldade pra nós criar nossos filhos, foi difícil, mas pelo menos a educação era muito mais fácil, né Lúcia, muito mais fácil do que agora, agora tá duro viu? Não tá fácil não. Não conversa direito mas tem coisa

E: Imagina, aí é que tem história

BENEDITA: Tem coisa que a gente gagueija pra falar, mas vai levando a vida assim mesmo que não tem outro jeito, aprender a falar, estudar, né Lucia. uma pessoa igual eu, pariu os quatro filhos tudo em casa, é difícil né, que tem mulher da minha idade que ganhou na cidade os filhos mesmo ganhou dois filhos na cidade e eu tudo aqui . Foi Lia. Né não Lucia, fui uma guerreira né. Trabalhei na roça, e criou tudo graças a Deus, tudo pari em casa é uma benção de Deus, eu agradeço dia e noite por isso aí, eu falava assim "ô meu Deus, será que um dia eu faço uma casinha pra mim", e Deus falou "faz", conversava com Deus, faz, aquelas oração, Lúcia, aí já tá

caindo em cima de mim e eu tenho fé em Deus que meu filho vai ajeitar a casinha dele logo mais, porque eu agradeço tanto a Deus por ele ter feito a casinha dele, e com fé em Deus ele rebocando pelo menos o quarto vai pra casinha dele, porque é bom demais uma casinha assim mais segura, porque enfraqueceu demais Lúcia, o telhado tá fraco, cê olha assim dá dó (tem água não filha, tem não, tem água gelada não, vai ficar com mamãe vai, não tem que a vó esqueceu de colocar água no filtro agora de tarde, tá). Só chupando bala, olhando o filtro direto, só tá coado aqui mas eu não queria dar não.

Foi criado por parentes, mas elas não sabe não pela idade de F., quem sabe é Dona L. pela mãe dela, suas irmãs mais velhas sabem, L., V., suas irmãs mais velhas sabem, nem N. não sabe que N. é quase da minha idade mesmo, não sabe não, as pessoa por ai, depois eu falo. Eu agradeço muito por isso aí né? Mas né fácil não você não ter a mãe não, que eu não esqueço, dá vontade de chorar quando eu lembro, e teve outra, meu pai me abandonou, com dois meses que minha mãe faleceu meu pai me abandonou, e depois não quis nem saber deu mais, foi embora, vendeu a casa, ficou tudo na rua ai os meninos, e outra coisa, meu irmão ficou com 24 horas de nascido, a minha mãe morreu 4 horas da manhã, pra você ver, com o dia amanhecendo, quando foi... com 24 horas, na outra noite, com o dia amanhecendo ela faleceu, ai tava criando o filho dela, dando de mamar, aí pegou o meu irmão, tudo num peito só, eles é irmão de verdade, porque além de ela pegar ele com 24 horas de nascido ainda ela criou no peito dois filhos, não é os milagre de Deus? Então eu agradeço tanto, ela veio aqui tá fazendo um mês, ela sentou aqui e eu aqui, eu agradeço tanto por isso por que é uma benção, maravilhosa, porque meu irmão, matava eu só tinha oito anos não ia saber zelar, oito anos, ela levou criou e tá aí, quarenta e oito anos, vai fazer quarenta e nove, tem quase cinquenta, daqui um ano e pouco ele já tem cinquenta anos, minha mãe morre eu tinha oito anos, sou a mais velha, e ele é o caçulinha o mais novo, ele vem na minha casa direto, cumprimenta assim, como nós não foi criado junto tem aquele amor por mim, me beija me abraça, nó cumprimenta aqui, e eu tô no fogão fazendo uma comidinha pra ele e ele tá me abraçado e me beijando, se eu tô lá na pia lavando louça ele tá me abraçando e me beijando, e precisa de ver como é que ele é aqui, ele é maravilhoso, nem parece que nós foi criado separado, o amor vem do coração, o amor vem do coração que meu outro irmão não liga comigo, sempre pra eles vir aqui, não vai, não vem aqui, ai quando eu vou lá eu não sou igual eles, não posso

fazer igual eles, eles não quer, então quanto mais eles não vem aqui, minhas filhas falam "mas mãe, não vem na sua casa", eu falo "não, é irmão meu", eu vou lá ver eles que o coração não sabe falar não, tem que falar sim, vou lá ver eles, meu pai adoeceu esse tempo aí ele não me criou, mas eu não tenho nada contra ele, só tem que eu falo o que eu passei na minha vida, fui ver ele, tava internado em Tremedal, num hospital em Tremedal, E. foi lá ver, (16:05) foi lá ver meu pai, aí com oito dias meu irmão chegou aqui "bora lá ver pai", nós foi, na caatinga ele mora perto de Tremedal, no capim, nós foi ver ele, agora é tão bom, C. também foi ver, nós tudo é assim Lúcia, nós é muito amoroso, uma família muito amorosa graças a Deus, Deus nos ajuda em tudo assim que, eu pego muito com Deus, agora ele tá bom pai ficou muito ruim, tava com água nos pulmões, aí fez exame, meu pai não tem diabetes, meu pai não tem colesterol, não tem pressão alta, precisa de ver, só tem isso aí, (16:40), mas pai né não, minha mãe de criação que é, minha madrasta que é mulher dele que tem alzheimer, pai não tem alzheimer, (16:50) direto mas não é, é por isso que ele tem esse problema Lúcia de água nos pulmões, porque ele assobia, fica assobiando assobiando, aí vai juntando água, ele tirou agora tá bom, nós foi ver ele no mês de maio mas agora tá passando bem graças a Deus. Minha história foi grande Lúcia.

E: Ah, então pode falar mais, vai lembrando mais coisa aí. A senhora não falou ainda da sua experiência como mãe, a senhora falou da sua experiência como filha. Da dificuldade e ter os meninos, né

BENEDITA: Não, tem que falar, eu tenho que falar mesmo, eu falo muito rápido. Os meus partos foi bons e outros foi ruim, mas só que eu pego muito com Deus aí deu tudo certo graças a Deus, porque F. foi assim, eu senti na segunda feira meio dia, fui ganhar ele no outro dia, foi 24 horas andado em casa a noite toda na casa da minha sogra, andando e dor e dor e nada, se tivesse de morrer, morria, mas Deus não deixou, porque você vê que nem falava de médico, só Deus, por isso que graças a Deus deu tudo certo, né hoje em dia grita Deus e depois o médico, nós não, só Deus e graças e Deus pari e graças a Deus me senti bem Lúcia, o resguardo foi maravilhoso, tava bem fortuna quando eu ganhei F., aí Enzi eu tive uma perca só que não sabia o que que era não que foi em casa, fiz coleta, e passou, engravidei de C., Enzi foi rápido, não contei não, saltei, foi rápido Lúcia, incomodei oito horas, quando foi meio dia já tava ganhando, C. a mesma coisa também, incomodei assim umas sete horas quando foi umas nove horas eu ganhei,

antes de meio dia, agora E. foi mais difícil, mas pra Deus né... pq a passagem não tava dando certo, não ganhava porque não tava a passagem, cê sabe a luta da gente, aí não tava dando certo, aí a parteira falou assim "olha, dá próxima vez agora, ou você opera, caça um jeito, você não pode ganhar filho mais não, você não pode engravidar mais não" eu falei "porque, Dona Maria parteira", "você não tem condições não, porque tá vendo é o útero que tapou a passagem da criança, mas pra Deus vou destampar agora", quando ela falou, que ali ora viu Lúcia, graças a Deus, fez uma oração na minha cabeça e passava a mão bem assim, e esquentava a mão um pouco e ponhava em minhas costas, Deus é bom pai, na hora veio a menina, sofri, foi dois dias, foi mais de vinte e quatro horas, eu incomodei desse menino num dia fui ganhar no outro dia, mas foi um benção viu, aí ela foi e falou "ou você opera ou caça um jeito", aí eu fui e operei, foi com 28 anos novinha e eu operei, 28 anos eu já tinha meus quatro filhos.

casei com 15, e olha que eu criei F. mais Enzi logo, só D. que não e manina E., quase quatro anos de F., quando eu ganhei Enzi, F. tinha quase quatro anos, aí quando Enzi tinha, F. tinha quase quatro anos, a diferença não chega nem a quatro anos, aí pra mim engravidar de D. aí C. já tava mais novo, uns três anos de diferença, D. não tinha três anos, engravidei de E., aí eu falei agora vou operar mesmo, aí operei graças a Deus, F. eu criei bastante, C. eu também criei até um lote, mas os outros dois não. E assim, meus meninos, F. foi ficando mocinha ela trabalhava nas casas das pessoas assim lavando uma roupinha, só velhinha, Dona O. sua sogra, sua sogra não, sua

E: Vó

BENEDITA: Sogra é L.. Aí Lúcia, sabe o que acontece, eu vou falar pra você, ela ia lá, ajudava a velinha, Dona O., ganhava arroz, ganhava milho pra mim criar galinha, e ganhava verdura, me ajudava bastante, C. trabalhava pequenininho nas casa da roda, comprava meio saco de farinha e ponhava aí pra criar os irmão, comprava um bujão de gás, meus filho me ajudou muito, ia no Belo Campo comprava bastante toucinho, aquele toucinho fininho, comprava pra ajudar a mãe, então eu agradeço a Deus por isso tudo que passou na minha vida assim, os dois mais velhos me ajudou bastante sabe, os mais novos não, mas os mais velhos, C., mais foi assim mais mulherão, sempre, com 15 anos a gente dava pra ele (23:10) ele trabalhou graças a Deus, trabalhou bastante, assim Lúcia, eu trabalhava num dia e ficava caçanco mais um dia pra interar dois, quando achava uma semana toda ficava feliz demais, era

assim, mas com isso aí eu ia cuidando da vida deles né, comprava uma roupa um sapato, E. estudava, mas assim quando mocinha me ajudou igual você via me ajudou bastante também, (23:39) eu trabalhei na escola acho que uns 7 meses, trabalhou mais eu, limpava a sala tudo e eu fazia outras coisas, ai quando eu arrumava um servicinho em casa de família ela ajudava eu de novo também, mas pra mim casar ela graças a Deus não deu trabalho, sempre foi muito obediente, obedece muito eu e foi bom demais sabe Lúcia, trabalhou junto nós foi guardando uns dinheirinhos, pouco igual você via mas com Deus é muito, guardando, e eu agradeço muito a pessoa que me deu serviço, porque só não comprei (24:10) porque não podia, mas comprei a cama ela escolheu a cama até boazinha, e ela ficou feliz por isso, foi, fiz o casamento e graças a Deus tá vivendo né

E: Abençoado

BENEDITA: Abençoado e tá vivendo com prazer o marido dela fez uma casinha até boa eu agradeço muito por isso, tá vivendo, então é uma coisa que tem que ser alegre, que se eu morrer amanhã ou depois meus filhos tá tudo preparado, isso é uma benção já né, tô sabendo que que eles passou, que que eles não passam, (24:42) um prazer que eu tenho sou feliz por isso aí demais, nossa, casei meus filhos tudo (24:50) todo mundo obedeceu eu.

(Conversa com A.)

BENEDITA: Eu sou esquecida com tudo Lúcia, sou esquecida demais.

(Conversando com ?)

E: Escreve seu nome aí pra tia ver

BENEDITA: Se fosse mais pequena riscava aí tudo Lúcia, mas tá sabida já

E: Escreve ai seu nome

BENEDITA: Quer dizer que isso aqui você vai passar pra isso aqui depois é Lúcia?

E: Isso aqui depois eu vou digitar tudo a história da senhora

BENEDITA: É?

E: Depois que eu digitar eu venho aqui e leio pra senhora

BENEDITA: É? Hmmm. Quer dizer que só você que vai ficar sabendo né Lúcia? Bota meu nome não tem perigo não?

E: Não, põe o nome da senhora não, pode ficar tranquila. Isso aqui é pra mim, aí se for colocar qualquer coisa que a senhora falou aqui, ai eu não coloco o nome da senhora não, se a senhora quiser até falar um outro nome pra eu colocar eu coloco o nome que a senhora falar

BENEDITA: Você inventa lá um e pão. Eu não gosto né Lúcia, de falar, fala o que passou né, isso aí é uma coisa...

E: Na verdade a senhora tá contando a história da senhora

BENEDITA: Tô contando a história. Mas não tem raiva, não tem raiva das pessoas, só considero, se tiver doente eu vou bater lá e pedir pra ajudar tô lá, eu agradeço por isso aí, mas só que não é fácil ficar sem mãe, igual eu fiquei não, quem tem sua mãe agradece muito, é bom até as meninas ver, agradecer a mãe gente, que a mãe da gente é tudo na vida Lúcia, é tudo na vida. F. tava gritando lá e falou "é, se eu morrer é só C. e mãe mesmo" que A. não lavou a louça pra ela, ela ficou nervosa, chegou de Conquista com dor de cabeça e F. não tem... eu dou tanto conselho pra F., "não é assim não F., ela tá com dor de cabeça, as vezes é que não aguenta, né bem assim não, "ponha" C. pra lavar a louça, e ela faz o arroz" aí Carlão chegou e tava fazendo o arroz, acho que todo mundo podia ver a mulher deitada e fazer o arroz, (28:03) é muito devagar eu não espero não, tenho paciência não

E: Ainda bem que ele faz

BENEDITA: Ainda bem, (28:18)

E: Eu queria ter um neto, mas agora acho que eu quero uma neta de cabelo enroladinho pra poder cuidar

BENEDITA: (28:53) já tinha, já tem o que Lúcia, 21?

E: 21

BENEDITA: 21? É mais velha do que A., é que A. fez agora 20

E: Thainan é mais velha do que A.

BENEDITA: (Já tá na hora de casar?) Mas ela quer estudar né Lúcia, primeiro, tá certo

E: Eu vou ter uma netinha, (29:15)

(Conversa sobre a chuva)

BENEDITA: Quando eu casei meus filhos não teve dificuldade nenhuma, foi tudo assim desapertado, sabia? Nunca passou uma fase assim apertada no casamento dos meus filhos, assim eu tive uma benção não foi, só pra você ver, quando F. casou, foi mais difícil um pouquinho foi, pensar que eu fiz uns três sacos de biscoito Lúcia, matei uma leitoa bem grande, matei umas dez galinhas, naquele tempo que era bem difícil assim, pra você ver, eu agradeço a Deus tudo, eu falei assim, será que dá pra eu casar minhas duas filhas e dar uma comidinha pro povo, que eu tinha vontade, (30:46) pra casar e fazer uma comidinha pra dar pro povo, pois eu

consegui tudo Lúcia, pra você ver quando Enzi casou, nossa, Z. tinha a bolsa renda, que ele recebia naquele tempo, 60,00 reais era um dinheirão, ele ganhava lá em J. 80,00, pra você ver, Enzi trabalhava direto fazendo farinha pro povo, (31:10) pro povo, foi assim, graças a Deus maravilhoso assim, uma benção de Deus, no caso ai D. a mesma coisa Lúcia, trabalhando pra Dona O., já tinha um pouco de dinheiro guardado, foi tudo fácil assim, nos foi assistir o casamento, tinha dinheiro pra pagar o carro pra ir, nossa foi bom demais, quando eu casei Li também, nós trabalhou ai junto, eu casei dois filhos trabalhando pra J., foi Lúcia, graças a Deus foi um benção, aí nos fez uma festinha também, com umas comidinhas, foi bom demais. Foi, foi, então essas coisas assim tem que realizar, falar, agradecer a Deus né, pelo que a gente fez, e agora tá mais difícil Lúcia

E: A senhora acha que tá mais difícil?

BENEDITA: Eu tô, pq tem gente ai que casa, eu vejo que moro aqui to vendo, não tá podendo pagar um carro, não tá podendo fazer uma comidinha, um parente meu casou esses dias e eu vi o aperto, então a cada tempo que passa a coisa tá ficando difícil, (32:20) agora tá pior. E outra coisa Lúcia a pessoa tem que trabalhar também, porque eu trabalhava né, Deus dá as coisas, claro que ele dá, mas nós tem que pedir quem? Pra dar força? Não é Deus? Nós pede ele por isso e pede saúde e tudo e vai conseguindo, se não pedir, o padre fala ter muita fé, mas fé mesmo assim ó, de coração, chorar, orar, chegar orar ali de pé, Deus dá, nós tudo, manda a gente não pensar nele não, pra você ver, ter muita fé assim, muita fé mesmo no coração, não tem nada não, não tem saúde, não tem força, as vezes a gente tá sentindo uma dor, tá bem ruim não tá, mas você pedindo ele fazendo um chá você melhora, você fazendo um chá, você não tem fé em Deus, você não melhora não, ontem eu fui na casa de F. mais D., chegou lá ela "ai mãe eu tô ruim", "que que você tem minha filha?" "tô com uma cólica aqui, a barriga tá assim ó", (pegando nas tripas?) e com a mão assim, chegar lá eu faço um remédio, fui lá na horta Lúcia, peguei umas filhas de erva-doce, bem verdinha, e abafei quando tava fervendo e rasguei assim as folhinhas, e coloquei uma raladinha de noz moscada, na geladeira pra ficar geladinho e deixei, quando tava geladinho coloquei uma pitadinha de açúcar e levei pra tomar remédio e dei, um copo desse assim quase cheio, bem verdinho, foi mesmo que tirar com a mão, sentei na sala assistindo quando pensou que não D. tava bonzinho, falei assim "não vai precisar levar no médico não eu vou lhe dar um remédio" foi mesmo, ele tava ruim Lúcia, sarou graças a Deus, é um "remedão" né?,

Deus, Deus e mais nada, falei "você vai melhorar", e qualquer coisinha que meus filhos tá eu só peço a Deus assim, preocupo né, eu falei assim esse frio que ele levantou 3:30 pra levar a mulher pra Quaraçú pra arrancar dente e lá ele sentou "ô mãe, lá eu sentei e ainda fui de moto naquele frio" ai de tarde passou só sentindo dor, aquela dorzinha "véia", de noite arruinou, ai eu fiz o chá e foi mesmo que tirar com a mão Lúcia, então tudo eu agradeço a Deus, tudo, é bom demais, a cirurgia que eu fiz Lúcia, o tanto que eu arruinei, tive recaída umas duas vezes mas graças a Deus tô aqui, tô bem e agradeço Deus tudo que eu tô bem, não sinto, sinto essas coisas é normal as mulheres tudo sente, dor de coluna, sinto dor na perna, pode ser varizes ou pode ser outras coisas também mas Deus ajuda que sara, não pode chorar não, peço a Deus... e nós batalhar né Lúcia, pra viver mais pra ficar mais junto da família, com os amigos, (35:30) na cabeça mesmo, do jeito que eu tava ai eu ia pegar depressão, mas eu fiz tanta oração tanta oração e graças a Deus agora eu não tô mais assim com aquela coisa na cabeça, dava vontade de correr pro mato assim, aquelas coisa ruim, coisa ruim colocando na cabeça, não tô não, porque que eu tô assim, oração, com meus remédios na hora da televisão na hora da oração da missa né, e tomo aquela água orada, tomo meus remédios de controle e tô boazinha, tava ruim minha filha, agora eu tô bem, orando aí ó, o padre falou assim "quem tá assistindo na sua casa, tá pedindo oração a mesma coisa, põe a água pra orar, põe meus remédios, põe chá, põe documento e vai levando a vida com Deus", (36:22) vou na igreja direto, na casa de Deus, não tem outra casa pra ir, a não ser nos amigos de vez em quando e na casa de Deus né Lúcia que Deus deixou, me senti bem demais Lúcia, gosto de assistir a palavra de Deus direto, quando eu tava na minha casinha lá meus neto morava mais eu, eles não deixavam que eles queriam desenho, queria uma coisa e eu pra fazer os gostos não assistia nada, ficava com aquele monte de coisa na cabeça, coisa ruim, que você sabe como é que é, e agora ó, eu chego parar assim, eu tô numa vida assim ó, eu amo C., eu tinha raiva não podia ver minha nora, aquelas coisas que ela fazia, "vixe" Nossa Senhora, eu junto dela toda hora assim, eu junto dela dando risada, só você vendo, não falo pra você Lúcia que é coisa ruim que fica na gente, (37:10) que você escuta eu falar que tá maravilhosa a minha vida, eu não tenho raiva de ninguém, vivo bem com todo mundo, já vivia e agora veve ainda mais, tirou tudo da minha cabeça assim ó, Deus tirou tudo tudo tudo, não tem não, tem raiva de ninguém, mesmo da minha família não tem mesmo ninguém não, cabou, eu chego nela e falo assim "que bom, nós

agora estamos numa boa", tão feliz, ela da cada risada mais eu, me abraça, me perdoou, eu perdoei, pra que uma coisa mais maravilhosa que essa Lúcia, você ficar sem aquela mágoa, aquela raiva, chego chorar

E: Graças a Deus que a Senhora se libertou tia

BENEDITA: Eu tinha aquela raiva assim, não queria que meu filho visse, acabou tudo ó, não queria não Lúcia, falei "tô fazendo coisa ruim pra Deus, pra os meus netos", quem vai criar os netos é ela, não é eu não. Acabou ó, (38:07) nao tinha isso não, não tenho raiva não graças a Deus, o nervoso que eu tinha mais não tem aquele nervoso, controlado, acabou tudo, não fiz tratamento nenhum o tratamento meu foi Deus, só na televisão assistindo padre e chorando, pegando com Deus, né,

E: Com certeza tia

BENEDITA: Tô alegre, não tem nervoso, acabou Lúcia, não tem aquele nervoso, era um nervoso assim que o que eu achava, Nossa Senhora, não tem mais, nem um pouquinho mesmo, muita coisa pra ficar um pouquinho nervoso, mas não tem nervoso, era demais, tava em tempo de perder a vida, (38:52)mas peguei com Deus dia e noite, cabou, não tem mais aquele nervoso não, não falo pra você, bom mesmo bom mesmo, eu falava assim "meu Deus, tem dia que eu vou pra igreja, não posso ficar desse jeito não", depois eu fui pra igreja poucos dias mas só tem Deus na minha cabeça, sentada ali, mas eu tô boazinha, antes o coração ficava assim, acelerado tava, mesmo que eu tô tomando os remédios Lúcia, eu tava tão assim, agora acabou, tô bem graças a Deus viu Lúcia.

E: Que bom tia

BENEDITA: (39:30) conseguia não Lúcia, nem abotoava

E: O corpinho em cima

BENEDITA: Pois é. Fui engordando, os nervoso faz engordar sabia? O Z. ficava, eu também, perdi quatro quilos Lúcia e vou perder mais que eu tô fazendo caminhada né. As vezes eu janto (39:57) mas desse tantinho assim ó, mas quando não é comida que eu como é só mesmo um mingauzinho, o mingau ajuda a gente a viver né, comer comida gordurosa já era, não me sinto bem né Lúcia, tem gastrite e (pedra na vesícula?), fazia e tava na minha cabeça, tava na minha cabeça, qualquer coisinha que falava, eu brigava mais elas, podia não responder né, aí agora ela pode falar o que ela quiser, as mesmas coisas aquelas coisas, não respondo, vou saindo, outras horas eu caço graça, converso, dou risada, pronto acabou. Eu virava pra pessoa e ficava "o que que eu faço, o que que eu faço" ficava doida da cabeça,

(41:00) não tem coragem de falar na igreja, não tem, mas é uma benção, falar na igreja

E: Testemunhar

BENEDITA: Mas não tem, não tenho Lúcia, fico com vergonha, eu sinto assim que eu sou (42:20) mas não era eu, só que agora (41:24), entendeu? (41:33) e me doeu tanto assim, e não era Lúcia, e não era entendeu? Fazia as coisas e falava que era eu, mas não era, aí teve um dia dessa última vez agora, falou "é, né minha mãe não", Deus fez isso aí pra ele

E: Mostrou

BENEDITA: Mostrou, (41:56) , tá internado aí, aí de lá ela ficou lá, foi tudo de boa, ir pra lá, pra você ver que Deus mostra tudo, cê viu? Dessa vez nunca mais o menino sarou, gastando direto, pagava o exame, 40, 50, 60 Lúcia, (42:20 - eu não entendi nada que ela falou aqui, hahaha). Sarou, mais de ano, Lúcia, fez um ano agora em maio que ele adoeceu, graças a Deus nunca mais. Mas acho que tudo que eu penso que eu tenho pra falar, baixei aqui de novo, agradeço muito por isso Lúcia

E: Que bom

BENEDITA: (42:46) que Deus me deu, todo mundo tá em paz

E: A senhora tá em paz que é o mais importante

BENEDITA: Importante, as vezes eu fico nervosa com os meninos que é criança, mas depois eu, F. da conselho pra deixar pra lá, F. fala "deixa pra lá, eles sussega" que criança não é fácil né, você sabe, isso é norma
 Benedita: Tudo o que eu pedi Deus, Deus me deu Lúcia, pedi Deus a casa eu fiz e pra meus filho não fica na casa dos outros, ficar dentro de casa, "ô Deus me dá uma casinha", pra meu filho ficar na minha casinha enquanto faz a dele, Deus me deu, ele fez a dele eu fiz a minha, ficar na casa dos outros Lúcia, eu morava na casa de M. de S., agradeço muito ela que me deu, morava na casa de T., de T. eu já falei, morava na casa do cunhado de E., morei duas vezes na casa de T., e no cunhado de E., e morava na casinha de T., e na casa de N.queria que desocupasse que ele queria reformar, só que na casa de menina não, foi eles que quis sair, foi da época que ela separou que ela foi embora, aí C. falou "ô mãe, pra mim ficar lá não dá mais não, M. queria que ficasse" eu falei assim "pois eu vou pra minha casa sem colcoar vitrô, só com a armação, coloquei papelão na armação e ponhei a cortina e ponhei aqui papelão aqui, e fiquei uns dois meses, aí com dois meses tinha um dinheirinho a mais, que eu não era aposentada ainda não, só Z., a gente esperou o décimo terceiro dele, nós foi lá em Belo Campo,

Enzi comprou os vidro tudo, e colocou, foi antes das água, ele já colocou. Tudo que Deus faz não é bom? (46:45) fico assim, no dia que ele fez o alicerce daquela casa eu chorei chorei de alegria, porque foi bem na época que D.? pegou o salário maternidade, pegou 2.600,00, aí ele pagou C., parece que C. trabalhou 12 dias na casa, deixou no ponto de madeira, 12 dias, ele falou "ô C. agora que o dinheiro acabou, você já comprou cimento, agora não tem, agora os 6 dias telhado, bateu 6 dias, eu te dou", aí juntou eu, D., Z., e ajudou a "rebuçar", ai nós mexeu com ela, e tornou mexer agora, e com fé em Deus vai mexer de novo, uma casona daquela Lúcia, com o que ele passou, como é que eu não fico feliz Lúcia? Aí meu Deus, só Deus mesmo, passou minha filha, só que ele comprou todinho antes, e depois Deus deu essa benção. (47:50) essa casa é de C.? porque ele ficou só com a notinha né, e as coisas tava tudo em Quaraçú, já pensou Lúcia. O povo falou "isso aí não dá não", gente da Estiva falou, eu falei "dá", vai da precisão das pessoas e vai também da honestidade que nós tem com ele, nós foi humilde pra ele então ele vai ser humilde pra nós, foi mesmo, Enzi comprou os material tudo certo, pagou tudo direitinho, (48:20) vai no carro lá, eu não tô podendo pagar o carro, nós pegou o carro, Faé, era 150 mas pra você C. eu vou por 100, "será que ele manda?" "manda" nós tudo falou, ele é uma pessoa muito boa Lúcia, chegou esse caminhão aí era umas 8 horas, Faé chegou era umas 8 horas, nós foi dormir era 11 horas, descarregou tudo, eu fui pegando o leve e os meninos pegando o pesado, veio tudo no carrão de Faé. Aí com umas duas semanas, veio o dinheiro de D.? do mais novo que o mais velho perdeu que ela fez o pré natal lá, só que ela não ganhou lá, mas fez, chegou, perdeu mas não perdeu o, Deus não deixou, pronto, aí já na outra semana, com duas semanas chegou, levantou a casa, não é, teve gente ai que não recebeu não, mas eu recebi, eu pego muito com Deus, muita gente falou que não recebeu, da Estiva, daqui, eu recebi graças a Deus, não falo pra você, você acredita Lúcia no tanto de coisa que eu te falei?

E: É filha, é história

BENEDITA: Só na cabeça, mas eu falei, tem mais mas eu não lembro mais não, quado eu lembrar um dia

E: Um dia, você fala

BENEDITA: Pra eu me aposentar foi fácil viu Lúcia?

E: Já foi logo

BENEDITA: Já foi. E as mão tava cheinha de calo que eu tava raspando mandioca, trabalhei até na semana que eu fui

E: Ai não tinha nada mentira né tia?

BENEDITA: Não tinha não, eu tomei 500 conto, no segundo mês eu paguei, que o dinheiro da casa de roda eu tava pagando as pretações da casa das coisas que eu comprei, matéria. Então foi tudo assim ligeirinho assim Lúcia, graças a Deus, quando comecei o alicerce dessa casa eu tinha 50 anos certinho, eu já tinha já os blocos, os blocos não

E: Tijolo baiano, tijolinho ou?

BENEDITA: Tijolinho, (50:42) tudo comprado lá em Quaraçu, mas já com outro cara, eu comprei com Didi, ai teve um dia que Didi mandou ir lá buscar que eu tava demorando muito, deixei três anos lá, aí veio um carrão, duas caixas tava na frente, e tudo material, madeira, telha, (51:06) foi só 7 mil não deu não, foi quase 8 Lúcia, miudinho assim, mas gasta hein?

E: É porque tijolinho é pequeno também né?

BENEDITA: É pequeno, né desses grandão aí não, lai foi comprado do velho Deli, era vivo ainda Lúcia, que já tem 12 anos, 13 anos que C. casou, fez agora em Junho, 13 anos, passa ligeiro hein

E: Eu tenho 23 anos de casada

BENEDITA: Eu fiz 40, fiz 40 esse ano, dia 28 de setembro, (51:46)

E: É isso mesmo Lúcia, tem 12 anos, 12 anos que C. casou, é verdade, eu pensava que tava mentindo, esquecido, mas né não. Eu fiz 40 anos setembro, o ano passado né, o ano passado

BENEDITA: Então vai fazer 41 agora em setembro, é porque eu fiz 40 anos de casada e F. fez 29 anos

E: 39 né não?

BENEDITA: 39, é 39, que agora em setembro, ela é de outubro Lúcia, vai fazer, vai fazer 40

E: É, vai fazer 40

BENEDITA: É, eu vou fazer 41, porque ela fez 40, ela fez 39 igual você falou né, eu fiz 40 de casada, é, é isso mesmo, 41 agora, no dia 28 de setembro, mês que vem é aniversário de casamento meu

E: 41 anos

BENEDITA: Dia 28

E: Quase, quando a senhora casou eu tinha... eu nasci em em junho e a senhora casou em setembro. É que eu fiz 41 agora e a senhora faz 41 anos de casada a senhora casou então em 1974

BENEDITA: Foi, foi nessa época mesmo

E: A idade minha é a idade do casamento da senhora

BENEDITA: Idade do casamento, é (53:24)

ENTREVISTA COM ENZI PAI DE ALIKA (15/12/2015)

O dia que eu trouxe aqui o termo de consentimento pra você assinar eu já falei pra você do meu trabalho. O meu trabalho de pesquisa é sobre a construção da identidade da criança negra de como que ela se percebe e como que ela é percebida, também pensar formas de enfrentar as situações de racismo. Além da observação das crianças na escola eu vou desenvolver oficinas de desenhos que serão analisados a partir da psicologia e cruzando com outras informações da pesquisa. Eu já sei mais ou menos a dinâmica deles na escola, mas agora será diferente, as observações serão feitas de forma mais detalhada, com mais atenção. Um dos meios de eu perceber como essas crianças se percebem é tentar entender um pouquinho da sua história, que dentro da Psicologia Social se dá a partir da entrevista de história de vida, onde você me conta a sua história de vida, a partir das suas escolhas. Eu não vou te fazer perguntas, você vai ficar livre pra contar o que de importante aconteceu na sua vida, que você queira contar. Eu quero que você me conte a sua história de vida

Enzi: Ah, mais isso é difícil demais, eu não tenho o que contar não. Tá difícil lembrar viu. Eu não lembro não, essa entrevista aí é difícil, eu vou saber de que eu vou falar, coisa de muito tempo tá difícil. **Na minha infância eu brincava de curral carrinho de boi, com boi de maracujá, carrinho de tábua, de madeira com lata de óleo essas coisa assim, era assim que a gente brincava com os colegas da mesma idade que eu, I., J., E. era com eles que eu brincava isso quando eu não acompanhava meu pai na roça, eu não trabalhava, mais ficava com ele. Ele trabalhava de pedreiro mais só em São Paulo, aqui ele trabalhava na roça. Ele me levava, fazia um cercadinho, levava o colchão pra ficar no alto e não ficar no chão e lá ele ia trabalhando, quando tava assim chuvendo ou o sol quente demais ele me deixava na casa do pessoal que ele trabalhava, Dona D., S. e E. foi desse jeito assim rrsrrsrrsrs. E aí.. (silêncio) aí foi crescendo né, aí a gente saia ainda criança ainda, aí gente saia pra festa assim que tinha que o pessoal fazia nas casas Aí a gente pra poder amanhecer o dia né, aí a gente ficava assim época de fogueira, a gente saia e pra chegar macho assim no outro dia, falar que é forte né, aí ficava na beira di fogo ali cuchilando, deitava um pouco na cama das casas e chegava falando pra mãe é nós é forte amanheceu o dia na festa. Na casa de Dona N. mesmo nós já cansamos de ficar nos forró, eu, I., D.(irmão), e falava que tinha amanhecido o dia na festa. Antes era desse jeito assim. As vezes tinha animal na**

rua nós juntava e ia enrubar esses animal, muleque né, outra hora muntava também. Esses tempo mesmo nós pegamos um animal aqui, muito tempo né que eu tinha assim uns 12 anos, muntava em cima dos animal e outro ficava batendo com os pau, em pelo, era muita bagunça assim né, de criança essas coisa que eu lembro (silêncio) tinha também **assim na escola, eu lembro de muitas coisas também, eu era quetinho, mais muitos colega era terrível, eu tinha medo da professora né, ficava assim tímido, encostado no canto não bagunçava de jeito nenhum e era tímido pra fazer essas coisas assim ...redação, esses trem assim essas coisas assim não gostava não. Meu negócio era só matemática que eu gostava, fazer conta eu gosto até hoje e eu num lembro mais não (silêncio longo) nem de ruim nem de bom é muito tempo não dá pra lembrar não rrsrrsrrs. As vezes quando cê ta assim parado em casa até lembra mais na hora da entrevista assim, é muito difícil de lembrar. A não ser da pessoas lembrar e deixar anotado rrsrrsrrs. Assim minha vida com meus pais foi tranqüila, que eu lembro foi muito ótima, papai era meio nervoso né rrsrrsrrsrsrs batia assim com cipó bastante na gente quando aprontava, mais foi bom que hoje né eu sou, na mão ele não batia não, mais de cipó de fedegoso ele caprichava. Mãe batia menos mais pai batia mais (silêncio longo) agora num lembro mais de alguma coisa. Tá difícil agora. Na escola só tive elogio mesmo até hoje as professora que deu aula pra mim fala, D. mesmo que era de Quaraçu, M., A. que foi minha professora e o ano passado foi professora de Sol, M. que já faleceu né, M. eu estudei pouco, mais foi com essas daí. E no ginásio eu estudei, os professores que eu gostei muito foi os das Baixa A. e W. e de inglês C., professora ótima também, eu tirava 10, tirava 9, e 8 também aí ela falava que eu tava pescando mais num era, era uma matéria difícil mais se cê tomar conhecimento cê acerta todas. Agora o que eu gosto mais mesmo é matemática, matemática até hoje, eu não pra frente né da 5ª que eu só estudei até a 5ª. Agora da 6ª em diante eu num sei se é muito difícil né, mais cê vai estudando não fica defícil, depois faz a prova, eu acho que fica difícil pra quem nunca estudou né, igual eu num estudei aí vai ser difícil, mais depois que eu tomar conhecimento fica fácil. Agora teve uma coisa que me marcou, era na adolescência ainda de ruim, foi num ter o ginásio aqui em Lagoa do Timóteo e meus pais não poder pagar o carro pra mim ir estudar em Quaraçu e eu num tinha como trabalhar também pra estudar em Quaraçu. Aí eu fiquei 4 anos sem estudar, 4 ou foi 5, aí depois que chegou o ginásio pra qui, eu até repeti a 4ª séria dois anos seguido, passei e o professor falou que eu podia estudar**

o mesmo. Aí fiquei mais 4 anos ou foi 5 sem estudar aí quando o ginásio chegou aqui, aí a influência acabou. Até estudei quase um ano e desisti, porque não é o mesmo cê ta ali o direto na sequência direto depois sair e voltar né. Aí o que me marcou foi isso aí até hoje eu fico triste. E hoje ta tão fácil aí né e muito que não quer estudar. Foi isso o que me marcou de ruim foi isso aí, mais isso aí foi na infância ainda de 12 pra 14 anos. (silêncio) Eu comecei a trabalhar com 16 anos, com 14 eu já fazia umas coisinhas, com 16 anos eu já peguei firme mesmo. Comecei trabalhando em fábrica de farinha, medindo mandioca, ajudante né, aí depois com 16 anos eu já fui trabalhar nas outras coisas, prensa, forno só sair com quase 30 anos, tem uns 5 anos pra cá que eu trabalho em construção como pedreiro, que eu aprendi trabalhando de ajudante em São Paulo. Observando eu aprendi e aqui na adolescência eu fazia, voltando a assunto, eu fazia aqueles forinho pequenininho pra queimar o carvão e depois ia transportando nos carrinho que a gente fazia as entrega. Daí pra cá eu fiz aqui pra mãe um forinho já maior, ela fazia biscoito no grande eu botava fogo no pequeno e assava, aí o pessoal viu, gostou aí eu fiz em vários lugar, na casa de Dona L., de Dona N., Dona C. fiz os forinhos médio aí depois comecei fazer os grandes com meu pai de barro com tijolinho, aí depois desses fornos foi o serviço que eu trabalhei com ele foi nós trabalhando em cisterna, eu puxava a terra pra ele, também teve a etapa de abrir poço aí eu aprendi entroncando, aí aprendi um pouco pra ter noção de conhecer as ferramentas. Aí em São Paulo eu terminei de aprender. Agora eu to trabalhando e aprendendo cada dia mais né (entrada das filhas perguntando do celular do pai para jogar) (silêncio) agora não to lembrando de mais não. C. já terminou? Num podia ser junto não?

Lúcia: não a história sua é sua e a dela é dela. Chega um momento que a história dos dois se cruzam, mas eu quero saber da história de vida dela e da sua.

Quando eu tô aqui tudo junto aqui, que elas ta tudo deitada no sofá assistindo, vai pro quarto que eu vou lá olhar antes deu deitar. Esse jeito assim de ter elas em casa com saúde, pra brincar é tão bom. O tempo que eu fico aqui, eu brinco elas. Elas pula no meu colo gosta muito de ficar as duas juntas, a outra não que já ta maiorzinha, mais quando era pequena era direto no meu colo. Teve uma vez que a gente tava em São Paulo e eu vim passear só eu e ela. Ela tinha uns 3 anos, eu trouxe, trocava fralda, inclusive quando eu voltei daqui pra lá, ela intê tava doente, a passagem tava comprada. Sai daqui pro hospital de Cândido Sales, ela tava com

febre cheguei lá passei ela no médico, ele passou o remédio e eu fui dando até São Paulo, lá ela recuperou, mais foi muito bom até hoje eu gosto demais de ficar com as crianças, quando eu fico longe é ruim demais, eu já acostumei com elas. Só isso aí! (silêncio) E assim, **as meninas na escola tem uma vida muito boa eles gava os professores, fala que gostou da escola, mostra as tarefas pra mim que fez. Eu ajudo elas fazer as tarefas né. Agora mesmo eu tava ajudando Alike fazer as tarefas dela. O que elas num sabe né, aí elas pede pra mim ajudar. As pequena também,elas é muito inteligente,algumas coisas que elas pergunta (fala de uma das meninas, nós sabe fazer nome e sobrenome e o alfabeto também) pela idade delas já ta muito bem na escola. Sempre acompanhando, as vezes eu vou nas reuniões, quando eu não posso a mãe vai. Mais sempre eu vou, agora fora assim que às vezes eu num passo lá, nos horário de aula né e tem como a gente passar lá nesse horário tem que tirar uma hora pra ir. Não tenho o que falar é muito boa na escola as três (entrada da mãe de Enzi, contando que o outro filho estava com ciúmes porque ela pediu pra tirar a moto da área de serviço da casa dela.) ...**

ENTREVISTA COM JAMILIA, MÃE DE KINTU (02/03/2015)

Eu: Jamília nós podíamos aproveitar agora pra conversar um pouquinho, tem algum lugar que dá pra gente ficar mais sossegadas pra gente conversar uma meia horinha...

Jamília : ali na casa de J. dá, ela tá na casa de Tia N. ...e o marido dela acho que tá aí dormindo...só se for ali em nossa casa, só não tem lugar pra sentar.

Eu: não tem problema não, a gente fica em pé, tem que aproveitar o tempinho que tem.

Jamília : A é mesmo...tem que aproveitar

Jamília : **aqui é minha casinha...falta um cado de serviço e dinheiro pouco...pega um dinheirinho emprega numa coisinha, essa semana os meninos rebocou um pouco aí pra nós, faltou pouco pra acabar...ainda ficou um saco de cimento,mais cabou a areia tomem... aqui é o quartinho de H., esse aqui E. fala que é dela, enquanto ela morá mais nós, ela vai dormir aqui. O de lá é o meu. Aqui é o banherim, aqui é a varanda, é bem dividido, graças a Deus realizou meu sonho...que era meu sonho ter minha casinha rrsrs, que vê mais alegre ainda é quando eu já tive aqui, mais invista do que teve já tá bem mais perto né Lúcia. Com a fé em Deus logo eu mudo, não tem coisa pior que morar na casa dos outros e os povo assim falando, a casa é de mãe mais todo mundo acha que é dono não tem jeito, bom mesmo é a da gente.Com a fé em Deus quando tiver um dinheirinho eu já compro o cimento faço um pisinho...cerâmica se eu puder eu vou comprando devagar. Aos pouco né Lúcia agente não pode fazer de uma vez....**

Eu: Jamília eu queria você continuasse falando da sua vida...o que você lembrar, o que for lembrando você me contar...eu não vou te fazer pergunta você fica a vontade pra falar o que sentir, de quando for, aí é você que manda.

Jamília: é assim é... rrsrs ... **Pois é falar assim de quando eu era pequena...foi uma vida sofrida, que mãe mais pai foi separado, eu sofrendo mais mãe pra dar comida os irmãos mais novo e era uma luta, era trabaiano ni roça, era vindo com feche de lenha e trabaiano ni casa da roda (fábrica de farinha de mandioca), era uma luta assim nossa, vinha aqui comer, não tinha água perto igual é agora, era pegando água longe, não descansava nada, aí voltava pro serviço de novo, era uma vida dura assim, ajudando mãe dá comida os fi mais novo qui pai não ajudava nesse tempo, ele num dava e...foi uma vida sofrida**

nossa. Nesse tempo agente não podia fazer as coisa assim..., que num tinha água perto agente ia era longe pra pegar...lá na cisterna do finado F., trevessá aquela lagoa com a lata d'água, pegou lá na cisterna do finado J. pai de N.... nois já pegou água lá era sofrida demais moça a vida da gente. Sofreu pouco não... eu de pequena mesmo não tinha sossego não eu estudei só um pouquim tive que sair pra ajudar tomém mãe na,na luita assim...que logo que ela ficou separada os outro meninos era tudo pequeno né...e eu nós num guentava vê os menino querer as coisa e num ter nada pra comer...aí eu estudei pouquinho mesmo...eu acho que num sei não acho que eu num fiz nem a 4ª série que a 1ª e a 2ª eu já saí e com isso daí, esses tempo D. ensinou lá daqueles MOBREAL, ela foi lá em casa e me ensinou um pouco, mais ela tomém faiava demais, mais quando eu morava lá na casa de M....com isso eu não estudei quase não, só sei mais mesmo é assinar meu nome e assinatura, mais eu gostava da escola, os aluno lá era tudo bom teve uma vez mesmo...eu acho que eu estudei com o pai de D., de C., seu J....eu sempre gostei dele, ele era bem bom...teve outro tempo que lembro, não sei acho que foi logo quando eu comecei estudá, foi com Tia J. a irmã de mãe que disse que tá com depressão em São Paulo, ei lembro também que eu estudei com ela, aí eu gostava...mais pena que não é igual adora, que eu tive que sair pra trabalhar, não é igual agora que disse se o governo subé, que sonhá que pai tá tirando filho na idade de escola pra tirar pra roça não pode não, mais naquele tempo era o jeito, não tinha outra saída né rrsrsrs, tinha que trabaia. Eu tô numa gripe... Lúcia a doido oh gripe! Acho que é mais é de poeira, barrer esses terreiro veio a pueira vai tudo pra garganta da gente... a gente chega ficar zonzá, eu to boaZ.nha se mexeu com poeira do terreiro aí já viu é água do nariz e espirrano.....(entrada do neto na casa Jamilia faz graça...diz que trouxe o neto esse dias mostrou o vitrô ele achava bonito, bem clarão, ele gosta acho que acha bonito as teia vermelhinha)...rrsrsrs meus meninos, meu netinho é bom demais, tem hora que S. (marido) fala que eu adulto demais dou osadia, eles demais rrsrsrs eu falo num é eu num gosto de ta espancano os bichinho não, se errar eu recramo eu dou conselho, agora de bater não, e xingar assim eu num gosto muito não, que a gente já foi criado muito sofrido, apanhando, a gente vai querer o que a gente foi criado com os filho da gente né, agora se merecer a gente dá um puxão de orelha rrsrsrs fala mais brabo assim a gente leva só na reclamação fala assim: fala oh mãe eu fiz isso assim, agente fala

não pode fazer isso não, não pode brigar... agora também não pode é apanhar tomém, se vim bater aí a gente tem que agir mais a não ser...num fica brigano não eu mesma num brigava com ninguém... é sempre assim dando conseio eles mais menino de hoje é é triste que cê tá falano mais eles cê dá um conseio ali na frente né nada do que a gente falou é já ta na cabeça deles, saiu já, já ta é bagunçano...os menino de de hoje é diferente assim...eu fico reparano num pode nem compará, eu fico assim reparano de mãe mesmo a gente assim...sabe tratar as pessoas é seu bem, Seu fulano, Dona fulana, assim o nome, hoje as crianças...o menino de hoje tem hora que não dá nem um bom dia já chega assim duro parecendo assim que durmiu junto com a gente.. não é igual a criação nossa não...eu canso de falar acho que.. até os meninos meu mesmo num foi igual eu fui criada, que mãe era assim era braba demais, assim ensinou nós assim, deu uma educação pra nós exemplar assim igual os povo falava assim é V. (mãe) soube criar os filho dela...que foi uma pessoa que não teve marido assim pra ensinar pro fi ter medo, mais ela foi uma mãe e um pai exemplar assim ensinou nós..nós podia fazer coisa certa, num podia mexer ni nada dos outro, num podia brigar e com isso nós foi aprendendo né. Aí graças a Deus, mais hoje é diferente demais que hoje tem h

ora que os menino apanha, dá conseio, dá conseio ... esses dias mesmo S. foi em Quaraçu tirar meu dinheiro e pagar uma prestação seu Di, quando ele veio disse que H. tava na casa de S. de ZR. aí quando foi de noite S. queria dá uma surra nele mais num deu uma surra não puxou só a orelha... Aí eu.. não, S. deixa que cê vai machucar o menino... é por isso que anda osado, cê dá osadia mais comigo não tem isso não. Mais o que que você foi cheirar lá H. naquela rua é por isso que agora quando S. querer bater ni cê eu vou é deixar... acho quecele tem um amigo lá o filho de Selma é amigo dele aí acho que ele vai bater lá . *Não mais agora eu não vou mais não* rrsrsrsrs disse que gosta também daquele menino de Renatona tomém nós dá conselho: oh H. não vai pra lá não e quando pensa que não ele nem fala nada pra nós, os amigo, as menina vê ele lá. Um dia foi o marido de J. viu, deu conselho: oh H. se eu fosse cê eu num ia mais nunca lá, seu pai é brabo, se ele souber que você vai lá ele te dá uma surra. Aí eu num vou mais não, num vou mais não quando pensa que não o dia que S. vei de Quaraçu viu ele lá. Aí falou agora eu puxei sua orelha mais se você ie de novo eu vou dar uma surra rrsrsrs aí ele não agora vou ouvir painho, só vou sair aqui perto pra hora que me caçar eu tivé aqui, eu

disse pois é eu num sei o que você vai caçar lá... criança é danada tem os amigo tem hora que chama... tem hora mesmo que aquele menino de R. vem bater aqui. Oh H., oh H. vamo embora jogar bola na quadra... eu falo não H. não vai sair não, S. fala que pra ele ta aqui, ai quando pensa que não S. sai pra roça ele proveita e sai escondidinho, quando pensa que não já foido jeito que anda as coisa hoje, o povo fala né Lúcia tem hora que é gente novo fala que anda usando droga, pega um menino desse inocente na rua e passa aí difícil é deixar né, que depois que viciar ...e o pai mais a mãe tem ficar 24 horas com o olho ligado nesses menino, que eles é simples, não tem juízo e vai ver que tem uns mais espertos que não ta nem aí pra vida dos outros né...aí tem que ficar esperto demaisos menino de hoje quase num trabaia...**quando eu era piquena desde novinha eu trabalhava... com uns dez anos eu já trabalhava mais pai, quando ele mais mãe separou eu tinha dezessete anos mais eu já ajudava ele tomém, que ele falava que o machim dele era eu que as outras filhas era tudo pequena era ele pegando roça e eu ia limpar mais ele, era ele todo final de semana trabaiaava pros outros quando era na sexta feira ia arrancar mandioca eu carregando meio saco de mandioca na cabeça, era eu ...tinha hora que ele arrumava um jeguinho pegava a mandioca naquela carga era eu puxando a corda desse jegue assim siguro, tinha hora que tomava da mão eu ficava chorando tinha que vê...a vida minha não foi fácil não, foi desde de já pequena já eu trabaiaava mais ele assim limpando...eles também toda vida faZ.a a rocinha deles já eu ajudava foi assim, foi uma vida sofrida assim, mais eu dou graças a Deus que eu fiz tudo, hoje tô forte ainda e não arrependo que eu fiz não, foi pro bem né. Eu tinha que ajudar eles que eles não podia...aí eu num arrependo de nada não.....Eles era assim, no começo tinha uma vida boa, num brigava não era aquele amooooor, uma vivência boa ai depois foié os povo fala que foi coisa feita aí depois é mãe bebia um pouquinho de bebida, quando pensou que não já bebia mais, exagerava, já ficava brigando mais ele aí depois foi quando nós foi saber... que foi , foi coisa feita, gente que bebia mais ela junto pnhou porqueira pra ela beber e aí quando depois ela pegou Deus, ficou uma vez fraca do juízo, saía ficava assim xingando soZ.nha, falando soZ.nha e eu pegava com Deus eu rezava...Oh Deus eu tenho fé que um dia eu ainda vejo minha sã, daí graças a Deus disso aí ela sarou...e a separação dela mais pai foi modo besteira moça, coisa simples assim, os dois começou a discutiro no outro dia parece que...nesse dia que eles discutiram, não sei se eles dormiu aqui**

no outro dia ele foi pra casa de Tia N. ... é dormir lá na casa de madinha M. ...aí no outro dia que ele veio mãe já num quis mais ele, ficou com raiva e com isso ele foi pra lá... aí mãe trabalhava ni roça mais dona Naia, depois voltou foi pra São Paulo pra trabalhar, pra mandar dinheiro pra comprar comida pra nós...que ficou tão triste quando nós era piquena ela mandou pedir lá...vai lá na casa de sua vó pedir um pouquinho de feijão pra dá cês pra comer, quando chegou lá disse que madinha M. falou...não C.(pai) falou que pra mandar pra cá pra V. comer não manda não, só manda se cês for comer lá...pra mãe parece que foi uma coisa do outro mundo assim do jeito que ela ficou...aí ela falou então eu vou trabalhar agora é São Paulo pra mim mandar dinheiro pro cês... e eu fiquei...a mais velha responsável de tudo, a casa e os irmãos ainda novo pra dar banho na hora certa, pra dá comida...e nisso acho que eu era nova ainda acho que nem vinte ano eu num tinha ainda não..ai depois ela ficou lá ainda uns seis meses daí ela veio ...ai quando ela veio num voltou mais não ...mais foi uma vida assim sofrida.....sempre ajudando até hoje ainda rrsrsrs igual dizê ainda ajuda agora Z. (irmã) mora aí mais nós tem hora que ela não pega um balde de água pra encher os pote, é eu que pego, é eu que barre o terreiro, o serviço maior é tudo eu que faço. Eu falo a tem gente fala a cê é gorda, mais eu num.. acho tem umas pessoas magras que não faz o que eu faço...eu, eu pego um machado eu lasco lenha, se eu , pegar uma foice eu roço limpo faço uma coisa. Eu não tenho inveja de quem sabe fazer serviço não, eu faço a mesma coisa, eu pego o facão eu corto pau assim com o facão, eu limpo com a enxada rrsrsrs, tem hora que a gente num guenta mais modo a coluna, que a gente faz isso mais quando a gente saí ave M. a coluna da gente parece que ta quebrano...foi mesmo...hoje eu tava falando pra Dona M. (vendedora de verduras) que eu lavei um bucado de roupa de H. mais R. (a filha caçula de 6 anos) quando eu terminei já era de noite, mais quando eu saí eu já saí dura, essa coluna doía, que parece que eu não ia mexer não, dá um estralo assim eu já peguei logo fui direto pro sofá, com a coluna doendo...ela disse viii menina cê ta nova ainda e já ta assim. Eu falei é dona M., quando a gente fica de resguardo(ganha neném) a gente faz muito arte, o povo fala a cê num pode sentar na cama direito não a gente sentava de todo jeito e com isso a gente vai plantano pra depois colher as doenças.....quando eu é os menino ainda era mais novo eu morei mais mãe quando ganhei E., quando ganhei J., A. que morreu, H., quando eu já ganhei R. eu morei lá na casa de M., lá eu num achava muito quem ficava, faZ.a as coisas pra mim era eu quem tinha que fazer tomém

quando eu ganhava neném também mãe tinha as roças dela, ela falava: é eu fico aqui só mais cê uns dia, falava o que eu podia fazer, o que eu não podia L. (irmão mais novo) ficava mais eu, se eu barresse a casa num podia abaixar pra pegar os ciscos pra não quebrar o resguardo mais L. pegava pra mim, mais cumida essas coisas assim tudo eu faZ.a num achava quem faZ.a pra mim, cum isso acho que tem coisa que eu nem guardava direito já faZ.a era arte né...e agora a gente fica sofrendo é que tem que ter os cuidado tem hora que agente pensa que num venha ser nada começa a fazer bramura aí quando cê ta nova, cê num senti nada mais quando vai caindo pra idade aí é hora do sofrimento.....

mais assim..... o bom é quando a gente é pequenoa família toda unida a vivência com a mãe da gente e o pai era bom demais aí quando separou ai foi minha tristeza, pai ia pra São Paulo eu danava a chorar eu era muito apegada ele demais era ruim demais assim quando juntava os irmãos tudo dentro de casa a família reunida assim era bom...pra mim onde é que eu olhava via pai mais mãe junto e a gente criar e nunca que quando o pai da gente tá mais a gente, a gente passa difícil mais é melhor ...agora quando é só mais nós mais mãe a gente trabalhava, podia trabalhar do jeito que for, comprava o feijão e o arroz e não dava pra comprar a carne, mistura aí a gente dava graças Deus quando aparecia um ovinho, nesse tempo nós trabalhava na casa da roda de B. pegava uma piabinha, ponhava uma latinha de refrigerante assim ponhava um pouquinho de farinha, pegava uma piabinha era isso que a gente ajeitava pra comer com feijão, nós num teve vida fácil não foi vida difícil mesmo tem hora que nós fala assim que antigamente, ave M. quando a gente achava um pedacinho de carne nesse tempo aí que mãe mais pai separou era uma alegria da gente que num era fácil não, era difícil mesmo ...tinha hora que a gente não criava nem uma galinhaZ.nha, que hoje não a gente tem uma galinha a gente mata, um franguinho, mais e naquele tempo que era tudo comprado né e cadê o dinheiro não sobrava, aí as coisa foi melhorar mais pra nós depois que mãe aposentou, aí quando ela aposentou já foi...ela já comprava carne, comprava feira, quando eu fui morar na casa de M. ela me dava tudo que tinha, ela dividia mais eu. Teve um dia mesmo que eu não esqueço assim eu vim pra cá e ela já tava fraquinha já e ela...Oh Jamilia pega na minha mão e me leva na despensa pra mim pegar umas coisinhas pro cê (choro) eu segurando na mão dela e ela segurando assim na parede bem fraquinha eu num esqueço disso nunca assim quando eu lembro eu choro....eu levei ela na despensa pegou café, açúcar me deu arroz aí eu fiquei...num

esqueço disso nunca...tem hora que eu tô assim só eu lembro... quando eu fui pra casa de M. ela tava boaZ.nha ainda depois foi enfraquecendo L. e Z. que tomava conta dela eu vinha aqui ficava mais ia embora de novo, nós tudo vinha, mais quem cuidou mais dela foi os solteiros, Z. mesmo e L. que ficou cuidando dela...o três anos e meio que ela ficou doente e que ela ficou na cama mesmo foi uns dois anos e tanto...não podia levantar pra pegar pra trazer pra tomar banho era dois segurando nela...que a perna endureceu assim...ela num podia molecer assim a junta não...aí foi endurecendo perna, braço,as mãos, não mexia mais os dedos...foi bem difícil...não foi fácil não...quando mãe ela morreu tinha 66 anos era novona ainda...luiu tanto pra criar nós cabar, veio esse derrame véio, quando ela tinha o salário dela que era pra descançar veio a doença véia e levou...não foi fácil não.

.....a escola...**na escola eu to achando que os menino ta até bom, tem hora que eles num briga, quando pensa que não , acho que os menino briga com eles...esses dias mesmo eu comprei um chinelinho pra H. novinho chegou com os dois quebrados. S. falou a num tem cabimento não, bem capaz que isso aí bem capaz foi um que quebrou o chinelo dele. Esse dia ele disse que aquele menininho véi de V. de A. lá, disse que só ficava derrubando ele. Ele saiu daqui doente foi pra escola. Ele falou: oh mãe, mais eu to com minha cabeça tão duendo, minha garganta duendo acho que eu não vou pra escola não. Não cê vai, vai pra escola se cê num tive sentino bem cê fala pra vim mais cedo, mais num vai faia aula não, quando ele chegou lá M. só ficou derrubando ele. Ele falou: para M. qu eu num to com brincadeira não e ele derrubano ele. Aí eu falei ué, quando tiver um assim H., briguento cê fica longe dele sai fora e e deixa ele caçar briga e onde é que ele tiver cê vim machucar aí cê fala...que aí cumé que a gente num ta caçando briga com a pessoa e ele vem querendo machucar né... M. ele é amigo dele mais é brabo...uma vez mesmo eu vi H. vindo da escola, nós morava lá na casa de M., de lá dava pra ver ...ele pegou H. assim soltou o empurrão ni H. ia jogar H. na cerca de arame, eu gritei de lá: per aí que eu to vendo, quando ele viu que eu gritei ele saiu doido correndo. Aí falou pra S., S. disse que ia falar pra mãe dele pra dar jeito nele pra não ficar machucano H.. Eu falei assim pois é, eu falei assim...é quando caba moça o pessoal faz com ele...teve uma vês mesmo uma brincadeira que cês fez com ele lá ni finado F. ele foi com um chinelo novo de repente o chinelo sumiu...ele e Tia Lúcia caçou, tia Lúcia caçou disse que até pagava quem achasse rrsrs e nada de achar o chinelo. Eu falei**

mais por que que só sumiu o seu H.. Seu chinelo novinho. Num sei mãe, caçou lá tudo num teve lugar que nós caçou que nós achou.rsrrsrsrs. parecia que um menino jogou foi fora. Acho que enquanto ele tava envolvido, que quando ele vê uma bola ele esquece de tudo, aí o outro pegou e jogou fora.....quem num sabia muito ers R., mais agora de uns tempo pra cá ta ficando boaZ.nha, acho também era muito novinha agora que ela fez 6 anos já ta melhorando, ta aprendendo mais, que entra na escola novinha com 4 anos mais só que é mesmo pra ir conhecendo, mais num aprende nada com 4 e 5 anos não vai melhorando mais de 6 pra 7 anos em diante né Lúcia. Aí agora que ela ta mais conhecendo os nomes, já ta escrevendo até bonZ.m...mais minhas meninas era mais devagar, E. era mais devagar, J. era mais melhor nos estudos. Aí mais aí, quando foi de umas certas idades pra cá ela tava envolvendo na escola S. reclamava...ah se eu sonhar que cê tá envolvendo na escola que tá perdendo de ano, eu vou tirar cê da escola não vou deixar cê estudar mais, aí ela ficou com medo de S., aí todo ano quando ela estudava ela passava...ela fez até a 7ª mais aí ela teve neném que ela ganhou neném antes de terminar as aulas, ficou gordona também, num deu pra ir que as pernas ficou bem inchada, mais quando no finalZ.nho tava bem boa já deixou mais de envolvimento...que ni escola fala quem num envolve passa quem fica envolvendo com colegagem, né Lúcia...acaba perdendomas ela disse que vai estudar de novo que ela vai pra escola, vai esperar neném ficar mais grandinho um pouco pra mim deixar mais a senhora...o bichinho ande enjoadinho Lúcia, só chorando acho que junta dor de ouvido, acho que junta a gengibinha querendo nascer dente né é fica bem inchado tem hora de noite que num ta podendo dormir e dana assim cê vê assim chega lavar de suor.O bichim suadim, E. dá banho põe na cama pra dormir ela fala neném dormiu quando E. pensa que não, não vai dois minutos neném já acordou rsrsrs . ela... ê diaxo se eu arrumasse pelo menos um andador, uma andadeira pra ponhar ele, que ele já que envolver já, quer ficar em pé mais num tem a andadeirinha pra ele andar.....J. a mais velha ainda não tem neném e disse que por agora não quer não enquanto ela não tiver a casa dela que essa casinha que ela ta é de L. meu irmão, mas só que L. mora em Conquista e falou enquanto nós ta lá J. pode ficar é até bom que ela vai cuidando né...casa fachada é só pra estragar...aí ela num tem não mais o marido dela é doido pra ir pra São Paulo trabalhar pra fazer uma casinha pra eles mesmo.... mais até hoje ele ainda não arrumou o serviço ainda pra ele ir....falei é mais tudo é na hora....eu dos tanto de

tempo que...eu esperei pra ter minha casa agora que eu to vendo....era morei mais mãe um bucado de tempo, na casa dos outro, agora com a fé em Deus que Deus me deu a minha e assim mesmo ainda igual eu falo não tenho vergonha de falar...tem hora que eu falo, quando nós morava na casa de M. era...ela falava pra um e pra outro que queria essa casa dela e as meninas saia e eu ficava lá e eu chorava, num sei que milagre que eu num dei uma depressão, que eu ponhava tudo na cabeça...as meninas ia num lugar sabia que ela tava falando de nós ia num outro lugar sabia, quando foi um dia eu chorando assim pedindo Deus. Oh Deus eu num tenho inveja de quem tem um carro, eu num tenho inveja de quem tem uma moto, eu não tenho inveja de quem tem nada mais o que eu to pedindo o Senhor Deus é uma casa e eu falando e água caindo do olho, e água caindo do olho, pensou que não com tão pouco Deus me deu foi o salário maternidade de R. que eu fiz...aí eu peguei logo já fui lá, peguei logo 2.450,00 já ponhei na mão de C. (cunhado/pedreiro) fui lá na quarta, quando foi na quinta feira C. já passou em casaa eu já dei ele o dinheiro...aí ele falou assim: oh Jamilia eu já vou ni Quaraçu encomendar umas coisas na mão de seu Di, comprar as telhas e a madeira...o bloco ele foi apressar lá mais era muito caro, ele pegou e comprou lá em Sobradinho ou Lagoa do Canto...aí ele pegou e foi lá e comprou esse material da casa...ainda demorou ainda quase uns 2 anos sem levantar, pensou que não ele começou a levantar...já levantou mais faltava porta vitrô, aí nós com o dinheirim do bolsa família meu eu já mandando comprar...fui comprei com isso eu tô quase realizada já que pelo menos a gente ta vendo né, mais eu chorei demais, por isso que fala que tudo que a pessoa pede Deus, Deus dá que eu pedi ele chorando...aí eu tenho fé em Deus que ele vai dar minha casa arrumadinha pra mimDeus é bom demais...eu falei por isso que fala tudo que a gente querer...ter um sonho pedi Deus que com a fé em Deus a gente realiza o sonho.....não tem nada igual é alegria da gente cê sabe que é sua e ninguém vai mandar cê sair quando cê mora na casa dos outros, quando eles quer que saí fica uma falação, fala de gente pra um, fala de gente pra outro, num vem na gente mesmo e falar, fala pro fora mais a gente sabe, que sempre a gente tem um amigo né que avisa a genteaí eu peguei com Deus demais...esses dias mesmo parece que já tinha ribuçado (colocado o telhado) eu vim aqui assim olhando pro céu e agradecendo Deus, olhando pra estrelas e...oh Deus o senhor é tão bom...e água caindo do olho e eu agradecendo ele e eu vou agradecer mais o dia que eu já tiver aqui dentro já rrsrrsrrs vai mais meu dia de alegria.....é devagar que o dinheiro ta

difícil né Lúcia e agora ainda não acha nem serviço, mais a gente pega um dinheirim ao S. já foi lá comprou as portas os vitrô tudo parece que deu 1.250,00 graças a Deus nós já pagou tudo aí ele já foi lá de novo comprou outro vitrô que tem duas janelas uma aqui outra ali mais eu vou tirar vou ponhar tudo vitrô que janela é boa mais quando pensa que não cupim dana estragar, aí eu falei ponhar logo tudo vitrô mesmo...aí agora já comprou também o padrão já ta aí também tudo já pra ajeitar também a energia e devagar com a fé em Deus nós tá ajeitano.....

.....o casamento é bom graças a Deus, nós já brigou muito, já separou parece que foi uma vez ou duas quando os meninos era novinho, mais depois disso graças a Deus num brigou mais não...graças a Deus pegando com Deus, que se não. Fazer igual era gente querendo tomar deu, tem hora que eu vou na casa de gente que me reza, fala ih mais essa mulher é sofrida tinha um monte de mulher que queria era tomar o marido dela, mais num conseguiu tomar que Deus foi grande e não deixou, mais queria, eu falei mesmo cê não ta mentindo não que era verdade mesmo, mais disse que o Deus uni o homem não separa né Lucia, mais nera fácil não.Hoje até no casamento tem hora que a pessoa é perseguida, os povo vê que a pessoa vive bem e quer fazer de tudo pra ver se separa pra estragar... hoje a gente não pode ter nada, a gente não tem nada os povo já tem inveja da gente e se a gente tivesse alguma coisa como que não era. Eu mesma tem hora que eu fico assim pensando quando eu vou na casa de uma rezadeira, outra hora... quando esse A. mesmo veio aqui com essa missionária, ela também faz oração pra gente também fala a vida da gente, esse dia mesmo ela veio aqui vei gente, gente, para ela fazer oração, ela fazendo oração pra mim e ela orando e água caindo do olho, e eu chorando e ela falando a inveja que o povo tem da gente, que a gente é uma pessoa boa mais o povo parece que num olha pra isso e vem gente do mal, tem inveja da gente, ela me orando e eu chorando...chorando.....outra vez também teve dona uma ni Cândido Sales, dona J., mais tem um bucado de tempo que eu não fui mais em Cândido Sales e quando eu vou lá assim é pra arrumar assim o cartão meu do bolsa família, outra hora quando eu saio de lá já é tarde já..aí tem hora que a gente já vem pro caro pra...eu num fui mais não, mais dona J. era bem boa também, rezava a gente, mais também num fui mais não. Tem hora que eu falo qualquer hora eu quero ir lá...tem que pegar o negócio dos estudos dos meninos aí pra levar lá no CRAS lá aí se dá tempo eu vou na casa dela...que ela era bem legalZ.nha, rezava a gente, ensinava a gente tomar banho de com remédio pra tirar os olho ruim da gente, era

bem boaZ.nha, aí eu não fui mais nunca acho que tem quase uns três anos que eu num fui mais lá, quando eu fui lá ainda morava na casa de M. ainda e e mais já faz dois anos que nós ta aqui na casa de mãe...já tem tempo já, mais ela é bem boaZ.nha pra rezar a gente...H. mesmo, um dia eu levei H. lá ela rezando H. e ...esse menino tem Cosme e Damião rrsrsrs, modo S., que S. é era gêmeo e aí ele saiu aí cê trás ele aqui no mês de setembro que eu vou fazer um tratamento aqui pra ele que cê vai vê que ele vai melhorar aí eu não fui não acho que nesse dia nem tinha carro...mas ela foi botando o olho e tem Cosme e Damião rrsrsrs é por isso que a gente vê que ele é bravo e não sussega, pra cê ver ele quieto só se for dormindo nem assim mesmo nem durmindo ...ele dorme pulando, pula dali, pula da colá . É H. véio que pula rrsrsrs, o bichinho pula demais a gente reclama, outro reclama, mais não tem jeito não é acho que é modo isso mesmo que fala que quando tem eles faz os meninos ficar mais terrível ainda que é né.....quando eu era pequena também eu brincava, o que nós mais tinha era amiga (entrada do neto na casa)ele(neto de 5 meses) gosta de ficar aqui olhando pra coisas...meu netinho...meu primeiro neto, nós ficou bestinha, é tudo besta com ele...não estranha ninguém. Ainda bem que E. tem ajuda das meninas, quando ela vai pra Itambé a casa fica um buraco sem ele... ele não gosta de ficar quieto, gosta de ficar vendo o tempo, cachorro, galinha, pé de pau....chega pára. E. mesmo, o marido dela é de Itambé, do mesmo lugar do de Z., ela mesmo tinha tanta vontade de casar... era um, era outro nenhum dava certo aí ela conheceu esse aí que os dois é tudo do mesmo lugar de Itambé, tava quebrando pedra aí passou viu ela conheceu, com 15 dias que ele conheceu ela os dois já tava morando junto já, ele veio pra cá, agora tem hora que ela briga um bucado mais ele, diz que ele bebe isso e aquilo e ela dana a reclamar, eu falei, oh Z. mais é uma coisa de Deus que mesmo que ele bebe mais Deus ponhou na sua frente, cê conheceu ele, gostou, nem perguntou nem pai, nem as irmã nenhuma o que que achava. Eu falei, ô Z. cê num vai falar com as menina, eu não, não vou falar pra meninas não pra elas botar gosto ruim, quando é hoje é um brigueiro, reclamando, ah cê vai na venda, mais cê bebe e dana a xingar. Eu falo mais ela sabia que ele bebia e tudo agora ela vai lá na terra dele lá fica lá um bucado mais ele, Eles veio aqui da vez da primeira eleição que votamos pra Dilma, aí depois ela ficou lá, ela ficou 4 meses sem vir aqui. Aí a hora que E. foi lá mais o marido dela foi que levou o dinheiro, que pai tem hora que dá do dinheiro de mãe 200,00 pra L., 150,00 pra ela (Z.) eles levou 350,00 que tinha um bucado de dia que

pai num tinha dado, foi que ela veio, que o marido dela envolve lá com bebida e não tem nem o dinheiro da passagem pra vim embora. Aí a mãe dele dando conselho que disse que esse lugar lá é muito perigoso, acho que os povo envolve muito lá com droga, ela fala vai lá pra terra de sua mulher ,cê vai fazer o que aqui, cê fica brigano. Disse que a mãe não quer que ele fica lá não. Mais ele gosta disse que ele tem um filha lá, que ele tinha uma outra mulher, e tem saudade da filha e da mãe. Agora mesmo foi, mais ele disse que vai voltar logo, num demora lá não, mais Z. fala que não acredita não, que ele fala isso a hora que ta aqui, quando chega lá. Mais agora ela que ia levar o dinheiro dela que a hora que ela quisesse vir. Ué é mesmo cê tem seu dinheiro fica lá quando você querer.....mais agora ele fala eu não vou bebê mais não. Ele fica, mais quando é outra hora quando pensava que não ele chegava bêbado ,aí é hora dela ficar numa brabeza, cê falou que não ia beber, agora cê ta bêbado, se deixar ela braba quer até bater nele quando ta, quando ta bebendo. O povo fala é Z. é tão baixinha e braba desse jeito, rrsrsrs.....

Eu: por hoje ta bom né Jamilia vai fazer seu almoço, mais não pensa que acabou por aqui não, depois eu volto.... é mesmo né rrsrsrs.

ENTREVISTA COM BETINA MÃE DE ZAKI (10/05/2015)

Na verdade, eu já conversei com você, já falei sobre meu trabalho do mestrado, que eu preciso conhecer a sua história pra entender um pouco mais a relação dos alunos que eu estou pesquisando. Eu preciso que você me conte a sua história de vida...

Betina: minha história é muito boa, eu gosto de viver assim do jeito que eu sou, de viver assim com meus filho, na brincadeira, Tem horas que a gente dá uns aperto neles assim, mais eu gosto de viver minha vida com meus fio, a gente faz o que a gente pode. Eu não tenho nada contra meus fio, eu quero que eles cresce e aprende ser mais alguém, vira homem, eu gosto de viver mais eles. É muito bom, até com esses sobrim, tem hora que eu brigo mais eles, daqui a pouco eu volto brincando mais ele. E é assim. O difícil da gente viver hoje é que as coisas num tá fácil, mais é muito bom demais. Eu dou graças a Deus, que Deus me dá muitos anos de vida e saúde. Eu num quero desistir de viver com eles, só Deus, se ele falar que eu tenho que desistir eu desiste, mais até aqui ta indo muito bem. Gosto muito de viver com meus fio minha vida que eu levo é muito boa. Viver alegre é muito bom demais. Eu não tenho o que reclamar de minha vida. Se eles reclamar um dia né eu não posso fazer nada né , mais é muito bom demais de viver com eles. Eu queria que o pai deles participasse mais com eles, assim num sábado num domingo, que desse um conselho, mais ele nem liga, quando fala dele mesmo os menino fica até triste. Esse R. meu saiu da igreja, aí P. (pai) falou que vinha conversar com R.. R. falou: eu quero que ele vem mesmo, eu quero ele bem aqui. Os menino revolta tudo com ele, que ele nem participa dos meninos. Num participada brincadeira da escola, nem do dia dos pais, aí os menino revolta. Teve um dia que eles ganhou um copinho de presente na escola do dia dos pais aí eles... foi J. falou toma mão pro cê, cê é meu pai e minha mãe. A gente fica triste mais depois volta e fica alegre rrsrrsrrs quem ganhou foi eu, rrsrrsrrs. Eu sou muito feliz com meus filho Lúcia, tem hora que eles pirraça assim me dá uma raiva, mais depois eu volto atrás e meto o pau brincano mais eles. Eu sou feliz demais com meus menino. Eu quero viver muito tempo com eles. Acho que eles num repende de nada que eles num reclama de nada. Num tem nada que reclamar é muito bom demais. A gente num consegue segura eles não. A semana passada, tava a conversa ah! a polícia tá passando aí, a polícia ta passando aí. Eu falei menino cês não vai pra rua não, fica aqui e na casa de mãe, se as polícia pegar cês eu num vou solta não. Eles sossegou mais, saiu mais da rua, cabou... tem

hora que eles pirraça um tiquizim, mais num ta mais igual era não. Esse cabeçudo (J. - filho de 15anos) aí era o pior, mais agora ta melhor, meche com uma coisa, com outra daqui a pouco tá li. Tudo que a gente pede pra fazer eles faz. Tá tranqüilo, nós brinca mais que faz serviço rrsrrsrrsrs. O dia que chega segunda eu fico triste que eles sai tudo pra escola eu fico só. Tem hora que eu vou na casa de mãe ela começa falar umas coisas eu sai logo de lá. Eu fico sozinha logo. Ashia também deita aí fica sem graça....a infância deles Deus proverá... vai ser bom. Se for igual B. (R.- filho mais velho, que estuda o ensino médio) eu num vou ter trabalho, porque B. é bom demais menina... num reclama de nada, tendo comida pra ele ta bom. Se ele comer e encher a barriga, o mundo pode cair na cabeça que tá bom. Ela pega uma bacia de comida pode ser só feijão com arroz, mais ele senta assim e come, come, come, chega suar....rrsrrsrrs é muito bom! Eu e V.... Eu sou muito feliz que até hoje eles nunca me reclamou e falou oh mãe cê fez isso errado, cê tratou nós mal, B. já ta servino pra dar conselho eles. Ele fala menino sai dessa rua toma vergonha na cara, vira homem. Eu falo assim ta vendo ad coisas muda. A gente vive aconselhando, mãe fala, eu falo, pra vê se Deus ajuda que vai criando juízo, mais o mais brabo era esse T. (J.) e ele mudou 100%, eu acho que ele mudou. Ele era marrudo até com nós dentro de casa, mais agora ele num é mais, agora a gente fala oh T. faz isso, quando a gente caba de falar ele já foi lá e já fez. **E Zakizinho toda vida foi bom (silêncio) engraçou com Lulu (representante do Povoado da Estiva- 8km de distância) diz que vai passar as férias na casa de Lulu rrsrrsrrsrs Lulu dá roupa, dá dinheiro é aquela lambança com Lulu. Ele pergunta cê deixa mãe... por mim. Ele vira e meche vai pra lá Marção (motorista de uma Van que faz transporte para a sede Cândido Sales e passa pela Estiva) mesmo leva ele pra lá. As vezes Lulu manda o menino dele vim trazer, as vezes Marção traz. Eu nem preocupo, tá olhado, ta mais olhado que eu.** (silêncio longo). Tem hora que me dá uma vontade de sumir, mais cumé que vai? Se deixar as cria pra traz quem olha. De vez em quando me dsr uma moleza no corpo assim. Tem hora que eu fico 8 dias deitada sem comer, sem beber nada, nada passa por minha guela (garganta), mas depois eu levanto. R. saiu daqui deixou eu ruim, mas depois eu levanto. V. me ligou, perguntando como que eu. Eu tô inteirinha rrsrrsrsr, tô boa. Tem horas que eu acho que é a pressão. Tem hora que me dá vontade de ir no médico...ah num vou não! Eles só toca injeção na gente e manda embora, não passa um remédio pra gente tomá em casa. Depois que eu ganhei

essas meninas, eu fui no médico uma duas vezes, mas num passa nada pra gente tomar em casa não só medica lá. Mas eu to bem graças a Deus. Passeio de noite mais os menino, quando não é um é outro. Vou na padaria compro pão, volto pra casa, assisto a novela na casa de mãe e vem pra casa. Quando amanhece o dia a gente fica vai num canto, vai noutro, num tem nada pra fazer, a casa é um ovinho a gente passa a vassoura e pronto. Aí fica vendo as malineza desses meninos e pronto rrsrrsrsrs e assim vai. Quero viver assim. (silêncio longo). Quando eu era criança eu era muito boazinha, era tirando os menino grande que colocava eu pra malinar. Eles botava fogo neu rrsrrsrsrs mãe comprou o material pra nós estudar, nós vendeu rrsrrsrsr, eu sozinha não ia ter essa ideia, foi Ashia mais B. (irmãos) que deu a ideia rrsrrsrsrs **Aí meu Deus! Minha infância era boa, era divertido. Só não estudei, hoje eu me arrependo de não ter estudado, porque estudo é uma coisa muito boa. Arrependo tanto de não ter estudado, mais a gente não tinha quem incentivava a gente, foi criado sem pai, vivia na roça mais mãe até a hora que eu agüentava, quando não vinha embora, aí era pra essas lagoa brincando por aí, daí a pouco começou crescer arrumar o que não era da conta e o que é rrsrrsrsrs e aí minha infância foi boa foi muito boa. Tem hora que eu fico lembrando assim a se a gente pudesse voltar no tempo rrsrrsrsrs mais agora volta. Não dá mais pra voltar. Tudo que eu vivi pra mim foi tudo maravilhoso. (silêncio longo). Não mexia em nada de ninguém, que foi isso que mãe ensinou pra nós. Mãe não forçou nós trabaiá mais ela sempre falava não pega ne nada de ninguém se não eu pego cês e dou uma surra. Eu tô dessa idade mãe me deu uma surra sozinha, 34 anos, mãe me deu uma surra sozinha, mas que os meninos fez eu pegar uma goma dela e bagunçar, ela foi pra roça. Eu nem tenho que me queixar da minha infância, da minha mãe, não tem nada que reclamar de sofrimento. Tem hora que eu falo assim oh meu Deus do céu mais eu sofro com esses menino, mentira pura, eu não sofro nada. É normal, as vezes a gente fica um pouco aguniada, mas é normal. Num tem sofrimento nenhum não gente tem que agradecer Deus pela vida, pela saúde, pela doença, por tudo que a gente é, pelo comer, pelo dormir. Eu agradeço Deus todo dia. Pela minha infância, na idade que eu sou agora, já sou vó. Sou feliz, com muita saudade rrsrrsrsrs mas sou feliz. Tem dia que me dá uma sodade eh! Meu pai se eu pudesse dava um pulo e caía lá. A gente fica triste assim por saber que o pai da gente tá fora, e com esses menino como que vai ver... eu já fiquei três anos já com ele cuidado dos**

meninos de Maria (irmã mais velha que mora em São Paulo com o pai). Quando eu saí de lá o menino mais novo dela já tinha uns três anos. Assim que eu cheguei aqui eu arrumei V.. Mais eu tenho vontade de ver ele e ele também tem vontade de vim cá ver os meninos. Mais ta difícil. As vezes a gente tem vontade, sodade, mas esses minino é malino de mais, as vezes pensa em ir lá e ficar uns dois meses, mas se deixar eles mata mãe do coração eles bota fogo no mundo. Aí eu falei fazê o que é ficar na sodade. Eu num sei o que fazer pra ele ver esses minino não disse que num guenta mais a viagem não da São Paulo pra cá não. Eu também tinha vontade que ele visse meus filho, o tamanho que ta os neto dele, mas ta bom. Deixa na vontade (silêncio). Eu falo que eles mata mãe do coração, mais num mata não mãe quer um bem esses minino. Ela xinga eu tudo tem hora que eu esprito dou uns tapa neles. Ela fala é o que doida veia que ta batendo nos minino, num pode triscar não é tudo de ouro aí. Ela quer um bem esses minino, ave Maria. **De manhã cedo a hora que Marção passa esse minino Zaki já pula da cama e vai me acordar pra acender o fogo e botar água pra esquentar pra tomar banho e ir pra escola. Ele bagunça essas tampa de fogão aqui, enquanto eu não levanto ele num sossega. A primeira coisa que faz é mãe abrir a porta e ele ir lá da benção. Todo dia, todo dia. Se mãe ir em Cândido Sales ele fala oh vizinha trás uma coisa boa pra mim, pra nós ninguém dá nada, agora pros neto dá rrsrrsrrsrrs. Ele vai ficar sentido a hora que ele chegar da escola e eu falar que tia Lúcia veio aqui. E quando ele fala que vai pra casa de Tia Lúcia ninguém segura ele.** Pega uma bacia de água lava esses pés, esses chinelos e só da tchau! Ele chega eu pergunto cê comeu onde Zaki? Ele, na casa de tia Lúcia. Oh mãeinha tia Lúcia tem um fogão a gás que a carne já sai assadinha. rrsrrsrrsrrs. É uma graça Zaki quando ele sai fica sem graça, ele que faz a graça. Eu falo eu te bato Zaki ele sai, kkkkkkkkk agora bate. Mas também é assim quando você pensa que ele tá aqui, ele já está lá num sei onde. Chama B. de Seni, B. bota o pé nele. Rrsrrsrrs é uma graça. Se a gente pudesse viver a vida toda assim era bom (silêncio longo). A cria os filhos naquela influência vai saindo de um e um a gente fica sozinha. B. mesmo já ta falando que quando ficar de maior não vai ficar aqui não, vai sair e trabalhar pra comprar um carro. Vai embora pro mundo trabalhar. Eu falo então ta bom se cê ta com intenção de trabaiá mesmo Deus ajuda que dá certo (silêncio)

V. mesmo, V. nem de maior é e já ta trabaiando, ta ensinando o menino tomar mamadeira a hora que aprender ela vai deixar comigo e vai de lá (em Vitória da

Conquista onde a filha V. trabalha numa casa de família com o filho, neto de Betina) mais pré frente, ninguém vai segurar você não. Eu mesma não seguro não, porque a gente não pode dar nada, a gente olha o menino pra ela e ela vai trabalhar e ganhar seu dinheiro. Se a gente for ajudar um só o outro vai ficar com raiva. Esse B.(R.) trabaia na pedreira tem vez que quando ele recebe o pagamento dele ele nem vejo eu falo se cês vê que aguenta trabaia pega com Deus que tudo dá certo, que oh meu pai! O pai deles só vive doente, eu sozinha pra lidar com eles não dá, então vai trabaia, aí cada um faz um biquinho compra um chinelo. Aqui só tem Zaki que não saiu ainda ele é muito novinho, ele é bom pra fazer mandado, mas outras coisa não. Eles corta cabelo, eles compra chinelo, eles se vira. Eu só dou eles a comida e o material da escola o mais é tudo por conta deles mesmo. É bom demais eles ter o dinheiro pra eles sair um pouco, não me aborece em nada. Toda hora eles dá uma voltinha, oh mãe posso comer pão? Mais, eles come a hora que eles quer, eles drome, eles briga, eles bagunça, por mim **cês pode beber, dormir, brincar, mas pra escola cês não pode deixar de ir, não mexe em nada de ninguém que é muito feio, pra ninguém chegar aqui em casa me disputano, chamano nome feio, xingando vocês de ledrão, isso é muito feio. É o que eu falo pra eles.** Eles sai aí pensa que não um chega com um chega com dez conto. Corta o cabelo. Eles agora inventou de comprar um chinelo ne seu Litinho por 5,00 real, aí uma vai lá compra e chega tirando o sarro do outro eu comprei cê num comprou, pensa que não o outro vai lá e compra é engraçado demais (silêncio longo).

O ano passado eu estudei com S. no TOPA (Programa todos pela alfabetização), quando V. tava esperando esse menino, depois eu parei quando esse J. quebrou o braço primeiro, eu levei no médico e botou o braço na tipóia, esse braço é quebrando em dois lugar. Daí V. começou querer ganhar esse menino. Aí num dava pra estudar, que hora aí eu desisti. Já tava bem boazinha assim, já tava bem adiantada aí tive que desistir modo o minino, como é que eu vou deixar ela aqui sozinha. Agora acho que nem tem ninguém ensinando no lugar dela. A hora que aparecer alguém dano aula no lugar dela eu volto de novo vou ficar sem fazer nada só dormindo. Aí foi só p que eu estudei. **Eu aprendi fazer meu nome em São Paulo, pai que me ensinou, ele comprou um caderninho e um lápis escrevia meu nome e eu copiava, meu nome não saiu de minha cabeça mais nunca, agora a assinatura que é difícil mais o nome eu sei fazer. Eu quero trocar minha identidade, mais eu quero fazer o nome todo Betina, eu não quero**

ponhar dedo não. Eu acho tão bonito uma pessoa que sabe escrever rrsrsrsr chega babar. Ai é onde eu vou lembrar que eu vendi meu material pro outros de graça. Tem que me dá vontade de pegar Ashia mais B. e dá um pau e aí eles estudou um pouco mais. (silêncio longo).

Eu tenho amor pelo meu netinho pelos meus filhos, meus sobrinhos, minha mãe meus irmãos o tempo todo e por nada mais. Eu quero bem esses sobrinhos igual eu quero aos meus filhos. Eu agora decidi quetar um pouco eu sou muito malina, dar pelo menos um tempo prestat mais atenção nos meninos, eles também num quer que eu arrume ninguém não. Não sei pra que mãeinha fica arrumano esses homem véio, eles me xinga tudo. Vou ficar aqui mais eles quetinha, tá bom aqui mais eles. Esse negócio de festa acabou. Esses dias nós foi na festa nos 12 (Zona rural de Vitória da Conquista) modo S. e B. (vizinhas) no casamento da filha de Di careca que comprava mandioca aqui. Elas me chama pra ir pra Tony (bar) eu é que não vou perder minha noite de sono. Cabou, aqui nós come, nós brinca até mais tarde um pouco. Eu ainda vou num velório que é obrigação nós ir, mais nessa fulia veia caçar o que a gente não guardou eu num vou não. V. mesmo adula eu vamo embora mãe no bar de Tony. Eu fui lá no Tony no ano novo e nem tem vontade de ir. Eu vou na casa de dona A. (vó dos 4 filhos mais velhos) que é o jeito. Num quero nem saber de rua não cabou minha herança, já baguncei demais desde da infância a gente é muito fulieira um hora a gente cança, não que a gente vai parar de tudo, mais prestar mais atenção nos menino, também se a gente for eles quer ir tudo. Eu num vou não eu já desistir de sair modo isso. Se eu for eu vou ta ensinando o que pra eles num é nada de bom. Ontem eu fui dormir nem era nove horas pra evitar dos outros ficar metendo a língua na gente também. Tem neguinho caindo no chicote aí, eu to bem quetinha, se tivesse na cama dormino igual eu tava não tinha apanhado. Esses de Ashia é assim mais eu, o dia que Amélia morreu eu nem ia mais aí resolvi ir peguei uma carona no ônibus dos alunos, pois esses menino foi mais eu e ficou a noite toda, só voltou na hora que foi trazendo o caixão pra enterrar (silêncio longo) todo mundo pra mim é amigo eu acho que eu não tenho nem um inimigo, desde criança que eu tinha muito amigo, eu brincava de casinha, de boneca, nós mulher ia fazer as comidinha, os moleque macho nós botava pra matar passarinho e nós falava que era as galinha. Era bem divertido quando a gente era criança, hoje menino não quer saber de brincar não, era umas moitona assim a gente barria tudo, ficava era bom demais eu não sou de briga não se tiver alguém

que não gosta de eu não sei rrsrrsrrs eu sou uma pessoa muito boa meu Deus, quando eu morrer eu vou pra Deus, eu sou uma pessoa muito boa desde menininha, eu num gosto de lambança não a hora que a gente vê que o negócio não tá dando certo... era bom demais a minha vida de criança, se agora é bom quando eu era criança era melhor ainda. Toda vida eu sou assim de brincar, eu não gosto de falar coisa que machuca as pessoas, ficar jogando pedra nos outros. **Eu tenho uma raiva de menino mal ouvido que chama um de nego preto, de urubu, hoje menino não sabe nem brincar, inventa daqui a pouco tá chamando de fi da puta, fi da égua num brigueiro. O negócio com nós era diferente, que sabia se falasse ganhava uns cascudo mesmo.** Agora hoje o negócio tá feio, a gente tem que tolerar. Tem hora nesse campo mesmo no domingo é tanto nome feio que dá até medo. Eu nem gosto de ir, prefiro ficar nas minhas cobertas, tem hora que mãe entra aqui faz um barulhão, eu num acredito que essa bicha tá debaixo dessa coberta não, mas eu finjo que não tá escutando nada, eu nem saio. **Eu só falo pros menino cês num vai brigá não, mais aqui num tem mais ninguém pra brigar não, Zaki mesmo puxou eu tem uma natureza, a hora que ele vê que um tá xingando ele, sai devagazinho, eu falo num briga não que é feio, aí ele sai ali no campo ele brinca, a hora que ele vê que tem conversa ele cai fora deixa lá falando sozinho. Na escola Zaki mais Zarina junto não dá certo, que é um brigueiro, mais é assim briga daqui dez minuto tá um atrás do outro, sei não.** Se eu pudesse voltar a ser menino rrsrrsrrs, brincar com as casinha nossa, as bonequinha, nós fazia as bonequinha de barro era tão bonitinha, mãe fazia pra nós brincar era a coisa mais linda do mundo, pegava uns pedaço de pano cortava ficava aquelas linha pretinha e falava que era os cabelos, nós pegava um bucado de pano colocava lá falava que era a cama. Era o dia todinho no mato, não dava trabalho ninguém, não estudou, mas não mexia em nada de ninguém, só ficava debaixo da moita. Também se não chamasse nós pra comer, a brincadeira sustentava, esquecia de nós lá no mato rrsrrsrrs. **Mãe sabe fazer de vez em quando Zaki dá nela pra fazer uns neguinho pra levar pra escola, desenha um bonequinho de barro, só cês vê se deixasse secar assim.. mãe sabe fazer um machucadorzinho de pisar tempero, eu que não aprendi. Eu não sei se ela sabe ainda que as pessoas adultas costuma esquecer as coisas, mais mãe tem toalha de renda que ela fez, bem cumpridona, bem bonita, ela mesma fazia. Foi renovando essas casas acabando com os trem antigo tudo.** Nós num aprendeu foi nada. Nós tava num

curso que tia Liu inventou fazer, nós entrou foi um bucadão de gente uns pra fazer crochê, bordar, eu já tava bem bem aprendendo fazer o crochê, caba esqueci foi tudo. Eu quero comprar meus trem de novo pra vê se eu lembro. Ashia ali sabe um bucado de crochê, ela aprendeu e não esqueceu de tudo não ela lembra até hoje. Eu quero comprar um bolo de linha e uma agulha, pra hora que a gente tiver sem fazer nada a gente envolver, gente aprende tem gente idoso que ta aprendendo as coisa, porque que nós nova num aprende. Quando os menino sair que ficar só eu, Ashia e mãe a gente envolve é bom que não fica só pensando besteira. Só sei que é bom demais a gente aprender a fazer um bordado, mas tem gente que num esforça mais não de primeiro o povo era mais esforçado, hoje acha mais fácil comprar pronto, acho que sai mais barato rrsrrsrrsrs. Eu sou assim meia esperta, eu aprendo umas coisas assim, se fosse inteligente pra eu insistir numa coisa assim continuar, mas só que os menino não deixa. Meu nome mesmo, eu vou aprender eu num troco minha identidade antes deu aprender, os outro sabe porque eu não vou aprender. É disaforo, eu quero assinar não quero pregar dedo não. Quando o pai dos menino trás o dinheiro mesmo ele já trás a caixinha com tinta pra eu por o dedo no papel, a data dele dá o dinheiro é dia primeiro mas tem mês que ele atrasa, aí eu guento a mão dá pra esperar, é pouco mais ajuda, já pensou se ele num desse nada. Esse aí já ajuda o bolsa família, e quando aprece um barrida de terreiro. Eu vi falando que L. ta querendo largar a varrida de terreiro de Sinhá ali no Boqueirão, paga 20,00 real pra varrer o terreiro duas vezes, se ela deixar eu vou. De primeiro era mãe que varria, aí mãe deixou e elas pegou as menina que era mais nova. Que custa eu cortar uma vassoura e varrer o terreiro da veinha. (silêncio longo). Mãe fica triste assim, tem hora que a gente olha pra ela e fica pensando assim acho que é modo Pretinho que foi pra São Paulo, não ligou mais, não deu mais notícia ta queto lá, arrumou uma mulher veia, a mulher espritou botou ele pra fora, vendeu o carro e fez a casa aí ela chutou ele, aí até quando ela fez isso ele ligou disse que num tava nem com panela pra cozinhar. Ela fica tristinha, a gente fala que ela ta pensando, tem hora que penso que ta chorando. Ta lá num pode dar nem notícia, bandido roubou o celular dele. É difícil viu, foi pra lá da jeito na vida comprou um carrinho, ao invés de ficar queto aqui foi pra lá caçar o que não guardou. Eu fico com dó dela é só ela ficar nervosa e passar mal, eu acho que é problema de pressão. E esse menino sumiu nem noticia mais num deu eu acho que já tem uns três meses já (silêncio longo). **Esses menino antigamente era uma brigueiro pra ir pra escola,**

esse ano não precisa nem mandar, dez hora eles já ta tomando banho pra ir pra escola. O ano passado esses menino me dava mais trabalho na escola que estudava, mas também não sei se é por causa desse aí (J.) que os dois ta estudando numa sala só. Esse ano eles ta mais animado eu nem preciso mandar fazer as tarefas. J. mesmo só perdeu em uma prova, matemática. Eles ta só crescendo cada pedaço de homem, tem hora que a gente pensa que é um é outro, tudo rapaz já (silêncio) é bonzinho morar mais eles, tem hora que eles pega uma briga..peraí que eu vou pegar um pau e dar ni cês dois. T. diminuiu mais com a rua, tem hora que sai um pouco de manhã e volta logo pra arrumar pra ir pra escola. A polícia ta rondando aí, esses dias tem uma chapada ni J.. Eles bate mesmo, mas é pra aprender que a gente ta falando que não pode e fica temando. Eles é brabo eles não alisa ninguém não. É difícil a semana que eles num vem duas três vezes. A semana passada eles veio na escola, na quadra eles vem também, eles já conhece a zuada do carro, escuta corre e esconde no fundo das vendas. A hora que pegar e dar uma pancadas eu acho é bom, só vê burracha estralar, aí mais nunca eles fica na rua. É por isso que eu falo que eu num vou que se eu sair eles acha no direito também. Já pensou se a policia chega lá no Tony e acha eu com esses rebanho de menino. Tem que parar um pouco, Ashia mesmo parou de beber pinga ninguém vê mais Ashia ni rua, agora os menino que vai comprar fosco, fumo, pão. Quetou dentro de casa, pois eu falei eu também vou quetar. Eu ainda não deixei não, mãe vive me xingando que todo mundo deixou e eu ainda tomo umas. De vez em quando dá assim umas agonis na gente, e agente quebra umas. Mais pro gosto de V. mais B., eu não bebia nem fumava, eles fala direto. A pinga eu dinimui, mais o cigarro se eu cabar de comer e não ter pra fumar, eu fico doida. Oh meu Deus, mãe usava o fumo, mascava, quando foi pra ela deixar ela chorava igual menino, agora aí ela ta tranqüila se pegar com Deus consegue largar. B. mesmo só vivia na rua bêbado, os outros mijava nele, só vivia jogado, botava caixa de papelão disse que ia botar fogo. E hoje o negão ta bem fortão aí trabalhando. Pra que beber mais que Ashia, eles comprava dois real de pinga era mesmo que água acabava ia comprar mais, nunca que eles ia adquirir nada na vida. Graças a Deus ta tudo bem, a gente fica preocupada com os que ta no mundo, os daqui ta bem. Ontem eu fui na venda de Wilson meio dia, ainda bem que o sol num tava que nem ta hoje, vi tio M. caído, L. foi buscar ele não quis vim xingoou L. tudo. É duro ainda quando bebe e dar pra controlar ainda dá pra ir. Mas ele já ta muito acabadim, magrim. Oh meu

Deus! uma pessoa dessa não tem mais condição de beber não. (silêncio longo) escolher outro nome para a entrevistada. Durante a entrevista, os filhos J. e J. ficaram por perto, assim como a sobrinha Zarina. Quando eu cheguei na casa a colaboradora estava lavando louças de cócoras no meio da cozinha, com duas bacias uma pra ensaboar, outra pra enxaguar. A colaboradora foi muito prestativa, não se mostrou resistente em nenhum momento da entrevista).

ENTREVISTA COM ASHIA, MÃE DE ZARINA

Entrevistador: Ashia minha querida, eu quero que você me conte a sua história de vida.

Ashia: Que história, eu não tenho história de vida, minha história ficou lá no passado, eu já esqueci tudo (rsrsrsrsrs).

Entrevistador: Essa mesma que eu quero saber. Essa história que ficou no passado.

Ashia: Eu não tenho história não.

Entrevistador: Tem sim. Quem tem três filhos, quarenta anos e já viveu tudo que imagino que tenha vivido tem história sim.

(Silêncio longo).

Ashia: Quer história da onde mesmo? Eu não sei de onde eu começo.

Entrevistador: Começa de onde você quiser.

Ashia: Vou falar de ser mãe que é bom, mais tem hora que os meninos não presta atenção na gente... Zarina mesmo, Zarina a gente fala uma coisa com ela, ela nem dá ouvido, cai fora. Ela de piquena era dorminhoca, pra tomar banha tinha de acordar. Dormia que só uma beleza. Pra aprender sentar foi A.(vó) que ensinou. Ela ficava sentada que eu ia pra casa da roda (fábrica de farinha), só vinha dava banho, colocava sentada. A. que ensinou ela sentá. Depois que aprendeu andar, nem dentro de casa Zarina não fica. Desde piquena sempre é fujona. Já I. mais I. (filhos mais velhos, gêmeos, 14 anos) é mais assim, já não me dá quase trabalho não. I. não gosta de sair mesmo. É o dia todinho me rodando. I. ainda vai na casa de Cau, mais quando gente pensa que ele ta lá, ele já chegou aqui também. Zarina já é terrível. Zarina já é terrível. Até no domingo que a gente caça Zarina pra dar banho, pintiá o cabelo, Zarina foge. A gente fica caçando e nada de Zarina. Tem hora eu mando I. buscar, ele fica bravo. I. fala eu não vou, que eu não mandei ela ir. Já I. não, I. vai. (silêncio) Meu fi o mais melhor é I., que ele não vai pra lugar nenhum, só vai se eu mandar. Quando ele quer ir num canto ele fala cê deixa mamãe? Se eu falo não, ele também não vai. Já I. não, ele dá um dribinha e vai, cai fora que nem Zarina. I. só é marrudo, de vez em quando dá cadas grito neu, na hora eu fico com raiva, juro que vou bater nele. Falo que vou entregar eles a vó deles - vou mandar cês lá pra Dona A. tomar conta. Mais aí eles vai e queta também. (silêncio) Mas meus fi ficava jogado também. Eu ia pra casa da roda e a veia que tomava conta,

ela cuidava, eu só ficava com os meninos a noite, durante o dia ela se virava. Eu só na casa da roda, quando eles ficava mais grandim eu ia pra roça. Ni casa de fãmia, eu só trabaiei quando eu não tinha eles. Depois eu não trabaiei ni casa de fãlia não. Já trabaiei ni Belo Campo(cidade a 18 km), já trabaiei na Estiva(Povoado, 8 km), já trabalhei em Conquista (80km- Vitória da Conquista). Foi só. Aqui, eu já trabalhei mais D. N., D. J.. Na roça eu trabaiaava mais a veia, ela pegava empreita e eu ia mais ela. **Trabaiei até 13 anos, com 13 anos eu fui imhora. Fui pros Campinhos (Zona Rural de Vitória da Conquista) trabaiaá mais Dona O., quando eu voltei eu já tava com uns 18 anos já. Eu fiquei um ano e meio nos Campinhos e de lá eu fui pra Conquista. Lá em Conquista era bem boa a mulher. Ela mi pñhou na escola. Dona O. nada. Lá em Conquista eu estudava, depois eu vim imhora larguei o estudo e agora não quis mais estudá, só estudei a 1ª série. Eu não gosto de estudar, nem de escrever. Eu nem sinto falta que na época que era deu estudá, eu não estudei então agora também não quero. Depois de véia ir pra escola não dá. Quando é criança ainda vai. Depois que ta véia não aprendi mais não. (silêncio). Eu só estudei uns quatro meses com Nilda ali na onde é a casa de Dona N.. A escola veia eu estudava lá, mais eu estudei pouco uma basa de uns quatro mês. O povo de tia Domara faltava matá nós na paulada, eles batia ni nós na estrada, quando nós vinha imhora juntava M., mais J. e S. (primos) batia ni nós foi indo até nós infezou e saiu da escola. Aí também num estudei mais não, fui imhora pros Campinhos. A véia O. era ruim não me pagava nada, só a comida, trabaiaava de graça. Eu falei sabe o que eu vou imhora**

Quando eu era criança, com 9 anos eu já ia pra roça mais A., nós nem bricava. As brincadeira nossa era as bacia de roupa, era carregá água. Eu não brinquei nada, até minhas bonecas J. (irmão) enterrava rrsrsrsrs. Eu lembro até ali na onde ele enterrou uma, foi um brigueiro danado. Enterrava minhas boneca tudo. E hoje Zarina tem oportunidade de brinca e não brinca. De primeiro num tinha nem quase brinquedim pra gente brincá, nem nada e hoje tem e ela nem... prefere ir pra casa das amigas dela. Eu mesma tinha umas bonecona de pano, A. fazia, eu ganhei umas. A. de primeiro fazia umas bonecas que ficava parecendo as bonequinha de hoje. Fazia os pratinho de barro. Só que nós não brincava não, nem no final de semana. Final de semana eu ia lavar roupa e na semana ia pra roça, pra A. não ir só, Pai já tinha vazado, quando ele tava aqui eu num trabaiaava não, só fui trabaiaá

depois que ele saiu, modo a véia num ir pra roça sozinha. Levantava um muntueirão e ia pra roça, mais ficar na roça mesmo, só ficava eu e ela. Os menino vinha imhora tudo meio dia depois que almoçava rrsrsrs. Aí eu ficava até de tardinha, mais com medo da surra. Se não fosse o medo da surra eu fundava mais os meninos, pegava o caminha mais eles e vinha imhora. Mais com medo da surra eu falava foi ficá se não chegá lá eu apanho rrsrsrsrs. A. era brava e ainda é até hoje. Até hoje ela me jura de surra. Eu falo agora não rrsrsrs. Quando eu era pequena ela batia, mais depois deu véia agora não. Ela nem agüenta. Hoje nem nos menino eu num bate, é muito difícil l. mais l. apanhá. Agora Zarina de vez em quando eu dou umas chinelada nela. Mais só pra ela saí da rua, mais mesmos assim não evita não. Bate hoje ela fica três, quatro dia sem saí na rua, quando é nos cinco ela oh! Cai no duro. Mais se ela saísse ee falasse pra mim e voltasse cedo eu não ligava não. O problema dela é que ela sai 10 horas de um dia e chega no outro dia 6 horas da noite. Eu também não quero que ela vai pra casa de Márcia (conhecida) não, que as menina véia só ta ensinando o que não presta, tá querendo furar até num sei quantos buraco na oreia dela. Ela já tem pra que furar mais. Que nem ela cortou o cabelo dela mesmo eu num gostei não, tá muito errado. O cabelo dela eu ia mandar tirá as pontinha, não era pra fazer bagunça não.

Eu já morei e trabaiei num monte de canto. Eu saio, mais sempre volto pra aqui de novo (casa da mãe), agora só saio pro meu combinho veio. Já era pra ter construído, mais a véia (avó dos gêmeos) fica me inrolando. Ela até que tava ajudando com os menino mais agora só dá uma coisinha veia a cada dois meses. Antes (da morte do pai dos gêmeos) era todo mês agora não. Eu falei pra eles que pode pedir algunha coisa ela, os sapatos que eu não posso dá, pois eu só tenho o dinheirim do bolsa família. Quando eu vivia cum pai deles ere mais fácil, mais eu separei dele antes dele morrer, pois ele bibia cachaça e vinha soprar o bafo neu e eu tinha deixado a cachaça. Aí eu separei dele. Ele fazia de tudo modo eu voltá a beber de novo. Eu vivi cum ele um bucadão de tempo, eu tinha 20 anos. Depois que os minino nasceu eu separei dele um ano, depois eu voltei de novo. Agora nós separou mesmo que a morte levou ele. (silêncio longo).

Os minino na escola vai mais ou menos. Zarina é boa na escola faz os dever dela, já l. não gosta tem qui brigar muito mais ele pra modo poder fazer o deve dele. Zarina quando num sabia fazê o dever ela pedia pra V.(prima), outra hora ia pra casa de M. e pedia C.(prima). Eles tudo pedia ajuda pra Valéria, mais agora vai ficar seco qui V.

foi pra Conquista se passar uma tarefa dificio fica sem fazer, mais agora eles num passa quase tarefa não. Se passa eles vai se virar. Agora deles eu acho Zarina devagar, pois do tempo que ela estuda, ela num sabe ler ainda. Ela ta muito divagar, ela e I. I. ainda sabe ler algunha coisa. Eu num sei porque eles tem essa dificuldade tinha que fazer algum exame pra vê. Eu acho que é até algum problema. I. mesmo até hoje ainda pega o livro e coloca bem coladim pra lê. Eu acho que é tempo demais pra ele tá na escola e num saber. Nos outros anos eles faiava, mas agora eu não deixo eles faia mais. Faiô uns dias mais é porque eles tava doente.

Já o Mais Educação (programa do governo Federal para implantação da educação integral que teria que começar no início do ano letivo e no mês de maio ainda não havia começado). também cabou, mas também é só pra fazer os mínimo esquecer o que aprendeu. Zarina gostava da aula de G. (M. diz que gostava das aulas de L. - futsal).

(Entrada de Dona A./mãe e M./sobrinho) (silêncio longo- seguido de uma pequena discussão sobre uma caixa de som que deixou de funcionar e M. comenta que vai arrumar pra tocar forró no São João).

(Dona A. fala do rádio na casa de M. que fica ligado o dia todo e a noite, que às vezes quando ela acorda a noite se assusta pensando que é alguém chorando e comenta a falta de sorte de M., que ficou sozinho no turno da manhã pra ir pra escola, enquanto os primos vão no turno da tarde).

Ashia: Eu achei bom que separou você (M.) de Zarina. Era pra separar ocê e o minino de Maria (J./primo), pois Zarina envolve muito mai ele, na hora de fazer a tarefa ela tá envolvida. Ele era pra ficar junto mais cê.

M.: Eu brigava dentro da sala mais Zarina, batia

Ashia: Pois é modo isso mesmo que eu rezei pra separar ela

M.: ... Êh mais dentro da sala nós conversa bom, conversa mais que papagai.

Ashia: Zarina se ela ficasse sozinha não dava trabaio, mas os professor num sabe separá.

M.: Num dava pouco, ela mais a neta de Dona L.

Ashia: Só ela da aqui não dava trabaio não.

M.: Eu atentava ela (R., neta de Dona L.) bom. Eu sou atentado que nem minha família, minha tia (se referindo a Ashia), mainha, J., T., rrsrsrsrs.

Ashia: se todo atentado fosse que nem eu não existia não.

M.: Existia sim, olha tia Lúcia não é atentada mais que a senhora..

Ashia: Aí, aí rrsrrsrsrs, eu não sou atentada. Você vai na casa de sua tia Lúcia todo domingo M.?

M.: eu vou, dia de domingo eu não fui que eu tava numa festinha. Na casa de Tone de Zilda (vizinho adventista)

Dona A.: tinha gente grande, tinha?

M.: Tinha não Vó, tinha eu, o neto de Z. e o filho de R. (P., colega de M. na escola) aí depois chegou o filho de T. e o filho de C.. Aí domingo que vem vai ter bolo de chocolate, a casa vai ta cheia.

Dona A.: E domingo vai ter?

M.: Tem, pois tem todo domingo.

Ashia: ele fez a casona grande demais agora ta querendo encher com filho dos outros.

Dona A.: Domingo cês tava ensaiando? Cês cantou algum hino, cantou?

M.: cantou vó, cantou cinco hinos.

Ashia: quando for domingo que cê esquece.

M.: esquece o que?

Ashia: os hinos.

M.: nós ta ensaiando todo dia, todo dia não, essa semana eu vou ensaiá sexta e quinta.

Ashia: ele tá fazendo o coral pra levar ir pra igreja no dia do casamento de Deborá.rsrssrs

M.: Agora é, eu num vou.

Ashia: Cês num vai cumeu pipoca, agora vai cantar rrsrrsrsrs.

M.: se for assim eu num vou mais lá. (silêncio) sou mais ir na igreja de Sebastião que ir lá na adventista, lá só tem porco.

Dona A.: Minino!!!

Ashia: É, mais cê queria batizar. Chegou chorar o dia que V. falou qui você não ia batizar.

Dona A.: escapou de cê ser um leitãozim.

M.: queria mais não quero mais. Se eu tivesse batizado não seria igual B. (irmão) e T. (irmão). Vozinha mesmo não sei pra que batizou, batizou e não vai na igreja, por isso que a senhora tem 7 atentadozim ne sua traz, atentando a senhora, por isso que a senhora foi acender o fogo hoje cedo, derramou água no fogo, rrsrrsrrrs

Dona A.: mentira, que a caneca tava vazando.

Ashia: é por isso que eu não batizei nem uma vez na minha vida.

Dona A.: oh M. pega uma lenha lá no terreiro pra acender o fogo e fazer um cafezim.

M.: a não vizinha faz um suquinho que é melhor.

Ashia: esse M. é esperto, por isso que ta aqui rodando das horas, ta querendo suco.

Tá igual I. e I., **eles acordam de manhã vai na casa da outra vó deles toma café, quando chega aqui o café já coado eles toma de novo, Zarina fica nesvosa, aí eu falo pra ela por que que ela não vai na casa da vó N. dela pra tomar café também. Daí ela corre pra casa de Z. (primo e vizinho) pra lavar a louça e tomar café. Zarina ainda não tem o nome do pai dela no registro, eu to dando um tempo pra ele, mais ele vai ter que registrar ela. Ela não é filha de mãe solteira. Ela tem pai e mãe. Teve uma vez que eu mandei falar pra ele registrar a menina, ele falou que não ia registrar ninguém não, que ele nem tinha certeza que era filha dele mesmo. Que ia fazer o DNA, eu falei que era só ele querer que eu tava pronta. Quando ela era pequena eu fui demorando pra ver se ele registrava ela e nada, quando eu fiz o registro dela, ela já tava com 5 anos, eu registrei como mãe solteira. Ainda bem que ela nem fala nada. Se ele for dá um real pra ela aí no campo tem que esconder muito pra B.(esposa do pai de Zarina) não ver, senão vira uma onça.** Ele comprou uma coisas lá ne seu Litinho(dono de um mercadinho) duas vezes, deu uns 60,00 e poucos reais, depois nem pagou, aí seu Litinho veio me cobrar. Eu falei que não ia pagar que eu não tinha mandando pegar nada. Eu é que não pago, por mês ele bebe mais que isso. Ainda bem que eu não bebo mais. Só o cigarro que eu não deixei ainda por que eu tenho medo de engordar. Todo mês que eu voou pesar pro Bolsa Família eu perdo um quilo, só que a barriga não caba continua aí. Rsrrsrsrs. Agora Zarininha veia qualquer hora dessa a balança não cabe mais ela. Quando ela pesou tava pesando 36 quilos.

ENTREVISTAS COM PROFISSIONAL 02- P2 (15/12/2015)

L. Pelo que você leu você já entendeu minha pesquisa?

P2. Hum, relacionada a escola, família

L. O objeto da minha pesquisa é a constituição da identidade das crianças negras. Eu trabalho com quatro sujeitos aqui da escola, quatro crianças negras, que se declararam negras e qual é meu objetivo? Analisar como essas crianças estão construindo a sua identidade enquanto crianças negras. Que relações que elas estabelecem na família? Com os colegas? Com os profissionais da escola? Como que elas se percebem pela escola? Como que elas são percebidas pelos colegas? Aí eu fiz observação nas salas, fiz oficinas de desenho com todos os alunos do quarto e do quinto ano, e faço entrevista de história de vida com os pais e com os avós das crianças. E com as crianças mesmo é mais observação e os desenhos. E com alguns profissionais da escola minha intenção de entrevistar é pra saber como que eles percebem essas crianças dentro do espaço escolar, se eles percebem diferença na relação e no tratamento da criança negra, da criança negra com a criança não negra, como que a escola tem discutido a questão racial, a questão das diferenças, se tem silenciado, se está discutindo, a questão da lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura Afro-brasileira e Africana, se a escola tem dado ênfase nesse ensino. E assim, pra começar, eu gostaria que você falasse seu nome, sua função aqui na escola, desde quando você trabalha.

P2. Mas tem um questionário?

L. Tem algumas questões que é só pra nortear nossa conversa

P2. Bom, meu nome é E., sou porteira da escola há três anos, já tive outras experiências como professora em outra escola

L. Mesmo com sua função de porteira o que mais que você faz aqui na escola?

E. Eu ajudo a servir a merenda, olho as crianças no pátio, auxilio professor quando pede, faço de tudo um pouquinho, eu trabalhei mais no CEAJA que aqui no ACM, com professora, teve um ano que ensinei até cultura afro, geografia, religião e arte

L. Seu trabalho com cultura afro lá você lembra o que você trabalhava? Tinha material?

P2. Tinha um livro, e a gente usava o livro como recurso, eu não sei se era sexta série ou oitava, mas tinha uma coleção dos livros da cultura afro, acho que até hoje eles usam ainda

L. Você sempre morou

P2. Desde os três anos de idade, não vou falar que é desde que nasci, pq eu não nasci aqui, quando eu nasci Pai morava em Candido Sales quando veio pra cá eu tinha três anos de idade.

L. Ô E., aqui na escola, mesmo sendo porteira, não estando na sala de aula, você tem uma visão melhor dos alunos, das relações dos alunos, principalmente no horário do intervalo, nos momentos que eles não estão dentro da sala, como você percebe a relação dos alunos negros com os colegas?

P2. Assim né, sempre tem aquelas piadinhas, que um fica fazendo bullying com o outro, eles brigam, brincam, voltam as boas, acho que não é nada sério não, mas sempre tem né, de um ficar fazendo piadinha com o outro, que um é preto, um é branco, outro é macaco, ou não sei o que, rrsrs, não deixa de não ter mas acho que eles se relacionam bem

P2. E em relação aos profissionais da escola, você percebe que eles tem uma boa relação com todos os alunos?

P2. Eu acho que sim, eu não vejo discriminação por cor não, eu acho que eles tem até uma dedicação a mais, na questão dos meninos lá (as crianças do morro) por eles, pra incentivar mais, são tratados diferentes dos outros que não são negros, mas eu não vejo diferença não, eu acho que a gente trata tudo com igualdade

L. E assim mesmo você não estando na sala de aula, você percebe que na questão da aprendizagem há diferença entre o aluno negro e o não negro? Você já conseguiu notar algo?

P2. Eu não, eu acho que não. Os casos que a gente vê aqui mesmo, no caso de Zarina (aluna negra) mesmo eu acho que é preguiça dela M. é super inteligente, eu acho que tem branco mais lerdo aí na mente do que preto, rrsrs, eu acho que tem. Eu acho que questão de aprendizagem aqui não tem diferença não

L. Teve um outro trabalho que eu fiz aqui na escola, com os alunos dessa turma, eles tavam bem mais novinhos. Que foi uma pesquisa de especialização, eu fiz uma pesquisa com a classificação de cor e rendimento escolar. Tanto os alunos, quanto o professor e eu também classifiquei, eu classifiquei em relação a cor, mas os alunos se auto classificavam e davam também opinião sobre o colega, e o professor também classificava o aluno tanto na cor quanto no rendimento escolar, em nenhum momento, como as crianças eram pequenas, eu perguntei sobre discriminação e racismo, ou se eles percebiam que eram tratados de forma diferente ou não, aí quando eu levantei todos os dados e montei a tabela, coincidentemente, quanto

mais claro era o aluno melhor o desempenho dele, quanto mais escuro, pior era o seu rendimento. O aluno que foi mais citado como um aluno ruim foi o aluno mais negro daqui da escola, o que tem a tez mais escura, mais de 50% dos colegas o classificou como ruim e eu estava perguntando sobre aprendizagem, o rendimento, igual você falou aí, outros professores já falou dele, que ele da conta tranquilo, ele foi classificado por grande parte dos colegas como o pior aluno da sala.

P2. Mas tem gente lá pior que ele

L. A que você atribui esse resultado, o que você acha disso?

P2. Será que de uma forma ou de outra eles quis discriminar ele? Não sei. Por que a gente sabe que ele não é assim

L. Na classificação de cor só teve ele que o professor conseguiu classificar como negro, não teve como não falar que ele era negro, os outros todos foram classificados com gradações, era moreno claro, moreno médio, moreno escuro, entendeu? Não classificava com negro. O aluno se classificou.

P2. Ele se assumiu

L. É, o aluno se classificou como negro e o professor não conseguia, na hora da classificação do aluno o professor não conseguia classificar

P2. Mas acho que isso é até por falta de, sei lá, acho que pra não constranger será?

L. Não sei

P2. Por que na sociedade ninguém quer ser chamado de negro, pra não se constranger ela não quis, ou ele não quis, denominar.

L. Identificar como negro

P2. É

L. Mas o aluno identificou. Sabe porque? Primeiro eu fiz uma enquete pra ele se classificar

P2. Mas o bom é isso, ele assumir que ele é

L. É o aluno, ele se classificou, se auto classificou. Que eu primeiro perguntei à B., qual a sua cor? Ai assim apareceu moreno

P2. Pardo

L. Não apareceu pardo, apareceu moreno, apareceu branco, apareceu várias... e preto também que eles colocavam preto. Apareceu preto, moreno, moreno claro, aí eles se classificaram assim, mas teve aluno que se classificou como negro mesmo. E já o professor... ai eu fiz com as cores do IBGE, que é o preto, branco, amarelo, indígena, que são as classificações do IBGE

P2. Mas o preto pro IBGE é negro

L. Pro IBGE é preto, cor preta, qual sua cor? Preta. Vai ter lá

P2. Que pra nós é negro

L. Ai entra por exemplo o pardo e o preto e o negro, entra na cor preta do IBGE, tanto o pardo quanto o negro é o preto. E na hora da classificação por exemplo, teve aluno, só teve uma aluna que se classificou como morena, que na classificação das categorias do IBGE ela não se identificou, porque tem o pardo e o preto, ela não se identificou como preto

P2. Se ela dissesse que era pardo, entrava no preto

L. Mas ai assim ela não se classificou, quando foi nas categorias do IBGE ela não se classificou nem como preta e nem como parda por que pra ela ela era morena, entendeu? Ela não entrava naquelas categorias, só que assim o moreno, por exemplo pro movimento negro, pras pessoas que pesquisam sobre o movimento negro, o moreno ele entra como o pardo que é pro IBGE o preto, é uma categoria. Que na verdade o movimento negro mesmo acredita que deveria tirar o pardo, entendeu? Por que ou você é preto ou você é branco

P2. Acho que esse pardo foi questão que inventou ai, pra não... questão de racismo

L. De racismo, que ai você, por exemplo

P2. Pra você não dizer que é preto, fala que é pardo. Questão de racismo que eles inventaram isso ai, já pra poder

L. E ai assim, o alunos mesmo, na sua maioria eles não tiveram dificuldade, só teve mesmo essa aluna que ela se identificou na questão aberta como morena e na questão das categorias do IBGE ela não se identificou porque ela não era parda e nem era preta, pra ela não tinha a opção dela, mas hoje ela já se identifica com negra, entendeu? Hoje ela já, nós já conversamos e tudo e hoje ela já se identifica como negra. Mas assim, o que eu perguntei pra você assim se você percebe diferença no tratamento, nas observações que eu fiz mesmo, tem coisas sutis, sabe assim eu mesma como professora eu sempre tive cuidado de não tratar diferente o branco, por tudo que eu já estudei, eu tinha cuidado pra não tratar o aluno branco de forma

P2. A tendência é você ficar bajulando, ficar cheirando, né, e o negro fica mais afastado.

L. Você percebe isso, mas nem todo professor percebe isso

P2. Eu falo assim, por eu mesmo no pátio, sempre tem aquele que a gente tem mais afinidade, que a gente tá pertinho, a gente quer abraçar, a gente quer beijar, e geralmente não são os neguinhos fia

L. Não são. E porque será?

P2. Infelizmente não são. Porque é coisa do... rs... sei não. Eu acho que o professor acaba agindo na sala na mesma situação

L. Mesmo sem perceber

P2. Mesmo sem perceber, sem querer

L. Assim você falou do acho e eu digo

P2. Você trabalhou em sala de aula

L. Por experiência e pesquisa, vários pesquisadores comprovam que desde a educação

P2. Ainda mais se for um neguinho malino, atentado, aí que você não encosta mesmo. A tendência é você deixar de lado mesmo. Não deveria ser assim né, deveria ser iguais

L. Eu não digo nem que deveria ser iguais, entendeu, mas eu penso que a gente deveria, isso aí que você falou, entendeu, se você percebe isso, porque por exemplo, eu não fui sempre como eu sou hoje, com a mentalidade que eu tenho hoje, você pode ver que os alunos de tez mais escura da escola, eles vem, eles que vem pra mim pra poder

P2. Porque eles reconhecem que tem

L. Entendeu, eles que vem pra mim pra poder me abraças, você pode eles vem me pedir benção, vem me abraçar, com exceção de M., porque M., ele não é muito de toque, entendeu, que já é uma coisa que provavelmente é a questão de não ter sido acostumado com a questão do toque, do começo. Mas você vê assim que todos os alunos, J., Zarina, C., H., por exemplo, se eu entrar e não falar eles já cobram né, que não falou. Mas assim é, o aluno branco também, de tez mais clara, ele vai chegar pra mim também e vai fazer a mesma coisa, porque é uma questão de abertura minha, de carinho que eu tenho e eles retribui, mas assim o que eu enquanto professora, você enquanto profissional da educação, isso aí que você falou é a essência do negocio, do que você falou do tratamento, de você não conseguir se aproximar do mesmo jeito que você se aproxima de um aluno de tez clara, não precisa nem ser branco, ele ser mais clarinho, você aproxima de uma

forma diferente, e assim eu acredito que tinha que ter uma campanha na escola pra isso, desde a educação infantil

P2. Tratamento de igualdade né

L. Entendeu? De você tratar, se você abraçou o aluno de tez clara, vê e vai abraçar o aluno de tez escura também, assim se você acolheu, se você recebe todo mundo com um abraço você tem que abraçar todos né, enquanto professor você tem que fazer isso, e você por exemplo, dentro da sala de aula mesmo, eu enfrentei situações do aluno não querer segurar na mão do outro pra poder fazer a oração,

P2. Ô, quantas vezes, porque é escurinho

L. Porque é mais escurinho, ou porque chega mais sujinho porque a gente sabe a situação que a gente enfrenta aqui, e o aluno não quer, e aí o que o professor vai fazer, entendeu?

P2. Eu acho assim, que nem Márcia. mesmo, ela trabalha isso assim desde o comezinho, os de fora ela coloca junto com os de perto, ela tenta enturmar, se ela beija um ela beija todos, ela, eu acho que ela age com igualdade ali, ela age com igualdade, coloca as vezes, "ah mas eu quero sentar perto de fulano", "não, você vai sentar perto de fulano", porque a tendência, até eles, a tendência até deles de ser assim

L. Mas é a criança

P2. O ser humano, sei lá. A criança é como se, meu Deus, parece que é dentro do ventre. Já é a natureza humana fia.

L. Só que não é a natureza humana, isso aí é aprendido

P2. De cultura, sei lá

L. É de tudo, isso aí é aprendido, racismo você aprende a ser racista, você não nasce racista

P2. Porque com certeza alguém faz com ela lá na casa

L. Ou na casa, ou na televisão, ou no colégio, ou na rua

P2. É, alguma coisa, ele vê alguma coisa, ele tem como exemplo alguma coisa

L. Tem porque desde pequenininho ele percebe assim

P2. A diferença cultural, financeira

L. Isso acaba vitimando as crianças negras entendeu, acaba vitimando as crianças negras por que assim Zaki é uma exceção; Alike, são exceções, porque nós sabemos de casos de quantas crianças negras que ficaram pra trás, inclusive o irmãos de Zaki entendeu, tem uns que consegue, tem uns que não consegue, igual

menina mesmo, os dois irmãos mais velhos, já conseguiram desenvolver mais, mesmo que agora parou mais, mas no estágio que eles tiverem aqui eles conseguiam desenvolver a aprendizagem, mas já tem outros que não conseguem, por que tem uns que eles conseguem, ou eles trabalham isso aí essa questão da rejeição, ou eles trabalham brigando, tem uns que partem pra briga, tem uns que ficam mais inquietos na sala

P2. Quer se mostrar

L. Entendeu, eles vão cada um, tem uns que ficam mais retraído, não dá resposta, se esconde

P2. Se esconde, cada um tem uma forma

L. Cada um tem uma forma de agir

P2. Uns ficam agressivos, cada um se defende de um jeito

L. E assim em relação a escola, você tem percebido, como que está sendo trabalhado essa questão da diferença, questão da Lei 10.639, você tem percebido alguma mudança, não tem percebido mudança, em que você tem percebido

P2. Eu acho que aqui mesmo teve esse projeto de cultura afro, eu acho que eles aceitaram, participaram, eu acho que eles né, acho que quem mais tem que conscientizar é nós

L. Você acha que esse é um projeto pra se continuar?

P2. Pra se continuar. Uns vão ficar, outros vão chegar e a gente tem que tá preparado pra receber eles

L. Teve alguma coisa, esse projeto assim, no momento que você participou, teve alguma coisa que você não conhecia e passou a conhecer, mudou alguma coisa na sua opinião?

P2. Acho que não, assim acho que a gente tem que aprender né, até pra lidar com eles mesmo, tem que ter igualdade, eu acho que isso tudo ajuda a gente a abrir a mente, que nem você falou, é uma coisa que a gente aprende, às vezes a gente fica com a mente fechada pra aquilo e acho que com esses projetos a gente vai abrindo a mente e vai colocando em prática também, melhor assim pra todo mundo, acho que é bom pra todo mundo

L. Se você por exemplo fosse uma professora, como você já tem experiência com professor, se você fosse a professora de qualquer ano aqui, que a gente trabalha da pré escola até o quinto ano, é, o que que você trabalharia em relação a África? O que você teria dificuldade de trabalhar em relação a África?

P2. Pelo pouco que eu conheço, acho que a cor mesmo, comida acho que não ia influenciar muito pra eles, acho que a própria aceitação deles como negro né, que às vezes o próprio negro se discrimina, e da gente em ser aberto pra aceitar eles

L. Você acha que o próprio negro se discrimina?

P2. Eu acho que sim Lucia

L. Que sentido assim? Que situações?

P2. Eu acho que tem gente que eles próprios não se assume que é, porque quando você é negro e você chama ele de negro ele se ofende, daí ele já tá dizendo que ele não é aquilo, tudo bem que a gente não tem que ficar por aí falando que você é negro, que você não é, mas se você fala, por exemplo, eu sou gordinha, se a pessoa falar que eu sou gorda eu não vou me ofender porque eu sei que eu sou gorda

L. Mas você não se sente bem, sente? Se alguém falar

P2. Pra falar a verdade eu não me importo não

L. Olha pra você vê a diferença, eu me sinto mal

P2. Assim, dependendo da forma que a pessoa falar, se for uma forma agressiva é claro ne

L. Que vai te...

P2. Você vai ficar bolado, mas se for uma forma carinhosa, uma forma expressão, dependendo da expressão que a pessoa falar

L. Em relação ao negro você não acha que é a mesma coisa, da forma como você fala o negro?

P2. É. Com certeza, se é uma forma carinhosa às vezes a pessoa não vai né, se irritar, mas se é uma forma, que dependendo da situação, você tá vendo que é uma discriminação mesmo, é claro que a gente também não vai aceitar, tudo depende da forma como você expressa

L. E assim e relação a família e a escola você acha que há uma ligação entre a família e a escola sobre essas questões? Questão racial, questão da discriminação, como porteira assim você já percebeu alguma coisa? Já teve alguma queixa de alguém da família? Você já observou alguma coisa? Não só em relação a isso, em relação a tudo assim, como você percebe a relação na escola com a família?

P2. Assim, apesar de a gente ter problemas com algumas famílias, acho que a gente tenta receber todo mundo bem assim, acho que a escola tenta chamar as famílias pra escola, eu acho que aquelas famílias que participa mesmo da escola não tem problema nenhum, mas geralmente aqueles que mais precisa é que as famílias tão

longe, mas de uma forma ou de outra a gente tenta ao máximo né, trazer a família pra escola pra participar junto, eu acho que a gente tem uma boa convivência com as famílias sim da escola

L. E você assim, em relação a essa escola aqui, qual a sua experiência? Enquanto aluno, enquanto profissional, o que você pode falar dessa escola? O que é essa escola pra você? Com que você definiria essa escola

P2. Ah, pra mim é tudo de bom, me dou bem com todo mundo, me sinto bem em trabalhar aqui, com os profissionais, os alunos, não tenho problema nenhum nem com aluno, nem com professor, nem com funcionário nenhum

L. Você já estudou aqui?

P2. Vixi, há muito tempo atrás mas já

L. Seu primário você fez aqui?

P2. Foi, até a quarta série

L. Você consegue lembrar assim, o que você lembra de lá, você consegue perceber diferença de quando você estudou pra hoje? Você conseguiria falar algumas diferenças?

P2. Bom, primeiro que a estrutura da escola era totalmente diferente, em questão de professores, os meus foram maravilhosos, e acho que a questão da aprendizagem era outros tempos

L. O que que esse que aconteceu com esse professor que mais te traumatizou, que eu sei que professor era esse, o que acontecia que mais te traumatizava?

P2. Ah, aquela criatura, eu acho que era a forma que ela falava, os gritos, tudo bem que hoje ela não age da mesma forma, não sei se era porque ela era iniciante também

L. Será que não? Por que vários alunos tem a mesma reação

P2. É a mesma, eu acho que não sei, o tom da voz dela, sei lá, eu sei que eu tinha pavor, eu fui superar depois de grande que já não tinha mais nada a ver, porque se falasse que era pra eu estudar com ela eu endoidava, eu acho que até hoje alguns alunos falam “se for fulana”, já fica...

L. No casa da sua filha, qual foi a opinião dela?

P2. Vixe Maria, falou que não queria mais nunca, traumatizou a mãe, a filha, mas também foram três anos, ninguém merecia, eu falei “até eu vou ficar do seu lado pq ninguém merece não, três anos”, e assim, não sou contra ela, porque ela aprendeu a ler foi com ela, ela ensina, ela realmente ensina, acho que é a forma que ela

expressa ou sei lá o tom da voz que é agressivo, não sei, que traumatiza os meninos de geração após geração, eu acho que é mais a forma dela expressar mesmo, que ela é uma boa professora

L. Que mudança mais, além da física, que você percebe mais alguma coisa, da sua escola pra hoje, pra escola de hoje, pra escola da sua filha?

P2. Assim questão pedagógica, acho que é o tempo, porque na minha época, acho que as facilidade de hoje deixou os menino muito a vontade, eu vejo lá em cima “ah, eu fiz prova copiando do livro”, que prova é essa que copia do livro? Antigamente tinha que decorar, estudar mesmo pra poder, eu acho que modernizou muito.

L. Foi deixando o aluno acomodado?

P2. Acomodado, eu acho. Sinceramente no meu tempo, ou você aprendia, ou você decorava, alguma coisa você tinha que fazer

L. Mas tinha que dar conta

P2. Mas tinha que dar conta, e hoje acho que modernizou muito e ai os meninos perdeu a vontade, sei lá o que é, vai lá empurrado, não é porque estuda não, vai lá empurrado.

ENTREVISTA COM NAKATI, MÃE DE ALIKA 13/07/2015

Eu já falei pra você do meu trabalho. O meu trabalho de pesquisa é sobre a construção da identidade da criança negra, e também pensar formas de enfrentar as situações de racismo. Além da observação das crianças na escola eu vou desenvolver oficinas de desenhos que serão analisados a partir da psicologia e cruzando com outras informações da pesquisa. Eu já sei mais ou menos a dinâmica deles na escola, mas agora será diferente, as observações serão feitas de forma mais detalhada, com mais atenção. Um dos meios de eu perceber como essas crianças se percebem é tentar entender um pouquinho da sua história, que dentro da Psicologia Social se dá a partir da entrevista de história de vida, onde você me conta a sua história de vida, a partir das suas escolhas. Eu não vou te fazer perguntas, você ficará livre pra contar o que de importante aconteceu na sua vida, que você queira contar.

Assim Minha vida desde a infância foi bem simples, não tive a maioria das coisas que as crianças tem hoje, uma boa parte delas, as mordomias, trabalhava muito lutava muito, a família grande, meus pais não podiam dar as coisas pra gente. A minha luta é desde novinha, na roça plantando, limpando, tudo isso. E lutando ainda pra não deixar de lado a escola. E essa luta até hoje. Então assim, de tudo que eu vivi, eu tento passar pra ela, sei que não vai ser da mesma forma, pois os tempos são outros, tudo mudou, mais assim o conceito convívio de família de...sei lá de convívio na escola, na rua eu tento passar pra ela, pra ela lidar bem com isso. Agora assim, preconceito se ela já sofreu algum ela nunca comentou comigo, mas eu já sofri preconceito na escola. Era muita chingalhada de negra, assim de alguns colegas não todos. O maior problema foi na quarta série, mais eu não deixei barato não eu revidei (rsrsrsrs) eu tinha que me defender de alguma forma, pois na rua mesmo as vezes a gente tava saindo da escola eles enrabava (no sentido de correr atrás) a gente. Eles eram da outra sala não era bem da minha sala, na mesma escola, mas de outra sala né. Xingando e tudo... essa situação assim. Na sala mesmo eu nunca tive preconceito assim... não radicalizando mais alguns que sempre tem preconceito que não demonstra fica ali camuflado... sem dar na vista.. mais foi isso passou... preconceito a gente que até hoje existe e vai sempre existir, né, que desde que o mundo é mundo que tem o preconceito. Eu passo pra ela assim pra ela saber lidar, que mesmo que não seja só a cor, que tem todo tipo de preconceito a classe social e tal é isso. Eu mostro também pra elas um pouco do

que foi a minha relação com a minha família, que foi muito boa, lutando muito, mas todo mundo unido. Muito boa! Nossa família nós somos em 8, 3 mulheres e 5 homens e a minha mãe perdeu um que nasceu e faleceu e ela também um aborto espontâneo... E assim, a nossa relação entre irmão foi sempre muito boa né, o jeito de vida de um lado pro seus objetivos, outros do outro e sempre que possível a gente ta lá reunido na casa de mainha (rsrsrsrsrsr). Pai vivo, mãe viva graças a Deus, só os avós todos falecidos. Bisavó não conheci... que dizer minto! Da minha mãe eu não conheci, tanto que nem ela mesma conheceu o pai, quando ele foi embora ela era pequena, aí ela conviveu com a mãe dela parece que até próximo dela se casar. Aí a mãe dela faleceu, adiou um pouquinho o casamento e depois se casou. Da parte do meu pai eu conheci a mãe dele e o pai dele. Minha avó maravilhosa e meu avô do jeito dele, rústico, nem deixou meu pai estudar pra trabalhar. Mas cada qual no seu cada qual (rsrsrsrsrsr)... Aí eu era adolescente quando ele faleceu, acho que eu tinha uns treze anos mais ou menos. Meu pai sofreu muito, ele era muito bravo, tanto que nem permitiu que meu pai fosse a escola, ele não sabe nada é bem analfabeto mesmo. Agora como pai ele é maravilhoso assim, o que ele não conseguiu assim... ele sempre deu muita força pra gente estudar né. Era difícil né mais do jeito que ele pode, na simplicidade dele ele tentou dar pra gente. Ele ia pra São Paulo e de lá ia mandando o dinheirinho pra gente e minha mãe ia comprando um caderninho, um mochilinha, tudo bem pouco, até a gente ficar independente, começar a trabalhar e comprar nossos materiais. Nossa, eu mesma como nove, dez anos já trabalhava na fábrica de farinha com minha mãe. A gente ia trabalhar cedo sempre junto com minha mãe, quando foi crescendo, ficando mais independente que a gente ia trabalhar pra outras pessoas. Mais minha mãe também já não agüentava fazer muita, ela foi muito sofrida, tadinha! Meu pai ia pra São Paulo, então ali ela era o pai e a mãe. Ela só, pra dar conta desse monte de criança nós passávamos por muitas dificuldades mesmo. Se ela fosse uma pessoa de pouca fé, desleixada, desanimada, nós não teria conseguido nada, pois não era fácil não, nossa casa chovia mais dentro do que fora, alagava tudo. A gente sempre morou no Alecrim (Bairro do distrito de Quaraçu, município de Cândido Sales), e lá antigamente era lagoa, nossa chovia muito, nossa casa chovia mais dentro do que fora, (rsrsrsrsrsrs), aí tudo foi melhorando aos pouquinhos. Mesmo na minha infância com todas essas dificuldades, eu e meus irmãos conseguia brincar, mesmo que não fosse como hoje né, a gente brincava aquelas

brincadeirainha a noite (rsrsrsrsrsrs) como é que chamava gente (rsrsrsrsrsr) a gente brincava de pega-pega, de cai no poço (rsrsrsrs), adooooo! Muito bom, quando a energia ia embora minina! Era muito bom. A gente brincava, a gente improvisava um circo, um chuveiro lá nesse circo com as vizinhas era muito bom. As bonecas a gente fazia de sabuco de milho ou enrolava um tijolo mesmo, e era muito divertido. Hoje as crianças tem um monte de brinquedo e não dá a mínima. Mas foi bom a minha infância, apesar das dificuldades, pois hoje tem criança que leva uma vida bem pior escravizado pelo serviço e outra coisas mais. Eram brincadeiras inocentes, apesar do comentário do cai no poço, da falta de luz, mas é brincadeira, a gente não tinha a malícia que tem hoje, era muito bom e também a gente tinha a liberdade, os pais dava liberdade pra gente. Meu pai ele é muito sério a gente nunca foi de falar... tanto que eu nem gosto... num sei, acho que eu tava falando era com Nilda... o tempo passa tão rápido que eu já me esqueci do...acho que foi na escola no encontro das famílias o ano passado que eu tava comentando, eu não tenho assim não sou totalmente aberta pra comentar aquelas coisas que F. (cunhada) gosta de falar, mesmo nas brincadeiras, aquelas liberdade assim. Eu nunca tive essa liberdade em casa, que em casa meu pai era muito sério, que foi criado assim, meu avô não era sério, meu avô era bruto, bravo mesmo, a gente não foi criado assim com essa liberdade, meus irmãos e eu nunca vi nem eles dando um beijinho no rosto nada, muito sério. Se soltasse um pum perto de papai ele queria bater, que tinha que respeitar, mas pra ele ali era uma forma de educar. Então a gente foi criado dessa forma, mais assim, sei lá a liberdade que eu tive se eu não tivesse sido criada da forma que eu fui poderia assim até ser diferente pra colher coisa bem ruim hoje. Mesmo na adolescência, a gente ia pra festinha. Tinha mães que as filhas não apareciam com a cara nem na porta e eles confiava na gente. Quando eu tinha 16 anos mãinha foi pra São Paulo, e eu arrumei minha mala e fui trabalhar em Conquista, meti a cara (rsrsrsrsrs) eu fui trabalhei lá uns meses daí eu voltei, porque assim, sempre focada nos estudos eu tinha aquela preocupação que eu tinha que terminar. Eu tentei conciliar, mais eu tinha que atravessar a Rio-Bahia a noite por que de dia não tinha como trabalhando em casa de família, aí não deu eu voltei, fui pra Belo Campo também trabalhar não deu certo. Voltei pra estudar e foi mais sempre tentando conciliar o trabalho e o estudo. Assim nessa luta. Então é isso que eu tento passar pra Alike, eu falo pra Alike né, minha sogra fala que eu não posso colocar Alike pra fazer as coisas que ela é muito nova. Eu falo não, a hora dela

aprender é agora. E assim, sorte minha que ela não é uma criança de gostar da rua, já ajuda muito, ela não é de ficar na rua. P. é colega dela de sala, mora ali pertinho: Alika vai brincar um pouquinho com P., Ah, eu não. Passa o tempo dela aqui, ou assistindo televisão ou brincando com as meninas no quintal. Não sei se é porque quando ela era pequenininha, tempo que a gente morou em São Paulo, ela era criada muito presa, então eu não sei se ela pegou um trauma. Que em São Paulo todo mundo fala não pode isso não pode aquilo, então ela ficou assim nessa timidez... Eu fiquei um tempo longe em São Paulo tentando arrumar trabalho, mais não sei porque sempre foi muito difícil eu consegui trabalho, na capital então pior, eu fui consegui em Indaiatuba, era duas horas de viagem pelo Tietê. Em São Paulo mesmo, eu sei se era porque a gente morava em Campo Limpo e ali por perto era mais difícil. Então assim, se bem que eu tentei, arrumei escolinha coloquei ela no início, aí tinha mais de um ano já que eu morava lá. Aí eu tentei dois e não consegui, quando eu consegui eu engravidei das gêmeas, eu pensei que era até uma doença, que eu não tinha planejado essa gravidez, eu só queria engravidar quando a Alika tivesse 6 anos, aí eu passei muito mal. Eu trabalhava numa loja no shopping, uma loja de chá e também tinha os salgados, os salgados era assado. Então colocava tudo na freezer em cima, então quando o freguês pedia tinha que descer rapidinho, e eu não tinha como me locomover rápido que parece que eu tava pesando uma carreta. Eu pensava meu Deus que seja uma gravidez que se for doença eu vou morrer. Enjoada, muito mal, só queria deitar e ali era monitorada da casa da patroa, então ela patroa queria uma pessoa rápida ali que o cliente não espera né. Até que eu deixei de trabalhar. E também tinha que sair muito pra levar Alika no médico, ela teve uma crise não se a gente não percebeu mais ela ficou muito ressecada. Não sei se foi porque eu dei muito pirão pra ela novinha. Tinha que usar supositório pra ela fazer, e depois nem isso dava jeito ela passava mais de 8 dias sem fazer coco. Tinha que levar no hospital pra fazer lavagem, já estava começando a ganhar bronca. Foi que um dia Deus enviou um anjo que me indicou um hospital lá, o Hospital Darcy Vargas no Morumbi e ela foi acompanhada lá um bom tempo, mas tudo eu, tinha que ser eu. Aí não dei mais, eu tava muito pesada, pelo fato de ser duas. Aí quando foi no mês de junho de 2011 a gente veio, as gêmeas já tava fazendo um aninho, o espaço que a gente morava era muito apertadinho, ela já tava começando a caminhar, não dava pra ficar mais. Aí tamos aqui fora aquilo lá que você viu sábado, quando Alika pirraça as meninas e eu perco a paciência, o mais é

tranquilo. Mas é muito boa a nossa relação, no padrão de família normal acho que a gente tá dentro do padrão que assim, graças a Deus, eu tento orientá-las da melhor forma, mas como as crianças de hoje, elas nem sempre seguem o que a gente fala, mais eu fico ali que nem um cd arranhado batendo na mesma tecla, tem horas que falta a paciência. Mas temos uma relação boa graças a Deus. Elas são maravilhosas, ontem mesmo H. falou ô papai senta direito porque senão, não dá pra mamãe sentar. Ele brincou e disse que ia mandar a mamãe embora daqui e ela não quem vai embora é o senhor. H. já responde logo eu fico com mamãe e I. vai com papai e I., não é você que vai, vira aquela confusão (rsrsrsrsrs) mais elas tem ciúmes de ambas as partes, e o carinho é de ambas as partes eu não percebo tratamento desigual. Alike também apesar da timidez, ela é muito amorosa. A semana passada mesmo S. carregou as duas pra almoçar. Ela convidou H. e I. se convidou disse que ela ia também. Aí eu falei ô Alike por que você não quis ir também mais S.; e ela, eu não quis deixar a senhora sozinha, e é assim nossa relação. Agora mesmo Enzita falando que tá ficando fraco o serviço, que vai ter que dar uma saída, eu já preocupo que elas são apegadas demais, se fosse um menino acho que não se apegavam tanto, se ele deixar elas ficam atrás o tempo inteiro. A gente tem que aproveitar o máximo delas, o tempo passa tão rápido, tão rápido, eu não gosto nem de imaginar, eu não gosto nem de pensar, de ter lembrança disso aqui delas pequenas, sei lá... olha eu não quero pensar antecipado não. Gente, Nossa Senhora! Eu prefiro passar as noites como eu te falei que eu tô passando, levantando várias vezes a noite, eu prefiro assim do que ter saudades delas. Não. Quero curtir agora, quero sofrer agora não minha família mesmo não mora todos juntos, tem três dos meus irmãos que moram em São Paulo, meu irmão mais velho e minha irmã mais velha moram em Quaraçu, meus pais no momento estão em São Paulo, minha mãe foi fazer tratamento e ele foi também (H. entra com uma laranja e pede pra mãe descascar. A mãe pede pra ela lavar a laranja antes, ela lava. Laranja descascada, H. vai pra sala chupar). Eu não tenho muita lembrança da minha infância não, tem gente que tem memória de elefante pra lembrar das coisas, mais eu não tenho muita coisa não. Assim de infância né, sei lá quando a gente estudava época de prova era tão difícil. A gente pegava o caderno, eu e minha irmã, a gente pegava o caderno levava pra roça pra gente estudar no intervalo do café e do almoço né, aí vinha o temporal molhava nosso caderno tudo lá ia nós de novo copiar os assuntos pra estudar pra prova. E chegava correndo, voando, ia pra escola sem

comer porque não dava tempo, quando chegava ficava com fome porque não tinha como comer e deitar, no outro dia era a mesma rotina, a gente vivia nossa! Tropeçando um pé no outro. E chegava em casa um tempinho que tinha ia cuidar da casa ia ajudar lavar roupa, não tinha fogão a gás era tudo na lenha, não tinha tanquinho, não tinha nada era tudo na mão. Oh meu Deus! E aí hoje com toda facilidade a gente ainda reclama, nunca tá satisfeito. Eu falo assim, a gente não pode ser ambicioso demais, mas a gente ter um pouquinho de ambição não faz mal (silêncio longo) Tô tentando puxar pela memória aqui mais ta difícil. Tem o trauma na escola que eu já te falei né, que eu perdi de ano na 4ª série, que eu carregou até hoje o trauma, que a professora não era legal, a culpa era dá professore rrsrrsrrs. As minhas professoras alfabetizadoras até 4ª era aquelas professoras bem rígidas, ou você aprendia, ou não passava de ano, não tinha aquele negócio de empurrar aluno não, você tinha que passar na raça. Na 4ª série foi um ano bem sofrido, não que os outros também não fosse, mais esse foi mais difícil porque além de estudar a tarde era bem longe o colégio eu ia a pé, o sol rachando e aí eu fui estudando fazendo a recuperação aqueles provão né, restou matemática, passei em todas sobrou matemática. Eu não lembro se na época tinha conselho, mas eu fiz a recuperação, o provão né, fizemos a festa primeiro, fizemos vaquinha pra fazer um bolo pra professora, tudo lindo maravilhoso e eu acreditando que tinha passado de ano, quando foi me entregar o resultado eu tinha perdido por um ponto, não é me gabando não mais eu nunca fui ruim aluna, eu acho que ela não contou comportamento nada, eu perdi por um ponto, aí foi meu trauma, detesto matemática até hoje. Daí eu cursei de novo a 4ª série aí passei até o 3º ano não perdi mais, mesmo rígida no modo de avaliar, eu acho que minha melhor professora foi D. Lucy, ela era amiga da família, conhecia minha mãe, ela era legal. Apesar de tudo ela foi uma boa professora. Tadinha tinha uma crises de asma terríveis. Eu também quando eu conheci Enzi foi numa fase que eu não tava muito boa não, eu tinha acabo de terminar com um rrsrrsrrs, eu tinha acabado de decidir que eu não queria saber de homem, ia ficar solteira, só nos forró com minhas colegas rrsrrsrrsr. Mãeinha falava- Nakati moça de baile não casa rrsrrsrrs aí eu tava numa festa, segundo ele, já estava lá né, disse que primeiro ele viu minha irmã caçula, vou ficar com aquela. Daí a pouco chega minha irmã mais velha, ele acho que é com aquela que eu vou ficar, vou chegar nela. Daí a pouco quem chega? Nakati. Ele, com certeza é com aquela que eu vou falar, mais eu nem dei a mínima fui difícilima, não

fui fácil não, pois eu já tinha sofrido muito. Aí depois ele foi chegando, foi provando pra mim o contrário né, mais ele teve que cortar um dobrado pra me provar. A gente começou a namorar não chegou nem a três anos, mais assim pra mim foi bem difícil pra esquecer o outro também, eu já não tinha mais 15 anos, já tinha meus 19 anos, pois quando eu me casei. Mais assim, ele é maravilhoso, todos tem defeitos, porque ninguém é perfeito. Mais ele sempre provou pra mim. Ele sempre foi muito responsável. Apesar de ter conhecido ele, ser mais novo que eu 2 anos. Ele sempre foi muito responsável com a casa, comigo e com as crianças. Conseguiu me provar o contrário, eu estava determinada a ficar sozinha, que não foi fácil não rrsrrsrrs ele correndo e eu fugindo. E ele foi corajoso, ele chegou já foi pra casa de mãeinha, ele já foi lá pra casa. Daí um dia chega a mãe dele lá. Ô dona G., eu vim buscar Nakati porque Enzita doente. Foi até numa C10 de João Mocê, uma azul que ele tinha. Mãeinha, oh senhora, nem sabia o nome dela direito. Mãeinha falou, não sei se eu vou permitir ela ir não. Ela não conhece ninguém da família suas, pode ser que ela vai ser maltratada lá rrsrrsrrs. Aí Dona Benedita disse não, nós não vamos maltratar ela não, Enzi gosta muito dela. Aí mãeinha deixou eu vim. Aí eu vim. Eu não sei nem o que ele tinha, não nem se tava doente ou se tava com medo de ir me buscar rrsrrsrrs Aí junho de 2002 nós nos casamos, três anos depois nasceu Alike e a gente vive muito bem há 13 anos. (entra I. e pedi pra descascar uma laranja, a mãe brinca que quando leite sair ninguém vai querer mais e ela responde: claro minha barriga ta cheia. É claro e o pão que comeu com café e a maçã, agora laranja. Mais eu sou um pouquinho gordinha, mais ninguém me chama de gordinha. Vai ser como a laranja? Só partida. Ela fala só partida, porque as vezes ela gosta em cruz e se fizer ao contrário daqui a pouco é o calundu. I. pega a laranja e vai pra sala). Eu fiquei um bom tempo sem estudar parei quando fiz o magistério e agora voltei a estudar. Tô fazendo pedagogia, mas não era o meu sonho fazer pedagogia não ta. É que o prefeito deu o serviço com a condição, eu tô fazendo, mas meu sonho era fazer um curso técnico, pegar logo o certificado, que não fosse na área da saúde, pois eu não servi tenho um pânico de sangue. Quando eu vejo sangue sinto uma dor parece que vou cair das pernas, mais graças a Deus só falta um ano e meio pra terminar. Sei lá essa presidenta ta demais, se aprovar essa lei da terceirização não vale a pena estudar não, nem um concurso sei vai poder fazer. Vai estudar pra que? A coisa ta tão feia que ta mexendo com os pobres, ta cortando as bolsas-família tudo. Essa semana eu passei no CRAS tava tendo uma reunião lá com

Márcia (assistente social), ela tava falando que estava cortando tudo. Coisa que não podia mexer né. Tô puxando pela memória, mas não lembro de mais nada.

Tem um outro nome que não o seu que você gostaria que eu usasse?

Lavínia, que é o nome da minha sobrinha. E foi assim a minha vida, graças a Deus não tenho do que reclamar não. Eu só mudaria coisas que teve consequências pra mim, foram coisas que eu teimei na minha adolescência e que eu sofro com elas até hoje. Teve uma pneumonia braba que eu peguei, que foi porque eu tomava banho frio de bica quando eu ia catar café na mata, que já é muito fria. Eu quase morri, um pulmão já estava comprometido e já estava comprometendo o outro foi o que o médico disse. Lá na mata a gente ia pra lá e quando ia começar as aulas a gente voltava. Às vezes ela vinha em Quaraçu com 15 dias às vezes demorava mais. Eu fiquei bem mal e minha madrinha mora perto da casa dos meus pais, como não me via ela perguntou pra minha irmã onde eu estava. Já tinha 4 dias que eu estava acamada e minha mãe não sabia, pois era difícil a comunicação. Aí minha falou que já tinha 4 dias que eu estava com febre que dava remédio e a febre voltava. Aí eu fui pra casa de minha madrinha, ela continuou cuidando e a febre sempre voltando. Aí ela mandou avisar minha mãe que veio e me levou no médico e ele disse que se tivesse passado mais um dia eu morreria. Isso foi devido a teima, se fosse hoje eu não faria, porque não é fácil eu estou sempre resfriada, saúde debilitada, é alergia. Agora mesmo estou com esses caroços no braço, coça muito e eu não consigo saber o que é,conseqüências da minha teima do passado, mais nada do que eu vivi eu gostaria de mudar, apesar de não ser da forma mais light de hoje com isso só aprendi valores né e nada que reclamar. Até minha relação nos trabalhos sempre foi boa o que atrapalhava era o estudo, mas não outro tipo de problema. Eu já trabalhei em Quaraçu também, em casa de família, teve uma mulher mesmo que só perdeu as esperanças que eu ia voltar pra casa dela depois que eu fiquei grávida de Alike, mas ela ainda esperava que eu fosse voltar pra trabalharna casa dela. Não que ela fosse ruim não, mas era xaropinha. Eu não tinha intenção de voltar não. Trabalhei com uma em Conquista que me ciuava mais que se eu fosse filha dela. Daí faleceu também a bichinha, primeiro o marido, depois ela. Ela tinha uma lojinha e fumava escondido, ela pedia pra eu comprar cigarros e escondia nas roupas. Era cúmplice dela. Acho que eu nunca deixei a desejar não. Acho que cê tem que dar o seu melhor em tudo que for fazer, não deixar rastro ruim né. Hoje em dia se fosse pra trabalhar não daria mais, casa de família fora de cogitação, eu ainda mexo com

produto que é na minha casa, tenho alergia a tudo. Eu fiz um tratamento em São Paulo, eu parei de fazer por causa dos corticóides. Apesar de ser público era muito bom eu só gastava com as passagens. Com uma equipe de pele, mais se dependesse deles eu tomava um banho de dois minutos e saía, justamente pra não secar a pele. Com esse poeirão daqui eu sinto a pele esticando complica tudo. O nariz já ta deformada a pele e tudo mais um monte de itersrsrsrsrs. Em nem sei falar quanto tempo faz essas alergias, incomoda demais, você não pode sair sem lencinho, começa a espirradeira, coça o olho, coça nariz, coça garganta, chega escorrer aquela água. Acho que o povo até repara, eu não posso fazer nada, chega pinga na roupa é horrível, mais vamos lá... pra completar semana retrasada me socou uma dor na perna esquerda, que eu fiquei arrastando da perna e não dancei um forró esse ano. Dia 24 eu fui em Quaraçu, ai eu falei pra Suzana(enfermeira) que estava com um médico com ela que se eu não me engano ele é vascular. Eu falei Oh! Meu pai será uma coincidência dessas. Eu encontrei com Suzana que foi na casa dela e pegou o remédio foi tiro e queda. Aí ela conversando com o médico sobre os sintomas que eu estava sentindo, ele disse que são varizes internas, mais essa agora, já não chega as grandonas que tem de herança de mamãe na perna esquerda. Aí eu vou ter que ir lá, eu não fui ainda porque não deu, eu acho que ele atende no Hospital de Base. Eu acho que vou ganhar a consulta que ela disse pra avisá-la quando eu for. Ainda mais essa, depois dos trinta a coisa complicou. Gente mais é incrível, vamos levando a vida... Espero que eu tenha contribuído....

ENTREVISTA COM PROFISSIONAL 03 (P.3) 15/12/2015

L. Eu vou falar um pouquinho do trabalho que eu to fazendo da minha pesquisa de mestrado, eu fiz pouca observação na sua sala, mas eu observei os alunos no mais educação também, as atividades, nos projetos que tem a participação deles eu tô observando, observo também no recreio, e assim o meu trabalho, na minha pesquisa eu faço uma análise de como a criança negra, ela constitui sua identidade de criança negra na sua relação com a escola e com as famílias também, eu já fiz entrevista com pais, com mães, com avós das crianças, fiz com alguns profissionais da escola e tenho que fazer também com você que é o professor e fiz também com a professora M.. Ai assim, não é muita coisa não, o que eu quero assim é que você só fale um pouco da sua experiência né, aqui na escola como professor, de quanto tempo que você trabalha e ai depois eu vou fazendo as perguntinhas só pra ir encaminhando, não tem delongas não, ai assim, me fala seu nome, profissão e a quanto tempo você trabalha. Eu vou gravar viu? Pra eu não perder as coisas.

P3. Meu nome é P3., eu comecei a trabalhar em 96, antes mesmo de terminar o magistério e trabalhei um tempo no município de conquista, retornei pra cá em 99, e to ate hoje ai ne, era contratado e depois o concurso, foi aprovado mas assim são varias experiências, já trabalhei ate a 8 serie, varias disciplinas também, mas a experiencia maior é de primário, ate o 5 ano

L. Aqui nessa escola tem quanto tempo que você trabalha?

P3. Eu trabalhei aqui... eu trabalhei também no Joviano, trabalhei também na Castro Alves e trabalhei um ano em São João da Vitória no Batuque, eu acho que aqui mesmo deve ter uns 16 anos, não sei mais quantos anos eu trabalhei nos outros colégios, eu sei que fora foi um ano, e teve um ano que eu fiquei fora de sala que eu trabalhei na secretaria

L. Mas cê tem uma média de acho que uns 15 anos aqui né?

P3. Acho que uns 15 anos, em sala de aula mesmo

L. Aqui nesse escola deve ter uns 10 não tem, aqui só no ACM mesmo, ou tem mais?

P3. Tem mais, deve ter uns 15 anos

L. Uns 15 anos só no ACM?

P3. Pq quanto eu trabalhei no CA eu trabalhava aqui e lá, eu trabalhava nos dois, e lá embaixo eu acho que trabalhei não sei se um ano ou dois, no Castro Alves eu

trabalhei foi só um ano e um ano fora, mais um ano de secretaria, devo ter uns 15 anos mesmo em sala de aula.

L. Você chegou a estudar aqui nessa escola?

P3. Estudei, comecei estudando lá no Joviano e vim pra cá, acho que estudei aqui 4, uns 3 anos aqui

L. E assim o que você percebe de diferente na escola que você estudou pra escola hoje que você trabalha como professor? Percebe alguma diferença?

P3. A diferença é grande, eu acho que os profissionais se capacitaram mais, estão mais capacitados, os alunos também mudaram o comportamento, as atitudes são completamente diferentes, mas assim a importância maior foi todos buscarem se capacitar, hoje em dia a gente tem mais meios de trabalhar, os recursos que nós temos hoje e também o espaço físico mudou, e também essa interação que antigamente eu percebia que não tinha, quando eu comecei a trabalhar mesmo aqui, não que eu me lembre de quando eu estudava, mas quando eu comecei a trabalhar não tinha esse cooperativismo que nós temos hoje de todo mundo trabalhar junto, era muito individual, individualismo. É tanto assim que eu tinha a maior dificuldade quando comecei a trabalhar, dificuldade assim grande mesmo porque se tinha algum projeto pra poder fazer a gente não tinha o meio de buscar esses projetos, não tinha os meios de comunicação, não tinha internet, então assim, era difícil demais, até pra você apresentar uma música era complicado, eu tinha que sair pedindo ajuda pra todo mundo e hoje não, hoje consegue né, tem meios que auxilia a gente e também a equipe toda, era difícil também porque naquela época só tinha a direção mesmo e a secretária, e ai não tinha muito apoio, não tinha auxiliar disciplina

L. Não tinha, porque auxiliar foi em 2002 quando eu entrei

P3. Então assim, era você e você mesmo na sala de aula né, você se virava pra poder fazer, e também assim eu acho que hoje tem mais, a gente busca mais a comunidade, participa de mais projetos, antes era só a escola, era um negócio mais fechado, hoje em dia tá mais aberto. Então tem várias coisas que mudaram, eu acho assim tirando o

P3 Eu trabalhei nessa turma, assim, não só nessa turma mas em varias outras turmas que a gente trabalhava, a gente via muito esse preconceito entre os alunos de colocar apelidos, chamar, tá apelidando os alunos, os colegas e tal mas assim eu percebi que tem mudado, eles tão se conscientizando de que o que eles tão fazendo não é o certo, mas assim eu perebi que mudou bastante

não tá 100% não que ainda tem ainda, volta e meia quando um aluno ou outro tem divergência ali, eles acabam deixando sair, mas a gente tá corrigindo o tempo todo e eu acho assim que mudou né, que tudo que a gente tem feito assim, os projetos que a gente tem feito tem surtido efeito porque já esteve bem pior, eu espero que em breve não tenha mais, mas ainda tem, de certa forma ainda tem esses preconceitos ainda, principalmente racial, mas evoluiu bastante

L. Em relação ao professor, ao profissional da escola você percebe diferença no tratamento da criança negra e da criança não negra, você percebe que há diferença? Ou não, na sua opinião não há diferença?

P3. Não, assim, eu acho que todos aqui né, na escola mesmo nossa, eu acho que não tem, todos aqui tem consciência e trata todo mundo de forma igual, eu mesmo não tenho visto nenhum tratamento de forma diferenciada pra criança negra

L. Em relação assim, ao desenvolvimento dos alunos em sala de aula, você percebe que tem diferença entre o aluno negro e o aluno não negro? Qua tem mais facilidade, qual tem mais dificuldade? Você percebe que há diferença ou não?

P3. Olha só, no caso da minha turma nesse ano eu posso dizer que realmente os alunos que tão comigo agora mesmo no reforço são todos alunos negros ne, mas não significa que... os que ficaram, colocando assim, os que ficaram mesmo, foi...

L. Você acha que é coincidência isso?

P3. É o caso de Zarina né? De J., E. né? Então não sei se tem coincidência ou não mas...

L. Todos que ficaram pra recuperação são negros né, da sua turma?

P3. É, tem L. também. Então assim, não sei qual é a relação realmente mas

L. Complicado né? Então assim por exemplo, na realização das atividades mesmo, você acha que eles tem diferença? Eles no caso, aí você ta falando que teve alunos, no caso os seus alunos, a maioria que ficou de recuperação foram os alunos negros. Por exemplo, tem caso também da outra turma que eu acompanho que os alunos negros que conseguiram, que não ficaram de recuperação né. Mas assim, o que você acha que explica essa diferença? Porque a gente percebe a diferença, mesmo que a gente não pode generalizar, a gente tem aluno negro que consegue sobressair, mas se você for comparar é exceção.

P3. É. Assim, no caso da minha turma eu acho que, não só da turma mas da escola mesmo, a gente já conhece a realidade de todos aqui e assim a realidade também de cada um dos alunos que ficaram de reforço né? Conhece a realidade de J., conhece a realidade de G, de J, de L, né? A gente já vem acompanhando há algum tempo, mas a gente só conhece a realidade que foi aprovado que eles são inteligentes

L. De M.

P3. Pois é, M. da turma de N. né? E outros e outros. Então assim, eu acho que pode ser ser a questão familiar, a estrutura familiar, talvez nem tanto a questão racial.

L. Eu fiz uma pesquisa nessa turma, que era uma turma só, e assim, a minha pesquisa foi para os alunos se classificarem, e classificar o colega, na cor e no desempenho, aí depois que eu montei, eu conversei individualmente com cada aluno, fui perguntando, não cheguei pro aluno e perguntei se ele já tinha sofrido racismo, nada disso, fui perguntando pra ele por exemplo assim, como que ele se sentia na escola, quem que ele considerava que era o melhor aluno, quem que ele considerava que era o aluno pior da sala, fui fazendo esse tipo de pergunta, depois que eu terminei tudo que eu montei o gráfico, que eu montei a tabela, aí tava assim, quanto mais claro, por exemplo o aluno que o professor classificou como moreno claro, ou então o aluno que o professor classificou como branco, tanto o professor, quanto o aluno, quanto o colega, classificou ele como o melhor aluno, quanto mais o aluno ia escurecendo o aluno ia diminuindo a sua classificação boa. Quanto mais escuro fosse o aluno, se ele fosse o mais escuro, ele tava lá como o aluno ruim, pra turma. E assim, e não era... eu tava perguntando sobre o desempenho de aprendizagem do aluno, e assim, o aluno que foi considerado pela turma como pior aluno foi Zaki

P3. O pior?

L. Como o pior aluno da turma foi Zaki.

P3. Pois é

L. Entendeu? E a gente sabe que não é pela questão do desenvolvimento dele porque ele da conta do conteúdo que é trabalhado, né. Então quando você fala que você tem percebido melhoras, isso é bom, é sinal de que nós estamos no caminho, mas assim que muita coisa precisa ser feita ainda, porque se a gente for fazer um estudo mesmo, dos alunos que estão ficando para trás, não só aqui nessa escola,

mas no CEAJA mesmo você vai ver assim um número significativo de alunos negros. Se você for fazer um histórico de quando começou o ensino aqui, de quando a gente tem acesso, se você for fazer um estudo, você vai perceber que tem a diferença, que o aluno quanto mais ele tem a tez escura, quanto mais, às vezes assim de uma mesma família, tem um que sobressai e tem um que fica pra trás, por exemplo a família de M. mesmo, nós tivemos R., nós tivemos V. que sobressaiu que conseguiu desenvolver, que parou agora, mas por outros motivos, e temos M., mas nós tivemos J. e J. a dificuldade que foi o tempo todinho pra eles poder desenvolver.

P3. E na casa de *** tem E. que já tem mais dificuldade e tem L. que é super interessada, vem se desenvolvendo bem, consegue dar conta do conteúdo trabalhado

L. E a escola, você acha que a escola tem silenciado em relação a diversidade, a diferença, ao preconceito como que a escola tem lidado com isso na sua opinião?

P. Eu acho que silenciado, eu acho que não, porque assim, talvez a gente tem muita coisa ainda à fazer, mas silencia mesmo não, tem feito pouco mas tem feito, volta e meia tá corrigindo, tá chamando a atenção, teve esse projeto agora que foi bem proveitoso ne, mas eu acho assim, que silenciado não, tem feito, com certeza, talvez ainda não seja o suficiente, mas

L. Você acha que esse projeto seria um projeto pra dar continuidade? Pra ser trabalhado.

P. Com certeza né, com certeza tem que trabalhar

L. Você percebeu alguma diferença no comportamento dos seus alunos depois desse trabalho com esse projeto?

P3. Percebi, percebi. Tanto assim de L. mesmo, outro dia na sala, é porque os meninos costumavam apelidar ele direto né, aí no dia que tava finalizando o projeto eu passei um vídeo, não foi um vídeo, foi um slide assim, mostrando os Deuses Africanos, as Deusas, aí L. falou assim, falou pra alguém "você tá vendo aí, os africanos, os negros, também são bonitos e importantes" e ficou todo cheio de... então assim, você percebe que... eu mesmo caso, por enquanto não visto nada assim

L. Comentário por ser negro

P3. E tinha muito viu? Demais, demais, demais. Uns apelidos fora do normal, aqueles apelidos que todo mundo já conhece aqui. Então assim, graças a Deus hoje

mudou, mudou mesmo, bastante, é um caso ou outro que acontece de vez em quando mas, tem feito, o projeto tem que continuar com certeza

L. O que dá certo não pode mudar não né. E assim em relação a família, a escola, há uma ligação nessa relação da família e da escola com as questões raciais ou você não percebe?

P3. A relação da escola com a família? É, a relação da escola com a família eu acho muito vaga ainda viu? Assim, só mesmo no projeto que chamou a família pra participar da escola e tudo, mas eu acho assim que ainda, ainda é muito, acho que tá faltando muito ainda assim, de chamar mais os pais na escola, de conversar, palestras, essas coisas, que talvez seja, hoje em dia eu acho que a família Lúcia, eu acho que a família, é que mais acaba se criando esse preconceito, é na própria família, porque esses apelidos mesmo vem a maioria da própria família mesmo, muitas vezes a mãe chama o filho, aí acaba apelidando e acha que é normal aquilo né, então assim eu acho que falta, ainda falta muito da escola talvez chamar mais a família pra essa questão racial, esse preconceito racial, que muitas famílias falam achando que tá normal mas na verdade, quantos você não vê por aí o pai chamando "ô tiçãozinho, não-sei-o-que" eu ouvi muito isso aí, então assim, algo que já veio lá de trás e eles continuam falando e acham que aquilo ali é super normal. Então acho que a questão da família mesmo, é uma coisa que precisa, porque os alunos, só os alunos mesmo talvez não resolva, não é o suficiente

L. É isso companheiro, era mais pra eu saber a sua opinião né, em relação a escola, aos alunos, o que que a gente pode contribuir né pra que nosso aluno negro e nosso aluno não negro né, ele respeite as diferenças, ele perceba a riqueza né, porque na verdade isso aí é uma riqueza, pra nossa cultura e não uma forma de causar desigualdade, porque da forma que é tratada a diferença hoje no Brasil ela acaba representando desigualdade, as pessoas acabam sendo tratadas de forma desigual por causa da cor, por conta da origem, e a gente tem que trabalhar com nosso aluno justamente isso, talvez o pouco que a gente influencia o nosso aluno hoje senão atingir a família, como você fala, mas esse aluno a gente tá atingindo ele, então quando ele tiver a família dele a gente já espera que ele tenha uma atitude diferente néP3. Com certeza. Eu acho que se fosse trabalhado a mais tempo, na época nossa, quando nós estudamos, quem sabe hoje as coisas...

L. As famílias não estariam diferentes né?

ENTREVISTA COM RASUL, AVÔ KINTU (20/05/2016)

Eu quero que você fale da sua história de vida, pode ser de onde você se lembrar.

Rasul: Quando estão eles três, eles vão procurar brincadeira longe. Brincadeira longe longe, quando eles tá os três aí, Ave Maria. Vem os netos de Zezé e fica pulando aí.

E: Na verdade, eu estou fazendo um trabalho, observando os meninos na escola. E um desses meninos é Kintu. E para eu conhecer um pouquinho dele, eu preciso saber um pouco da sua história. Dá família dele. Se a avó dele estivesse viva, eu conversaria com ela também, assim como estou conversando com você. Por isso eu estou conversando com você, para que fale sobre a sua história de vida. O que você achar importante, de onde você achar importante.

Rasul: Mas tem a ver com eu ou é com a vida dela? Minha vida óia, desde pequenim com sete anos, eu ia pra roça. A gente pra arrumar uma brincadeirinha, tinha que fugir dos pais, sabe? Num tinha essas brincadeira, a gente namorava as minininha, mas não tinha fuxicada igual hoje, que hoje qualquer coisa... casou, é mãe de família, que hoje começa a render, render e render, começa a fulano hoje foi assim, a gente até juntar um bloquinho deles para brigar com os outro. Ia longe, ia esperar lá ali hoje onde chama Roberto. As vezes ia lá os outros, e eu ia tentar tirar, mas nunca fui de brigar com ninguém, nem de fazer inimizade. Nunca fui. Fui amigo dessa mininada tudo assim e ia pra roçar, meu pai não era muito brabo assim. Se fizesse coisa errada, era, mas assim não. Uma hora dessa, a tarde assim, a gente saía e encontrava um bocado de amiguinho assim, que eles vinha da escola meio dia. Agora se fizesse coisa errada, já mandava o professor bater. Fez errado, bate. Mas depois que a gente saía da escola, vinha embora, ele saía aquele dia, já me levava pra roça, pra fazer alguma coisa. Aqui eu conheci minina, só o verdão, coisa linda, conheci ó, essa casa velha aqui, que era cadaroda, que hoje é a fábrica de farinha de Néu, a casa do véio Zeca Ferreira, lá nesse mundão né do finado Fifi. Eu conheci a casa do véi pai do véio Pedro, o véio Pulu. Eu conheci a casa, ainda fui lá, que o véio Vintura morou lá. Ainda fui dentro dessa casa grande, lá no meio da manga. Conheci óia, a casa do véio Zeca Ferreira, a casa do véio João Ferreira (casado com Domingas Varges) e lá pra baixo eu ainda conheci um bocado de pau, que era da casa do véio Mamedi Varges, depois do tanque grande, conheci a casa do véi Marculino, essa casa do véio Joaquim de Duninha era lá em cima, nessas terras de que era lozin. Conheci a casona que era do finado Candinho Sales, a

casona primeira que o finado Olavo morava naquele fundo ali, encostada no fundo da casa de seu Dió. Conheci a casona que era inté do compadi de meu pai que morava ali, no finado Osvaldo alí, mas só que era uma casa véia. Ainda conheci a casa do finado Sinhô Varges, levantadinha, fui lá muitas vezes encostado naquela terra que era de Nêm e hoje que é do minino de Zé Branco. Era uma casooona minina!, Que as madeira, eu num sei como que eles colocava em cima da casa, eu ficava olhando assim como que eles colocou aquelas madeira lá em cima. Ô eu ficava olhando assim rapaz, como que eles colocou essas madeira tão pesada e naquela época não tinha serralharía e tirava tudo no machado. Eu acho que era uns dez homem para colocar tudo aquilo ali até chegar naquela altura. Eu parava e ficava olhando aquilo, ai... Tinha uma estrada ali que dava para Belo Campo, naquela fábrica do Estado hoje. E aí daqui até lá, era só escuridão, mato, num tinha outra coisa, velamão dum lado e mato do outro. Ali naquele campo de bola, ainda conheci mata virgem, a gente ia lá tirar coco naiá, a gente ficava alí assim, saia na baxinha do minino de Zé Branco ali assim, a gente fundava até saia do lado de lá da Jindiroba, só mato mesmo, a gente passava meio dia e os grilo tava “cri cri cri cri”. Fresquinho! A gente passava, passava pro lado de lá e andava um poquinho nas manga do véio Deli, ainda tinha um outro matão lá antes de chegar no Pripiri, a gente trevesava, depois trevesava a vereda, pelo lado de cá, não ia pelo lado do Sobradim não. Era muito mato ali menina, ficava até com medo de encontrar onça ali. A gente caía pro Quaraçu, entrava ali naquela baixinha perto da casa suas, fundava alí por dentro, ia perto da Lagoa Nova, só mato, mato mesmo, qualquer hora que a gente passava, era aquela escuridão. Perto da Lagoa Nova tornava curvar e saía naquela serrinha de pedra, de lá que a gente ia pro Quaraçu, só mato também. Só ia fazer uma aberturazinha chegando em Quaraçu, tudo isso eu ainda conhecia ainda, conheci essa estrada véia para ir pro Buqueirão não tinha, essa rodagem não existia não, era uma estradinha. Assim, passava carro de boi, cavalo, ali no meio da terra de seu Litim, tinha uma estradinha que a gente saia lá na divisa da terra de seu Jovino e Daniel, a gente andava e saia lá e só mato, puro mato. Colocava ceveiro, matava zabelê, arranquã era o que tinhae tinha outra estradinha que saía nesse campo de bola e tinha outra estradinha que descia para a terra do véio Marculino, não passava carro num passava nada, só gente de pé e a cavalo. E daí pra cá começou devorando tudo essas coisa, gente saía com badoque, o dia assim na hora que a gente tava de folga né e então a gente só uma coisa aqui, que

eu fiquei rapazião assim e num tinha uma bicicleta, essa coisa assim, um crédito pro cê comprar uma coisa e tinha aquela vontade, depois eu comprei a primeira bicicleta, que eu vendi um garoto. Num era igual hoje, que cê chegava dava uma entrada e ficava pagando, num tinha isso ai. Se pudesse comprar comprava, se num pudesse. Era grande, era adulto, velho, num era igual hoje. Hoje a coisa é bem melhor, né que a gente compra uma coisa e pode pagar até em vinte vezes, depende fica um pouco mais cara né mas, fica bom né, nessa época não tinha, era bem diferente, mas a vida de infância era diferente hoje, tem coisa que eu tenho saudade demais daquela época, era bem diferente de hoje, a gente é... Eu fiquei namorando com W. foi sete anos, a gente começou a namorar era tudo criança, nós dois, depois terminou assim né o ser humano não sabe como é que é, eu ia pra São Paulo, ela ficava esperando, foi com uns sete ano que nós foi casar. Eu num tinha nada, ela também num tinha, foi arrumando as coisas, a gente casou e ainda quando foi já no fim da vida, separou. Num sei, por isso que eu falo, ninguém entende da vida da gente, só que a gente também, eu fiquei com minhas mininas, umas já moças, outras pequenas, tumém eu já falei, eu não vou arrumar ota não, vo deixar elas tudo arrumar vida, casar por ai, que ela era tão assim sistemática que se eu desse uma coisa, ela num quiria, ela diferente né que hoje, briga para ter as coisas, as pensão, as vezes eu dava uma coisa as menina, tinha hora que precisava dar escondido, depois que ela ficou bem doente assim, eu ajudava, mandava uma coisa, mandava outra, mas depois que ela ficou doente, quando ela tava sã, não queria e brigava quando eu mandava, era bem sistemática. E a gente viveu muito tempo minina, quando a gente separou, eu já era já, já tava grizando já os cabelos, por isso que eu falo, eu pensava que a gente nunca separava. Teve uma época, eu falo nós num entende, num teve nenhum motivo, ela ficou meio atrapalhada, me deu uma xingada, inté no dia que aquela Sueli casou, a noite ela me deu uma xingada lá, eu chamei para vim embora, ela tava de cabeça quente, me xingou tudo assim, depois naquela hora ali eu falei 'então eu vou embora', ela falou 'pode ir mesmo', também vim já peguei minhas coisas, já vim praqui (casa da mãe), peguei minhas coisas e num fui mais pra lá. Cheguei meia noite, já chamei a minha finada minha mãe, que Deus a tenha e dê um bom lugar a ela, ela abriu a porta 'é o que que está acontecendo?', eu falei 'nada não, nada não'. No outro dia eu expliquei para ela as coisas. Ela ficou morando ai, eu fiquei morando aqui, toda hora os mínimo me gritava cá, eu gritava lá... A gente cabou ela morrendo, a gente num voltou mais né,

ela também num arrumou mais ninguém, ficou assim uma coisa, assim as vezes arrumava alguma, mas a num vou querer não, mas ai a pouco minhas filha, ela também num arrumou outro, ficou com aquele problema sério né, acho que ela era bem sistemática, ficava esperando eu voltar, eu também num voltei, ela também não queria voltar pra cá. Ficou aquele negócio, uma opinião disgramada. Esses Vargas é triste também ó, é direto de qualquer lugar do mundo que a gente ouvir falar, é bravo. Uns sai pro mundo e num volto mais e num volta mesmo. Outros fica assim de birra até com os próprios filhos, num volta na casa do fi mais e fala 'se ce num vim aqui, eu num vou lá'. Onde tem essa família tem esse tipo, desse jeito, bem bravo, num sei como é tão assim. É tão cismado, nós se tira por nós, é tão assim né, que já é terceira geração né ou mais, num sabe nem onde ta nós, tá bem longe...

(Fala da prima: Cê sabe de onde vem nossa parentagem? As menina tava pesquisando que nosso tatataravô, era Português, lá descendente dos portugueses)

E: Pelo que eu estou pesquisando em meu trabalho, o nosso bisavô, no caso o pai de vô Ludovico, se chamava João Francisco Vargas, era um Português que casou com Antonia, que eu não sei o sobrenome, no que eu pesquisei até agora, a gente não consegue descobrir se ele comprou ou se ele herdou essas terras do velho Timóteo. Se foi doação, a gente não sabe como.

Rasul: Não tinha documento.

E: Na verdade tinha sim, tem os inventários, que é onde você descobre. Por exemplo, esse povoado aqui, aparece em algum inventário no final do século XIX, com o nome Gamela do Timóteo. Quem fez a primeira casa construída aqui foi João Francisco Vargas, que esse Timóteo ele fez cortada, mas ele só fez rancho, ele não construiu casa. Quem construiu a casa foi João Vargas, que a casa dele era perto do lajedo, inclusive o lajedo quem mandou abrir as piscinas, foi ele. Jairo me mostrou uns adobrão, que ele disse que são os restos casa dele, onde Estelita mora hoje.

Rasul: Eu ouvi falar mesmo que o lajedo foi aberto com bomba.

E: Ele casou com Antonia (que não tem sobrenome), a gente deduz que não era de família conhecida. Ou era uma índia ou era uma negra, alguma pessoa assim, pois para estar sem sobrenome; Quando aparece Antonia, já aparece Antonia com o sobrenome de João Francisco Vargas. Ela teve quatro filhos: Vô Ludovico, Tia Domingas, um que sumiu (que acho que era Nezim) e outro que eu não lembro

agora, eu só sei que era só uma mulher, que era Tia Domingas. Ah, era Mamedi. Depois eles dividiram, aqui o território de Lagoa do Timóteo, é dividido para os três. A finada Tia Domingas casou com João Ferreira e ficou a lagoa dos Ferreira e o outro ficou Lagoa do Mamedi, mas eu não sei com quem casou, que era de tio Mamedi. Por isso que era Lagoa dos Mamedis.

Rasul: Aah, é pro lado de Miloura, pode ver que ainda tem os turrão da casa ainda.

E: O quarto sumiu e foi tudo dividido para os três, a mesma coisa que aconteceu com os irmãos de pai e só tia Amelia. Dos irmãos de pai mesmo, tem uns que sumiu, ninguém sabe. Meus irmãos também, Dedé ficou um bocado de tempo sumido, depois que apareceu.

Rasul: O povo dos Vargas é assim meio desligado, num liga muito pra história.

E: Por isso que eu quero fazer esse trabalho, já tem tanta história nossa que nós perdemos. Tem a história de Bia mesmo, eu tenho sentimento por não ter gravado as falas de Bia. Vó Bia era uma pessoa que a gente tinha que ter registrado a história. Hoje Vó Bia não fala mais.

Rasul: Ela não fala mais, mas tem história. Eu mesmo já precisei dela uma época aqui, das água assim, bem chuvoso e a gente vai, porque nessa hora vai né. Ai eu fui moça, ai eu passei por essa fazenda ai assim, igual eu falei pra você, quando não era mato, era capim assim e eu fui lá e não tinha lâmpada, não tinha luz, eu sai mais ou menos meia noite, uma hora da manhã, bem chuvoso. Quando chegou bem ali naquela estradinha que desce, que desce no lajedo para chegar na casa de Fosquinho, tinha um capinhão pra cima da cerca, bem naquela cancela ali, a noite bem turva assim, bem chuvoso, abria o relâmpago assim e clariava e eu via. Quando eu passei beirando a cerca modalama, pé no chinelo assim, não tinha um sapato, nessa hora sai correndo nem peguei sapato, chinelim véi de corro, vo beirando a cerca, quando eu passo beirando a cerca, balançou esse capim enriba de mim. Eu pulei pra trás assim e falei 'eu podia voltar e embora', hora dessa meia noite, jogar o capim enriba deu? Eu gritei 'quem ta aí, quem é o homem ai que jogou o capim enriba deu? Fala' falou nada, ficou quieto, me molhou mais ainda, já tava molhado e ainda deu aquele medo assim, eu pulei de lado assim, deu um tremido, o coração balançou, deu vontade de sair mas eu fiquei em pé e falei assim 'mas eu vou' ai passei nessa lama "thibum thibum thibum", trevesei e passei pro lado da casa de Fosquinho assim e fui. Cheguei lá num tinha cachorro, bati na porta 'tum tum tum', só ouvi a veinha falar 'é quem é?', 'é eu, Rasul', 'é que W deu ponto'. A veinha

só botou o lenço na cabeça, num sabia falar não, em poucos minutos se ajeitou, marrou uma troxinha e um panim, 'vamborra vamborra' e chovendo. Toma chuva, toma chuva, depois que nós passou dessa cancela, eu falei pra ela 'ô moça, balançou essa capinhão ainda agora em cima de mim, que eu só dei um pulo para trás, não apareceu ninguém, quase eu volto, mas não posso voltar, tem que ir'. Também Deus ajudou que não apareceu nada, ai amanheceu e nenem nasceu, mas é uma veinha boa, acho que eu quero ver um de nós aqui, que num tem um caso com ela, que não deve uma obrigação a ela.

E: Eu mesma, Nana conta que ela foi com pai buscar Vó Bia para me pegar, foi num Sabado, 11 horas da noite e ai Vó Bia chegou e num instantinho eu nasci, porque eles estavam todos preocupados, que quando minha outra irmão nasceu, tinha dado muito trabalho, foi um sofrimento para mãe e eles ficaram preocupados, de eu ser de novo, do mesmo jeito, ai depois graças a Deus, meu parto foi tranquilo, mas foi Vó Bia que me pegou.

Rasul: As minhas meninas também, só teve Jamilia que Bia tava lá e ela falou 'ó Rasul, ai vai dar um pouco de trabalho, cê num quer levar ela para Conquista não, é melhor, é a primeira e ela não ta em posição boa', já tinha uns dois dias, três, não tava no ponto. Ai eu chamei o finado Dosim rapidinho e levei para aquele hospital perto do CEASA ali, o São Vicente. Eu fiquei na casa Saném, ela falou 'não Rasul, cê não vai embora não, fica ai que eu não tenho tempo, cê tando aqui toda hora cê faz uma visita. Arruma uma média com as menina lá, que arrumando uma média ce entra toda hora, precisa ser só na hora da visita não. Eu levava um coisinha para elas e tal e tal, elas gosta de agrado, ai eu entrava toda hora e ia lá untar ela. Ela teve normal, foi só uns pontinho, não foi assim a moleca nasceu grande, gorda, foi com quinze dias que ele deu alta e o finado Dozim foi lá buscar, dona Saném tinha uma boa vontade com a gente, ela falava 'ó Rasul, eu tenho um pouco de problema nas pernas e não posso ir, cê dorme aqui e logo cedo cê vai lá, é bom que cê fica aqui'. Nessa época o marido dela tinha quebrado uma perna, tava lá durante o dia, a noite ia para casa da família dele, e ela ficava lá costurando a noite até duas horas da manhã. Eu deitava e ela com a maquinazinha "tei tei tei", quando era uma hora o galo cantava, aqueles galo do vizim ali, ai eu via ela quietava a maquinazinha e ia deitar, no outro dia a mesma coisa moça, chegava umas sete horas assim, ela pegava a maquinazinha, zunia zunia, era muita costura que ela pegava. Eu fiquei na casa dela que era perto do São Vicente, ela já Joelito e Joildo, dos outros que era

Ziu, Saném e Tilé, não ficou nenhum, último foi Madrinha Tilé (chegada do caminhão pipa com água, abre tudo ae, para passar água, tira dos balde também, é que é o namorado de Lia, ele falou que vinha de noitinha, ele falou que vinha dar uma viagem só). Já os outros deus ajudou que foi tudo, foi cinco menina seguida, cinco moça, eu falei meu deus do céu, será que não vai vim um menino, eu vou parar. Ai deu uma diferença de quatro anos para nascer um menino, vamo para que vai vir mais mulher, vai ficar complicado, ai parou no menino. Quando ela apareceu grávida, eu falei assim 'vi será que é?' e ela falou 'vai ser homem', ai não teve mais, só Jamilia que foi no hospital, era só chegar lá que ela já vinha (se referindo a vó Bia), a mãe de Bia também era parteira, a finada Filómena, quem me pegou mesmo foi ela, a finada Filómena, parece que era uma coisa assim de coração, ela ia ficava dois, três dias, com aquela mulher e num tinha remédio, era coisa do mato, que eles fazia aqueles banho, aquela esfregação, a finada Filómena ficou velhinha e já veio Bia; Da finada Filomena eu ainda lembro, era um véona do cabelão bem, ainda lembro dela, uma véona brava minina, xingava a pessoa, mas era igual mãe, mãe não tem quem paga. Eu tava doente mesmo, eu tava lembrando, se ela tivesse viva mesmo, ela já tinha feito um pirãozinho, ela fazia uma coisinha, ajeitava, minha irmã fez pirão também, me adulava, mas eu tava com a boca tão ruim, a boca tava ruim demais moça (parece que o que está aí no caminhão é um baixotim, ele veio ontem, colocou água até em Dona Nazinha, veio aqui e olhou os baldes, ai eu falei 'ô moço, esse carro ta ficando quase sessenta dias sem trazer água aqui, ce quer que a gente conversa com o chefão lá', ele falou 'não, nós ta distribuindo água direito, se não der para por dois balde, nós bota um, mas dá para todo mundo' eles vieram aqui em Janeiro e veio agora poucos dias atrás, não pode fazer isso e lá em cima tem hora que cê vai lá e tem dois caminhão).

E: Lá em casa eles demora de vir, mas é porque tem uma caixa de três mil litros que eu só uso para cozinhar e beber, e como minha água não é boa para ensaboar, eu uso dela para ensaboar roupa.

Rasul: Eu já vi na cisterna de Toin, nós já pegou lá é uma agüinha bem transparente. Muitas vezes Joarez pegava água para nós e Joelim também dava, era água muito boa, um pouco pesadinha, mas era boa, alvinha, aqui também nós ficou uma que o governo abriu, um sal brabo. Eles vieram ai tiraram a bomba, se cês quiser cês põe uma bombinha pro cês, que ela mina pouco, que ela é bem salgada, só presta se botar o produto, então cês pegar e dá para as vacas, água para as

vacas. Ai a gente colocou uma bombinha, se não tiver água nenhuma dá até para tomar um banho, mas corta o sabão e tem um cheiro ruim, cê pode esfregar do jeito que for que fica assim o sabão cortado, mas serve. Tem um cheiro de goma, não sei de onde vem esse vazamento, é isso aí e um saletto que estora ai no meio do terreiro da frente, que nas água assim minina, isso tem um escorrego fora de sério e até poucos dias tava tudo moiado, chega ficar minando assim, muito perigoso, dá qualquer nebrinha a gente cai e é do saletto, que eu não sei de quem foi, se nosso bizavô que fizeram isso, que de primeiro diz que eles enterravam toucinho, de dois, três, quatro porcos, fazia questão de nem usar, só para enterrar assim. Botava bastante sal, agora abriu um buraco de um metro, um metro e meio, assim bem grande, coloca o toucinho, socava ai passava um braça, duas braça, ai estourava lá na frente pro gado lambar, ia longe, ia umas duas três léguas e o gado voltava pra li de novo, hora que chegava ali, tinha o gado beirando, hora que cê chega lá ta molhadinho, molhado molhado molhado e essa cisterna deu bem salobro, é um sal que num é brincadeira não e qualquer época que cê passar, é perigoso cê cair, cê tem que segurar na cerca para num escuregar. Cê pode ir ai assim de dia, que você vê que ta úmido, para que tá molhado, qualquer tempo, um tempo desse que nem ta seco, é úmido ainda. O povo fala que as pessoas da antiguidade tinha isso, num tinha as pessoas num tinha sal que já bota nas coxeira como bota hoje, por isso que eles matava os porco, tirava os panão de toicim, salgava e enterrava e ele não sai ali mas saia na frente. Com o tempo vinha aquela terra molhada e cê via o gado arredor, lambia e lambia aquela terra, ai cê chegava e o gado não ia embora, ficava por ali deitado, eles fez mais por isso porque naquela época não tinha aquela repartição, a cerca igual tem hoje, o gado as vezes ia daqui pro boqueirão, beber água lá no campo grande, não era igual hoje tudo cercado, então o gado vinha a tarde, bebia água e ficava lá naquele sal, ai o gado num ia embora, ficava deitado.

E: Quantos anos você tem, Rasul?

Rasul: Eu faço 70 anos... Eu conheci só surucucu, num dava para passar gente, tinha uma areia branca, ali naquela baixa beirando a casa de Joelin e a casa de seu Jovenin, no meio ali, tinha alguma arvore assim, agora só virou madeira nova e num tinha aqui, aonde que existia um pau dela, só um, acho que deve ser os cara que ou trouxe de carro ou de animal, na carga, o primeiro que tinha aqui foi lá nas terras de Vano, naquela ladeira, tinha um lá bem grossão já, jogava muita semente e ai afetou aqui, que não tem um lugar mais, que não tem essa madeira. Brauna preta

mesmo, cê ver que é um pau que tem lá perto da casa de Bolinha, tem poucas, não é igual madeira nova, essa é igual surucucu, é pior que surucucu e quando o pé ainda é novinho, cê tem que tentar arrancar pela raiz, que depois que ele ficar desse tamanho aqui, cê corta e ele volta denovo, da altura que ele ta, é a fundura da raiz, tá tomando conta aqui, aqui mesmo nesse mangueiro nosso aqui, não tinha nem um pé e agora tomou conta. Agora já tem uns cinqüenta. E não presta para muita coisa não, depois de ficar de velho, os morão é até bom, mas mata até criação, o ano passado a gente foi botar uma tela aqui modo as galinhas, Néu foi lá e tirou uns dois ou três varão da madeira nova, ai tinha uma vaca grávida, tava bem perto de parir, ai ele cortou a madeira nova e deixou lá murchando, a vaca foi lá e comeu, ai com cinco ou seis dias, a vaca perdeu o bizerim, depois a gente falou 'mas moça, a vaca perdeu o bizerim quase no dia de parir, no sétimo mês' ai Nego perguntou 'mas cê não derrubou algum surucucu, alguma árvore, alguma madeira nova?' ai nós falou 'não, Néu que derrubou umas madeirinha lá', 'pois é, então foi isso, não pode não, não pode comer, porque se a folha tiver murcha e comer, a vaca perde'. Outro dia essa mesma vaca, perdeu outra bizerrona, até os casquin já tava dura, já quase chegando de sete para oito meses já, ela perdeu, a bichinha ficou lá no chão jogada, perdeu morreu né, ai com poucos dias, entrou os garrotes véi, desse minino de Davi e eles é assim, se entrar fica dois meses, três meses e eles num vem pegar.

Garrotes bravos. Ai outro dia os minino falou, a vaquinha é mansa, vamos colocar aqui no curral, ai no outro dia nós joga a vaca mais ele. Minino essa vacona tava bem pesada, o ubrão já estava quase rastando, ai quando chegou na lagoa, juntou com um rebanho de vaca lá e os garrotão, e esse garrote desceu pulando com os amigos dele, ele veio para cá só e os outros colegas dele ficou lá. E esse garrote desceu jogando cabriola e essa vaca desceu também, chegava jogar as pernas para cima, e foi correndo correndo, chegou lá em baixo, juntou uns oito garrote atrás dela, , um vinha atrás, outro vinha atrás, um chegava, outro chegava, ai ela virou para trás e virou para trás e veio, ai o minino botou ela para dentro e estava fungando, dando cada fungadão, ai quando foi com cinco, seis dias, eu vi um urubu levantando pro lado, ai eu falei 'ai ai ai, será que é gente que jogou cachorro vei lá no mato?' que tem gente que joga ne qualquer canto, os cara joga ai ó, perto da cisterninha, perto da cadaroda, perto da fábrica de farrinha, quando chegou lá tinha uns restos, 'mas minino será que foi a vaca que perdeu o bizerrim de novo?' ai quando eu vi a vaca estava toda lambrecada, ai falou 'fia da mãe mas perdeu o bizerro', ai Xero falou 'cê

deu sorte, se ela não tivesse terminado de parir, cê perdia até a vaca também', ai eu fiquei olhando uns dois, três dias, foi indo ela ficou boa. Pois agora dois garrotin, baxotin ai e essa vaca deu ponto e ficou com os garrotin, mas parece que ela não está aceitando eles não, esses dia mesmo ela estava numa berração, cada um berrado alto, e eles vendeu acho que uns cinco garrote, é um lote que eles tem, acho que ainda tem uns cinco ou seis, ai eu falei 'essa merda começa com uma berração ai, esses garrote véi vai arrebentar essa cerca ai e vem atrás dela' e foi mesmo, tardinha, tudo escuro, começou a turvar, ela berrando e berrando, ai parou, quietou, não berrou mais, quando foi no outro dia cedo, Nenga foi lá, tinha dois garrote, pois Zequinha veio da roça, fez um alvoroço, tá o gadão todo lá. O garrote pequeno ficou fora e o grandão mocho ficou com a vaca e ele é bravo, que se a gente chegar, ele vem em cima. Ele ficou uns dias com a vaca, ai Liu foi lá e avisou para eles vim buscar, os donos dos garrote...

Rasul: Aqui que demorava para mudar, quem fica uns dez ano sem ver e ver, já nota a diferença, as pessoas mesmo, passa dez ano, essa mininada cê num conhece, as minina tá moçona, os muleque tá tudo rapaz, não conhece não.

E: Ai a gente, como trabalha na escola, a gente acaba conhecendo mais os meninos.

Rasul: Os minino de Zé Manteiga, eu misturo tudo, nós falava os minino de Zé modo ele chamar pelo nome, só se for no dormidor, que é um rebanho quase tudo do mesmo tamanho moço, uns parecia uns aos outro. 'É fulano, não moço, é o outro'. Ele teve dez, mas queria onze, para fazer um time fechado. Ontem eu tava ne Belo Campo, Nicinha gosta de fazer bem graça, Nicinha mais branquinha de Vicença, a mulher de Nau, tava um rebanho depois um perguntou 'Fulana tá boa, dá um caldo e cê?' 'O moço, eu deixei a viola quebrar' rrsrrsrs. Do tempo que minha viola quebrou, num toca mais de jeito nenhum. A mãe dá mulher de Nau mesmo viu a morte nas costas, ela falou para mim que ela tem que tomar o remédio todo dia, que se não tomar ela morre.

E: Candido Sales é a maior cidade da Bahia com número de soropositivos, que só aqui, se você comparar, já tem três casos confirmados, e os que a gente não sabe? Eles só conseguem sobreviver se tomar o coquetel.

Rasul: O gato tinha pegado um frango e os cara da pedreira tomou, entregou Jamilia, ô tinha que ter deixado, ele não comeu, ele vai voltar para pegar outro. Ai N. tava no mato e viu um negócio escuro, achou que era um gato do mato, quando

encostou a bizerrinha fez “béé”, ele pensou que era um gato do mato, que vem pelas pedras, que pega os frangos aqui no terreiro, chegou lá um trezinho preto, mas grande. Ai foi buscar, arrumou a vaca e veio, tocou para cá, pegou ela, ficou um bocado de dia para essa bizerrinha levantar, pegava só um peito, tirava um pouco de leite para dar, agora ela tá mamando em dois, mas dois fica, é preciso tirar leite. Dá um lote de leite, ela é miudinha, mas agora ela já tá correndo para todo lado, não fica quieta mais...



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS

Prezado(a) senhor(a) _____

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa que busca entender como a criança negra se vê nas relações vividas na escola e na família, considerando seus laços afetivos. Nesse sentido, é preciso observar seu dia a dia nesses dois espaços participando, com sua autorização, de atividades realizadas pela sua família e sua criança, tais como brincadeiras, festas, convivência familiar e realizando algumas atividades específicas na escola, como oficinas de contação de histórias, jogos e desenhos, em horários a combinar; e/ou entrevistas com (pais, avós e/ou tios/outros). Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos compreender melhor as relações estabelecidas na vida das suas crianças e as possibilidades de enfrentar do racismo.

Na sua participação você irá contar a sua história de vida, suas experiências e expectativas em relação ao seu/sua filho(a) que será gravada e depois escrita para ser analisada. Caso seja sua vontade uma cópia lhe será entregue e lida. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade e da sua família será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

O risco sofrido por você pode ser em relação ao desconforto da minha presença em sua casa e a recordar diferentes momentos de sua vida..

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisadora Lúcia Ferraz Vargas de Souza pessoalmente no Povoado Lagoa de Timóteo ou no telefone (77) 8811-1215, a Professora Orientadora da Pesquisa Dra. Regina Marques de Souza Oliveira no telefone (75) 99031300 ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia CAP -1º andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro:Jequiezinho CEP:45.206-510 Jequié – Bahia, **Telefone:(73)3528-9727**.

Endereços eletrônicos: cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

Eu aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do participante

Data ____/____/____

Assinatura do pesquisador

Data ____/____/____



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES(AS)

Prezado(a) senhor(a) _____

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: **Identidade negra e as relações afetivas na infância: formas de enfrentamento do racismo**, sob a responsabilidade da pesquisadora Lúcia Ferraz Vargas de Souza e orientação da Dr^a Regina Marques Souza Oliveira.

Nesta pesquisa nós buscaremos entender como a criança negra se vê nas relações vividas na escola e na família, considerando seus laços afetivos. Nesse sentido, além de observar o dia a dia das crianças na família é preciso observá-las também na escola e com sua autorização, na sua sala realizando algumas atividades específicas, como oficinas de contação de histórias, jogos e desenhos, em horários a combinar. Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos compreender melhor as relações étnicorraciais estabelecidas na vida dessas crianças e as possibilidades de enfrentamento do racismo.

Em nenhum momento você será identificado (a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisadora Lúcia Ferraz Vargas de Souza pessoalmente no Povoado Lagoa de Timóteo ou no telefone (77) 8811-1215, a Professora Orientadora da Pesquisa Dra. Regina Marques de Souza Oliveira no telefone (75) 99031300 ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia CAP -1º andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro:JequiezinhoCEP:45.206-510 Jequié – Bahia, **Telefone:(73)3528-9727.**

Endereços eletrônicos: cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

Eu aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do participante

Data ____/____/____

Assinatura do pesquisador

Data ____/____/____



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

TERMO DE ASSENTIMENTO DA CRIANÇA

Querido (a) _____

Quero te convidar para ser participante da pesquisa **a criança negra e suas relações afetivas na escola e na família**.

Juntos, nós buscaremos entender como você se vê nas relações vividas na escola com seus colegas e na sua família, considerando suas ligações afetivas. Vamos participar de algumas atividades como brincadeiras, oficinas de contação de histórias, jogos e desenhos, na sua casa e na escola em horários a combinar. Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos entender melhor as relações vividas por você, compreender os meios de combate ao racismo na infância,

presente no dia a dia.

Na sua participação, em nenhum momento você será identificado, sendo preservada também a identidade da sua família, mesmo que os resultados da pesquisa sejam publicados.

Você não terá nenhum pagamento ao participar da pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento. O risco que você terá ao participar dessa pesquisa será o desconforto de ser observado por mim na escola e na sua família, bem como realizar algumas atividades na oficina de desenho, que eu esforçarei para ser o mais prazerosa possível.

Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com seus pais.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisadora Lúcia Ferraz Vargas de Souza pessoalmente no Povoado Lagoa de Timóteo ou no telefone (77) 8811-1215, a Professora Orientadora da Pesquisa Dra. Regina Marques de Souza Oliveira no telefone (75) 99031300 ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia CAP -1º andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequezinho CEP:45.206-510 Jequié – Bahia, **Telefone:** (73)3528-9727.

Endereços eletrônicos: cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

Eu aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e tirar todas as minhas dúvidas.

Assinatura da criança

Data ____/____/____

Assinatura do pesquisador

Data ____/____/____

